Collecção Horas de Leitura

XVIII

Delfim Guimarães

O Rosquedo

SCENAS DA VIDA DA PROVINCIA

(Ponte do Lima—Minho)

LIVRARIA EDITORA
DE GUIMARÃES & C.ª-
RUA DE S. ROQUE, 108
LISBOA-1904.

O ROSQUEDO

OBRAS DE DELFIM GUIMARÃES

PROSA

Alma dorida, com prefacio de Teixeira Bastos — 1 vol. br 500
Carteira d'um poeta (não entrou no mercado).
A «Viagem por terra» do sr. João Penha, (critica literaria) — 1 fol........................... 100

EM PREPARAÇÃO:

Napoleão I, historia popular da sua vida e obra, em face dos ultimos trabalhos e documentos.

TEATRO

Aldeia na Côrte. drama em 3 actos, de colaboração com D. João da Camara, representado pela 1.ª vez no Teatro D. Amelia, em a noite de 5 de junho de 1901 — 1 vol. br. 500
Juramento Sagrado, comedia n'um acto, em verso, representada pela 1.ª vez no Teatro de D. Maria II em a noite de 16 de dezembro de 1902 — 1 fol.. 200

A PUBLICAR:

Domingo de Pascoa, peça em 4 actos.

VERSO

Lisboa negra, 1 fol. 200
Confidencias, 1 vol. br.... 400
Evangelho. 1 vol. br. 400
Não! Mil vezes não! — 1 fol 200
Sonho garretteano (esgotado).
A Virgem do Castelo (esgotado).
Outonaes, 1 vol 500

COLLECÇÃO HORAS DE LEITURA

DELFIM GUIMARÃES

O ROSQUEDO

SCENAS DA VIDA DA PROVINCIA

(PONTE DO LIMA — MINHO)

LIVRARIA EDITORA
GUIMARÃES & C.ª
108 – RUA DE S. ROQUE – 108

1904

O ROSQUEDO

Capitulo I

— Fala á gente, Rosinha!

— Deixe-me, que vou com pressa.

— Ora adeus! Dizes que vaes com pressa, e ainda agora estiveste a falar tempo sem conta com a Julia marchanta!... Eu bem ouvi...

— Ouviu o quê, snr. Alberto?

— O que vocês diziam na fonte da vila ainda ha pouco; contos largos...

— Ou êle! O snr. não é homem, é o diabo, Deus me perdôe... Ninguem o vê, e está em toda a parte!

—Em toda a parte onde tu estás, póde ser, Rosinha, e olha que é contra vontade, acredita...

— Quem o obriga então, se não é por gosto?

— Esses teus olhos feiticeiros, que me chamam, que me arrastam, que me prendem...

— Ai que *paleio!* Hade ser sempre o mesmo, snr. Alberto: — um cabecinha de vento!

— O que não pódes dizer é que não gósto de ti...

— O snr. diz o mesmo a todas, a deitar barro á parede... a ver se péga! Mas para cá vem de carrinho!

— Não sejas má, Rosinha. Tu bem sabes que te amo, e que só a ti quero... Pede-me provas, exige-me sacrificios; tudo farei... mas não me digas, por quem és, que a todas digo o mesmo...

— Não, não diz! Então cuida que eu não sei?!...

— Que sabes tu, dize lá?

— Que tem andado tolinho com a Chica da doceira...

— Isso é mentira!

— Negue, se é capaz, que foi á Boa-Morte por causa d'éla, e que lá passou todo o santo dia de conversa com a moça...Isso nega êle, que é brioso!

— Fui á Boa-Morte, fui; mas não por causa da Chica, podes crer. Julguei que as tuas senhoras fossem á romaria, e na esperança de encontrar-te me abalancei a ir até lá. Antes não fosse, que já agora podia desfazer por completo as tuas suspeitas...

— Suspeitas! Que é que tinha a dizer então á rapariga, que não se arredou do pé d'éla em todo o dia?

— Enganas-te, filha; eu mal falei á Chica. Comprei doces á mãe, e á rapariga disse duas coisas... nem já lembro o quê.

— Pois eu lhe avivo a lembrança...

— Pois tu sabes?!

— Sei, sim, snr. sei... Disse-lhe... ora deixe-

me ver como foi... ah! foi isto: que a moça era o melhor doce que a mãe tinha fabricado em dias de sua vida, e que só tinha um senão: — não se vender como o outro, ainda que fosse a peso de oiro...

— Ora vê tu como aumentaram o que eu disse... E' bem certo: quem conta um conto acrescenta um ponto!... O que eu disse foi...

— Ah! já se recorda!

—Recordo-me de lhe ter dito que éla estava um bom rebuçado, e nada mais...

— Sim!... o snr. não se confessa!

— Confesso-me a ti, Rosinha. Já te disse que te quero muito. Se é pecado, não tenho outro, e mereço que me absolvas, — amando-me tambem...

— Havia de ter bom pago, não haja duvida!

— Não confias em mim?

— Não confio, não, snr. Tenho os olhos muito abertos... não me engana quem quer!

— Nem eu desejo enganar-te, meu amor; não sei enganar ninguem...

— Já se não lembra da Aninhas padeira?

— Pois tu julgas que eu enganei a Aninhas?

— Quem foi então? Diga!

— Não sei, mas o que te asseguro é que...

Alberto acercou-se da rapariga, e disse-lhe ao ouvido o quer que fosse, — talvez o complemento da frase interrompida. O rosto da moça purpureou-se um pouco, e um risinho fresco, ainda infantil, descerrou-lhe os labios, deixando a descoberto a dentadura alvissima...

— O snr. Alberto sempre tem coisas! Pobre da rapariga... Sempre levantam cada *lona!*

— E' o que te digo... Quem os achou, não sei; eu é que te afianço que não fui...

— Cale-se, cale-se, seu mau! — e a rapariguinha com uma das mãos procurou fechar a boca do seu interlocutor.

— Másinha és tu, que ainda não foste capaz de me dar um beijo...

— Não, que me aleijo.. Adeus... vou-me á vida, que a morte é certa!

— Vem cá, Rosinha; ainda é cedo...

— Não póde ser; tenha paciencia! Quem ouve as senhoras, sou eu...

O sino da Matriz deu as doze badaladas do meio dia, quebrando com o seu tom roufenho e arrastado o silencio d'aquele dia de julho de um calor ardente. Havia perto de uma hora que Rosa saíra de casa para ir á fonte buscar uma cantara de agua, e, primeiro de palestra com a Julia marchanta e depois com Alberto, fôra deixando correr os minutos n'aquele não-te-rales caracteristico das creadinhas da vila.

O sino da Matriz, sem contemplações, chamou-a á realidade, e a rapariga, desprendendo a mão que Alberto á viva força queria reter nas suas, disse, fingindo-se agastada:

— Por sua causa, vou ouvil-as boas! Não lhe torno a falar.

E estugando o passo, a moça, de cantarinha á cabeça, mãos na ilharga, lembrando uma anfora elegante, dirigiu-se para a rua do Castelo, onde

estava a servir em casa das Santeiras, duas irmans já edosas que viviam das mezadas de um sobrinho que estava na Bahia a caminho de fazer fortuna.

— Até logo, Rosinha! disse Alberto, quasi ao perdêl-a de vista, e deixando-se ficar no passeio, encostado ao muro de suporte da praça da Rainha, o pensamento ao longe, olhos brilhantes, como a acariciarem qualquer visão agradavel...

Assim permaneceu por largo espaço, vindo arrancál-o á sua rêverie uma voz estridente que de longe o chamava:

— O' Alberto! O' homem! Que fazes tu ahi?

— Nada!

— Estavas então a segurar o muro?

— Não; estava a fazer horas para o jantar. Queres tu vir jantar comigo?

— Eu cá já o tenho no papo...

— Ainda agora deu meio-dia!

— Que tem lá isso?! Eu é um pronto; —bucta, bucta—para ficar livre... Já venho do Passeio...

— E vaes para o Chafariz...

— Quem t'o disse?

— Não é preciso que m'o digam. Do Chafariz para o Passeio, e do Passeio para o Chafariz é que tu dás cabo de um par de botas por dia; por isso não é dificil adivinhar o que fazes, sem ser preciso perguntar como a Bocage: de onde vens e para aonde vaes...

— Já reparaste no meu chapeu?

— E' bonito: pareces um toireiro.

— Custou-me ante-hontem três mil réis... hoje comprei um de palha por um quartinho...

— Deves comprar ámanhan um de feno.

— Isso usa-se ?

— E' a ultima novidade de estação. Vou comprar um de folhas de parra, que tambem é moda...

— Tu estás a chuchar comigo !

— Não estou ; falo serio.

— Isso vejo eu, que não te estás a rir... Falta-te aqui a Rosinha postiça !

—E a ti o que te falta é juizo ! replicou Alberto... Adeus. Vou-me á janta. Não te posso aturar.

— Não queres então nada para o Chafariz ?

— Que te divirtas, menino ! Adeus.

Alberto e Julio Valente, que assim se chamava a segunda personagem, apertaram-se as mãos com moleza, e cada um seguiu seu destino : Alberto em direcção ao largo de Camões, e Julio ao Chafariz.

Ainda não teriam dado meia duzia de passos, quando Alberto ouviu a voz de Julio, a chamál-o.

—Que queres ? perguntou, sem dar-se ao trabalho de voltar atraz.

— E' que, respondeu Julio, *talvez te escreva* de lá !... E uma gargalhada estridente resoou no espaço. Julio Valente, quando soltava piada, ria-se muito, como para dar razão ao proloquio de que não ha festa sem foguetes !

— Que gracinha ! exclamou Alberto, e seguiu seu caminho, batendo com a ponteira da bengala no lagedo dos passeios, com um ar muito aborrecido.

aquele dia, Alberto trazia no pensamento qualquer ideia fixa que a tudo o mais o tornava alheio. Ao passar pela fonte da vila não arriscou sequer uma olhadela, contra o seu costume, e foi direito para casa, sem descançar uns minutos na loja do Afonso Ferreira, centro de cavaco de que era frequentador assiduo, e—dizia-se tambem —um dos mais espirituosos más linguas.

Subiu as escadas, pachorrentamente, e bateu á porta. Veio abrir-lh'a a Rosaria, a criada, moçoila trintona, já viuva, mas que, no entender de muitos, valia por meia duzia de solteiras. Era mulher de boas carnes, e tinha ùns olhos bem rasgados, negros, e a bôca sem um mau dente. — Não era má fatia, dizia Alberto, e sempre que entrava em casa, ao fechar a porta, pespegava-lhe um beliscão amoravel, ou lhe furtava um beijo. A moça não desgostava da brincadeira, porque taes festas — innocentes no fundo, ainda que de aparencia duvidosa — lhe faziam lembrar o defunto marido, de quem tinha immensas saudades ; no inverno, principalmente. Era ela propria quem o confessava sem rebuço quando ia fazer compras á mercearia do Lobato, e alguem lhe tirava pela lingua.

Pois n'aquele dia, ao entrar em casa, Alberto não reparou na creada, e foi direito para a sala do jantar.

A Rosaria ficou pasmada.—Que teria o sr. Albertinho?... Nem sequer um beliscão ?! E a rapariga, como se no caso que motivava o seu espanto pudesse haver bruxaria, benzeu-se por três vezes.

A Rosaria benzer-se-ia vezes sem conta se soubesse que a modificação que notava no menino era devida a uma paixão nascente por uma rapariga franzina, sem os atractivos carnaes que éla oferecia, apesar de trintona, apesar de viuva.

A Rosinha, a postiça, como lhe chamavam por ter sido exposta, não se lhe conhecendo pae nem mãe, conseguira enfeitiçar Alberto, não havia que duvidar.

O rapaz n'esse dia nada comeu ao jantar, apesar dos rogos da mãe, que ficou receiosa de ter o seu filho com a espinhela caída, não sabendo que inventar para que o seu Albertinho comesse. O pae, porém, não prestou a menor atenção ao fastio do filho. Já tinha passado por fastios semelhantes...

Por mera coincidencia, certamente, a Rosaria tambem não tocou n'um prato, e logo que pôde foi para o seu quarto chorar.

— Chorar pelo quê? perguntará o leitor mais curioso.

— Pelo defunto marido, é bem de ver...

Capitulo II

Alberto era filho unico de paes abastados.

A mãe, herdeira rica de Barcelos, casara muito nova com o dr. Juvencio Monteiro, filho d'um negociante de Vila Nova de Cerveira. Primos em terceiro grau, fôra graças a esse meio parentesco que o casamento se realisara logo após a formatura de Juvencio, que preferiu abrir banca de advogado em Ponte a permanecer em Cerveira, centro acanhadissimo, ou a ir para Barcelos, onde os advogados ao tempo eram em maior numero do que as questões judiciaes.

As coisas correram-lhe á medida dos seus desejos, sendo a breve trecho um dos advogados de maior clientela do concelho. A vila escolhida, sem duvida a mais bela do Minho, prendera-o pela vida socegada em que o seu espirito se comprazia, e pela paizagem deliciosa que as aguas do Lima realçam.

Sua mulher, creatura simples, apagada, não tinha vontade propria, nem ambições nem desejos. A vontade do marido era a sua vontade, e assim a vida do casal deslizava limpida e serena como as

aguas do rio que beija meigamente as margens da terra graciosa onde seu filho vira a luz.

Alberto, na epoca em que começa a nossa narrativa, era um belo rapaz de vinte e dois annos. Alto, bem conformado, cabelo e olhos negros, nariz aquilino, bôca bem lançada, um pequenino bigode a sombrear-lhe os labios, era um magnifico exemplar da nossa raça em que os vestigios do sangue arabe são indeleveis. Sem ser bonito, era simpatico, possuindo esse dom misterioso, de que os olhos são principaes agentes, de enfeitiçar (é o verdadeiro termo) aqueles com quem lidava.

Destinado pelo pae á magistratura, Alberto fôra dez mezes antes para Coimbra frequentar o curso juridico, saindo-se bem no acto de primeiro anno.

Estava agora a ferias, e o seu passa-tempo consistia em namorar as tricanas, com grande escandalo das meninas solteiras que não perdoavam ao rapaz empregar tam mal o seu tempo.—Até parecia mal! Uma coisa assim!... Ia nas pisadas do Alfredo Amancio, não tinha que ver!

Para ilucidação dos leitores (e das leitoras, se alguma lançar seus olhos soberanos sobre esta prosa) devemos dizer n'esta altura que o Alfredo Amancio, a quem as meninas casadoiras comparavam Alberto, era um garotaço que em tempo—*in illo tempore*— fôra o D. Juan da vila. Tinham sido mais as vozes do que as nozes, mas a fama assentara arraiaes, e o nome do rapaz nos dicionarios da terra era sinónimo de conquistador, de —*cachoeiro*, no calão pitoresco das tricaninhas.

Alberto já sustentara o seu namorito com trica-

nas. Fez o seu pé-de-alferes á Julia marchanta, uma rapariga loira, muito engraçada, mas a moça viu que Alberto não era conversado que lhe servisse, por não ser da sua egualha, e em breve o rapaz deixou de importunál-a, sciente de que perdia o tempo e o feitio...

A ligação que realmente mantivera por algum tempo, e que dera que falar de si, foi a que sustentou com a Aninhas padeira, uma rapariga da Barca que esteve a servir na Padaria Lusitana, na rua do Souto, e a quem as raparigas chamavam *Estoeira*, por ser muito levantadinha da cabeça, e tambem para a diferençarem da Aninhas Loreto, uma linda rapariguinha, com um palminho de cara digno de uma princeza, muito amiga de palavriado, retribuindo galanteio com galanteio, mas não consentindo o menor atrevimento. Para rir e folgar, tinham-a sempre bem disposta, mas quanto a passar de ahi, isso: — «sae-te, cobra!»

A Aninhas padeira, ao contrario, toda se derretia em se lhe fazendo dois dedos de namoro, e, se dermos credito á voz publica, que nem sempre é a voz de Deus, a moça já na Barca tivera seu conversado, e Alberto—êle o jurava—não encontrara em Aninhas o que esperava encontrar. Talvez por isso mesmo, poucos dias antes de ir para Coimbra matricular-se no primeiro anno juridico, cortara relações com a cachopa, que se não lastimou muito. D'ahi a mezes, espalhava-se por toda a vila, como um rastilho, esta noticia: — Desapareceu a Aninhas padeira! A principio houve quem supozesse que a rapariga, minada pelo desgosto, se

suicidara, não faltando quem criminasse Alberto por ter contribuido para uma desgraça.

A rapariga não caíra, porém, em semelhante asneira, vindo a averiguar-se passado algum tempo que a ex conversada do estudantinho de direito se encontrava no Porto. Fôra para ali juntamente com o mostruario de um caixeiro-viajante da cidade invicta.

Pela Páscoa, quando Alberto veio passar com a familia os dias feriados, logo o informaram de que a sua ex-conversada o esquecera, desaparecendo da vila.

— E não se sabe o que é feito d'éla ?

— Foi para o Porto.

— Servir? interrogou ainda, naturalmente curioso.

— Não, foi para... a companhia de um caixeiro viajante, responderam-lhe a custo, com receio de que tal nova molestasse Alberto.

Este, como enfastiado, encolheu os hombros, e limitou-se a dizer : ¡que seja feliz ! E nunca mais pensou na rapariga.

Foi por essa ocasião, domingo de Páscoa por sinal, que Alberto reparou pela primeira vez na creadinha das Santeiras. Estava êle no largo da Matriz, á porta da farmacia do Bruno, a conversar com uns amigos, quando viu a rapariga que saía da missa, toda secia, em trajos domingueiros de ver a Deus.

Fitou a rapariga, e chamando o Bruno, e indicando-lh'a, perguntou :

— Quem é ?

— Não a conhece ?
-- Não...palavra...
— Ora ! é que se não lembra.
— Mas quem é, finalmente.?
— A Rosa postiça, creada das Santeiras. Tem-se feito uma fanchonaça em pouco tempo... Está bem boa fasenda!

Alberto não gostou do comentario. Com um aperto de mão, despediu-se dos amigos, e tomou o caminho da rua do Souto, por onde a rapariga se sumira.

Avistou-a já a dobrar a rua do Castelo,mas nem por isso retrocedeu; quando chegou, porém,a meio da rua do Souto, junto ao solar dos Malheiros, viu que a moça entrava em casa das patrôas.

Ficou contrariado! O seu desejo era ter encontrado a rapariga, e dizer-lhe á queima-roupa a impressão profunda que éla lhe produzira poucos minutos antes ao sair do templo da Matriz, terminad a missa.—Seria amor ? E' de crer que sim. O amor é um sentimento que brota n'um minuto, que n'um minuto leva á paixão, e que por egual cede o logar á amizade ou se extingue por completo. Diz o povo que o amor *é o que agarra*,e esta definição popular, com o seu tic garoto, vale por mil demonstrações filosoficas.

Com efeito, Alberto sentia-se agarrado, preso, fascinado, e o enlevo dos seus olhos era na verdade de molde a inspirar uma paixão.

Rosinha era o que se chama uma formosa creatura, um d'estes tipos que em geral só cria a fantasia pos poetas e dos artistas. Elegantissima, mãos

dominaes e pequeninos pés, salientava-se das outras raparigas da vila como uma jarrita preciosa de Sevres se destaca das faianças de Estremoz.

O rosto, desde os olhos bem rasgados em amendoa ao queixo bem modelado, aristocratico, era um conjunto de perfeições. Os cabelos sedosos e abundantes eram castanhos claros, quasi loiros, e Rosinha penteava-se com arte, lembrando a sua cabeça uma d'aquelas miniaturas em esmalte que hoje nos é dado ver nas montras dos coleccionadores de gosto e nos armazens de bric-á-brac.

Linda como era, denotava nas suas linhas geraes um nascimento fidalgo, presunção que mais se radicava sabendo-se, como de muitos era sabido, que fôra exposta na Roda da vila, havendo até quem, de indução em indução, nomeasse o pae e a mãe da moça,—gente de sangue azul que escondera uma falta da mesma fórma por que a canalha o faz ainda hoje.

Alberto, desde esse dia, não deixou de seguir a rapariga sempre que esta, em serviço, ia á fonte, ao forno ou ao rio.

A Rosinha, a principio, esquivava-se, furtando-se o mais possivel á perseguição de que era vitima. Mas não é baldamente que um rapaz diz a uma rapariga que a áma, e lh'o repete dias sucessivos, com uma voz terna, com meigos olhares!

No dia da partida para Coimbra, Alberto despediu-se de Rosa no Passeio de D. Fernando, junto á loja do Tomazinho, onde a moça fôra comprar petroleo.

— Vou hoje para Coimbra. Só lá para junho ou julho nos tornaremos a ver...

— Hade ter muitas saudades!

— Palavra, se soubesses como me custa deixar-te...

— Sempre tem uma *saia!* Quem o ouvir hade julgar que está morto de amor!

— Morto, ainda não, mas a caminho....

— Ora! Quando voltar, já nem de mim se lembra!

— Não te posso esquecer, crê. Tu verás!

Rosa, olhar sorridente, a meia-voz, começou a cantar.

«O amor do estudante
Não dura mais que uma hora;
Toca o sino: vae pr'á aula,
Toca o sino: vae-se embora!»

Alberto não pôde deixar de sorrir, fitando amoravelmente a rapariga que o fixava com uma fisionomia garota, como a dizer-lhe:—eu cá não vou com cantigas, meu estudantinho...

— Ai Rosa! Rosa!... bem acertada foi tua madrinha no nome que te deu...

— Sou uma flor, não é assim?!... Já tardava um cumprimento!

— E's uma flor, sim, uma verdadeira rosa... Côr, perfume, beleza—tudo em ti se nota... até espinhos... em que eu dilacero o coração.

— Isso já é velho! Se não inventa outra coisa, outro *paleio*, está mal servido com a sua vida!

— E's cruel, Rosinha...

E Alberto aproximou-se mais da rapariga, procurando furtar-lhe um beijo. Rosa esquivou-se logo, dizendo.

— Desvie-se, desvie-se para lá ; olhe que se espeta...

— Para que trazes tu agulhas no chambre ? interrogou Alberto, fingindo não perceber a frase da creadinha.

— Não trago agulhas no chambre, não, snr., mas como tenho espinhos... o snr. Alberto póde ás vezes dilacerar o coração, como ha pouco disse...

— Bem digo eu que és cruel !...

— E o snr. com as suas palavrinhas doces é um *chanato* como não ha segundo...

— Por que te quero muito... porque te amo.

—Adeus ! adeus ! Basta de treta ! Toca a ir para casa, que isto não é vida...

— Então, até á volta, Rosinha !... Não prendas o coração com quem o não mereça ; lembra-te que o meu contigo fica...

— Até á volta !

E Rosinha, mostrando-se mais indiferente que em verdade o era, seguiu seu caminho pelo Passeio fóra, sem voltar a cabeça, propositadamente, deixando o rapaz tristonho, meditativo.

Assim se passara a primeira separação dos namorados.

Alberto, em Coimbra, sem esquecer por completo a esbelta rapariga, não ocupou muito o pensamento com a sua lembrança.

Os trabalhos universitarios, a convivencia com rapazes esturdios, não lhe deixavam muito tempo para se entregar a meditações amorosas. Depois, a rapariga fôra tam arisca, mostrara-se tam pouco enfeitiçada, que é perfeitamente logico ter o afecto do mancebo esfriado com a ausencia.

Um velho proloquio portuguez reza que quem está longe da vista—está longe do coração, e Alberto, verdade seja, tinha dobrada desculpa: em virtude do citado proloquio, e pelo facto de haver confiado o seu coração de Rosinha...

Quando em junho regressou a Ponte, a disfrutar as ferias grandes, veio-lhe á mente, mais intensa, a lembrança da rapariga, e procurou vêl'a, reanimar as relações encetadas mezes antes, desejoso de vêl-as coroadas de melhor exito.

A principio, a Rosaria, creada que entrara havia pouco para casa dos paes de Alberto, fez serenar a paixão de este pela creadita das Santeiras, mas foi sol de pouca dura...

Alberto desde que viu algumas vezes a gentil rapariga, e que pôde falar-lhe, deixou de importar-se com a viuvinha que tinha de portas a dentro, e os beliscões com que a distinguia ameude cessaram de vez um belo dia, com grande desgosto de Rosaria.

A paixão, nome convencional com que se acoberta o desejo da posse, substituira o amor, e o rapaz, sem precisar bem como e pelo quê, sentiu o organismo invadido por um fluido misterioso que o tornava outro, completamente outro. Os namorados compreendem este estado: um meio

termo entre a parvoíce e a ou cura. Se o namorado é poeta, desabafa enchendo paginas e paginas de pessimos versos em honra da beldade; se o não é, deixa de comer, chora, não dorme, no que, devemos concordar, faz grossa asneira!

Mas os namorados quando chegam a ponto de rebuçado não ouvem conselhos, fazendo orelhas-moucas a quantas frases judiciosas vão ao encontro do sentimento que os domina. E fazem muitissimo bem... A experiencia é a grande escola da vida, e nenhuma experiencia frutifica tanto como aquela que se adquire nas relações amorosas.

Alberto estava chegado precisamente ao momento psicologico em que se deixa de comer, e durante o qual é mais alimenticio para o estomago do namorado um beijo da creatura estremecida do que uma travessa de loiro arroz de forno.

Por seu lado, Rosa, a gentil creadinha das Santeiras, começava a gostar seriamente do rapaz, cuja figura simpatica lhe agradava em extremo. As declarações de amor, os galanteios, uma perseguição continuada, tinham conseguido avassalar o coração da rapariga até ahi rebelde a feitiços, e a moça começava a andar com a cabecinha á roda. Dispensem-nos de explicar a significação da frase; *andar com a cabecinha á roda*. As leitoras sabem muitissimo bem o que isto é, e se alguma o ignora podemos assegurar-lhe, para sua tranquilidade espiritual, que hade vir a sabêl-o por experiencia propria.

Sempre que conseguia um pretexto, Rosinha

saía de casa, forcejando por encontrar-se com Alberto.

— Que terá a rapariga? diziam, admiradas da mudança que se operava em Rosa, as irmans Santeiras.

E' que a moça, que tinham em casa desde pequena, começava a demorar-se demasiado sempre que saía á rua; jé não tratava com tanto esmero da cozinha, e respondia com certo desabrimento se alguma das patrôas a admoestava. — Ali havia coisa, pela certa! Nunca se partira tanta loiça em casa! A rapariga andava zuca!

— Será derriço? ousou aventar uma das irmans.

— Será! será! O diabo o jure, retorquiu a outra.

— Uma coisa assim! Estas raparigas de agora!... Estão frescas, benza-as Deus!...

— Metem-se no rosquedo, e depois queixam-se!... Tudo falta de religião!...

— Mas a Rosa, a Rosa...

— Ora! A Rosa é tam boa como as outras!

— Parece, que lhes pesam...

— Cruzes? Santo nome de Deus!

As duas irmans ficaram de saber o que havia de positivo nas suas desconfianças. Informar-se-iam, e se descobrissem novidade de maior :—rua com a rapariga!... Poucas-vergonhas é que não consentiam em casa!

Capitulo III

Por uma tarde de agosto, nunca assististe, leitor, de cima da velha ponte, recostado ao parapeito que visa o Passeio e o caes das Arvorinhas, ao espectaculo gracioso que o rio e o vasto areal oferecem?

Vem d'ahi, leitor.

Junto aos arcos da ponte, em completa nudez, rapazes de seis a doze annos tomam banho, fazendo evoluções dignas de acrobatas. Passam horas na agua os garotitos, e a algazarra que fazem é por vezes de ensurdecer. O sol bate-lhes de chapa nas cabeças tosquiadas, mas é como se o não sentissem, e só quando a fadiga os prostra é que êles abandonam o rio, muito contrariados.—Estava-se tam bem na agua!

Repara, leitor, n'aquele rapazito ruivo que agora saltou á agua, dando um duplo salto mortal. E' um nadador de mão-cheia.

Vaes ver como é habil, o petiz! Embrulhemos n'um papel uma moeda de vintem, e atiremos-lh'a.

Pronto. Eil-o que mergulha, a pino... Vê; lá vae debaixo de agua... e ali é bastante fundo...

Mas não importa!... Procurou-a.. Encontrou-a...

O rapazito não tardou em vir á superficie da agua, trazendo na mão, radiante de contentamente, a moeda de cobre honradamente ganha.

Nas margens da estreita lingua de agua que o Lima apresenta n'esta epoca do anno, permitindo a passagem de um para o outro lado sem se *perder o pé*, lavam as creadinhas e as lavadeiras, batendo as roupas sobre pedras polidas ou sobre taboas adrede preparadas. A espuma do sabão vae rio abaixo, serenamente, diluindo-se... como no ar se evaporam as notas das cantigas que as tricanas desferem:

Tricaninhas feiticeiras,
Olhos negros, linda côr,
Não se crearam p'ra freiras,
Nasceram para o amor.

Escusas de me pedir,
Que te canças afinal;
Não me podes decidir
A ir de noite ao areal.

Dizes tu que não alcanças
D'esta recusa a razão...
E' que eu sou como as creanças:
Tenho medo do papão!

No vasto areal, aqui e ali, estendidas sobre a areia, perfeitamente divididas para evitar trocas, estão a secar as peças de roupa prontas da lavagem. São grandes rectangulos e quadrados de li-

nho, semelhando remendos enormes de neve sobre o fato de oiro com que a luz solar prodigamente veste o areal.

Sentadas sobre a areia, algumas tricanas descançam da faina da lavagem, e saboreiam pachorrentamente a merenda: sardinhas ou bacalhau, uma pada de trigo ou um naco de borôa, e uma pinga de verdasco bebida pela propria garrafa. Uma *taina*.

Desçamos ao Passeio, e abeiremo-nos das lavandeiras.

Estão acolá três raparigas que tu, leitor, já conheces de nome. Aproximemo-nos.

Aquela de saia de baeta encarnada, é a Julia marchanta, a outra, a de saia de chita escura e chambre côr de rosa, a Chica da doceira, e a outra, a outra...

— A Rosinha postiça.

— Leitor inteligente, adivinhaste; é èla.

Escutemos, se quizeres, o que élas dizem. E' sempre curioso ouvil-as na fonte ou no rio. Ou discutem a vida alheia, ou falam no rosquedo...

— Que vem a ser isso de rosquedo?

— E' um termo local que significa amor, amor de tricanas, é de ver...

— Não alcanço...

— Imagina tu, amigo leitor, que começas a fazer dois dedos de namoro a uma creadinha tentadora...

— Eu sou casado!

— Solteiro, casado ou viuvo, isso pouco importa para o nosso caso... Em fazendo dois dedos

de namoro a uma tricana, estás ipso-facto iniciado no rosquedo...

— Mas não compreendo a etimologia da palavra...

— Explicar t'a-emos se nos deres a etimologia do *talvez te escreva* que o nosso Julio Valente trouxe de Lisboa, e que por aqui se vae vulgarizando.

— Percebo... sim, agora percebo. Rosquedo é o mesmo que dizer... sim, rosquedo é...

— E' o rosquedo, homem de Deus!

— Já compreendi... Tem graça, e não ofende!

— Ora ainda bem!

Ouçamos pois a conversa que as raparigas sustentam no areal:

— Eu bem te dizia, Chica, que o José Coelho era conversado que te servia. E' bom rapaz, e até dizem que tem o seu pé de meia com bom dinheirame... Assim se exprimia a Julia marchanta, sem deixar de ensaboar a roupa, muito afadigada.

— Ainda tem pouco! Não chega a trinta mil réis... respondeu Chica.

— E' um bom começo de vida, interveio a Rosa postiça. Já chega pr'a pôr casa.

— Isso não faz mister. Em casando, êle vem para aonde a mim.

— Vae então viver com tua mãe? perguntou Julia.

— Pois então não havia de ir! respondeu Chica.

— Eu cá não queria! Nada! Quem casa—quer casa, lá diz o rifão.

— Pois eu, se tivesse mãe, Julinha, garanto lhe

que ainda que viesse a casar não a deixaria, disse com tristeza Rosa, mas eu não tenho mãe nem pae... não tenho ninguem n'este mundo!

— Nada de tristezas, redarguiu Julia marchanta.

— Então... não tens ninguem que te queira? interrogou maliciosamente Chica.

— Ninguem, disse Rosa a meia voz, e as faces cobriram-se-lhe subitamente de carmim. O rubor contradizia a pobre rapariga....

— Então não é verdade que conversas com o Albertinho Monteiro? e Julia encarou fixamente Rosa.

— Êle não me larga, apesar de que eu, em minha consciencia, não lhe dou grande entrada...— e a rapariga baixou a cabeça para fugir ao olhar inquisidor da marchanta.

— Pois não é isso o que se diz... o que dizem todos...

— Que se diz então?

— Ora! o que se diz! Que tanto tu como êle andaes perdidinhos...

— Se nos perdermos, havemos de encontrar-nos. Ninguem tem nada que ver com isso, e os labios de Rosa contrairam-se n'uma expressão de mal dissimulado despeito.

— Tem juizo, Rosa! Olha que o Alberto não é conversado que te sirva, aconselhou, judiciosa, a marchanta.

— Mas a ti servia-te, e se êle te não deixasse não te farias agora de manto de seda! Vocês falam e falam... mas...

— Com que então queres tu dizer na tua que foi êle que me deixou? inquiria Julia, já agastada, as mãos na cintura.

— Não sei, mas posso sabêl-o ainda... Queres? Pede por bôca!

— Não vale zangar! interveio Chica, conciliadoramente.

— Não me zango, não, disse Julia. Se eu não fosse amiga d'éla bem se me dava a mim que éla quebrasse a cabeça!

— Se a quebrar, vou á botica, proseguiu Rosa.

— O' rapariga, tu hoje não estás em ti! A Julia a aconselhar-te para teu bem, e tu a dar-lhe tam mau pago, tornou Chica, procurando harmonizar as amigas.

— Tambem tu queres meter a tua colherada! Tem graça! Quem te ouvir hade julgar que está ahi um poço de virtude...

— Que tens tu que dizer da minha virtude, anda, dize!

— Pois digo, digo, que não tenho papas na lingua... Ainda ha pouco conversavas com o Luiz de Navió, e porque o rapaz foi para o Porto passaste-lhe o pé, e já se fala em que vaes casar com José Coelho, respondeu Rosa, arrebatadamente.

— Mas se casar hade ser na egreja! na egreja, ouviste bem, minha sonsa! volveu Chica.

— Isso é que nós veremos! redarguiu Rosa em tom motejador.

Chica não se quiz ficar atraz, e á duvida insolente da amiga respondeu com um insulto:

— Pois tu, minha amiguinha, se casares com o Albertinho hade ser á moda de Calheiros!...

— Sua atrevida!...

— Então! então! toca a mudar de conversa. Não tem mesmo geito nenhum a gente pôr-se de mal... O que lá vae! lá vae! A Julia marchante serenou por esta fórma um conflito que prometia acabar com alguns tabefes.

As três raparigas não trocaram mais uma unica palavra, entregando-se inteiramente á faina da lavagem.

Quando, a tarefa concluida, abandonaram o areal, ao pôr do Sol, não se despediram como era costume. A disputa que se tinha travado deixara-as mal dispostas, e assim cada uma seguiu seu caminho, silenciosa, pensando no conflito, e fazendo sobre o mesmo as considerações que o seu espirito ditava.

Rosa, ao entrar em casa, nervosa, tendo por vezes uns arrepios de frio que lhe agitavam todo o corpo, dizia por entre dentes para consigo:

— O que êlas teem, sei eu... E' dor de cotovelo!

N'essa noite, quando Rosa ia para deitar-se, uma das irmans Santeiras chamou-a.

— E' preciso que ámanhan te levantes cedo, Rosa....

— Sim, minha senhora.

— Tens de ir a S. João da Ribeira, ao vinho. Leva o pipo novo. Nós depois fazemos contas com o snr. Joaquim.

— Agora vê lá se vens a horas de fazer o almoço. Bem sabes que não podemos com essa lida...

— Sim, minha senhora.

— Vê lá!...

— Póde estar socegada.

— Então, boa noite.

— Muito boas noites, minha senhora.

Rosa subiu ao seu quarto, e n'um pronto se despiu, e deitou.

Tinha de levantar-se cedo para ir á Ribeira, á tenda do snr. Joaquim, remoto parente das Santeiras, buscar ovinho. O homem vendia-o muíto em conta ás duas irmans em atenção ao parentesco que os ligava, — parentesco que as Santeiras não esqueciam em atenção ao preço razoavel que o tendeiro estipulava para o vinho que lhes fornecia.

Não era a primeira vez que Rosa ia a S. João da Ribeira, mas nunca estimara tanto como agora que as Santeiras confiassem d'éla o encargo de ir ao vinho. Fôra com prazer que recebera a ordem, e a caminhada a fazer no dia immediato não a encarava já como estôpada, como até ahi sucedia.

E' que Rosa, desde que o seu namorico com o Albertinho Monteiro tomara proporções sérias, isto é desde que o rapaz conseguira rendêl-a aos seus galanteios, anciava por consultar a bruxa da Cruz da Pedra, cuja fama nos ultimos tempos se vulgarizava por tal modo que de todo o concelho ia gente consultál-a, com uma crença desmedida nas virtudes profeticas da mulhersinha. A troco de uma ou duas corôas, a feiticeira abria aos cren-

tes o livro do futuro, e se nem todos ficavam satisfeitos com as revelações da vidente, o que é positivo é que a clientela aumentava de dia para dia, e com a clientela: a receita em bom metal sonante, os presentes de toda a ordem, a reputação assegurada.

Rosa, finalmente, encontrava ocasião asada para consultar a bruxa. A' volta da Ribeira, iria a casa da mulhersinha, da tia Eugenia, e sujeitar-se-ia ao exame que a bruxa costumava fazer nas mãos das pessoas que recorriam á sua sciencia. Ficaria sabendo se realmente o Albertinho lhe tinha amor, e qual o futuro que a esperava.

Para se não esquecer de levar dinheiro, já depois de deitada, levantou-se de um salto. Foi á arca de pinho, abriu-a, e de um saquitel de missanga onde guardava as suas economias retirou uma corôa. Desceu a tampa da arca; foi buscar o lenço e prendeu-lhe a moeda de prata por um nó engenhoso, processo que toda a gente conhece na provincia, e que toda a gente do campo usa, servindo se da ponta de um lenço como da mais segura bolsa.

Feito isto, guardou o lenço na algibeira da saia que devia vestir no dia immediato, e voltou para a cama.

Apagou o candieiro de petroleo, aconchegou muito a si o lençol de linho, unica roupa que lhe cobria o corpo esbelto, e adormeceu serenamente, os labios entreabertos, pondo a nu os dentes pequeninos, muito eguaes, muito brancos, como um fio de perolas.

Capitulo IV

N'uma curva da estrada que leva aos Arcos, a uns cem passos da ermida graciosa da Cruz da Pedra, ha uma azinhaga conhecida pelo *caminho da enforcada*, em lembrança, diz-se, de uma camponeza a quem o marido, para vingar uma afronta, castigou ali com suplicio egual áquele com que o paternal governo do snr. D. Miguel I, que Deus tenha em gloria, mimoseava os pedreiros livres e malhados.

A meio da azinhaga, meio oculta pelo arvoredo, destaca-se uma construção arruinada, meio termo entre casebre e casinhola, cujas pedras mal unidas estão cimentadas pelos braços das trepadeiras que as revestem.

Pelo Minho encontrareis, leitores, muitas habitações como esta, pontos escuros no verde da paizagem campesina. A luz do Sol raro penetra através das janellas mal rasgadas d'esses miseraveis pardieiros em que ameude, não sabemos porque milagre, se albergam familias numerosas que a tuberculose poupa, gosando uma saude a toda a prova, mercê de Deus, o ente misterioso em que

procura amparo e refugio a alma simples dos rusticos.

A casita da Cruz da Pedra, edificada em começos do seculo dezenove, compõe-se de um pavimento terreo com pouco pé direito. Uma porta da altura de um metro ladeada por duas janelas de acanhadissimas dimensões, na frontaria que dá para o caminho turtuoso que conduz á estrada; na parede da rectaguarda, ao centro, uma janela de tamanho egual ás da frontaria, — e eis tudo. Vejamos agora a divisão da casa: franqueada a porta, á direita, n'uma divisão de tabique duas portas dão ingresso a dois pequenos quartos: — um sem luz,a não ser a recebida por cima do tabique, o outro arejado por uma das janelas da fachada, quando esta se abria, o que ha muito não tinha logar. O resto da casa consta unicamente da cozinha, ampla, com a sua lareira enorme, primitiva, e a chaminé egualmente primitiva deixando vêr a côr azul do ceu, e metendo agua a potes em dias chuvosos.

O tecto anguloso, com o ligeiro madeiramento de castanho escurecido e queimado pela acção do fumo da lareira, mostra as telhas mal casadas por onde se filtram alguns raios solares, espargindo pelo chão terreo e desnivelado farrapos de luz. Os utensilios da cozinha não demandam um rigoroso inventario: — três potes de ferro, uma duzia de peças de louça de barro de ligeiro fabrico, algumas colheres de pau e de lata, e pouco mais... A mobilia era tambem mesquinha: mesa de pinho, alguns bancos de egual madeira, e, a um canto,

uma arca revestida por uma coberta de chita vermelha de ramagens, pouco limpa. Nas paredes, em caixilhos baratos, uma oleografia representando o Coração de Jesus, e uma gravura toscamente burilada, centenaria por certo, de N. Senhora da Lapa, advogada das parturientes.

Pendentes do madeiramento do tecto, cambos de cebolas, e um presunto com a sua camada de pimentão a conservál-o.

A tia Eugenia residia ha uns bons dez annos na casita da Cruz da Pedra de que acabamos de fornecer aos leitores uma ligeira descrição.

Era a mulhersinha de Navió, e ali vivera por muito tempo n'uma relativa abastança graças a um subsidio misterioso que de tempos a tempos recebia. Tinha um filho (pelo menos como tal o apresentava) chamado Luiz, rapaz habilidoso que começara, por simples curiosidade, a dedicar se a trabalhos de marcenaria, e que se tornara um artista de merecimento em curto praso.

Quando o subsidio cessou um belo dia, e a tia Eugenia viu perdida a ultima esperança de que a dadiva misteriosa se repetisse, o filho encarou a situação nitidamente: — era preciso trabalhar. Trabalharia! Vendidos os palmos de terra e a casinha modestissima que possuiam em Navió, conseguiram com o seu produto comprar o pardieiro em ruinas da Cruz da Pedra, uma pequena horta proxima, e ainda reservarem uns mil réis para qualquer eventualidade.

Transferidos d'esta feita para mais proximo da vila, Luiz conseguiu sem custo ser admitido como

oficial na melhor marcenaria da terra, conquistando desde logo as boas graças do chefe da oficina, e alcançando ferias muito regulares. Em poucos annos, foi considerado o primeiro artista na sua arte, e viu duplicados os seus salarios. Era pontualissimo no cumprimento dos seus deveres, e o seu comportamento, notado por exemplar, destacava-o de todos os seus companheiros. A *artistada*, designação petulante que o operariado se dá em Ponte, respeitava-o, mas não lhe tinha afecto. O rapaz não era parceiro de tainas, nem se salientara nunca entre os moinantes da sua classe. D'ahi uma antipatia mal dissimulada que o operario fingia não perceber, resumindo nos carinhos dispensados á mãe todos os afectos de que a sua alma bem formada era susceptivel.

Uma rapariga conseguiu, porém, roubar á tia Eugenia uma boa parte da afeição do filho, fazendo com que esta deixasse a companhia materna para alar-se até ao Porto, em busca de fortuna, para satisfazer um ideal sonhado.

A Chica da doceira, já conhecida dos leitores, fascinou o moço artista, e este, desejoso de conseguir um peculio que o habilitasse a estabelecer oficina propria, lá foi para o Porto, esperando em poucos annos regressar á vila com os meios precisos para se estabelecer, e para casar. A imagem da rapariga, bem gravada na mente, dava-lhe a fortaleza necessaria para suportar as saudades da ausencia, e o esperançado moço, com uma confiança desmedida na eleita da sua alma, trabalhava sem descanço, economizando o melhor das suas ferias,

sem nunca se esquecer de enviar á mãe mezada correspondente á quantia que em Ponte lhe entregava com toda a pontualidade quando na quinzena da feira recebia os salarios.

Havia um anno já que o rapaz fôra trabalhar para o Porto, e desde essa epoca é que a tia Eugenia se entregava ao lucrativo mister de feiticeira.

Era mulher dos seus sessenta annos, baixa, magrissima, com os cabelos completamente brancos. Os olhos muito enterrados nas orbitas tinham uma expressão amargurada, sinistra por vezes; o nariz lembrava o perfil da aguia, e a bôca rasgada, enorme, deixava a descoberto a dentadura amarelida. O queixo em bico, de *rabeca*, como se diz vulgarmente, era semeado por alguns cabelos espessos, e parecia procurar a ponta do nariz atulhado de simonte.

A pele rugosa adquirira a côr do pergaminho antigo. Magrissima, os ossos salientes, podia considerar-se um esqueleto andante. Coxeava um pouco, e devido a esse defeito caminhava com dificuldade, pelo que raras vezes saía de casa. A' missa, aos domingos, é que não faltava nunca, e não concebia que houvesse pessoas religiosas e tementes a Deus que não fossem á egreja todos os domingos.

Quando o filho a deixou, fazendo-a sciente dos seus projectos, a tia Eugenia sentiu os olhos aguados, mas conteve a dôr pungente que a alanceava, para não mortificar o rapaz, o seu ai Jesus!

— Vae, meu filho, e que Deus te ajude! Eu cá fico a pedir por ti a Nossa Senhora!

As despedidas foram tristes como todas as despedidas em que o coração toma parte. A tia Eugenia chorou muito, mas um domingo, ao sair da missa em S. João da Ribeira, deram-lhe a noticia de que morrera na vespera a bruxa de Faldejães, deixando uma fortuna, e esta nova operou subita mudança no animo da creatura.

— E se eu me fizesse bruxa?! pensou para consigo a tia Eugenia... Posso ter sorte, e se Deus me ajudar dentro em pouco tempo chamarei para junto a mim o meu Luiz, e viveremos todos felizes!

E viu logo ante os seus olhitos brilhantes de toupeira um risonho quadro: o seu filho com uma oficina bem montada, a sua nora, os netos... e éla muito acarinhada, muito feliz, n'uma casa da vila muito confortavel, com salas estucadas...

A resolução tomada, fez espalhar pouco a pouco, habilmente, as virtudes de vidente que possuia graças ás revelações de um anjo que em sonhos a visitava, e em poucos dias viu com satisfação que tinha dado em cheio. — Que pena não se ter lembrado mais cedo! Não teria deixado ir o seu rapaz para o Porto!... Não teria sido infeliz tanto anno!

Que a mulhersinha fôra infeliz é o que os leitores ficarão ajuizando, mas não nos peçam, por quantos santos ha na côrte celestial, a historia do passado da tia Eugenia. Dava materia bastante para um volume, e nós esperamos ainda escrevêl-o um dia, se tivermos vida e saude para nos entregarmos a essa tarefa. A essa novela caberia o titulo

de: *A bruxa da Cruz da Pedra.* E' um bonito titulo, na verdade, e só por si garante ao romance um bom numero de leitores. Seis, pelo menos, e não achem o numero avultado porque será esse aproximadamente o numero das pessoas que na Cruz da Pedra devem saber lêr ao tempo, segundo calculos baseados nas ultimas estatisticas.

Era a casa da tia Eugenia, a bruxa em voga, de grande fama no concelho, que Rosa iria com a crença ingenua de rapariga inculta, confiante em bruxarias e milagres.

Ali a vamos encontrar no capitulo que a este se seguirá, se os leitores não quizerem desamparar esta novela que nos promete, não diremos a immortalidade, mas, seguramente, algum sortilegio malefico...

Capitulo V

Manhan de Agosto.

No azul sem nuvens, o Sol brilhava soberano, espargindo os seus fulgurantes raios sobre a terra ainda rociada do orvalho matutino.

Das margens do Lima subiam, volatisando-se na atmosfera, vapores tenues, quasi transparentes.

A vila renascia para a labuta diaria, os nervos serenados pelo repouso confortante da noite, pulmões fortalecidos pelas emanacões balsamicas vindas dos pinheiraes proximos.

Nas arvores do passeio cantava a passarada; nas duas margens do rio viam-se já as lavadeiras na sua faina, e lá em baixo, na Guia, á sombra projectada pela ramagem dos salgueiros faziam as suas evoluções aquaticas os primeiros banhistas, na sua maioria empregados do comercio.

O sino da Matriz dera compassadamente as seis horas; abriam-se os estabelecimentos; começavam a abrir-se as janelas das casas...As leiteiras e os padeiros iam a meio da distribuição, forçando as creadinhas a ser madrugadoras...

A diligencia para Viana saíra já do largo de Ca-

mões, atulhada de passageiros e bagagens, como sardinha em canastra, e fazendo ouvir o som alegre das guiseiras presas ao pescoço dos cavalos.

Os cafés e as vendas estavam de posse dos seus frequentadores da manhan, e no feirão notava-se já regular concorrencia.

Era dia.

De volta de S. João da Ribeira, o pipo do vinho á cabeça, a creadinha das Santeiras batia á porta da bruxa da Cruz da Pedra.

O coração pulsava com violencia á pobre rapariga que esteve hesitante por alguns momentos antes de bater á porta da tia Eugenia. Sentia-se agitada, muito perturbada, como se fosse cometer um crime, qualquer má acção; parecia-lhe que a vista se lhe toldava, que ia desfalecer.

A voz arrastada da velha, a indagar quem a procurava, serenou um tanto Rosa.

— Faça favor de abrir.

— Quem me procura? retorquiu de dentro a tia Eugenia.

— Sou a Rosa postiça, creada das senhoras Santeiras, da vila...

— Que me quer? perguntou a bruxa, entreabrindo a porta, e mostrando á rapariga o seu perfil de ave de rapina.

Titubeante, a moça respondeu que desejava con-

sultál-a ; que lhe tinham nomeado a tia Eugenia como mulher de virtude... e que pagaria o que fosse...

— Entre, menina, disse a velha franqueando a porta á visitante.

Rosa depoz no chão o pipo, e entrou nos dominios da feiticeira, ainda perturbada, o passo mal seguro.

A tia Eugenia fêl-a sentar n'um banco, junto á mesa de pinho da cozinha, e sentou-se na sua frente.

Na lareira, crepitante, ardia o lume, cujas linguas de fogo envolviam um pote de ferro em que a agua borbulhava; o fumo espalhava-se pelo ambiente...

— Que deseja então saber, menina ? interrogou a bruxa, fitando a rapariga com os seus olhitos brilhantes.

Rosa não pôde responder. O fumo não lhe permitia respirar livremente, e a rapariga, olhos lacrimosos, garganta presa, fez compreender com um gesto á feiticeira que precisava de ar, que asfixiava...

A tia Eugenia deu-se pressa em abrir uma das janelas.

O fumo encontrava uma saída franca, permitindo a Rosa respirar livremente. A moça, a pouco e pouco, sentiu se reanimada.

— E agora sente se melhorsinha ? interrogou a bruxa.

— Muito obrigada. Era do fumo ..Já estou bem.

— Estou ás suas ordens, continuou a tia Eugenia. Diga-me: que deseja saber, minha menina?

—Vim procurar a senhora, porque queria muito saber se a pessoa que me requesta me quer com amor, e se será para bom fim, murmurou Rosa, as faces invadidas por subita vermelhidão.

—Para lhe responder com acerto, preciso que me diga antes de mais nada que especie de homem é o seu conversado, e em que altura vão as relações dos dois.

Rosa ficou como interdita. Custava lhe ter que fazer revelações á feiticeira. Nunca lhe passéra pela mente que fosse forçoso ilucidar a mulhersinha. —Então a bruxa não adivinhava tudo?! Ou éla!...

—E' preciso que me responda, menina. Os espiritos assim o querem, porque de contrario não sei como interrogál-os, e não temos nada feito. Tem ou não tem a menina confiança em mim?

—Tenho... respondeu Rosa.

—Sendo assim, diga-me quem é o seu namorado, menina... Então!

—E' o filho do snr. dr. Monteiro, da vila, respondeu a moça com uma voz apagada.

— Já fala com êle ha muito?

— Ainda ha pouco tempo...

— E... entre os dois... ainda não houve nada?

—Não... não houve nada, e a rapariga sentia-se vexada com aquela confissão que lhe recordava as perguntas indiscretas, infames por vezes, que lhe fizera na Pascoa ultima o confessor, um padre gandaeiro, consentido no concelho por um mal entendido espirito de classe.

—E em antes d'esse não falou com mais nenhum? volveu a bruxa.

— Com mais nenhum.

— E a menina quer-lhe muito ?

— Quero.

— Teria grande desgosto se êle deixasse de falar consigo ?

— Morreria, balbuciou a rapariga com toda a ingenuidade.

— Bem, agora já estou habilitada a chamar os espiritos para que me respondam.

A velha levantou-se, ergueu as mãos em oração, e fez ouvir a seguinte reza engendrada com não pequeno labor para fascinar os credulos que recorriam á sua sciencia cabalistica.

—Espiritos do ceu, da terra e dos infernos, bons e maus espiritos, anjos e demonios, vinde ao meu chamamento, e alumiae-me; fazei com que os meus olhos de misera mortal descubram os misterios do futuro, para que eu possa lêr nas mãos pecadoras de velhas e velhos, moças e moços, o que o destino reserva sobre a terra aos filhos de Eva. Espiritos do ceu, da terrra e dos infernos, bons e maus espiritos, anjos e demonios, vinde ao meu chamamento !

Cheia de gravidade, retomou a velha o seu logar junto da mesa.

— Dê-me a sua mão direita, menina, disse a bruxa voltando-se para a rapariga.

Rosa abandonou-lhe a mão direita, a tremer, receiosa das revelações que a velha ia arrancar ás linhas enigmaticas da sua mão pequenina.

A tia Eugenia, com a mão de Rosa entre as suas, parecia entregar-se a um demorado estudo, como

procurando lêr o quer que fosse através da epiderme setinosa em que as veias transpareciam como aquareladas a azul palido.

—Nascimento alto...Exposta na Roda por motivos de gravidade... Destinada a subir se encontrar quem a eleve... Alma e corpo livres de pecado... E' amada por moço de condição diferente da sua, mas que póde vir a casar com a menina...contrariedades proximas ..futuro bonançoso.

A velha não disse mais, e mais que dissesse não a ouviria a rapariga. De toda a arenga da feiticeira, Rosa gravára apenas na memoria estas palavras que o seu ouvido recebera como celeste musica embaladora : «E' amada por moço de condição diferente da sua, mas que póde vir a casar com a menina».

Era amada! tinha agora a certeza de que era amada, e aquele que despertara no seu peito o primeiro amor, ainda que de condição diferente da sua, viria a casar com éla! A bruxa o dissera, e a palavra da bruxa, confirmando as suas mais caras aspirações, tornava-se a seus olhos indiscutivel, como uma verdade incontestada.

A rapariga não raciocinava que a feiticeira dissera «póde vir a casar» e não «hade casar». Sem compreender as artimanhas de que a mulhersinha se servira prevendo as eventualidades, Rosa, cega pelo amor que lhe fazia estremecer os seios virginaes, e com uma confiança louca nas artes de bruxaria da tia Eugenia, entregava-se já a um sonho magnetico que lhe absorvia embriagadoramente os sentidos, vendo-se casada e feliz, com o seu

Alberto, invejada por todas as raparigas da sua egualha, feita senhora...

A' especie de extase em que ficara mergulhada, arrancou-a a tia Eugenia, perguntando-lhe com a sua vozinha esganiçada:

— Ainda deseja saber mais alguma coisa?

A rapariga sentiu-se despertada de um bom sonho; levou as mãos aos olhos como para voltar á realidade, e respondeu á bruxa:

— Obrigada. Não desejo saber mais nada. Queria agora pagar... Quanto devo?

— E' o que a menina quizer dar. Eu não faço preço...

A rapariga sacou da algibeira o lenço, desfez o nó, e entregou á tia Eugenia a moeda de prata de cinco tostões, que representava meio mez de soldada. Quizera ter trazido mais para recompensar a velha. Parecia lhe mesquinha aquela remuneração.

— Estará bem?

— Está, sim, menina... cada um dá o que quer, consoante as suas posses...

— Então, adeus.

— Até quando quizer. Tem me sempre ao seu dispôr, minha menina. Que Deus a faça muito feliz!

— Obrigada ao seu favor. Adeus.

A rapariga encaminhou-se para a porta. A tia Eugenia acompanhou-a, ajudando-a a pôr á cabeça o barril do vinho. Depois, fechou a porta com a tranqueta, fechou a janela, e caiu em oração, os olhos postados na imagem de N. Senhora da La-

pa, a sua santa mais querida. A bruxa, depois de qualquer consulta, pedia sempre á Senhora da Lapa que lhe perdoasse os embustes de que se servia para juntar dinheiro. Como o fim era bom, e a devoção pela santa era sincera, a tia Eugenia tinha a firme certeza de ser perdoada, e assim vivia tranquila com a sua consciencia.

Terminada que foi a oração, ergueu-se, tomou de cima da mesa a moeda de prata, e dirigiu-se a coxear para a arca, cuja tampa levantou. Tirando para o lado umas meadas de linho, a velha poz a descoberto o cofre : uma caixa de lata comida pela ferrugem. Por um pequeno orificio rectangular, introduziu-lhe a placa de cinco tostões que foi cair sobre outras moedas de prata, provocando um tinido metalico que fez iluminar de alegria as feições da bruxa.

Rosa saíra de casa da tia Eugenia com o coração, tic-tac, tic-tac, a trasbordar de jubilo. Tivera uma boa ideia em ir consultar a feiticeira, porque assim adquirira a certeza, a convicção, de que era amada por Alberto Monteiro.

Era tam feliz !

O contentamento dava lhe asas ; não sentia o peso do barril que equilibrava á cabeça, e a estrada parecia-lhe de veludo : não lhe magoava os pésitos descalços, os pequeninos pés que deixavam

adivinhar o bem torneado das colunas em que assentava o seu corpo gracilante de virgem.

Os milharaes e as parreiras verdejantes que ladeavam a estrada pareciam-lhe entes animados que a saudavam, que a felicitavam pela sua ventura... E a passarada, saltitando nos ramos das acacias que sombreiam o caminho, desferindo as notas garrulas do seu canto, convidava-a a cantar. Não era éla tambem uma avesinha ? !

E Rosa, a meia voz, foi entoando até á vila, com uma tal meiguice de timbre, que éla propria se desconhecia, enlevada, o pensamento no seu Alberto, as cantigas mais graciosas e ternas que a memoria lhe recordava.

Era tam feliz a moça !

Quando chegou ao largo de Camões, ouviu que alguem a chamava.

Era o Albertinho Monteiro, que vinha de tomar o seu banho na Guia, e que avistara a rapariga.

— Madrugou hoje, snr. Alberto !

— Mais madrugaste tu, Rosinha...

— Fui a S. João da Ribeira...

— Que pena ! Se eu soubesse, não tinha ido ao banho, e teria o prazer de acompanhar-te...

— Ora ! para que havia de apanhar uma estafa ? !

— Ainda que fosse mais longe... daria o tem-

po por bem empregado, e não sentiria a caminhada.

— Pois, para outra vez, eu o avisarei, a vêr se dá o dito por não dito...

— Eu só tenho uma palavra...

— Palavra de rei? perguntou Rosa, sorrindo.

— Sim, palavra que não volta atraz...

— Quem se fiar n'éla póde têl-a por escritura, não é assim?!

— Tu bem o sabes, Rosinha. Disse-te uma vez que gostava de ti, e parece-me que não tens motivo serio para duvidar do juramento que te fiz...

— Então fez-me algum juramento?

— Então não fiz?!

— Olhe que não estou lembrada, assim Deus me salve...

— Ai! que cabecinha a tua! então não jurei eu amar-te, e não tenho cumprido á risca o juramento?

— E' então verdade que me tem muita estima?

— Tu bem o sabes. Assim tu me quizesses!... mas esse teu coração é de gelo...

— E se eu lhe provar o contrario? inquiriu a moça, anciosa de revelar a Alberto o sentimento que a dominava, o primeiro amor que brotava no seu peito.

— Acreditarei, Rosinha, porque uma boca tam bonita como a tua é incapaz de mentir...

— E não o diga de mangação, porque é a verdade.

— Prova-me então que tens um coraçãosinho de pomba.

— Tenho medo de arrepender-me, e depois... não ha volta a dar-lhe...

— Não sejas má, Rosinha. Pelo meu amor, te peço...

— E promete-me guardar segredo, muito segredo?

— Dou-te a minha palavra de honra!

— E' que eu...

A rapariga sentia-se embaraçada; tinha um nó na garganta que lhe dificultava a articulação das palavras.

Alberto insistiu carinhosamente com a moça. — Porque não havia de dizer-lhe o que procurava calar?! Então!...

— E' que... tenho vergonha...

— Dize, Rosinha; por tudo quanto ha sagrado, te peço! Dize!

— E' que eu... tambem gósto do snr. Alberto.

E muito envergonhada da confisssão que deixara sair dos labios, forçada por um desejo irresistivel, as faces purpureadas, a rapariga cerrou os olhos...

— Acabas de me tornar o mais feliz dos homens! exclamou Alberto, estreitando nas suas as mãos que a rapariga não tinha forças para furtar-lhe, n'aquela especie de adormecimento em que ficara todo o seu organismo.

— Minha querida Rosa, não te arrependas do que acabas de dizer-me; tiraste-me uma duvida cruel que me atormentava a alma.

— E não terei que arrepender-me? interrogou

a moça fitando amoravelmente em Alberto os olhos velutineos.

— Não terás que arrepender-te. Quero-te muito, bem o sabes, e depois da confissão que acabas de fazer parece-me que ainda é maior o afecto que por ti sinto. Não acreditas?

— Acredito.

— E eu agora tambem fico certo de que me tens alguma estima.

— Alguma, só ?

— Como queres então que diga ?

— Póde dizer muita, que não erra.

— E's um anjo, Rosinha.

— Sem asas...

— Mas com um coração de pomba...

— Ainda ha pouco o dizia de gelo !

— Era para te ouvir...

— Seu mau !

— Minha Rosa ! minha rosa sem espinhos...

— E agora deixe-me ir para casa, que tenho de fazer o almoço para as senhoras...

— E quando nos tornamos a vêr, Rosinha ?

— Quem se quer bem — sempre se encontra, respondeu a sorrir a rapariga.

— Mas a incerteza não se fez para os namorados, e eu sinto-me enlouquecer quando te não vejo...

— E quando me vê ?

— Enlouqueço tambem, mas é de alegria !

— Pois se promete não perder o juizo, talvez ámanhan me veja na romaria de Santo Amaro...

— Vaes lá ?

— Se arranjar companhia, e as minhas amas deixarem...

— Tens a minha companhia, queres?

— Se quer, eu pergunto ás senhoras, a ver o que élas dizem...

— Deitavam-te o fogo!

— Já vê por isso que preciso de arranjar companhia *séria*.

— Eu préso-me de ser serio...

— Quando se não ri!

— Mas prometes, ou não, ir á romaria?

— Prometo empregar as diligencias...

— Então é certo.

— Póde ser!

— Lá nos encontraremos, Rosinha.

— E vá-se preparando para mercar os doces...

— Não me esqueço.

— Então até ámanhan, snr. Alberto. Adeus.

— Adeus, luz dos meus olhos!

A rapariga seguiu seu caminho, e Alberto, satisfeitissimo, a assobiar um estribilho em voga entrou em casa.

A alegria que lhe inundava a alma chegava para dar e vender, e assim se explica que o rapaz mimoseasse com um beliscão enorme a creada, que já ha muito não estava acostumada ás mostras de afecto do filho dos patrões. A mulher ficou radiante.

Ainda não ha um seculo que estava em uso entre nós uma pratica amorosa que é pena ter-se sumido como tantas outras coisas que teem desertado do torrão portuguez.

O leitor cortejava certa dama, e para lhe mostrar que a amava procurava o primeiro ensejo propicio para dar-lhe uma pisadela — e zaz! Era coisa decisiva, principalmente se a possuidora do pé maltratado respondia ao galanteador ousado com um expressivo :—Arre! que é bruto! D'ahí a pouco tempo o casamento era abençoado na egreja.

A terminar este capitulo, devemos dizer que Alberto ao dar o beliscão na creada o fizera sem segundo sentido, e que a moçoila se enganava redondamente pondo quaesquer esperanças em segundas nupcias. Mas é muito possivel que a creada nem pensasse em tal. Gostou de receber o beliscão porque gostava do menino da casa, e nada mais!

Um beliscão não tira nada á reputação de uma mulher, antes pelo contrario...

Fique isto consignado para que não vão acoimar o rapaz de immoral, e a moça de menos honesta!

Capitulo VI

A Chica da doceira era uma rapariguinha geitosa. Sem ser bonita, era simpatica. Cabelos negros, tez morena, feições regulares, oferecia um conjunto apreciavel.

Ia nos vinte annos, mas nem tantos parecia ter, porque o corpo débil, mal desenvolvido, a conservava ainda creança apesar da idade. Nos olhos castanhos, luzentes, Chica (éla bem o sabia!) tinha uma força estranha para fascinar quem a fitava, e na sua boquita talhada em acento circunflexo um sorriso garoto que completava o encanto dos seus olhos feiticeiros, fazendo perdoar-lhe o nariz atrevidamente arrebitado.

Vivia com a mãe, a Engracia doceira, n'uma casinha modestissima da rua de Dentro de vila. A mãe estremecia a filha, e esta retribuia lhe por egual. O pae de Chica morrera em Africa, para onde fôra em busca de fortuna, seduzido como tantos outros, e como tantos outros iludido, encontrando a morte em vez da sonhada riqueza.

Chica era ainda uma creança quando o pae a

deixou, e assim póde dizer-se que no seu peito só medrou um sentimento filial pela mãe sob cuja vigilancia e carinhos foi crescendo, fazendo-se mulher.

Filha unica, foi creada n'um relativo conforto, com um certo mimo até, porque a industria da doceira dava o preciso para um viver sobrio e limpo. Mãe e filha davam-se como Deus com os anjos, porque não havia desejo da rapariga que Engracia não satisfizesse, muito feliz por vêl-a contente, e porque a doceira não tinha outros desejos que não fossem os de sua filha.

Do *tricané* da vila, a Chica era incontestavelmente um dos exemplares mais apreciaveis. Trajava sempre com certo apuro, o que não pouco contribuia para a destacar das outras tricanas.

Fôra esta rapariguinha quem fizera brotar no coração de Luiz de Navió o seu primeiro amor, sentimento que, dado o caracter serio do moço, prometia ser intenso e duradoiro.

A alma do rapaz, livre de toda a macula, concentrara no afecto de Chica todas as ambições, todas as esperanças de felicidade, todos os projectos de futuro.

Amor sentido e respeitoso, Luiz esperava que Chica lh'o recompensasse com egual afecto e lealdade.

A fama que o rapaz gosava na vila, o seu tipo simpatico de artista trabalhador e socegado, o tom das suas falas bem distintas das de quantos rapazes até ahi a tinham requestado, conquistaram o animo da filha da doceira ; fizeram com que esta

correspondesse com afecto ás palavras carinhosas, muito do coração, do artista.

O rapaz falava-lhe em casamento á terceira entrevista que Chica lhe concedia, e como a rapariga mostrasse ser esse tambem o seu desejo, Luiz expoz-lhe o seu plano:—ir para o Porto, trabalhar com afinco; conquistar á força de canceira e economia um peculio razoavel para poder montar oficina em Ponte, e casar então.

Queria que a sua mulhersinha vivesse desafogada; não a queira sujeitar a uma vida de negra, a ir á fonte e ao rio Chica olhava-o extaseada, presa das suas palavras cantantes, embaladoras.

—E não te esquecerás de mim? perguntou Luiz, vendo que Chica aplaudia os seus projectos.

—Já sabes que tambem te quero muito...

—Pois sim, mas póde vir outro a quem queiras mais do que a mim...

—Fazes de mim triste ideia! E eu não t'o mereço...

—Não mereces, não... mas é que eu quero-te tanto e tanto que não sei o que seria de mim se tu me faltasses!

—Tu has de escrever-me, não é assim?!

—Sempre, muito a miudo, para espairecer saudades... E tu?

—Eu... não sei escrever...

—Mas pedes a quem saiba...

—Sim, não has de deixar de ter novas minhas.

—Em menos de dois annos, havemos de estar casadinhos, assim Deus me ouça!

— Dois annos...balbuciou Chica, achando enorme esse praso.

— Tu verás como o tempo se passa depressa...

— Não é tanto assim! Sempre são dois annos!

— Verás; nem hasde dar pela demora. O tempo vôa! Jura-me que não te esquecerás de mim.

— Ahi vens tu outra vez com os teus receios...

— Mas jura-me, faze-me a vontade...

— Está bem, aquiesceu Chica. Juro.

— Como tu dizes isso?!

— Como queres então que eu diga?

— Que faças um juramento a valer...por alma de teu pae, sim?

— Pois pela alma de meu pae, que Deus tenha em gloria, te juro que me não esquecerei de ti. Estás satisfeito?

— Agora, estou. E eu tambem te juro por tudo quanto ha de mais sagrado que não me esquecerei de ti, e que só deixarei de casar contigo se a morte me levar em antes!

O tom solene em que proferira este juramento fez iluminar a fisionomia do mancebo, e a decisão que nos seus olhos se lia, inquebrantavel, filha de um grande amor, fez com que a rapariga, encarando-o, empalidecesse. O quer que era segredou-lhe ao ouvido, n'uma toada profetica, terrivel: — Ai de ti se o esqueces!

Algumas semanas volvidas sobre os juramentos trocados, Luiz, cheio de confiança na sua amada, com uma fé inabalavel no projecto que arquitectara, seguia para o Porto, estreitando de encontro ao peito um lenço de cambraia em que Chica bordara a algodão vermelho de marcar estas palavras: «Amor — Paixão — Saudades — Luiz—Francisca».

A rapariga retribuira com esta lembrança um anel de oiro que Luiz lhe entregara dias antes de partir, como um documento em que os menos expertos em linguagem amorosa podiam lêr: *promessa de casamento.*

As cartas do rapaz não se fizeram esperar. A Aninhas Loreto é quem fazia o oficio de leitora, encarregando-se tambem de lançar ao papel as respostas que Chica endereçava ao namorado. Luiz, nas suas cartas regularmente escritas, ocupando paginas e paginas de papel comercial, dava á rapariga minuciosos detalhes da sua vida, dos seus trabalhos, das suas economias.

Narrava-lhe os sucessos mais importantes que vinham á luz da imprensa; falava-lhe nos monumentos que prendiam a sua admiração de provinciano. no Palacio de Cristal, na Bolsa, na ponte de D. Luiz, na torre dos Clerigos. Descrevia-lhe a casa em que residia na rua do Bomjardim, uma rua muito comprida, com mais casas do que Ponte, em que se chegava ao fim cansado. E terminava sempre por lhe pedir, como n'uma suplica, que o não esquecesse!

A principio, estas cartas eram esperadas com ancia, e decoradas com amor, e as respostas lá

seguiam, com pontualidade, em papeis rendilhados, caprichosos, com figuras coloridas.

Era um prazer para Chica esperar, á tarde, pelo carteiro; receber com alegria não dissimulada a missiva, e correr com éla, toda ufana, para casa da Aninhas Loreto, a leitora obsequiosa. Chica sentia um certo orgulho em receber cartas, em mostrar que tinha um namorado de que ninguem tinha nada que dizer, um namorado que queria casar com éla—casar, é preciso que se note...

Mas, pouco a pouco, gradualmente, vencido o encanto que dá a novidade, Chica sentiu que as cartas do namorado a enfastiavam, mau grado seu... Diziam sempre o mesmo; contavam-lhe coisas que a não interessavam mesmo nada, terminando sem pre por mil protestos de amor, e a suplica fastidiosa, á força de repisada, «que o não esquecesse nunca !»

— Não é que não gostasse do Luiz...mas é que êle, na verdade começava a ser maçador. Pois não era assim?! E depois sempre aquéla séca de que o não esquecesse! E se o esquecesse?!—Ora, que tinha lá isso! Quem quer não vae para tam longe!... Se gostasse muito de mim não me tinha deixado para ir para o Porto fazer fortuna ! Fazer fortuna ?!... Lerias... Quem sabe as amigas que êle por lá terá?! Ora! êle é como os outros!... Pois não é assim?!...

E com estes e outros monologos, Chica ia-se desligando a pouco e pouco do juramento que fizera sob a pressão magnetica dos olhares apaixonados de Luiz, sem grande convicção, mais por

comprazer do que por natural impulso. Nunca sentira pelo rapaz um grande amor, e a ausencia contribuia para se ir dissolvendo gradualmente um sentimento que no seu peito se podia talvez ter consolidado, creando raizes, se Luiz tivesse permanecido em Ponte.

Para que uma ligação de amor subsista apesar de uma longa ausencia, é necessario que haja duas almas semelhantes que se compreendam, que se completem, formando por assim dizer um só todo.

E isto é precisamente o que se não dava com Luiz e Chica. Êle tinha no peito um grande amor... éla—essa—tinha no peito o coração, é certo, mas coração pouco sensivel, da natureza d'aquèles de que se póde dizer, sem grave ofensa para os anatomistas, que são de *carne e osso*...

Depois, o temperamento do rapaz não era muito de molde a prender um caracter como o de Chica, frivolo, mal definido. Luiz era serio, em demasia grave, para ter conseguido subjugar o coração da sua amada.

Sem coragem para quebrar resolutamente os laços bem frageis que a prendiam ao moço, e que éla selara com um juramento superior ás forças do seu caracter frivolo, Chica foi tornando mais demoradas as respostas ás cartas de Luiz, inventando os mais futeis pretextos para desculpar-se: umas vezes atribuindo a afazeres e irregularidade na correspondencia, outras fingindo-se maguada com qualquer expressão mais apaixonada do rapaz, e por tal motivo zangada, arrufada.

Êle, cego pelo amor que lhe tributava, e que

julgava por egual correspondido, sem lhe passar pela mente a suspeita da comedia indigna que a rapariga começara a desempenhar, cheio de saudades, cheio de amor, escrevia-lhe então cartas ainda mais longas, ainda mais ternas, mais apaixonadas; pondo a nu a sua alma leal e confiante.

Se éla lhe dizia estar doente, logo êle ficava em ancias, n'uma duvida cruel que lhe abalava todo o sistema nervoso, que lhe roubava toda a energia, que o torturava horrivelmente, que o não deixava trabalhar. E aprontava-se para seguir para Ponte se o estado da rapariga piorar-se. Então, por um simples bilhete postal, Chica informava-o de que «estava melhor, que não era coisa de cuidado, que se não afligisse». E o rapaz voltava á sua vida de trabalho, cheio de confiança na moça, pronto a jurar sobre um Evangelho que a sua amada era a melhor e a mais leal das raparigas.

A sua alma boa encontrara, por fim uma desculpa razoavel, para cobrir o procedimento da sua conversada, cujas cartas se iam espacejando o mais e mais, secas, despidas de palavras carinhosas, muito frias.

— Hão de ser coisas da mãe! dizia para consigo o rapaz, e culpava injustamente a Engracia doceira, para não manchar no seu espirito com uma suspeita odiosa a sua amada, o seu idolo.

— Hão de ser coisas da mãe! repetia o moço, e n'essa persuasão, grata ao seu peito apaixonado, o pobre Luiz ia sofreudo sem um queixume, e no proprio sofrimento encontrava incentivo para continuar a lidar sem esmorecimento, confiante no fu-

turo, no risonho futuro em que teria junto a si, muito aconchegadinha a si, na paz do lar modesto que idealisava, a sua Chica, que êle continuava, cego, a julgar a melhor e a mais leal das raparigas...

Isto não podia prolongar-se indefinidamente, e Chica bem o presentia, mas ia deixando ao tempo o encargo de romper as cadeias que éla pela sua parte já considerava, se não quebradas, pelo menos, profundamente abaladas.

— Ter de esperar!... talvez dois annos! Lérias!... Graças a Deus, tenho muito quem me queira! Não faltam homens!...

Pouco tempo depois de Luiz se ter ausentado para o Porto, o José Coelho carpinteiro começou a cortejál-a, e Chica não se mostrou de manto de seda,

Era êle um belo rapaz, bem feito, elegante, com um pequenino bigode loiro, cabelos castanhos claros apartados ao lado esquerdo, rosto oval, olhos azues, faces brancas; um belo tipo na força dos vinte annos.

Era oficial do Zé d'Alonsa, e fazia parte da corporação dos bombeiros voluntarios. A farda côr de pinhão com os seus vivos encarnados, e o capacete reluzente de metal amarelo, ficava-lhe a

matar, e em dias de festa, sempre que havia ensejo para um exercicio ou piquete, o Coelho não deixava de fardar-se, percorrendo as ruas de Ponte, todo flamante, garboso, o braço esquerdo em arco apoiando-se negligentemente sobre o metal brunido do machado, o braço direito a bambolear, acompanhando a marcha cadenciada: — «um — dois, esquerdo — direito»...

O José Coelho sabia, como toda a gente da vila, que o Luiz de Navió cortejava a moça, e que o casamento ficara tratado quando o rapaz saiu de Ponte, mas isso, a seus olhos, não tinha o minimo valor, por saber, por experiencia propria, que as tricanas são voluveis... e que a questão é de paleio para as saber levar!

Alem do interesse que lhe inspirava a rapariga, e que o levara a fazer-lhe o seu «pé de alferês», havia tambem o desejo de pregar uma partida ao Luiz de Navió, porque este se afastara sempre da artistada, entregando se a uma vida exemplar, não frequentando tabernas nem jogatinas.

José Coelho, para conseguir avassalar o coração da cachopa, começou fingindo se apaixonado, a seguil-a por toda a parte, a importunal-a com galanteios, protestando um amor ardente e eterno, fazendo-lhe um cerco em fórma.

Um dia, a rapariga, muito apertada pelas declarações assucaradas do Coelho, cuja imagem ia substituindo no seu espirito a do namorado ausente, disse-lhe:

— Acordou tarde... agora não póde ser.

— E não me dizes pelo quê?

—Porque dei a minha palavra ao Luiz de Navió...

— Se a duvida é essa... isso tem bom remedio: é tornar com a palavra atraz...

— Quem dá e torna a tirar — ao inferno vae parar!

— Isso são lerias! Assim tu gostasses de mim... Casar comigo ou com êle, tudo é casar, não é assim?

— Lá isso é... vem a dar na mesma...

— E, depois, sabes lá tu se êle vem a casar contigo?!

— Ou êle! Então porque não havia de casar?

— Para quando prometeu fazêl-o?

— O mais tardar, em dois annos...

— Em dois dias dá o mundo muitas voltas, quanto mais em dois annos!

— Lá isso tambem é verdade. A's vezes de um instante para outro...

— Pois está visto. Ainda se êle estivesse na vila, vá que não vá! Mas lá para o Porto... sim.., não sei se me percebes... Tu bem deves ver...

— Sim... tambem me quer parecer... Ainda se êle estivesse na vila... sim...

— Quizesses tu... que em antes de dois annos já nós haviamos de ter um menino...

— Vá! Seu tolo...

— Já para o Natal podiamos estar casadinhos...

— Para o Natal?

— Sim, para o Natal... pois que duvida!... já este inverno não sentirias o frio...

— Cale-se, seu cachoeiro! Não tem mesmo vergonha nenhuma!

— Pensa bem, Chica. Não te arrependas depois...

— Ora!

— Não queiras ficar p'ra tia, vê lá!

— Não tenho irmãos nem irmans, para poder ter sobrinhos...

— Mais uma razão para encomendares um *chiquinho*...

— Ai que você hoje parece que *está de lau*!

— Ainda hoje não bebi nem pinga! E a prova de que não estou de lau é que te vejo muito bem, bonita e apetitosa como estás....

E como a querer comprovar praticamente o que dissera, José Coelho acercou-se mais da rapariga, passou-lhe lestamente um braço em torno da cintura, e, aconchegando-a a si, imprimiu-lhe na boca um beijo ardente, demorado, voluptuoso.

A rapariga não tivera tempo para furtar-se áquela explosão de desejo que o seu corpito gracil provocara, e ao sentir nos labios o contacto da boca escaldante de José Coelho foi como que se um fluido poderosissimo, de uma volupia estranha, intraduzivel, lhe invadisse todo o organismo. Dir-se-ia que uma lingua de fogo, a um tempo ardente como a lava, e fresca e doce como um morango, lhe beijara todo o corpo, indiscretamente. Sentia um prazer delicioso, um bem-estar inexplicavel, como um sonho divino...

José Coelho esperava que Chica, ao sentir-se atrevidamente beijada, tivesse um gesto, uma frase de revolta, mas qual?!... Vira-a ficar palida, os olhos cerrados, os pequeninos seios arfando, e com-

preendeu a impressão profunda que acabava de produzir, a agitação que provocara. Teve um sorriso de triunfo, e desligando o braço da cintura da rapariga, interrogou a carinhosamente:

— Sentes-te mal?

— Deixe-me... Doe-me a cabeça.

— Ficas de mal comigo?

— Deixe-me, deixe-me...

— Mas dize: não ficas zangada?

— Não, respondeu a rapariga... mas deixe-me...

— Pensa no que hoje te disse...

— Sim... Hei de pensar n'isso...

O dialogo e a scena que acabamos de descrever tiveram logar no parapeito posterior da capelinha de S. João, no escuro, enquanto na ermida as vozes arrastadas das raparigas entoavam os córos ingenuos da novena em honra do santo baptista, cuja festa se aproximava. Os musicos, sem as fardas marciaes, espaventosamente gaiteiras dos dias solenes, vestidos a troxe-moxe, faziam ouvir desafinadamente as notas dos instrumentos, muito aborrecidos, muito maçados, anciosos que a novena terminasse para irem molhar as guelas sêcas com meia canada de verdasco em casa da Petiscas ou da Carteira.

— O' Chica, vens d'ahi?

Era a Julia marchanta que tendo dado uma volta em torno da capela lobrigara a rapariga.

— Ah! és tu, Julia! Não te tinha ainda visto...

— Tu tambem vieste aninhar-te aqui para o escuro...

— Esteve a falar comigo, interveio o José Coelho.

— Estavas bem acompanhada, não haja duvida!

— Pois quê? A Julinha tem alguma coisa a dizer de mim? perguntou o rapaz, pouco satisfeito com a frase ironica da rapariga.

— Eu de si não tenho a dizer nada, volveu Julia, mas d'esta menina que está para casar...

— Mas que ainda não casou, atalhou José Coelho, e enquanto não fôr á egreja póde muito bem escolher outro noivo...

Ah!... murmurou Julia, e n'esta admiração consubstanciou toda a estranheza que lhe causava vêr que José Coelho se apresentava como pretendente de Chica, e que esta não manifestava a mais leve reprovação aos dizeres do rapaz...

José Coelho despediu-se das duas raparigas, e seguiu pela alameda fóra, vagarosamente, a preparar um cigarro.

No entretanto a novena terminara, e toda a gente que estava espalhada pela alameda, juntando-se ás tricanas e aos artistas que estavam na capela, seguiu a passo acelerado, por entre as filas de choupos que guarnecem o pitoresco passeio de S. João, em direcção ao largo de Camões. Os musicos, á frente, n'um ramerram fastidioso, desferiam a miscelanea musical que faziam ouvir invariavelmente desde que as novenas de S. João tinham começado n'esse anno, e que consistia n'uns compassos do fado do Hilario e do estribilho conhecido por *Carvalho santo*, e na musica popular do santo baptista.

— Então tu passas o pé ao Luiz? perguntou Julia marchanta, quando José Coelho ia longe...

— Porque dizes isso? Não é o José Coelho bom rapaz?

— Não digo menos d'isso, mas... o outro?

— Olha, se queres que te diga, eu nunca senti por êle grande coisa... sim, e depois a ida d'êle para o Porto... percebes? deu-me cá uma volta ao espirito...

— O José Coelho é mais bonito, lá isso é verdade...

— Pois então não é!

— E êle quer casar contigo?

— Pois já se deixa vêr que sim! O caso está só em eu querer...

— Se assim é, bem está. O outro que se conforme... que tenha paciencia!

— Hade têl-a, olé! A gente só deve casar por inclinação, pois não é assim, Julia?

— 'Stá visto. Se não, mais vale ficar-se solteira por todo o sempre...

— Que eu ainda heide pensar, que... sim... estas coisas não se urdem assim do pé para a mão.

— Canté! Bom rapaz é êle, e socegado, — dizem, que eu cá por mim não sei. E, depois, casando êle contigo talvez não vás pior do que com o outro...

— Sim?! interrogou Chica, sentindo um alvorotado prazer vendo que a sua amiga a pouco e pouco a incitava, inconscientemente, a desligar-se das promessas juradas a Luiz de Navió.

— Sempre é filho de uma bruxa! retorquiu Ju-

lia marchanta, dando á fisionomia uma expressão de pavor.

— Quem dizes tu?

— O Luiz, pois quem havia de ser...

— Ou êle! Então a mãe deita cartas?

— Pois tu não sabias?

— Eu não, mulher...

— Pois sabe-o toda a gente. Tem lá ido um *ror* de pessoas da vila... até fidalgas!

— Cruzes! Basta isso para eu já não querer saber d'êle. Será o Luiz bruxo tambem?

— O mafarrico o jure!

— E eu que ignorava tudo!

— O que te vale é que ainda estás a tempo... pois não estás?

— Graças a Deus!... Estou ainda muito a tempo... Filho de bruxa, ora o demo!

— Eu o que desejo é ver te feliz, porque sou tua amiga, tu bem o sabes...

— Tambem eu sou tua amiga...

— Mas tens segredos para mim...

— A'gora tenho!

— Ainda me não tinhas dito que o José Coelho te andava a arrastar a asa, e se hoje vos não encontro juntos de nada sabia...

— E' que eu ainda me não tinha decidido, por causa do outro, percebes?

— Mas agora já estás decidida, ora não 'stás?

— A bem dizer, não sei... mas, sim...

— Mas é como se já estivesses...

— Que me dizes tu que faça?

— Decide-te, menina; decide-te...

— Olha... sabes quem arrasta a asa á Rosa postiça?

— Quem é?

— O Albertinho Monteiro.

— Isso já é velho!...

— Mas parece-me que as bichas agora pegam..

— Sim?!

— Aquilo será para casar?

— Tu estás a lêr! Aquilo é rosquedo...

— Póde ser que não; êle anda muito embeiçado...

— Hade casar tanto com éla como casou com a padeira!

— Teem-se visto casos; ás vezes poderá ser...

—Não sejas tola! Os *cartolinhas* nunca nos falam em casamento: — é muita amizade pr'aqui, muita estima pr'acolá, mas quanto a falarem no matrimonio... isso «tó rola»! O que êles querem é apanhar-se servidos... depois «por aqui me sirvo»!

— E' assim... é...

— Por isso, minha amiguinha, fidalgas são para fidalgos, e tricanas para rapazes da sua egualha.

— Dizes bem!

A' porta da casa da Engracia doceira, as duas amigas separaram-se.

Chica disse á mãe que lhe doía a cabeça, e foi logo deitar-se. N'essa noite, porém, não dormiu; sentia o sangue agitado, queimando-lhe as veias, a cabeça pesada.

Capitulo VII

Desde aquela noite em que junto á capelinha de S. João beijara Chica, José Coelho adquirira a certeza de que a rapariga não saberia resistir-lhe, importando apenas conseguir merecer-lhe confiança...

Continuou a seguil-a assiduamente, protestando-se apaixonado, e instando com a moça para que respondesse ao pedido que formulara, e sobre o qual Chica ficara de pensar. Ele bem sabia que a resposta não podia deixar de ser-lhe favoravel, e por isso dizia-lhe de quando em quando: — Pensa, pensa bem; eu não quero que te arrependas depois... Eu esperarei que te decidas...

A rapariga se retardava a decisão prometida não era porque lhe minguasse desejo de confessar ao moço que o amava, mas sim para se dar a seus proprios olhos o merito enganoso de não se render ás primeiras investidas; não queria que a dissessem «estoeira» como tantas outras tricanas que de um dia para o outro mudam de conversado; queria aparentar de forte, a pobre!

José Coelho ria da irresolução da rapariga em

confessar-lhe o que êle sabia até á saciedade, e cofiando as guias do pequenino bigode loiro olhava para a rapariga com uns olhos de carneirinho mal morto que forçavam a moça a baixar os seus, muito enleiada, sentindo que a vista do mancebo a despia toda. E, mau grado seu, não podia revoltar-se, não podia fugir-lhe. Uma força irresistivel, um iman poderoso impelia-a para aquele rapaz que ousara beijál-a atrevidamente, brutalmente.

A si mesma perguntava porque razão conseguira enfeitiçal'a José Coelho, e perdia-se a invocar pretextos, qual d'êles mais absurdo e inaceitavel. O que era certo é que gostava d'êle, como nunca gostara de nenhum rapaz, e que só sentira que o amava, que era aquele o escolhido da sua alma, n'aquela memoranda noite da novena em que êle, chamando-a a si, lhe imprimira na boca virginal um beijo demorado, masculo, que lhe agitou todo o corpo, que a perturbou profundamente a ponto de não poder dormir, febricitante.

Foi na noite do fogo, na Boa-Morte, que a rapariga, na volta para a vila, um pouco desviada da mãe que seguia á frente com o bahu dos doces á cabeça, se decidiu a confessar a José Coelho que estava disposta a deixar o Luiz de Navió, para casar com êle, e não pôde resistir ao impulso de o informar que gostava muito d'êle, José Coelho, que

lhe queria muito, do intimo do coração como nunca quizera ao «outro»...

José Coelho simulou de alvoraçado com a nova, e para recompensar a franqueza da rapariga, com uma vozinha de mel, como n'uma confidencia custosa de revelar, disse-lhe que já gostava d'éla ha muito, mas que sabia que éla falava com o Luiz, e que por isso se abstivera durante mezes de lhe fazer a confissão do muito que lhe queria, mas que não pudera dominar mais tempo o amor que o devorava como lavaredas de uma fogueira enorme; que fôra uma luta gigantesca que tivera a sustentar consigo, porque ao seu natural franco repugnava uma traição, mas que a ardencia da paixão dominara todos os outros sentimentos, e por isso se lhe abrira, não podendo sofrer mais...

A moça enlevada, ouvia-lhe as frases mentirosas, que a éla se afiguravam cheias de sinceridade e encostava-se languidamente ao rapaz que lhe passara um braço á cintura, e que, comprimindo-a a si, encostava ao seu peito largo e forte a cabecita graciosa da rapariga.

Chica sentia-se bem, protegida na escuridão d'aquela noite sem luar pelo braço d'aquele esbelto moço a quem brevemente chamaria esposo, e que continuava a acarinhar-lhe os ouvidos com meigas palavras, com frases repassadas de ternura. O coração pulsava-lhe com violencia desmedida, e nos seus olhos castanhos, muito brilhantes, havia fulgurações que não passavam despercebidas a José Coelho que, apesar de pouco ilustrado e ignorante em questões scientificas, as atribuia aos emba-

tes das correntes electricas que mil confusos desejos desencadeavam no corpo franzino, histerico, da raphriga..

Pela estrada, aos ranchos, seguia animadamente o povilêo que passara a tarde na romaria, em comes e bebes continuados, n'uma grande esturdia, e que terminado o fogo de artificio, mirabulante, com foguetes de assobio, recolhia a penates, mais ou menos alegrote. Nuvens de poeira elevavam-se da estrada; perdiam-se na atmosfera as notas estridentes das cantigas que uma ou outra voz desferia, assim como os sons monotonos do harmonium que um padeiro da vila não se fatigava de manejar, obrigando os foles do instrumento a um vae-vem continuado.

Ao longe, no escuro do horisonte, divisava-se um clarão roxo, muito egual, como se fôra projectado pelo vidro vermelho de um farolim: — era a vila, a essa hora adormecida, mal iluminada pela luz de candieiros de petrolèo.

A filha da doceira e José Coelho, isolados dos outros ranchos, trocando as suas impressões, iam caminhando sempre sem olharem sequer para o azul do ceu onde raras estrelas de um brilho mortiço sintilavam, indiferentes ás cantigas que de longe em longe cortavam o silencio da noite, e ás vozes de harmonium que — zaz que traz! — o padeiro continuava a remoer sem piedade. Dir-se-ia que os dois não tocavam com os pés o piso da estrada poeirenta, e que vagueavam pelo espaço indefinido, graças ás asas da fantasia caprichosa, embriagante, que lhes povoava o cerebro...

Depois de um silencio, em que os namorados sentiam pulsar reciprocamente os corações, Chica, levantando para o seu companheiro os olhos, mais brilhantes do que os astros d'aquela noite sem luar, perguntou:

— E quando casa comigo?

— Porque não me tratas por tu? Entre nós não deve haver cerimonias, pois não é assim?

— Pois se assim o queres... eu por mim até estimo...

— Pois de «tu» é que eu quero que me trates sempre. Ou bem que me tens amor ou bem que não...

—Tu bem sabes que te quero muito... Se não gostasse de ti, bem deves ver que não deixava o outro...

— Ele ainda te escreve?

— Ainda.

— E tu?

— Eu tenho-lhe escrito de tempos a tempos; mas, d'hoje pr'ô futuro, nunca mais... acabou se tudo!

— E' bem que não deixes assim de todo de escrever ao rapaz, percebes?

— Para que hei de andar eu a enganál'o mais tempo?

— Para evitar que êle ás vezes faça qualquer tolice... sim, sempre é bom ter cautela, não te parece?

A' rapariga não lhe quiz parecer que fosse conveniente continuar ludibriando o pobre abandonado, mas não desejando contrariar José Coelho apressou-se a dizer-lhe:

— Pois sim, farei o que tu quizeres. Tu melhor do que eu deves entender d'estas coisas.

— Assim é que eu gósto de uma rapariga! Mulher que não faz todas as vontades ao conversado não as fará tambem depois ao homem... Eu cá sou d'este parecer, e tu?

— Eu, cá por mim, tambem, disse a moça sem profundar o dizer de Coelho.

Com a aquiescencia de Chica, o rapaz sentiu-se animado a proseguir arteiramente:

— Quando duas pessoas se querem bem a valer, o desejo do homem é sempre o da mulher. Namorada que me não satisfizesse os desejos não me serviria para mulher...

— Mas nem todos se devem satisfazer disse meio enleada Chica, e o seu pudor ferido fez com que as faces se lhe colorissem.

— Pois claro que não! Está bem de ver... e José Coelho para dissimular a contrariedade nascida do justo remoque da moça remordeu o labio inferior, e um riso escarninho rebrilhou-lhe nos olhos traiçoeiros.

—Então, quando casas comigo? interrogou d'ahi a minutos Chica pela segunda vez, por ver que a sua primeira pergunta prometia ficar sem resposta.

— Ancioso por casar contigo estou eu, podes crêr, porque te quero muito, e não é outro o meu desèjo.

E, dizendo isto, José Coelho para mostrar que as suas palavras emanavam da alma, traduzindo a justa aspiração de um peito amante, com a mão que tinha livre procurou a mão esquerda da rapa-

riga, que lh'a abandonou sem a menor relutancia, e comprimiu-a na sua, com força, n'uma caricia de hercules...

A' pressão da manapula, poderosa como um torniquete, a rapariga sentiu-se maguada, e exprimiu n'um «ai!» a sua dor.

— Que foi? perguntou o Coelho.

— E' que me trilhaste...

— Como?

— Foi a tua mão que me apertou os dedos com força... e fez com que este anel me maguasse.

— Não sabia que tinhas um anel... e é de oiro! concluiu o rapaz observando a modesta aliança que Chica guardava no dedo anelar.

— Foi o Luiz que m'o deu quando foi para o Porto, explicou a rapariga, e poz se a contemplar, como se pela primeira vez o fizesse, aquelle penhor de amizade, de uma amizade que éla repudiava agora, vencida por uma força estranha a que não podia resistir.

— E tu, dize-me, queres muito a esse «traste»?

— Não... não quero.

— Mas já quizeste!

— P'ra te falar verdade, nunca tive grande *aquela* por isto... E então agora... ainda menos!

— Então, para me provares que é verdade o que dizes, dá-m'o cá.

— Pois... sim; ahi o tens, e a rapariga tirou do dedo a argolasinha de oiro, e entregou-a ao conversado.

— Assim fico certo de que só a mim queres... e, com a maior naturalidade e desembaraço, o ra-

paz pegou no anel e introduziu-lhe, não sem algum esforço, o dedo mendinho da sua mão esquerda. E ficou a examinar por alguns segundos, meneando a sua mão calosa, o efeito que produzia aquele fiosinho de oiro muito brilhante.

Deixou-o satisfeito o exame, e, logo, voltando-se para a moça:

— Parece que me não fica mal, que dizes?

— Até te assenta muito bem, confirmou a rapariga.

— Pois está dito; fico com êle. Obrigado.

— Pois sim... o pior é se o «outro» m'o pede, atreveu-se a murmurar Chica, fazendo-se no seu espirito luz sobre aquela acção que a principio se lhe afigurara o mais natural possivel.

— Se t'o pedir, dize-lhe que o perdeste... Assim remedeia-se tudo.

Chica voltou ainda á carga:

— Mas tu queres isso, sabendo quem m'o deu?

— E' porque andou no teu dedo que eu lhe dou apreço, podes crer... porque o valor d'êle, tu bem deves ver, sim...

— Não tem grande valor; em todo o caso...

— Quaesquer tostões o pagavam!

— Lá isso tambem não! protestou Chica, vendo que o José Coelho depreciava, punha muito por baixo aquela joiasinha que éla recebera não ha muitos mezes cheia de satisfação, e de que tam orgulhosa havia sido.

— Digo-t'o eu... O oiro está muito barato. Toda a gente traz agora d'estas coisas...

A rapariga não ousou contestar, ainda que no

seu intimo uma certa revolta se tivesse operado, e que a sua razão lhe fizesse ver quanto era indigno o procedimento unico do seu conversado, despojando-a d'aquela lembrança que Luiz de Navió lhe ofertára como penhor de juramento. No seu cerebro, uma voz misteriosa bradava-lhe: «Tu não devias dar o anel... Já não era teu, já não te pertencia; tinhas a restituil-o a seu dono... Abandonas, quebrando os juramentos feitos, o infeliz que teve a ingenuidade de acreditar na tua palavra perjura, e julgas-te com o direito de dispor de esse bocadito de oiro que testemunhava o amor de êle, esse amor de que tu eras indigna?»

O seu desejo seria obrigar Coelho a restituir-lhe o anel, mostrando-se agastada; mas não podia fazêl-o, não tinha forças para isso. Receiava que êle se zangasse, que atribuisse a éla ainda amar Luiz o facto de não lhe querer abandonar a aliança. Por isso, só por isso, não ousou obedecer á voz da razão, e ficou-se, os olhos baixos, não ousando fitar José Coelho, silenciosa, n'uma grande amargura.

O rapaz, em face do silencio de Chica, compreendeu a luta que se debatia no cerebro da moça, e não desejando ficar mal visto a seus olhos, serviu-se d'este recurso para fazer capitular o resentimento legitimo da sua conversada:

— Se algum dia te arrependeres de me ter dado esta argola, é só dizêl-o... Está ás tuas ordens. O que eu não quero é que tu fiques agastada comigo.

José Coelho, chamando «argola» ao anel, pare-

cia não lhe dar mais valor do que se tratasse d'uma d'aquelas argolasitas de vidro imitando coralina que as raparigas do campo usam no Minho, e cujo custo não excede alguns vintens.

Como a rapariga não respondesse, José Coelho insistiu:

— Vê lá!... Se te arrependes, é só dizêl-o. O que eu não quero é que fiques assim a modos de amuada...

— Não estou zangada, balbuciou a moça, receiando, a pobresinha, têl'o já feito agastar...

—Ora ainda bem! Em que tens tu ido a pensar que não dás palavra? Parece que viste coisa má!

— Pensava no nosso casamento... aventurou-se a dizer a moça, aproveitando o ensejo para recordar ao Coelho as duas perguntas que anteriormente lhe fizera, e que ambas tinham ficado irrespondidas.

— Ah! sim?!...

— Sim. E' que desejava saber quando tu casavas comigo... Era só para saber, para ir arranjando as minhas coisas.

— Claro, claro... não se faz tudo assim sem mais nem mais! Tudo leva tempo e dinheiro... Tens razão... Pois eu, como já te disse, conto estar casadinho contigo em antes do Natal.

— Lá para novembro, não?

— Sim, lá para novembro...

A rapariga começou a contar pelos dedos: — agosto, um, — setembro, dois, — outubro, três, — novembro, quatro... São quatro mezes! E' um instante!

A alegria que lhe invadira a alma traduzia-se perfeita, nitidamente, no tom festivo em que a moça proferira aquelas frases: «São quatro mezes? E' um instante!»

José Coelho observou a influencia magica produzida pela sua promessa no animo da crédula rapariga, e viu o filão magnifico que tinha a explorar para conseguir dominar por completo Chica, seduzindo-a inteiramente, dobrando-a á mercê do seu capricho, dos seus desejos, tornando-a sua escrava.

Por isso, com o ar desolado mais bem fingido que era possivel, artista consumado, ciciou os ouvidos da moça:

— E já podiamos estar casadinhos ha muito... Ah! que se não fosse aquele maldito Luiz!... Se eu já tivesse cá uma certa conta, nem tanto esperaria, mas...

— Então, quanto é que tens?

— Anda por umas seis libras...

— Já não é má maquia!

— Isso parece-te a ti, mas é pouco... é muito pouco. Pelo menos, mais umas tres libras, sim... porque ha muitas despezas a fazer... Só para os padres é um ror d'êle... nem fazes ideia!

— Então os padres levam muito dinheiro para casar a gente?

— E' uma vergonha, uma ladroeira... Só visto!

— Mas não devia ser. A religião devia ser de graça, ora não devia?

— Lá que o não fosse pr'ós ricos, vá que não

vá... que esses teem «bagos», mas para os pobres... até brada aos Céus! Por essas e outras quejandas maroteiras é que o João Bravo se foi casar ao civil...

— Eu não queria, atalhou rapidamente Chica; parece que se não deve ficar bem casado á face de Deus...

— Lerias!... Isso é bom para os catolicos, mas eu cá sou socialista, retorquiu o Coelho com assomos de importancia.

— *Sacialista?*

— Socialista, sim; é uma coisa que tu não percebes... E' um partido novo cá da artistada.

— Mas eu, apesar de tudo, queria casar na egreja, sim?

— Pois sim, menina. Quem te diz menos d'isso?!...A tua vontade acima de tudo. Eu não te contrariarei em nada; o que tu quizeres é o que se ha de fazer. Pois então!?

— E's muito meu amigo, és!

Tinham chegado á vila. No Chafariz, José Coelho despediu-se da sua conversada, e subiu pela rua do Pinheiro em direcção a casa, lá em cima, perto do cruzeiro de Merim.

Chica aproximou-se da mãe, e com éla seguiu pela rua-estrada, a comunicar-lhe, n'um dulcido arrebatamento, que o José Coelho casaria com éla em antes do Natal, que estava apaixonadissimo por éla; que os dois haviam de ser muito felizes.

E a doceira, lembrando o defunto marido que tanto a estremecera, dizia á filha:

— Que Deus te ouça, Chica! Bem quizera eu morrer deixando te amparadinha...

— Quem fala em morrer?! Então vossemecê não me diz quem hade cuidar dos netos?

— E's uma tolinha!

— O que eu sou é muito feliz!

— Deus te ouça, filha!

Capitulo VIII

A sr.ª Mariquinhas, ou a Serventa, alcunha por que tambem era conhecida na vila, orçava pelos cincoenta annos á data da nossa narrativa. Era uma perfeita mulher, de boas carnes, bem conservada, frescalhona. Não tinha um cabelo branco na cabeça, nem uma ruga no rosto. Córada, olhar matreiro, boca bem traçada, nariz cheio, queixo redondinho com a sua barbela saliente, a sr.ª Mariquinhas reunia a estas qualidades fisicas uma alta qualidade moral: ser discreta. Segredo, por mais insignificante que fosse, de que a fizessem sabedora, era para éla coisa sagrada. D'ahi: a confiança desmedida que todos depositavam na sua pessoa, a preferencia com que a honravam para uma ou outra comissão melindrosa, a estima com que muitas familias a distinguiam, apesar da sua condição humilde de subalterna.

E' que na verdade a mulhersinha era uma d'estas creaturas preciosas, indispensaveis, n'uma terra pequena de provincia.

Até aos trinta annos fôra uma das melhores creadas da vila, tida e havida por modelo, e co-

mo tal requestada pelas casas mais ricas. N'essa altura, porém, uma ligação amorosa deu-lhe volta á cabeça, e a Mariquinhas (porque o titulo de senhora só mais tarde lhe adveio) deixou a casa dos condes de Merim, onde então servia, para ir viver *de casa e pucarinho*, com grande escandalo das pessoas honestas, com um amanuense da Camara, casado e pae de filhos. Este, um belo dia, como ovelha tresmalhada que volta ao rebanho, deixou-a, indo penitenciar-se junto da esposa da loucura que o fizera andar arredio alguns mezes. As pazes, como é de prever, fizeram-se a contento de ambas as partes, e a unica pessoa a sofrer com a infidelidade d'aquele marido—como tantos maridos, dirá a leitora que é casada! — foi a pobre Mariquinhas, que se viu abandonada, com a reputação perdida, e sem coragem para voltar de novo á sua antiga condição de serva.

Trabalhadeira que era, engomando, cozinhando, e costurando com perfeição, graças á pratica de uma experiencia de muitos annos, a Mariquinhas não desanimou ao encarar a situação em que se encontrava.

Fôra ludibriada com mil promessas em que tivera a veleidade de acreditar. Desabusada, vendo a perfidia de que fôra vitima, resolveu vingar-se, e traçou no seu espirito um programa que jurou executar fielmente. Não vão imaginar que se trata de uma vingança mesquinha; não, senhores, nada tinha de menos nobre a vingança que Mariquinhas se propunha tirar.

A rapariga, — que aos trinta annos, segundo as

opiniões autorisadas no assunto, a mulher está na sua mais bela quadra, a rapariga, diziamos nós, prometeu a si mesma caminhar independente através da vida, fazendo-se uma situação á força de trabalho e de canceiras, procurando tirar o maior partido possivel dos seus semelhantes, não desdenhando meios desde que alcançasse os visados fins, e sobretudo (aqui é que bate o ponto!) não se deixando iludir novamente por quaesquer promessas ou enganadoras palavras do bicho-homem. Porque, é bom dizer-se, desde que se vira repelida por aquele em quem confiara cegamente, a Mariquinhas ficou votando um odio de morte ás *calças*, e, para éla, o homem, a mais bela creação da deusa Natureza, ficou sendo para todos os efeitos o «bicho-homem», qualificativo deprimente que, pronunciado pela sua boca rancorosa, tomava proporções dantescas, de arrepiar os cabelos!

Ficou a residir na mesma casita terrea, ao Arrabalde, em que tinham decorrido os dias mais felizes e serenos da sua vida, quando se julgava amada, se é que realmente o não era, e ahi assentou o seu arraial, em pé de guerra, ambicionando conquistar a vila, serenamente, paulatinamente, á força de trabalho, de tenacidade e de astucia.

Começou a trabalhar para fóra, a estar aos dias n'uma ou n'outra casa, substituindo creadas de sala ou de cozinha; prontificando-se a fazer recados, a ir á fonte, ao rio; não desdenhando finalmente, qualquer trabalho que se lhe proporcionasse de costura ou de goma. Muito limpa, cozinhando a primor, sabendo manufacturar uma grande varieda-

de de doces, chamavam-a sempre que se tratava de um jantar a capricho, por ocasião de boda ou de baptisado. Pagavam-lhe bem,e as gorgetas não escasseavam. Os hoteis da terra, pelo tempo das festas — S. João e Feiras-novas — disputavam-a com empenhos, e a Mariquinhas, para não descontentar ninguem, ora prestava os seus serviços ao hotel do Passeio, ora ao do Marcos, mostrando-se desinteressada nas pagas, não marcando preços, fazendo-se querida.

Em breve, viu-se recebida nas melhores casas, e não só recebida, mas acarinhada. O facto da ligação amorosa que tivera constituia até a seu favor um titulo de consideração que éla não explorava, seja dito em abono da verdade, mas que não se mostrava maguada que os outros explorassem em seu proveito d'éla.

Muitas vezes lhe diziam aquelas pessoas honestas que a tinham alcunhado de perdida quando éla deixara a casa dos condes de Merim: — «Então aquele maroto nunca mais quiz saber de si?»

— Nem que êle quizesse, minha sr.ª, respondia éla, eu é que não estaria pelos autos... Para vergonha, bastou o que lá vae! E baixava o olhar, pudicamente, como donzela molestada por algum proposito menos honesto.

— Faz bem! faz muito bem, sr.ª Mariquinhas! não precisa d'êle para nada... De mais a mais o tratante é casado, e as posses não são muitas... A mulher até dizem que passa fome!

E a sr.ª Mariquinhas (já então *senhora*) respondia que não sabia de nada, e de nada queria saber...

— Quando me falam n'êle até me sinto a modos de agoniada, dizia, e fazia esgares de quem sente as ancias do vomito, muito apoquentada.

Promovida a sr.ª, só faltava uma alcunha para classificar definitivamente entre as Marias da terra aquela creatura que soubera tornar-se precisa, util, imprescindivel em todas as casas. Porque em Ponte as alcunhas completam os nomes propios, como uma especie de segundo baptismo. É a consagração popular de um individuo. Sem a alcunha, ha muitos tipos provincianos que não deixariam de si a menor lembrança na memoria dos conterraneos; com a alcunha, ao contrario, deixam um nome duradoiro, muitas vezes imperecivel, transmitindo-se de geração em geração. Ora a sr.ª Mariquinhas não podia escapar a esse baptismo, e a breve trecho a alcunha de *Serventa* tornou-lhe mais comprido o nome, classificou a por assim dizer entre as camadas sociaes da vila.

Foram correndo os annos, e a sr.ª Mariquinhas foi medrando, engordando; conseguindo um *pé de meia* muito apreciavel, dando algumas moedas a juro; creando os seus cevados, enchendo a casinha, passando a viver com certo conforto e abastança, cada vez mais procurada, com maior credito. Ninguem como éla para descobrir um creadinha geitosa, para arranjar uma ama, para se encarregar da venda de alguns objectos de oiro e prata, ou de algum vestuario caido em desuso. Muito fiel, incapaz de subtrair a mais insignificante frioleira, nunca metendo a unha nas mercas de que a incumbiam, a sr.ª Mariquinhas era na verdade

uma creatura preciosa, da feição d'aquelas de que é vulgar dizer-se que se não existissem era forçoso inventál-as.

Fiel ao juramento que in-mente formulara de se não deixar enganar segunda vez, a sr.ª Mariquinhas resistiu a todos os assaltos que desde os trinta aos quarenta annos assediaram a sua virtude, — porque dos trinta aos quarenta ainda foi, na opinião geral, um *bom bocado*.

Considerava-se como viuva ciosa do seu renome de mulher honesta, e, éla o dizia, só tinha tido em dias de sua vida uma «escorregadela» que o seu comportamento posterior fazia esquecer e perdoar. — Ora uma nodoa cae no melhor pano, acrescentava... e ninguem diga: d'esta agua não beberei!

Uma das casas sempre abertas para a sr.ª Mariquinhas era a das irmans Santeiras, ás quaes prestava de tempos a tempos pequenos serviços, e que a recebiam quasi como a egual, como de familia. A creatura não abusava, sabendo conservar-se n'um pé de inferioridade que ás duas irmans não passava despercebido, e por isso mais afeiçoadas lhe eram. Quando qualquer dificuldade entravava o sereno deslisar pela vida d'aquelas irmans, logo uma d'élas alvitrava a solução salvadora: — Chama-se a sr.ª Mariquinhas. — Pois sim, logo a outra concordava, com um certo resentimento por não ter sido a da lembrança. Era chamada a sr.ª Mariquinhas, posta ao facto da questão a resolver, e tudo se arranjava n'um pronto. Em casos taes, a mulhersinha não proferia a frase de Cesar: — «Veni,

vidi, vici», mas ia se toda contente, muito satisfeita, com o orgulho legitimo ao ter prestadò um bom serviço, porque a Serventa, apesar da mira na remenpração, no «rico dinheirinho» preocupação principal da sua existencia, não tinha má indole, e toda se ufanava quando podia ser util, quando podia fazer um favôr ás «senhoras».

Na vespera da romaria de Santo Amaro, a sr.ª Mariquinhas, pela tardinha, apresentou-se em casa das Santeiras. Tinha um cordão de oiro para vender,e lembrara-se da Rosinha. Era uma pechincha... a rastos de barato.

-- E de quem era o oiro? inquiriram, curiosas, as irmans Santeiras.

— Quem m'o deu para vender foi uma irman da cunhada do José do Postigo, informou a sr.ª Mariquinhas.

— Então a moça está precisada?

— Quem fala n'isso! Nunca esteve tam bem como as presente... Está de alto!

— Sim?! Conte nos isso..:

— Pois as senhoras não sabem?

— Não, não sabemos; bem sabe que, salvo para ir á missinha, nunca saímos...

— Pois é como lhes digo, a Terezinha está agora muito bem... Arranjos!

— E êle, quem vem a ser?

— Eu digo o porque não faço misterio com as senhoras, mas, pelo amor de Deus, não me comprometam... E' o Ventura.

— Ou êle! rosnou uma das Santeiras. Então o dianho do homem não tinha uma menina honesta para casar?

— Tinha, ora se tinha! mas as senhoras que querem?!... o homem gostou de terreno desbravado. Diz êle que assim quando éla lhe faça nariz torto a põe a andar, e arranja outra.

— Que perdição!

— Vidas... vidas, minha senhora. Pois ainda um dia d'estes êle lhe deu um cordão, grosso como este dedo, todo massiço, obra do Porto... Não lhe havia de ter custado nada barato.

— Por isso éla vende o outro.

— E não o vende nada caro, não, senhoras. Pouco mais do que o peso...

— Quanto é que tem?

— Dezeseis mil réis já me dava o ourives de Braga. Mas eu quero ganhar alguma coisinha, sim... as senhoras compreendem... Por dezoito, é negocio feito... e é pechincha!

— Claro está. Faz a sr.ª Mariquinhas muito bem. E' preciso fazer pela vida.

— E então agora que está tudo a encarecer, que é mesmo por de mais!

— A quem o diz, sr.ª Mariquinhas! Nunca se viu uma carestia assim!

— Estão á porta as Feiras novas. E' o sabido...

— Mas é que este anno é mesmo uma pouca vergonha! Os ovos a nove vintens!

— E então as galinhas, isso nem falar! disse piscando os olhos a Serventa, para dar maior realce ao seu comentario.

— Não admira. Os governos tambem deixam que vá tudo para Espanha... Eles lá a comerem boas galinhas e ovos; nós cá a fazermos cruzes na boca, — e uma das irmans Santeiras confirmou pelo gesto a frase já de si bem expressiva.

N'esta altura, a sr.ª Mariquinhas que anciava por terminar o negocio que a levara a casa das Santeiras, pediu licença para ir ter á cozinha com a creadita a ver se esta lhe comprava o cordão.

— Vá, vá, sr.ª Mariquinhas. A rapariga tem algum dinheiro, mas talvez lhe não chegue.. Em todo o caso, se éla quizer o cordão, nós cá estamos para adiantar o que fôr mister... Que éla já não é a mesma ha uns tempos para cá...

— Algum namorico, não?

— Nós não sabemos nada, mas andamos, como o outro que diz, com a pedra no sapato...

— Raparigas, raparigas... Pois se as senhoras consentem, vou-me então aonde á moça, — e a sr.ª Mariquinhas encaminhou-se para a cozinha, encontrando Rosa a arrumar a louça que servira ao jantar, de mangas arregaçadas, deixando a descoberto os bem torneados braços de uma brancura de leite.

— Viva quem é uma flor! disse a sr.ª Mariquinhas em fórma de comprimento amavel.

— Seja muito bem aparecida, sr.ª Mariquinhas. Como tem passado?

— Bem, graças a Deus... como está vendo. E a menina?

— Não ha mal que me chegue!

— Pois assim mesmo é que se quer. Em havendo saudinha e barriguinha cheia, é dar graças ao Altissimo!

— Então o que a trouxe por cá? interrogou Rosa, e ofereceu um banco de pinho á Serventa, que se não fez rogada para aceitál-o.

— Vinha mostrar-lhe isto... – e a sr.ª Mariquinhas tirou da algibeira o cordão de oiro, e passou-o para as mãos da rapariga.

Rosa ficou como pasmada. Mirava e remirava o cordão, tomando-lhe o peso, acariciando-o com os dedos, mudando-o de uma para a outra mão, como uma creança

— Que lhe parece? Agrada-lhe?

— Gósto, gósto muito... E' bonito, lá isso é, mas deve ser caro, não?!

— Ora diga lá, menina, quanto lhe parece?

— Eu sei!...

— Diga, diga sempre, insinuou a sr.ª Mariquinhas, mostrando se risonha.

— Algumas seis moedas... sim, que êle pesa bastante.

— Mais do que isso custou êle, olé! Mas vende-se muito baratinho... Por isto me lembrei da minha linda joia. Não é para que me agradeça, não, senhora, mas á que gósto da Rosinha, *cá de dentro*, palavra!

— Eu sei que faz o favôr de ser minha amiga... Quanto custa então o oiro?

— Para o meu rico amorsinho custa quatro libras só, dezoito mil réis...

— E' muito dinheiro!

— Pois ainda agora a menina o avaliou em seis moedas, e acha-o caro por quatro libras! Ou éla!

— Não é que o ache caro, mas é que é muito para as minhas posses... Se fosse mais baratinho, comprava-o, lá isso comprava...

— Mas vamos ao caso: gosta ou não gosta a menina do cordão?

— Lá gostar gósto eu, mas o pior é o dinheiro que me não chega. Ganho muito poucochinho... a sr.ª Mariquinhas bem sabe...

— Ora vamos lá a saber: quanto é que a menina tem?

— Anda por uns treze mil réis, mais tostão menos tostão...

— As senhoras abonam-lhe o que falta; já m'o disseram, digo-lh'o eu...

— Não queria ficar a dever ás senhoras...

— Pois se a menina quizer, tambem eu lhe espero pelo dinheiro. Quer?

— Muito obrigada. Mas tudo é dever...

—Não se prenda por isso, Rosinha. Dever não é deshonra nenhuma.

— Pois então sempre acceitarei o favor das minhas amas, já que élas se prontificaram. A' sr.ª Mariquinhas sempre póde fazer diferença

— Como queira, menina. Eu o que fico é contente por lhe ter vendido o cordão. Olhe que é uma boa peça! Poucas creadas na vila os terão eguaes... Ora ponha-o ao pescoço, a ver como lhe fica; ora ponha.

Rosa acedeu prontamente ao convite, e lançou

o cordão de oiro ao pescoço, dando-lhe duas voltas.

— Ainda lhe podia dar outra volta, Rosinha, que êle chegava .. mas assim, melhor lhe fica á «fisionomia do rosto». Fica-lhe bem devéras. Até parece mais bonita, palavrinha!

— Está a mangar...

— Falo em consciencia, acredite. Não tem ahi um espelho?

— Tenho no meu quarto... Vou lá n'um pulo, e de caminho lhe trago o dinheiro.

— Que préssa, santo nome de Deus! Eu não desconfio da menina... Temos muito tempo.

— Não, não, sr.ª Mariquinhas. O que se tem de fazer hoje não se deve deixar para ámanhan. Vou-me pelo dinheiro.

A rapariga, radiante de alegria, galgou n'um instante as escadas que conduziam á mansarda onde tinha o seu quarto, e foi direita á janela que dava para o telhado. N'um dos caixilhos estava preso por um prego um pequenino espelho diante do qual a creadinha procedia diariamente ao arranjo da sua toalete.

Mirou-se a êle, enlevada, compondo os cabelos, endireitando as voltas do cordão que se salientava, brilhantissimo, no seu pescoço de neve; desapertou um pouco o chambre deixando cair sobre a fina epiderme do colo aquele fio de oiro que lhe produzia uma sensação de gelo muito agradavel, e os seus olhos bailavam de contentes, e um tremor nervoso agitava-lhe os labios...

Era bonita, realmente bonita, e o cordão — bem

dizia a sr.ª Mariquinhas — parecia que ainda lhe realçava mais a natural beleza.

— Já ámanhan o levo a Santo Amaro, disse para consigo a moça. E' uma surpreza para o sr. Albertinho... Ele deve gostar.

E continuava a olhar-se ao espelho, toda satisfeita, esticando o cordão de encontro aos seios rigidos.

De repente, como se uma ideia, subito, lhe invadisse o cerebro, a rapariga abotoou o chambre, deixando o espelho, e encaminhando-se para a arca.

Da saquinha de missanga que guardava as suas economias, tirou todo o dinheiro que em tres annos conseguira juntar: — uma nota de cinco mil réis, uma de dois mil e quinhentos, quatro de cinco tostões, oito corôas em prata e alguns tostões de egual metal. — Quatorze mil réis e mais dois tostões! Tinha mais do que cuidava! Vamos a guardar os dois tostões para ámanhan.. Não heide ir para a romaria sem dinheiro.

Fechou a arca e desceu a escada.

A sr.ª Mariquinhas já começava a impacientarse com a demora da rapariga tomando-a á conta de se *fazer pouco d'èla*, que não estava habituada a desconsiderações.

— Ia tirando o aço ao espelho, Rosinha... Ai raparigas, raparigas!

— Desculpe, sr.ª Mariquinhas. E' que estive a contar a dinheiro... Aqui tem a sr.ª quatro libras menos quatro mil réis. Eu vou pedir ás senhoras o restante...

A sr.ª Mariquinhas contou o dinheiro, examinan-

do as notas, e fazendo tilintar uma por uma as moedas de cinco tostões.

— Está certo. Quatorze mil réis.

— Eu tinha um favôr a pedir-lhe, sr.ª Mariquinhas, mas não sei se me atreva ..

— Diga, diga, menina. Só se eu não puder é que a não sirvo. Então do que se trata ?

— E' que eu fazia muito empenho em ir ámanhan a Santo Amaro, sim... mas não tenho companhia...e, se a sr.ª Mariquinhas fosse, as minhas amas não me diziam que não...

— Mas eu ámanhan já estou comprometida...

— Ora ! o caso é a sr.ª Mariquinhas querer ! E' a primeira coisa que lhe peço...

— Eu não sei dizer que não ao meu amorsinho, mas é que na verdade não sei como hei de dispôr a minha vida. Deixe isso para outra ocasião...

— Não póde ser. Amanhan é que eu faço empenho em ir...

— Namorico no caso, hein ?

— E' verdade, sr.ª Mariquinhas, é, mas não diga nada ás senhoras...

— Sua *bagageira !*

— Faz-me o que lhe peço, faz ?

— Bem, eu cá arranjarei as minhas coisas, custe o que custe. A que horas quer a menina ir ?

— Depois do jantar.

— Pois está dito. O ponto é as sr.as deixarem..

— Com a sr.ª Mariquinhas, deixam me ir para toda a parte...

— E se élas sabem que a menina vae á festa por causa de alguem ?

— A sr.ª Mariquinhas não diz nada, pois não?

— Eu, não, menina, mas tudo se sabe n'esta maldita terra... Veja lá o que faz! Eu cá por mim. . lavo as minhas mãos

— Não lhe dê cuidado, sr.ª Mariquinhas. As minhas amas de nada saberão.

— Bom. Vamos até aonde a élas, a ver o que se arranja. A menina quer que eu lhes fale?

— No dinheiro lhes falo eu... e se a sr.ª Mariquinhas fizesse favor falava-lhes então na romaria, sim?

— Seja! Vamos a isso.

As Santeiras, depois de leve oposição, consentiram em que a creadinha fosse no dia immediato á romaria de Santo Amaro na companhia da Serventa, a quem recomendaram que olhasse pela rapariga, que a vigiasse.

Ficou combinado que ás duas horas a sr.ª Mariquinhas viria buscar a moça, e que esta entraria em casa ao anoitecer, trindades.

Rosa ficou satisfeitissima, e a sr.ª Mariquinhas retirou-se não menos satisfeita. Comprara o cordão á irman da cunhada do José do Postigo por tres libras, e conseguira vendêl-o por quatro. — Não fizera mau negocio, não, senhor... Sempre ganhara uma librita! Vidas!

Capitulo IX

As romarias no Minho estão em decadencia, prova manifesta de que a fé se vae esboroando dia a dia na alma dos rusticos. Os romeiros de anno para anno diminuem, e de anno para anno se vae constatando que é maior o numero de tabernas que se alastram por esta saluberrima provincia. A Egreja tem perdido, innegavelmente, e a Sociedade tambem. Por isto, talvez, a immoralidade é maior, havendo freguezias minhotas que rivalisam perfeitamente com os mais crapulosos bairros da capital.

De quem é a culpa ? — Quer-nos parecer que se deve atribuir ao clero, inconsciente da sua alta missão, na sua maioria constituido por individuos desprovidos de senso moral e de cultura intelectual. Porque, salvo raras excepções, o padre no Minho não é um sacerdote, é um traficante. Ser padre é aos olhos de muitos um oficio, um meio de fazer fortuna ; uma ida ao Brasil, sem os perigos da viagem e o risco da febre amarela. E o caso é que por estas aldeias minhotas as *arvores das patacas* vicejam, e ha padre que saiu do seminario sem vintem e que por sua morte deixa dezenas de contos

aos... afilhados. A usura, esse apanagio dos judeus, passou para as mãos dos que se dizem sacerdotes de Jesus Cristo!

Não inventamos, nem carregamos a nota; reproduzimos aqui o que é do dominio publico, e cuja veracidade salta aos olhos do menos atilado observador. São raros, são rarissimos os sacerdotes que compreendem a alta missão que lhes cabe como representantes da doutrina sacratissima de Jesus.

Vem este aranzel a pêlo para dizer-vos, leitores, que hoje em dia as romarias no Minho não teem a concorrencia e o brilhantismo de outras eras, convertidas em simples pretextos para uma passeata e uma taina ao ar livre.

Ainda ha fieis, sim; ainda ha romeiros cheios de fé que vão cumprir religiosamente as promessas feitas ao santo que invocaram em momento angustioso, quando desanimados da eficacia da medicina, ou antes da sciencia dos curandeiros, porque o curandeiro é chamado de preferencia ao medico, por um absurdo e revoltante espirito de forretice.

Ha camponez que tendo partido uma perna ou deslocado um braço vae ter em primeiro logar com o ferrador, caso que alguem com fina ironia já quiz justificar invocando leis de atavismo.

Ha ainda romeiros cheios de fé, diziamos nós, mas o seu numero é diminuto, e a nosso ver com tendencias para ainda se reduzir mais. Porque a egreja é a primeira a abalar a crença dos simples, facilitando-lhes de mãos abertas os meios para se

libertarem de uma promessa penosa de levar a cabo. — Por dinheiro tudo se consegue, até da egreja! vae dizendo para consigo o rustico, e, n'esta persuasão, as crenças incutidas desde o berço vão perdendo terreno, mirrando a olhos vistos.

A uns tres kilometros de Ponte, na estrada de Braga, á esquerda do viandante, n'uma ligeira encosta, oferece-se á vista um semi-circulo de terreno inculto, saibroso, que um fundo de pinheiraes faz realçar, e onde se ergue a capela de Santo Amaro, modesta ermida de brancos muros, sem ornatos exteriores da menor especie. E' uma egrejasinha pobre, mal cuidada, e que ao observador estrangeiro á terra dará a impressão de capela sem rendimentos, — salvo se esse observador reparar n'uma enorme caixa de pedra com solida tampa de ferro que serve de receptaculo ás esmolas que os fieis depositam através os varões de um postigo sempre aberto, e que vão sumir-se na enorme caixa graças a uma lingueta de ferro que a liga ao postigo por um modo simples e engenhoso Da caixa, as esmolas passam para o abade da freguezia. O santo, claro está, não reclama!

A' esquerda do templosinho, uma carvalheira secular sombreia com os seus braços gigantescos o local, protegendo com a sua ramada os que fogem á ardencia de um sol de agosto.

Da estrada desce-se um ligeiro socalco para nos acharmos em plena romaria.

Duas horas da tarde.

O dia está bonito, um belo dia de verão em que o ceu é todo de um azul sem mancha, resplandecente, e em que o sol joeira sobre a terra uma poeira de oiro, salpicando de luz as folhas verdes das latadas e doirando a estrada onde se reproduzem em sombras fantasticas as ramarias das arvores que marginam o caminho, — sobreiros, carvalheiras e eucaliptos.

A' sombra da gigantesca arvore, que é o melhor guarda-sol da romaria, varias mesas de pinho estão dispostas a que abancam dezenas de romeiros, saboreando o vinho vêrde que vae regando copiosamente o peixe frito, as sardinhas, e a saborosa borôa minhota.

Protegido por toldos de linhagem ou de pano cru, aqui e acolá, algumas improvisadas tascas a que não falta concorrencia de freguezes, graças aos bolinhos de bacalhau, ao loiro arroz de forno, e á pinga de primeirissima ordem. Em carros de bois, pipas cheias de vinho esperam a sua vez. Pela encosta, até lá em cima ao caminho orlado de altos pinheiros, onde corre uma veia de agua saborosa e limpida, protegidos pela sombra das arvores ou pelos muros da quintarola do Domingos Lopes, aos

grupos, ranchos de romeiros entregam-se á tarefa de devorar as merendas substanciaes trazidas ás vezes das proximidades de Braga e de Barcelos.

A' esquerda da capela, n'uma elevação do terreno, alinham-se as mesas das doceiras, cobertas com alvas toalhas de linho e rendas, onde estão dispostos os doces para todos os paladares, ou antes para todos os dentes, porque ha doces, leitores, que só partidos á picareta é que nos dariam a impressão de não estarem totalmente petrificados.

Proximo ás doceiras, abrigadas pela sombra da ermida, algumas mulheres, em cestos e taboleiros, oferecem á venda peras e tremoços, a que o rapazio faz honra.

Uma banda de musica, pataqueira, de uma freguezia proxima, n'um costume ultra-comico, faz ouvir as peças do seu *avariado* reportorio, n'uma desafinação que vae crescendo á medida que os executantes vão *molhando a palavra*. Para o fim da tarde a desafinação atinge um tam intenso grau que é impossivel que semelhante inferneira possa ser ultrapassada no dia de juizo final!

Em torno da egreja de Santo Amaro, caminham processionalmente os romeiros que veem a cumprir suas promessas, sobraçando alguns canhotos imitando braços e pernas, de uma imperfeição grotesca, de que n'um recanto da ermida ha fornecimento consideravel. Alguns romeiros sobraçam perto de uma arroba de pinho, dando duas e tres voltas em redor da capela.

Uma ou outra romeira, em cumprimento de um voto, arrasta-se de joelhos sobre a terra, ampara-

da por duas pessoas de familia, atè que as forças lhe faltem por completo... Outra segue-a amortalhada n'um manto de bailarina, salpicado de estrelas de papel prateado, e os curiosos, quando éla passa, grave e aprumada, motejam-a, chamam-lhe a *morte em pé*...

A' porta da sacristia, o sr. abade, acompanhado pelo cura, Padre João Padiola, recebe, todo risonho, os presentes dos seus freguezes, e as remissões das promessas: — cestos de ovos, galinhas, frangos, presuntos, coelhos...

O sr. abade não recebe dinheiro; o vil metal repugna-lhe. Manda-o deitar na caixa das esmolas do Santo...

E' um gosto quando depois da festa abre o cofre, e conta a receita do afortunado estabelecimento. — O anno não foi mau, não, senhores! — E, radiante, esfregando as mãos, o sr. abade compra mais um campo ou umas inscripçõesinhas, e dá um fato ao afilhado.

Pela estrada, a pé ou em carros de toda a ordem, ha um vae-vem continuado de romeiros. No mesmo dia, tem logar na freguezia de Sá a romagem ao Senhor da Saude, e a maioria dos romeiros não falta a essa peregrinação.

As guiseiras dos cavalos, tilintando alacremente dão certa animação á festa, assim como as luzidias cornetas de metal amarelo que os condutores das diligencias fazem ouvir estridentemente.

Ainda não era uma hora quando Alberto Monteiro saiu da vila em direcção a Santo Amaro, sob um calor asfixiante. Não queria chegar á romaria depois da sua namorada, e d'ahi o ter-se metido ao caminho tam cedo, disposto a jantar no local da festa.

Proximo á quinta do Sobral, encontrou Julio Valente, que não faltava a nenhuma festa ou patuscada, e os dois seguiram, conversando, até á romaria.

Ali, procuraram a sombra de um castanheiro, rente á estrada; mandaram vir uma caneca de vinho e duas malgas brancas, provadeiras, e estenderamse o mais comodamente possivel sobre uma nesga de relva.

Conversando, e esvasiando o rubro licor, Alberto não deixava de olhar a estrada, procurando divisar o vulto de Rosa, cuja demóra o inquietava. — Não virá éla? dizia para consigo, e uma nuvem de tristeza toldava-lhe a vista á simples lembrança de que Rosa não pudesse cumprir a promessa feita na vespera.

— Tu esperas por alguem? interrogou Julio, reparando na inquietação evidente do amigo.

— Espero, respondeu o outro, laconicamente, sem encarar o interlocutor.

— Mulher... saias... claro está!

— Pois claro que não é macho!

— Já sei quem é; escusas de pôr mais na carta...

— Isso hade ser basofia!

— Queres tu apostar?...

— Perdias a aposta, disse Alberto, encolhendo os hombros.

— Valeu a aposta ?... Cinco tostões, queres?

— Não aposto...

— E' que perdias á certa

— Quem é então ? dize lá!

Como resposta, Julio Valente poz-se a cantar a conhecidissima quadra:

«Que lindo botão de rosa,
Aquela roseira tem;
De baixo ninguem lhe chega,
A cima não vae ninguem...»

— Não te percebo, exclamou Alberto, um tanto despeitado. Explica-te, homem!

— Botão de rosa... *Rosinha*, percebeste agora?

Alberto não pôde deixar de sorrir, e, fitando o amigo, perguntou-lhe:

— Como é que sabes isso ?

— Ora a grande coisa! Toda a gente o sabe na vila... Vamos lá, em que altura vae o negocio ?

— Em que altura ha de ir ?! Falamos... nada mais...

— Pois ainda és de bom tempo. Eu cá, no teu logar, palavra d'honra, bucta-bucta, já tinha conquistado a praça!

— A Rosa não é d'essas. E' muito boa rapariga...

— Não tem nada de má, não, senhor, tambem digo, mas por isso mesmo...

— Por isso mesmo, o quê ?

— E' fruta apanhadoura, e se outro o hade colhêr, aproveita-a tu, meu caro...

— E's tolo!

— E tu é que és o ajuizado, sim, senhor! Nem pareces estudante de Coimbra!

— Que te pareço então?

— A falar verdade, pareces-me parvo...

— Explica-te ao menos...

— Pois já que assim o queres, ahi vae: — tu gostas da rapariga, e não tens mau gosto; a rapariga gosta de ti, e não dispõe mal do coração, vamos lá! porque sempre será melhor para éla dál-o a ti do que a um codeas qualquer. Logo, conclusão evidente, logica, racionalissima.................

....

As reticencias marcam discretamente o conselho que Julio Valente deu ao amigo, e que, no seu entender, era a conclusão logica e racionalissima das relações do estudante com a creadinha das Santeiras.

Alberto fitou o amigo com o semblante carregado, e respondeu, gravemente:

— Nunca pensei n'isso, palavra de honra!

— Queres então, pelo visto, casar com éla?

— Não, não penso n'isso tambem...

— Pois, menino, se não queres que te fique tendo na conta de parvo, faze o que te disse em quanto antes...

— Quanto antes, dizes tu?

— Quanto antes, sim. Não voltas tu em outubro para Coimbra?

— Mas não fico por lá, bem sabes...

— Pois sim, menino, mas quando voltares a ferias será tarde... Poderás encontrar a gaiola, mas já não encontrarás o passaro! Pensa no que te disse!

Alberto enrolou nervosamente um cigarro, acendeu-o e colocou-o no canto da boca, e, fazendo dos braços travesseira, mais se estendeu sobre a relva, deixando por momentos de visar a estrada que até ahi não perdera de vista, preso do desejo de vêr chegar Rosa. Nas nuvensitas de fumo que o cigarro ia expelindo parecia que o rapaz via o quer que fosse que lhe prendia todo o pensamento, alheando-o por completo do local da romaria. Julio não quebrou o silencio; examinava o amigo, e sorria-se maliciosamente, com um risinho mefistofelico, de fauno.

A banda de musica estropeava a esse tempo, com um berreiro de clarinetes, a marcha da «Carmen» de Bizet Como pouco passava das duas horas, ainda se podia distinguir que era a «Carmen» a partitura parodiada. Lá para a tardinha seria dificil averiguar se os instrumentos produziam notas — se vinho.

N'isto assomou na estrada um grupo feminino: a sr.ª Mariquinhas e a esbelta creada das Santeiras.

A Serventa, no seu trajo de merino preto, de ver a Deus, lenço de seda encarnado á cabeça, bastos cordões de oiro ao pescoço, chale no braço, sombrinha de sarja verde, sapatos de polimento, vinha majestosa, lembrando uma senhora morgada de 1830. A creadinha das Santeiras vestia uma saia

de chita azul polvilhada de estrelas brancas, com duas largas barras de veludilho preto, chambre de gorgorina encarnada guarnecido a espeguilha branca, lenço de seda creme ao pescoço, avental de veludo com sua caprichosa barra de vidrilhos, meias encarnadas, e chinelinhas, as lindas chinelinhas portuguezas, de verniz, deixando a descoberto o peito do pé, saliente, provocante. Sobre o chambre, destacava-se o cordãosito de oiro que Rosa comprára na vespera, e que lhe prendia as pontas do lenço de seda. O cabelo, muito bem penteado, a descoberto, irradiava a luz que o sol lhe feria, como chapa metalica ou lamina de cristal.

Vinha bonita, devéras bonita, a cachopa.

Julio avistou as duas, e despertou Alberto do seu entorpecimento: — Olha quem ahi vem!

— Ah! que dizes tu? interrogou o outro, como tendo realmente despertado de um sono, porque, se Alberto sonhara, a verdade é que não dormira...

— Ali tens a Rosinha, meu maganão... E bonita que éla vem!

De um salto, Alberto poz-se a pé, e encaminhou-se para a estrada para ver os seus amores. Quando encarou Rosa, quedou-se como deslumbrado. Nunca a vira tam aceiada, tam gentil!

A Serventa, pelo caminho, informara-se de quem era o conversado da rapariga, e por isso foi sem surpreza que viu aproximar-se o mancebo.

— Adeus, sr.ª Mariquinhas!

— Viva, sr. *Aubertinho!* Os srs. seus paesinhos, estão de saude?

— Muito obrigado, estão bons.

— Isso é o que se quer...

— Adeus, Rosinha...

— Adeus, sr. Alberto.

— Já cuidava que não vinhas... é tam tarde!

— Não pôde ser mais cedo. Aqui está a sr.ª Mariquinhas que viu o que custou sair de casa ás duas horas...

— Tu vens muito bonita, agora reparo... Cordão de oiro!... Que luxo!...

— Comprei-o hontem.. Foi aqui a sr.ª Mariquinhas que m'o vendeu.

A Serventa interveio na conversa: — Foi uma pechincha... Nem o menino faz ideia!

— Foi então muito barato? interrogou Alberto.

— Quatro libras, informou a rapariga.

— Não foi caro, não... E é bonito, e fica-te muito bem!

— Acha? perguntou a moça, muito contente com o elogio recebido.

— Palavra! Fica-te muito bem.

— Já cá estava ha muito?

— Já vim ha mais de duas horas... Tenho estado aborrecidissimo.

— Eram saudades! disse a Serventa, fitando em Alberto os seus olhinhos matreiros.

— E não o diga a brincar, sr.ª Mariquinhas...

— Não foi de mangação que o disse, póde crer; assim Deus me salve! Eu bem sei que o menino gosta da Rosinha... E'la tambem é merecedora de isso; olhe que não ha por ahi melhor cara nem melhor coraçãosinho... E' oiro de lei...

— Ora a sr.ª Mariquinhas! murmurou a rapariga, toda envergonhada.

— Não é para que me agradeçam, continuou a mulhersinha. Eu cá não sou para imposturas! Digo o que sinto... Pão-pão, queijo queijo!

— Já jantaram? interrogou Alberto.

— Já, já jantamos, respondeu pelas duas, a Serventa.

— Mas isso não quer dizer nada. Sempre hão de comer alguma coisita, sim?!

— Eu arrebentava! exclamou a sr.ª Mariquinhas, meneando se e tregeitando como pessoa enfartada até aos gorgomilos.

— E tu, Rosinha?

— Eu não tenho vontade, sr. Albertinho. Muito obrigada.

— Ora!... Quando mais não seja, fazes-me companhia. Está dito?

— Pois sim, respondeu Rosa.

— O menino consegue o que quer! Tem umas palavrinhas doces... Não me admira nada que as moças percam a cabeça!

— Então, sr.ª Mariquinhas, faça-me o favôr de ir com a Rosinha até acolá em cima, ao pinheiral, que eu já lá vou ter com o jantar... Ali sempre estaremos melhor, não lhe parece?

— Diz o menino muito bem. Aqui, esta gente parece que nos come com os olhos!

A sr.ª Mariquinhas não se enganava. As pessoas da vila que estavam na romaria não desfitavam os olhos d'aquele grupo, e entregavam-se a mil comentarios, qual d'eles mais innocente....

Encaminhando-se com a moça para o pinhal, a Serventa dizia á rapariga :

— Ora queira Deus que eu, por lhe ter feito a vontade, não fique com a minha reputação perdida !

— A'gora fica ! respondeu Rosa.

— E se as senhoras sabem ?

— A'gora sabem, sr.ª Mariquinhas !

Procuraram, longe do alcance dos olhares dos romeiros, um recanto plano, bem abrigado pela rama dos pinheiros, e sentaram-se, aguardando a chegada de Alberto Monteiro.

— —

— O' Alberto ! Então já largaste a rapariga ? perguntou Julio Valente ao mancebo, ao ver que este se encaminhava para o local deixado pouco antes.

— Vou encomendar um jantarsito... E'las fazem-me companhia.

— E'las ?

— E'las claro, está, visto que são duas.

— Então a feiticeira não larga a rapariga ?

— Que queres tu ? ! Eu não posso dizer á Serventa que se vá embora.

— E porque não veio a rapariga só ?

— Porque as amas a não deixavam vir, está bem de ver.

— Ainda ha um meio salvador para tu estares mais á vontade com a pécora...

— Qual é ?

— Fazer-vos companhia ao jantar, e entreter a velha. Queres ?

— A rapariga talvez não goste !...

— Estás a ler ! Porque não hade gostar ?

— Naturalmente, tem vergonha...

— Vae-a perdendo... Até é bom.

— Hasde ser sempre o mesmo!

— Queres, ou não queres ?

— Pois sim.

— Vae então para junto d'élas, que eu me encarrego da jantarada...

— Isso é que eu não consinto. As despezas, faço-as eu...

— Lá isso tambem não. Contas do Porto, está dito ?

— Vá lá, concedeu Alberto.

— Pois então vae indo, e previne-as do novo conviva, que eu lá aparecerei com um jantar de arromba...

— Mas não demores isso muito...

— Parece que me não conheces... E' um instante, bucta-bucta, pronto !

— Bem. Lá te espero.

—Se quizeres, dize á velha que estou apaixonado por éla, e que por isso te pedi para jantar convosco.

— Pois sim !

Alberto deu-se pressa em se reunir ás duas mulheres, a quem participou que teriam mais um companheiro, o Julio Valente.

8

— Ai que maluco! exclamou a sr.ª Mariquinhas.

— Não diga isso, sr.ª Mariquinhas. Olhe que êle gosta da sr.ª; ainda agora m'o disse, palavra.

— Está a caçoar comigo?

— Falo verdade, creia.

— Pois póde êle dizer o que quizer, mas para cá *vem de carrinho!* Eu conheço os homens como as minhas mãos, e mostrava a Alberto as mãos carnudas.

— E tem umas bonitas mãos, agora reparo, disse Alberto, procurando lisongear a vaidade da Serventa.

— Ai que menino este! Os cumprimentos reserve-os para a Rosinha... Em mim, são mal empregados. Sou *chão que deu uvas!*

A chegada de Julio Valente veio interromper a conversa. O rapaz encarregara a *Restantes* da confecção do jantar: — canja, bifes, arroz de forno e um prato de doce.

— Mas isso demora muito! disse Alberto, que estava ancioso por ver o jantar servido.

— Qual demóra! Vem ahi já . . O vinho, então, é uma especialidade. . . é delgadinho, mas tem um sabor! — e Julio Valente dava estalinhos com a lingua...

— E ha café? perguntou a sr.ª Mariquinhas.

— Não me lembrei de o encomendar, mas ainda estamos a tempo...

— Por minha causa, não vale a pena; não se incomode, sr. Julinho. Era o que faltava!

— Ora essa! Não me incomóda coisa alguma.

A sr.ª Mariquinhas é que não hade ficar sem o seu cafésinho!

E Julio Valente, acto continuo, desatou a correr, indo prevenir a *Restantes* de que tambem se queria café, mas bom café, forte...

— Isso arranja-se... Para o sr. Julio, ainda que eu tivesse de mandar por êle á vila!

— E esse jantar? Ainda demóra muito?

— Vae já .. é um instantinho.

— Ora queira Deus que não fiquemos zangados!

A *Restantes* foi de palavra. A's quatro horas o jantar estava pronto, e era servido em louça azul de Sacavem, sobre uma toalha alvissima de linho de Guimarães. Não havia mesa nem cadeiras, mas os convivas nem por isso se sentiram molestados.

Julio ficara ao pé da sr.ª Mariquinhas, e Alberto, como era de prever, junto de Rosa, hombro com hombro.

O jantar estava magnifico O arroz de forno, muito loiro e saboroso, sobre tudo, mereceu os maiores elogios.

Fosse porque se esquecesse do que houvera dito pouco antes, ou porque realmente a tivesse invadido um subito apetite, a sr.ª Mariquinhas comia bem, muito bem mesmo, e não fazia caretas ao esvasiar as malgas de verdasco a que não via o fundo, porque Julio Valente, com toda a solicitude, volta meia volta, se encarregava de as encher,

contando mentalmente o numero de malgas que a mulhersinha, distraidamente, ia armazenando.

Rosinha, essa, pouco ou nada comia, apesar das instancias de Alberto. A presença do namorado era-lhe manjar bastante. Ainda assim, para comprazer, levava de longe a longe aos labios a malga de vinho de que o mancebo se servia, bebendo um golo.

O jantar correu animado. Julio Valente, sempre palrador, não deixava cair a conversação, contando historias alegres, algumas das quaes muito faziam rir a Serventa e córar Rosinha. Alberto falava pouco. Trocava a meia voz algumas frases carinhosas com a moça, de quem não desviava o olhar.

A' sobremesa, que constava de arroz doce e de queijo flamengo, Julio Valente fez notar que uma garrafita de vinho maduro saberia muitissimo bem n'aquela altura.

— Lá isso é verdade, confirmou a Serventa.

— Se eu me tenho lembrado, tinha o trazido da vila, disse Alberto. Aqui não o ha...

— Tenho uma ideia luminosa! exclamou Julio. Havemos de ter vinho fino, olaré quem brinca!

— Como é que tu arranjas isso? interrogou Alberto.

— Êle está a brincar! disse a Serventa, a quem parecia impossivel que o rapaz pudesse descobrir vinho do Porto em Santo Amaro.

— Não brinco tal. Vão ver!

Julio Valente desapareceu por um momento, voltando, radiante, com uma garrafa de vinho do Porto da Vinicola já desarolhada...

A Serventa, de contente, bateu palmas, a Alberto, rindo, disse ao amigo:

— Decididamente, tu não és rapaz, — és o diabo!

— Cruzes! exclamou a Serventa, persignando-se.

— Como diabo arranjaste a garrafa? inquiriu Alberto.

— Fui pedil'a ao Padre João Padiola, pois então!... Deu-m'a logo, e mais que eu quizesse... E' bom rapaz!

— E onde a tinha êle?

— Então não sabes que hoje é o jantar do abade?! Teem lá vinho para um regimento!...

— Faltam agora os calices...

— Quem fala n'isso! Bebe-se pela garrafa. Até sabe melhor, pois não é assim?!

— Diz muito bem, menino, apoiou a Serventa.

E a garrafa começou a andar de mão em mão, demorando-se particularmente nas da sr.ª Mariquinhas, que achava o vinho muito adocicado, escorregando que era uma beleza!

Saboreado o café, Julio Valente e Alberto acenderam charutos. A sr.ª Mariquinhas aninhou-se comodamente, recostando-se ao tronco de um pinheiro, e começou a dormitar. O café não conseguira afastar a sonolencia produzida pelo jantar sucolento, e pelos vapores dos vinhos.

Julio, para deixar Alberto mais á vontade com a rapariga, foi até á romaria, entretendo-se a palestrar com uma ou outra pessoa conhecida.

Alberto Monteiro estendeu-se sobre a relva, repousando no regaço da moça a cabeça que Rosa, amoravelmente, lhe acariciava, fitando o man-

cebo com toda a meiguice do seu bello olhar.

O dialogo a que os dois namorados se entregaram, repleto de promessas de amor, póde facilmente reproduzil-o o leitor, em cuja inteligencia lucida confiamos. Se as palavras que trocaram, murmuradas como dulcidas preces, foram expressivas, bem mais do que as palavras disseram n'esse amoravel dialogo os olhares de Rosa e Alberto, procurando-se magneticamente, como dois imans.

Como fizemos notar, a sr.ª Mariquinhas dormitava, o que não é precisamente dormir, e assim os namorados não deixavam de estar sob a vigilancia dos olhares investigadores da Serventa.

Apesar de isso, porém, Alberto e Rosa trocaram os primeiros beijos, saborosos e embriagadores como todos os primeiros beijos de namorados, permitindo entrever as supremas doçuras do Paraizo — inebriante goso facultado aos mortaes em compensação de mil agruras cruciantes.

A' tardinha, lusco-fusco, puzeram-se a caminho da vila, seguindo o exemplo do maior numero das familias que tinham concorrido á festa. Iam todos satisfeitos, arquivando prazenteiramente na lembrança as varias peripecias d'aquele dia feliz que tam depressa passara

No local da romaria só ficaram os retardatarios prestando ouvidos atentos ao que se passava na capelinha de Santo Amaro, onde o sr. abade se banqueteava com os seus amigos — em honra do santo, á prosperidade do qual se ergueram brindes.

Seria ingratidão esquecerem o protector do estabelecimento!

CAPITULO X

Das tricanas da vila que não concorreram á romaria de Santo Amaro, que poucas foram, seja dito, Julia marchanta foi uma d'essas raras.

Não é que não gostasse da romaria, nem que não tivesse um vestido novo para estreiar. Não, senhores, a rapariga gostava de divertir-se como todas as cachopas da sua edade, o não tinha nada de sonsa, e quanto a roupas não havia tricana que as tivesse de melhor qualidade Os paes não lhe regateavam o mais insignificante desejo. Graças a Deus, tinham posses bastantes, e nada faltava á sua Julinha, que era do limitadissimo numero das raparigas de Ponte que não estragam o calçado que Deus lhes dá. Andava sempre calçada de bôa meia, e de chinelinha de verniz.

Se a moça não foi á romaria, é porque teve festa em casa, a que não podia deixar de assistir.

Na vespera, chegara do Brazil um primo seu, o Antonio Moreira, filho de uma irman da mãe de Julia já falecida ha muitos annos. O rapaz fôra ainda muito moço para o Pará, e por lá se aclimatara, trabalhando rudemente como um homem, tornando-se querido dos patrões. Quando alcançou a

maioridade, viu-se distinguido com uma proposta de sociedade que aceitou, orgulhoso e reconhecido, duplicando de esforços para ver prosperar a casa a que o ligavam laços de interesse e de gratidão. Aos trinta annos, o seu nome passou a fazer parte da firma, e Antonio Moreira teve á sua escolha boa meia duzia de casamentos vantajosos.

Achava-se ainda novo para constituir familia, e por isso permaneceu celibatario, trabalhando sem esmorecimento. A casa Randolfo, Aguiar & Moreira continuou prosperando, e Antonio Moreira viu-se em poucos annos senhor de uma fortunasinha muito sofrivel. Outros, na sua posição, ter-se-iam emancipado do comercio; o nosso *brasileiro*, porém, sentia-se ainda cheio de força e de vida, e o seu desejo foi ver duplicar os capitaes que soubera grangear honradamente, favorecido pela sorte que, se para muitos é madastra, para outros é mãe acaroavel.

Não conhecera o pae, que perdera quando infante, e tendo-lhe falecido a mãe poucos annos depois de êle estar no Pará, nada o chamava a Portugal, apesar de se lembrar com saudade, como todo o portuguez que emigra, da linda terra que lhe fôra berço, e dos annos descuidados que passara em Ponte. Lembrava-se tambem dos tios marchantes, que tinham sido bons para êle, facultando-lhe o dinheiro para a passagem, que êle cavalheirescamente restituira logo que as suas condições lh'o consentiram, com juros avultados, fidalgamente, e a quem amiude mandava presentes valiosos.

Lembrava-se ás vezes tambem, n'aqueles mo-

mentos de nostalgia que assaltam todo o exilado, da priminha, de Julia, a quem trouxera muita vez ao colo, a quem muitas vezes beijara as faces rosadas. — Deve estar uma sinhá, dizia para consigo, e, preso da lembrança da priminha ausente, mandava empacotar uma duzia de caixas de goiaba, que seguiam no primeiro paquete com uma carta muito afectuosa.

Mas tinha o seu negocio no Pará, onde se fizera homem, onde se relacionara; afizera-se á vida febril do comercio, aos habitos da vida brasileira, e por isso nada o faria deixar a sua patria de adopção, apesar de continuar *portuguez*, tendo repudiado a lei de grande naturalisação estabelecida pela republica; interessando-se vivamente por tudo quanto se relacionava com Portugal, por tudo quanto falava ao seu coração de patriota n'aquele incomparado palmo de terra que lhe fôra berço, e em que passara os dias felizes da infancia.

Se lhe perguntavam se fazia tenções de voltar ao reino, a descançar d'uma vida laboriosa, respondia que sim, sem grande convencimento, sem resolução assente de o fazer. Não tinha lar que o chamasse; uns labios maternaes procurando-o através dos mares, braços fraternos a que viesse entregar-se n'um grande abraço, e assim ia-se ficando pelo *seu Párá*, como êle dizia, na sua frase abrasileirada, carregando os a a.

Ia a caminho dos trinta e seis annos quando começou a sofrer do figado. O seu organismo resentia-se de vinte annos de uma vida laboriosa, muito egual, n'um clima doentio, ingrato, que termina

sempre por depauperar a organisação mais robusta, o mais saudavel colono. Era o tributo que todo o estrangeiro paga ao Brasil.

Consultou a medicina, e sujeitou-se fielmente aos tratamentos mais preconisados. A doença, porém, mostrava-se rebelde, e o nosso *brasileiro* via agravar dia a dia os sofrimentos sem que a medicina desse de si testemunho bastante para inspirar ao doente confiança no tratamento.

Um dia, lembrando-se das maravilhosas curas que ouvia atribuir ás termas do Gerez, de que o seu socio Aguiar era, por experiencia propria, um apologista ferrenho, Antonio Moreira sondou o medico a tal respeito. — Que lhe parece, doutor ? Que me aconselha ?

O clinico disse-lhe que sim, que as aguas do Gerez eram de grande eficacia, e que já lh-as teria indicado se soubesse que o seu cliente estava disposto a fazer uma viagem á Europa.

O nosso homem ficou abalado, mas não convencido ainda. — Ir á Europa ! Que *cácete !*

Os socios demoveram as ultimas irresoluções de Antonio Moreira, e este começou logo a tratar dos preparativos da viagem com a mesma febril impaciencia com que em geral resolvia as operações comerciaes a seu cargo.

Dentro em pouco seguia para Lisboa a bordo de um dos melhores paquetes da Mala Real, confortavelmente instalado.

Em Lisboa, descançou uns dias da fadiga da viagem ; visitou os principaes monumentos da capital ; consultou o dr. Barral Filipe, e, sem mais

delongas, o doente cheio de fé na cura, mais que provavel dado o principio do mal, seguiu para as Caldas do Gerez,onde se sujeitou ás prescrições do medico do estabelecimento termal, não tardando a sentir melhoras no seu estado, melhoras que mais e mais se foram acentuando, como era de esperar.

Do Gerez, escreveu para Ponte, dando aos tios a nova da sua estada no reino, e dizendo o motivo que o trouxera á sua querida patria. Dizia-se muito doente, mas com boas esperanças de recuperar a saude abalada. Informava-os tambem de que não seguiria para o Brasil sem dar uma assaltada a Ponte, para matar saudades. Queria dar um grande abraço aos tios, e ver aquela creança que trouxera em seus braços, e que devia estar uma sinhá casadoira. E acrescentava que os preveniria da sua chegada á formosa vila do Lima, para que tivessem o incomodo de ir esperál-o.

Mas, propositadamente, não cumpriu a ultima promessa, e um belo dia o carro de Braga trouxe um passageiro que todos reconheceram, pela fala, vir de terras de Santa Cruz.

Ao apear-se do carro, junto ao estabelecimento do Lobato, perguntou a um rapazito se sabia onde era a morada do sr. Luiz Marchante, e como este respondesse afirmativamente o *brasileiro* pediu-lhe que o acompanhasse até lá, porque não sabia bem o caminho a seguir. As malas, deixou-as na loja do Lobato. Não as levava consigo porque ainda não sabia se iria para um hotel. Isso dependia da sua familia, para quem a sua chegada constituia uma surpreza.

O rapazinho acompanhou-o até á porta da casa de habitação do marchante, dizendo-lhe : E' aqui.

O *brasileiro* recompensou com uma moeda de cem réis o cicerone, que se afastou, ligeiro, muito contente, e bateu á porta.

Veio abrir-lh'a Julia, interrogando ao ver a fisionomia desconhecida do visitante : — Quem procura ?

— Desejava falar ao sr. Luiz. Está em casa ?

— Faça favor de dizer quem é.

— Tenha o incomodo de dizer-lhe que é um amigo velho que deseja abraçál'o.

A moça, deixando o visitante á porta da rua, foi prevenir o pae de que *um sujeito bem vestido* o procurava.

— Mas não disse quem era ?

— Não, disse que era um amigo velho de vossemecê que desejava abraçál-o, mas êle de velho não tem nada...

— Vamos já a ver isso, e o marchante desceu a escada, encaminhando-se para a porta da rua, onde se quedara o visitante.

— Não me reconhece ? interrogou Antonio Moreira, fitando o tio com os olhos aguados.

— Será possivel !... E'... és o meu sobrinho... o Antonio...

O *brasileiro* estreitou o tio nos braços, dizendo-lhe : E' verdade, é o seu sobrinho Antonio em carne e osso... Quiz-lhes fazer uma surpreza...

— Mas entra cá para dentro, disse o marchante. Tua tia vae ficar estarrecida de contente... Ora o Antonio, o nosso Antonio !... e arrastava consigo

o sobrinho, dando-lhe palmadinhas afectuosas nas costas, muito satisfeito, olhos sorridentes.

Quando chegou á escada que levava ao primeiro andar, o Luiz marchante chamou pela mulher em altos brados :

— O' Isabel !... Isabel, tens aqui uma visita para ti, mulher.

A mãe de Julia logo appareceu no patamar, procurando reconhecer quem era a visita que o marido lhe anunciava.

Quando Antonio Moreira chegou acima, a mulhersinha, cambaleante, apertou o sobrinho n'um grande abraço. Reconhecera o moço que vinte annos antes vira partir para terras brasileiras, e cujas feições agora mais se pareciam com as da finada mãe, irman de Isabel. As lagrimas caiam-lhe, grossas como punhos, pelas faces, e os soluços inhibiam-a de dirigir ao sobrinho o mais leve cumprimento de boas vindas.

Antonio Moreira sentia-se extremamente comovido. Aquele abraço em que sua tia o estreitava junto ao coração representava para o orfan a maior das venturas que a sua visita á patria poderia proporcionar-lhe. Era como que um abraço materno, caricia dulcissima que só é dado avaliar com o devido apreço áqueles que um dia a fruiram, e que depois a recordam saudosos...

— Tu abafas o rapaz ! interveio Luiz marchante, procurando pôr termo áquele amplexo que prometia prolongar-se indefinidamente.

Isabel beijou nas faces, demoradamente, o sobrinho, e só depois, suavemente, o foi desligando

dos braços, fitando-o com carinho, examinando-lhe bem os traços fisionomicos, como estremosa mãe que ao cabo de longa ausencia volta a ver o filho amado.

— Ainda se parece com a nossa Julia, disse Isabel para o marido. Não achas?

— Só a Julia não tem os cabelos pretos...

— Mas onde dianho se sumiu a rapariga? interrogou a mulhersinha, conduzindo o sobrinho para a sala.

— Deixa, que eu vou por éla, apressou-se a dizer o marido. A cachopa ficou envergonhada.

A mãe de Julia fez sentar o sobrinho, e começou uma serie de perguntas, a que o *brasileiro* respondia com minucia, não se sentindo molestado por aquele interrogatorio em que havia mais afectuoso interesse do que feminina curiosidade.

— E a gente a julgar-te muito doentinho...

— E estive bastante mal, creia... mas dei-me admiravelmente no Gerez.

— Pois ninguem hade dizer que estiveste doente... Boas carnes, boas côres; estás um bonito homem; nem pareces brasileiro...

— E' que eu sou portuguez, tia Isabel, e por nada troco a minha nacionalidade...

— Queria eu dizer na minha que não pareces vindo lá dos Brasis...

— Isso é dos seus olhos, que me querem bem.

— Se querem!... E eu que julgava que não te veria mais!...

— Julgava então que eu morria, hein?

— Não, mas julgava que Deus Nosso Senhor me levaria sem te tornar a ver...

— Quem fala n'isso! A tia está muito conservada. Que annos tem?

— Já fiz cincoenta!... Tua prima vae nos vinte e quatro...

Luiz marchante e a filha assomaram á porta da saleta. Julia, a quem o pae quasi trouxera á força, vinha muito purpureada, mostrando pelo arfar dos seios a perturbação de que estava possuida.

— Anda cumprimentar teu primo, rapariga. Então, Julia!

A rapariga avançou, timidamente, para o primo. Antonio Moreira tomou nas suas mãos as da priminha, e fitando-a com interesse, dirigiu-lhe por cumprimento estas palavras que mais contribuiram para a perturbação da moça:

— Está muito bonita, priminha. O que admira verdadeiramente é vir encontrál-a solteira...

Vendo a perturbação da moça, o *brasileiro* perguntou-lhe:

— E então como acha este seu primo Diga com franqueza!

— Parece-me bem, limitou-se a responder a moça a quem o primo parecia mesmo muito bem...

E a rapariga não errava no seu juizo. Sem ser bonito, Antonio Moreira, de estatura regular, hombros largos, rosto moreno, olhos negros bem rasgados, cabelo e barba preta, era um moço insinuante. Algumas brancas que lhe salpicavam de prata os cabelos anelados ficavam-lhe muitissimo bem, e a propria fala abrasileirada contribuia para o distinguir, para o tornar simpatico aos olhos da priminha.

— O' rapariga, tu hoje perdeste o dom da fala, disse a mãe de Julia. Parece que a chegada de teu primo Antonio te não alegrou...

— Porque diz isso, mãesinha ?! Antes pelo contrario...

— Então estimou ver-me ? inquiriu Antonio Moreira.

— Póde crer que estimei, balbuceou a moça, e os seus olhos confirmaram o seu dizer.

— Mas não me conheceu ?

— E' que o primo faz bastante diferença dos retratos que cá temos...

— Estou então pior do que as fotografias me fazem ?

— Pelo contrario...

— O' Antonio, tu hasde estar com vontade de comer, disse o Luiz marchante.

— Como qualquer coisa no hotel...

— No hotel... no hotel ?... Pois tu foste para o hotel, tendo aqui a tua casa? e a tia Isabel mostrava-se agastada.

— Ainda não fui, tia... mas como não sabia se cá teriam comodos para alojar-me...

— Claro está que temos, interveio Julia : o seu quarto já está pronto desde que o primo escreveu ao pae.

— O que eu não queria era dar incomodo...

— Incomodo ?! Ora essa não está má !

— Onde deixaste as bagageus ? perguntou Luiz marchante.

— No estabelecimento de viveres, onde parou o carro de Braga.

— Vou tratar de as mandar vir para cá, e entretanto vão preparando a ceia que o Antonio deve estar a cair de fraqueza. Dizendo isto, Luiz marchante poz o chapeu e saiu de casa para ir á loja do Lobato, onde tinham ficado as malas do sobrinho.

A sr.ª Isabel recomendou á filha que fizesse companhia ao primo enquanto éla ia á cozinha tratar da ceia, de contrario a moça, a Casimira, não fazia coisa que geito tivesse.

Durante alguns minutos, os dois não trocaram palavra. Julia conservava a vista baixa, arriscando raros olhares para o primo que, sem deixar de fitar a rapariga, se entretinha a fazer andar n'uma dobadoira o chapeu de côco, alvadio, de fabrico inglez. Ao cabo de certo tempo, Antonio, para quebrar a monotonia d'aquele silencio, arriscou-se a perguntar :

— Então, a prima não tem por ahi o seu conversado ?

— Não, primo ; não tenho.

— Pois admira ! Bonita como é...

— Não caçôe !

— Falo serio. Está uma perfeita moça. No Pará não chegava aos vinte e quatro annos sem tomar estado...

— Lá, casa-se muito cedo ?

— Aos quinze annos, já muitas moças tomam marido, informou Antonio.

— E os homens ?

— Em geral, tambem casam jovens. Ha muitos partidos á escolha...

— E o primo ainda não se decidiu ?

— Agora, já estou velho para fazêl-o. Moças gostam de marido moço.

— Velho !... Quem o ouvir ! ou êle !

— Então a prima não me acha acabado ?

— Não está, não, senhor. Velho — com trinta e seis annos !

— Faltará encontrar agora sinhá que me queira, quando me decida ao matrimonio.

— Não lhe hão de faltar meninas...

— No Brasil ?

— E por cá tambem, se quizer casar em Portugal.

— Ainda a priminha hade casar primeiro...

— Ainda está para nascer o meu noivo ! Falta-me aquilo com que se compram os melões...

— Que diz ?

— Que me falta o dinheiro, que é o chamariz dos maridos. Pobre como sou, ninguem me quer...

— Não diga isso, que é fazer mau juizo dos homens ! No Pará ha muitos moços de fortuna que casam com meninas pobres...

— Isso é no Brasil, respondeu Julia, e para mudar o rumo da conversa perguntou ao primo se contava demorar-se muito tempo em Portugal.

— Ainda não sei bem... Quero ver o Porto, e passar mais alguns dias em Lisboa. Não sei se voltarei á patria, e por isso quero ver o que por cá temos de mais notavel.

— E, por Ponte, demora-se ?

— Alguns dias...

— Só alguns dias ?

— Uns quinze dias, talvez...
— Ora! pelo menos devia cá passar as feiras-novas. Já as não vê ha tantos annos!
— E' possivel!...
— Isso não é dar a certeza de que fica...
— Mas se a prima tem empenho n'isso...
— Fica?
— Está dito.

Luiz marchante tendo voltado a casa, para acompanhar o moço que conduzia a bagagem do sobrinho, entrou na sala, onde a breve trecho a sr.ª Isabel veio reunir-se-lhes, declarando a ceia pronta.

Antonio Moreira foi conduzido ao quarto modesto, mas aceiado, que os cuidados da sr.ª Isabel e da filha se tinham esmerado em tornar confortavel. Lavou-se e mudou de fato, e d'ahi a pouco, em presença da ceia fumegante, sentava-se á mesa, entre sua tia e sua prima, fazendo honras ao bacalhau loiro, e ao vinho verde de Ponte, de um rubro intenso, de um paladar unico.

A viagem contribuira para lhe despertar o apetite, mas, talvez mais do que á viagem demorada, á palestra que animava aquela despretenciosa ceia deveu Antonio Moreira o ter-lhe sabido como um manjar delicado a comida, genuinamente portugueza: — bacalhau assado, arroz de frango, caldo verde.

Era madrugada quando se retiraram para os seus quartos, tendo ficado assente que n'esse dia seriam convidados para o jantar — jantar de festa — todos os parentes, e os raros amigos que tinham sido companheiros dos annos juvenis de Antonio.

Aqui tem o leitor explicada a razão por que Julia marchanta não concorreu á romaria de Santo Amaro. E devemos dizer que a moça nem teve saudades da festa, tal a alegria que lhe invadira o coração. O que julgamos inutil é informar o leitor da fórma por que decorreu o jantar de festa em casa dos marchantes. Reinou a maior alegria e a melhor harmonia, não havendo o menor dissabor. Em geral, festas assim só as assinalam os romances... mas a verdade é que não podemos falsear o sucedido para tornar a nossa narrativa credora de melhor fé. Ah ! esquecia-nos dizer que Julia marchanta encheu o primo de atenções, e que este se mostrava grato aos cuidados da moça. E nada mais !

Capitulo XI

Foi no dia immediato ao da romaria.

O distribuidor do correio, ás cinco horas da tarde, entregou em casa das Santeiras uma carta dirigida á D. Perpetua, a mais velha das duas irmans. A estampilha fôra inutilizada na estação do correio da vila, não trazendo o envelope qualquer outro carimbo postal.

As duas irmans miravam e remiravam o envelope. — Quem lhes escreveria ? As duas creaturas só recebiam de tempos a tempos cartas do Brasil, do sobrinho, e assim aquela carta constituia uma surpreza, quasi um enigma. — De quem seria ?

A D. Maria, a irman mais nova, cavalgou sobre o nariz os oculos de aro de prata, e poz-se a examinar atentamente a caligrafia do endereço. — Não a conhecia, evidentemente. — De quem seria a carta ?

E as duas, fazendo mil conjecturas, não se resolviam a desvendar o misterio, rasgando o envelope. Foi depois de uma longa indecisão que a D. Perpetua disse para a irman :

— Abra, mana, e leia.

A D. Maria, a tremer, rasgou o envelope, e des-

dobrou a folha de papel em que se viam algumas linhas de uma caligrafia meudinha, desegual, traçadas evidentemente por quem procurara disfarçar o natural talhe da letra.

— De quem é? interrogou D. Perpetua vendo que a irman já correra pela vista a carta misteriosa.

— Não tem assinatura.

— Que diz, mana?!

— Não traz nome... é uma carta anónima!

— Leia, leia, mana...

A D. Maria deu principio á leitura, que mais de uma vez foi interrompida pelas exclamações de surpreza da irman. A D. Perpetua estava indignada, e a irman não o estava menos. O caso era para isso.

A carta era concebida nos seguintes termos, que passamos a reproduzir:

«Sr.ª D. Perpetua

«A senhora não sabe quem tem de portas a dentro. A Rosa postiça não é quem a sr.ª cuida; é uma *zoina* que hade dar que falar.

«Hontem esteve éla na romaria de Santo Amaro em grande taina com o amante, que é o filho do dr. Monteiro, e com a alcoviteira da Serventa, que é uma grande desavergonhada, e mais o Julio Valente, que é mesmo um individuo sem moral nenhuma. Semelhante pouca vergonha deu que falar na romaria, e a sr.ª e a sua irman tambem pagavam com as culpas, pois que se não dessem tanta liberdade á rapariga não contribuiriam para tanta

perdição. Já ha quem diga que éla mete o amante em casa, e a verdade êles a sabem!

«A sr.ª fará o que entender em virtude d'estas informações.

«Quem a avisa sua amiga é!!!»

Não eram necessarios os três pontos de admiração para que as Santeiras se sentissem indignadas em presença d'aquela infamissima denuncia. Era a primeira carta anónima que recebiam, e isso bastava para que as duas creaturas se sentissem chocadas. Depois, a natureza da comunicação, confirmando suspeitas que ha muito nutriam ácerca da rapariga, não lhes deixava duvidas As duas pobres mulheres ficaram crentes em que era certo Rosa ter um *amante*, e não pensaram sequer em que essa palavra representava mais uma vilania do informador anónimo.

Aquilo tudo era por força verdade, não havia que duvidar; e quem as avisava era pessoa amiga, por isso que a carta lhes viera abrir os olhos sobre a conduta d'aquela sonsa que tinha arte para lhes meter em casa o amante.

Se as Santeiras convivessem com pessoas ilustradas, haveria certamente quem as ilucidasse ácerca do valor das cartas anónimas, degradante passa-tempo a que em Ponte se entregam algumas almas bemfazejas. Mas as Santeiras viviam sós, isoladas, e assim deram á carta o maior credito, em vez de a rasgarem em pedaços, votando ao desprezo o miseravel que a urdira.

Resolveram de pronto despedir a rapariga, não olhando a coisa alguma. A D. Maria ainda lembrou

que a moça lhes devia os quatro mil réis do cordão, mas logo a D. Perpetua objectou: — Ainda que eu perdesse quatro moedas! Perdidas, é que eu não quero de portas a dentro!... Quem havia de dizer!... Que perdição, Jesus Senhor!...

Quando n'essa tarde Rosa voltou a casa, toda fatigada de meia duzia de horas passadas no rio, a lavar, as duas irmans chamaram a á sala onde trabalhavam.

A D Perpetua, mostrando-lhe a carta que recebera pouco antes, e não tratando a rapariga por tu como sempre fizera, disse-lhe com o semblante carregado:

— Sabe o que é isto?

— Eu não, minha sr.ª, respondeu a rapariga, surpreendida.

— E' a prova da sua vergonha, disse do lado a D. Maria.

— Da minha vergonha?! Eu não tenho nada que me envergonhe, minha senhora, e o sangue avivou as faces da rapariga.

— Esta carta o diz, e não deixa duvidas, ouviu? volveu D. Perpetua, avançando para a moça com a carta estendida.

— Então que é que diz essa carta?

— Que você tem um amante...

— Um amante?! Quem se atreveu a dizer uma coisa d'essas! Eu já não estou em mim...

— Faça-se tola! Queira Deus que você ainda se possa emendar, e entrar na graça do Altissimo...

— Explique-se por favor, minha senhora, implorou Rosa, amparando-se ás costas de uma cadeira.

— Que diz, que é que diz essa carta ?

— Que você tem um amante...

— Mas quem é êle, não dizem ?

— E' o filho do dr. Monteiro. Veja lá se nega agora, se é capaz?! E' o que me faltava ver !

— E nego, sim ; nego que seja meu amante. Falo com êle, é verdade, mas ninguem, pela minha salvação, tem nada que dizer-me.

— Foi então para assinarem as escrituras do casamento que os dois foram hontem a Santo Amaro ?

Rosa não respondeu áquele gracejo pungente.

A D. Perpetua, ante o silencio da moça, atreveu-se a continuar:

— E não se esqueceram das testemunhas ! A Serventa, e o Julio !... sim, senhora! Você não se perde... arranjou um bom casamento, não haja duvida !

Rosa continuava immovel, sem dizer uma palavra. As suas lagrimas eram a unica resposta que a pobre rapariga podia proporcionar ás invectivas das Santeiras.

A D. Perpetua, cada vez mais irritada pelo silencio da moça, pegou-lhe n'um braço, e fitando-a bem, disse-lhe :

— Pois eu é que não consinto mulheres de má nota em minha casa. Ouviu ?

A este novo insulto, a rapariga sentiu-se agitada por uma pilha electrica. Impertigou-se, limpou as lagrimas, e, fitando altivamente D. Perpetua, disse-lhe :

— As senhoras estão no seu direito de despedir-

me, mas não me pódem insultar... Fu vou-me embora!

— Rua! rua!... quanto antes, melhor! foi a resposta das duas irmans.

— Eu vou já, minhas senhoras. A roupa, depois, mandarei por éla.

— E, quando o seu amante lhe der dinheiro, não esqueça os quatro mil réis que nos deve, ouviu?

— O cordão aqui fica para responder pelo dinheiro que devo ás senhoras. Dizendo isto, Rosa tirou do pescoço o cordão de oiro que adquirira dois dias antes, e depôl-o sobre a mesa da costura. Depois, em silencio, saiu da sala, subiu ao seu quarto, traçou sobre os hombros um chale; desceu a escada, abriu a porta da rua, e saiu.

Quando sentiram fechar a porta da rua, as duas irmans fitaram-se em silencio.

— Que lhe parece aquela desavergonhada, mana? perguntou d'ahi a pouco a D. Perpetua á irman.

— E' isto que a mana vê. D'antes as raparigas não eram assim, Agora, é este rosquedo...

— Que perdição!

Rosa deu pasto bastante á bilis das irmans Santeiras, que disseram da rapariga o que Mafoma não disse do toucinho...

Quando Rosa se viu na rua, quedou-se por alguns minutos a pensar no destino que tomaria. Não

tinha familia a cuja porta fosse bater, e assim teria de valer-se dos conhecimentos da vila. E' verdade que a ama que a creara, uma boa mulhersinha de Fornelos, não lhe negaria pousada, mas Rosa não queria sair de Ponte, onde tinha o coração preso. A imagem de Alberto era como um iman que a não deixava afastar-se para longe.

A Julia marchanta, sua amiga, não deixaria de a receber, mas Rosa pensou que os paes da moça podiam não ver com bons olhos a sua entrada em casa, e por isso procurou na memoria outros nomes. Lembrou-se então da Chica da doceira, mas recordando-se da scena recentemente passada no rio, poz logo de parte a ideia de procurál-a. Por ultimo, lembrou-se da Serventa, e tomou a resolução de ir ter com éla, pedindo-lhe que a recebesse em casa até conseguir arrumação.

Tomou o caminho do Arrabalde, e dentro em poucos minutos achava-se á porta da modesta habitação da Serventa. Bateu, mas não obteve resposta Tornou a bater, maguando as falanges de encontro á porta de castanho. Não foi melhor sucedida, mas sentiu que n'uma das casas proximas se abria uma janela a que assomou um vulto feminino.

— Sabe dizer-me se a sr.ª Mariquinhas está para fóra ? perguntou Rosa.

— Está para o Pinheiro. O sr. conde de Merim tem estado ás portas da morte... Deu-lhe hontem a modos de um ataque... Ele tambem já tem edade !

— Mas não virá ficar a casa ? interrogou a ra-

pariga, receiosa de que lhe escapasse aquela taboa de salvação.

— Isso vem. Se não viesse, mandava-m-o dizer para eu lhe recolher o cevado... Se a menina quer, abriga-se em minha casa até que éla volte. Quer ?

— Muito obrigada ao seu favôr. Eu espero mesmo aqui. E a rapariga sentou-se na soleira da porta, aguardando o regresso da sr.ª Mariquinhas.

Capitulo XII

Enquanto a moça espera, e a visinha faz mil conjecturas sobre o motivo que levava Rosa postiça a casa da Serventa, digamos alguma coisa sobre o conde de Merim.

Que o homem estava ás portas da morte, já os leitores sabem, mas é justo que mais alguma coisa saibam, e nós sentimos prazer fornecendo-lhes esclarecimentos sobre tão ilustre personagem.

Não pertencia o conde de Merim á nobreza velha rocha, e os seus pergaminhos não competiam de fórma alguma com os de outras casas fidalgas de Ponte.

O conde de Merim, José Manoel de Amorim, era neto de um Manoel de Amorim, do logar de Real, freguezia de Refojos do Lima, lavrador humilde, que em 4 de janeiro de 1736 requerera justificação de nobreza ante o Juiz de Fóra, com os fundamentos que seguem : —1.°, que havia 10 para 12 annos, no dia de S. João, em procissão publica, pegara no estandarte e bandeira da Camara por se ter cançado de a levar, na mesma procissão, o vereador Tristão Gomes de Abreu e Lima; 2.°, que por esse facto ficara gosando nobreza ; 3.°,

que não andava a jornaes ; 4.°, que andava calçado.

Foram estas razões julgadas bastantes, e o que é certo é que por sentença de 21 de janeiro de 1736, como consta dos arquivos camararios limarenses, o homem foi feito nobre para si e seus descendentes.

Em 1830, a bordo de uma galera, seguia para terras do Brasil um rapazinho dos seus quinze annos, a quem a avô tornara nobre, mas a quem não deixara fortuna. O pae do rapaz, mediante quatro moedas, conseguira-lhe passagem para o Rio de Janeiro, e o moço lá ia, com o seu fato de estamenha e a sua caixa de pinho, saudoso da patria e da familia, mas ambicionando fazer uma fortuna.

Faltavam-lhe dotes de inteligencia, mas por isso mesmo, e porque tinha uma vontade de ferro, em poucos annos se viu á frente da administração de uma roça importante, em que os escravos se contavam por centenas, e em que o trafico da escravatura era uma das mais proveitosas receitas do senhor da roça. Tinha este uma filha unica, de quem o nosso patricio se enamorou. A moça não desdenhou a côrte de José Manoel, e em breve, vencido o animo do pae que nada sabia recusar á filha, a rica herdeira era unida pelos laços da egreja ao descendente do *fidalgo* de Refojos. Como o negreiro, graças a D. João VI, era comendador, não quiz que o genro fosse menos, e tratou de obter do governo de D. Maria II uma comenda para o marido da filha, graça prontamente dispensada.

Era isto no tempo em que todo o *brasileiro* en-

dinheirado se contentava com um crachá; hoje são um pouco mais dificeis de contentar: querem um titulo!

A roça de anno para anno duplicava de rendimento, e o negocio da escravatura não declinava, apesar da guerra sem treguas que os anti-esclavagistas já então moviam a tão infamante comercio, o que causava insonias a mais de um negreiro.

Não faltavam meios de fortuna ao novo casal, mas este não era completamente feliz, porque os annos iam passando, e com êles ia fugindo a esperança de ter um filho, sonho baldadamente alimentado.

Por morte do sogro, José Manoel de Amorim viu-se possuidor de uma fortuna não inferior a mil contos em moeda portugueza. Não tinha filhos. Para êle e para a esposa aquela soma era até demasiada, e por isso desnecessario se tornava pensar em duplicál-a.

Tratou de liquidar os seus haveres, para fixar a sua residencia em Portugal, resolução que sua mulher apoiou. Em 1860, o comendador Amorim e a esposa desembarcavam em Lisboa.

Na capital, onde resolveram fixar residencia uma parte do anno, Amorim comprou o palacete que pertencera aos condes de Ribandara, ás Janelas Verdes, e mobilou-o ricamente, espalhando dinheiro ás mãos-cheias como um nababo.

José Manoel de Amorim não se esqueceu da aldeia que lhe fôra berço, nem dos parentes pobres. Com a esposa, foi visitar Refojos, enchendo os parentes de mimos, e comprando-lhes terrenos para

largas culturas. Pensou em comprar o velho convento, mas a esposa dissuadiu-o d'isso : aquele casarão fradesco metia-lhe medo. Como, porém, a encantasse a paisagem deliciosa da vila, aconselhou o marido a que comprasse em Ponte uma pequena propriedade, onde viessem passar alguns mezes no verão.

Foi por esse tempo que foi á praça, para responder por onerosas hipotecas, a quinta dos morgados de Merim, ao Pinheiro. O *brasileiro* foi dos raros compradores que se apresentaram a disputál-a. O seu lance cobriu todos os outros, e o nosso homem viu-se pela modica soma de doze contos possuidor de uma bela casa brazonada, e de uma quinta magnifica. Só faltava o titulo ; o condado estava feito.

D'ahi por diante, o comendador Amorim e a esposa dividiam o anno entre a capital e Ponte. Ahi por meiados de junho desertavam de Lisboa, onde só voltavam quando abria o theatro lirico, de que D. Lola, a esposa de Amorim, era apaixonada.

Foi por 1880, se a memoria nos não atraiçoa, que um ministro (regenerador, ou progressista, para o caso pouco importa) presenteou Amorim com o titulo de conde, em recompensa — diziam as gasetas -- dos muitos actos de benemerencia praticados pelo opulento capitalista, desvelado protector dos estabelecimentos pios da capital. As más linguas — onde as não ha ? ! — diziam, porém, que o conde de Merim devia o titulo ao facto do ministro lhe dever meia duzia de contos representados por letras que o honrado estadista não pagaria nunca,.

porque para liquidál-as teria de vender o chalet que fizera construir no Estoril com a moeda do negreiro, e êle — o ministro, é claro — não era tolo nenhum!

O que é facto é que o descendente do lavrador humilde do logar de Real estava feito conde, e que se não folgou muito com a distinção tambem se não mostrou agastado. Tanto isto assim é que creditou a conta do estadista pelo titulo de conde, e que lhe restituiu as letras com o respectivo recibo. Esta revelação saiu-nos involuntáriamente dos bicos da penna, mas agora não ha que voltar atraz!

Por alguns annos correu serenamente a vida dos novos titulares.

O tempo, porém, não decorre impunemente, e a saude de D. Lola um belo dia começou a resentir-se dos estragos que a idade imprime ás organisações mais sadias.

A brasileira já passava dos sessenta annos, o que equivale a dizer que a doença achava terreno propicio para se desenvolver, fazendo pirraça á medicina que se exforçava tenazmente por prender á vida a esposa do milionario conde de Merim.

Com o agravarem-se os padecimentos da enferma, veio a necessidade instante de procurar alguem que substituisse no palacio das Janelas Ver-

des a actividade da dona da casa. O conde procurou senhora respeitavel que desempenhasse, com o cargo de governanta, a tarefa de ministrar á condessa os cuidados de que esta carecia. Para isso, valendo-se dos seus conhecimentos, que muitos eram, sabido como é que a fortuna tem o dom de crear relações, — como as lapas se criam nas rochas á beira mar.

Um dos seus amigos, e medico da sua casa, o dr. Vairão, recomendou-lhe com palavras de encarecimento uma cunhada sua, a D. Emilia Costa, dama quarentona, viuva de um oficial de marinha falecido em Moçambique.

A recomendação do distinto clinico, um dos operadores de maior nomeada da capital, bastaria para fazer admitir em casa dos condes de Merim a D. Emilia, ainda que esta não oferecesse, como realmente oferecia, outras recomendações. Era senhora de educação esmeradissima, de um fisico agradavel, simpatica, carinhosa, e d'ahi o ter sido aceite prontamente pelo conde, que se felicitava da feliz aquisição.

D. Emilia tomou a seu cargo o governo da casa, e foi uma enfermeira zelosa e carinhosissima da condessa. Esta, porém, tinha os seus dias contados, e por isso foram impotentes todos os cuidados medicos, e os desvelos da sua enfermeira.

O conde chorou a sua companheira de quarenta annos, mas, ou porque as lagrimas breve se estancassem, ou porque fossem mais poderosos do que a sua saudade os encantos da sua governanta, o que é certo é que, um anno depois do passamen-

to da condessa D. Lola, o conde de Merim nobilitava com a sua corôa heraldica a que fôra enfermeira de sua esposa.

A opinião explicava por diversos modos o facto do conde de Merim ter passado a segundas nupcias : — uns queriam ver n'êle a prova do desarranjo das faculdades mentaes do milionario ; outros, uma divida de gratidão paga generosamente, e ainda outros o desejo que o conde alimentava de deixar descendente directo a quem ligasse os seus bens de fortuna.

Estes ultimos esqueciam por certo que o conde de Merim ia a caminho dos setenta annos ! E' provavel, porém, que assim não fosse, e que os ilustres apresentantes da opinião publica conhecessem as respostas de um ilustre medico francez a umas perguntas do imperador Napoleão I.

Tratava o grande imperador, que foi mais casamenteiro que o nosso S. Gonçalo de Amarante, de fazer contrair matrimonio aos seus cabos de guerra. Como estes já passassem dos quarenta, Napoleão perguntou ao seu medico se um homem aos cincoenta annos podia ter filhos. — Quasi sempre, foi a resposta. — E aos sessenta ? Em muitos casos. — E aos setenta ? atreveu-se ainda a perguntar o imperador. —Isso sempre, respondeu Dubois sem se desconcertar.

O que é verdade é que o casamento do conde de Merim com D. Emilia Costa se realisou, e que a nova condessa conseguiu por completo assenhorear-se do animo do antigo negreiro, com grande jubilo de toda a sua numerosa parentela que espe-

rava herdar um belo dia a fortuna colossal do *brasileiro.*

Os annos foram correndo na sua marcha vertiginosa.

Os condes de Merim, como nos tempos da primeira condessa, dividiam o anno entre o seu palacete de Lisboa e a sua quinta de Ponte do Lima.

Em agosto de 189..., epoca em que vae decorrendo esta narrativa, estavam os titulares na sua propriedade do Pinheiro.

Como vimos no antecedente capitulo, graças a uma visinha linguareira, o conde de Merim estava bastante mal. Um ataque de cabeça levara o velho conde ao leito, de onde só sairia para repousar no cemiterio.

— —

Capitulo XIII

Quando n'essa noite a Serventa recolheu á sua casa no Arrabalde, já passava das oito horas, e Rosa postiça começava a pensar para consigo que teria de passar aquela noite ao relento.

— Quem está ahi? perguntou a Serventa ao divisar um vulto ánichado á sua porta.

— Sou eu, respondeu um tanto embaraçada Rosinha.

— Que a traz por aqui a esta hora? Alguma das senhoras está mal?

— E' que desejava falar-lhe, sr.ª Mariquinhas...

— Então que ha de novo?

— Era melhor entrarmos para dentro...

A Serventa introduziu na fechadura da porta uma chave enorme, pesadissima. A porta abriu-se, e Rosa e a sr.ª Mariquinhas entraram para uma sala quadrada, ao fundo da qual, n'uma alcova, se divisava, com a sua coberta de chita vermelha, o leito de ferro da Serventa.

Quando a sr.ª Mariquinhas fechou sobre si a porta de castanho, que segurou com pesada aldraba, fóra, na rua, produziu-se um certo barulho. Uma janela fechara-se com estrepito, denotando que a

pessoa que a fizera mover nos encaixes estava nervosa. Era a visinha, despeitada por não lograr saber o motivo que levava a creada das Santeiras a casa da Serventa.

Esta, procurou ás apalpadelas na gaveta de uma comoda o masso de fosforos de espera-galego, cuidadosamente encerrados n'uma caixa de lata sem tampa; faiscou lume, esperou que este se radicasse na hastesinha de madeira, e acendeu um candieiro de petroleo. Uma tenue claridade espalhou-se pelo aposento, envolvendo os moveis e objetos que o guarneciam n'uma luz mortiça.

Pelas paredes, em caixilhos de molduras douradas, varias oleografias de santos. Entre a porta de entrada e a janela, uma maquina de costura «Memoria». A' direita, um camapé de mogno com assento de palhinha coberto por um pano de crochet em grandes estrelas de bicos ponteagudos. A' esquerda, entre um baú coberto por uma toalha de linho e uma grande cadeira de verga, das Ilhas, uma comoda de cerejeira, e sobre esta, álem de varias bujigangas e retratos, uma imagem do Menino Jesus em sua redoma agasalhada por um docel de damasco verde, ladeada por dois castiçaes de vidro com as velas amarelidas pela acção do tempo. Na parede do fundo, entre a porta que abria para o quarto da sr.ª Mariquinhas, e a porta que dava para o corredor que levava á cozinha e ao quintalejo, um pequeno relogio de parede, de cuco, e por cima d'este, á laia de trofeu, uma ferradura bastante ferrugenta segurando a haste resequida de um alho porro: — a ferradura, para *dar*

sorte, o alho, para livrar dos *maus olhados*. Algumas cadeiras completavam o mobilario modesto da habitação da antiga creada dos condes de Merim.

A sr.ª Mariquinhas tirou o chale e o lenço de seda da cabeça, e logo os foi arrumar nas gavetas da comoda; depois, sentando-se na cadeira de verga, fez sentar junto a si a Rosa postiça, e começou de interrogál'a :

— Então, que novidade temos ?

A rapariga não respondeu logo, de enleada que estava, mas como a Serventa insistisse com éla, para que lhe desse a saber o que a levava a procurál-a, Rosa decidiu-se a falar :

— E' que fui despedida, murmurou a moça...

— Que me diz, menina ? !

— E' a verdade, sr.ª Mariquinhas...

— Mas pelo que ? conte-me isso...

— As senhoras receberam hoje uma carta, fazendo queixa de mim, e vae d'ahi disseram me tudo quanto lhes veio á cabeça, e puzeram-me na rua...

— Mas que dizia a carta ?

— Eu, a bem dizer, não sei o que éla dizia, mas pelo que as minhas amas me disseram parece-me que levantaram que eu falava com o Albertinho...

— Eu bem lh'o dizia, menina. Tudo se sabe n'esta terra, e a Rosinha bem pudera ver que as Santeiras o haviam de saber mais hoje, mais ámanhan.

— Mas é que é mentira o que disseram ás senhoras...

— Ou éla ! Então não é verdade que a menina fala com o filho do dr. Monteiro ? E a Serventa

não pôde resistir a persignar-se, tanto lhe custava o aceitar que a rapariga negasse aquilo que éla por seus olhos tinha verificado ainda na vespera.

— E' que na carta, e Rosa toda se purpureou, diziam que eu era amante d'êle, e mais falsidades de este jaez...

— Agora, percebo... E então as suas amas acreditaram em semelhante pouca vergonha?

— Não me deram ouvidos; trataram-me como a cão tinhoso...

— Valha-nos Nossa Senhora! Mas quem escreveria a carta, quem seria o badaleiro?

— Eu não sei, sr.ª Mariquinhas; mas tudo me leva a crer que fosse pessoa que hontem nos viu na romaria...

— Que me diz?!

— E' que na tal carta diziam que eu mais o Albertinho, e a sr.ª Mariquinhas, e o Julio Valente, estiveramos hontem n'uma taina em Santo Amaro...

— Ora a minha vida! a minha vida!... Eu bem lhe dizia que a minha reputação podia perigar. Meu dito — meu feito! Como élas se armam!... Vá lá uma pessoa fazer vontades!

— Então, sr.ª Mariquinhas. Não se apoquente... Agora não ha remedio a dar-lhe. Se eu pudesse remediar de algum modo o mal feito...

— Agora! Agora, é pegar-lhe com um trapo quente... Fêl-a bonita, não haja duvida!

Rosa, olhos lacrimejantes, quedou-se silenciosa, não sabendo que replicar á Serventa, cujas faces rubras pareciam arder em fogo.

— E agora, que quer que eu lhe faça ?! Eu não posso ir pedir ás Santeiras que a tornem a receber... Eram capazes de me descompor!

— Nem eu quero voltar para lá.

— Mas não foi para isso que me procurou ?... Que quer então de mim?

— Eu vinha pedir-lhe, sr.ª Mariquinhas, que me recebesse até eu arranjar casa...

— Ora essa! Não me faltava mais nada!... A menina bem sabe que a minha casa não é hospedaria... Ora que ideia, que ideia a sua!

—Eu ficava para ahi em qualquer canto onde não desse incomodo... mesmo na cosinha, disse Rosa com voz suplicante.

A Serventa pareceu comover-se, porque mudou de semblante, e respondeu menos desabridamente:

— Não é por a deixar ficar para ahi, porque a casa, louvado Deus, chega... mas é pelo que podem dizer... A Rosinha bem sabe como a terra é... Tem o exemplo em si.

— Mas, que poderão dizer? atreveu-se Rosa a interrogar com toda a ingenuidade.

— Que poderão dizer ?! Ora essa! Que eu sirvo de capa aos seus amores com o Albertinho... Que vou feita na marosca dos dois. Acha que é pouco?

— Era só por uns dias, até arranjar casa...

— Só uns dias, diz a menina! Bastavam horas para que as linguas danadas dissessem que eu a recebi em casa para ser agradavel ao Albertinho, e mais para aqui e mais para acolá... um nunca acabar de endrominas!

Rosa levantou-se da cadeira, palida como a cera, e fria de gelo. A atitude da Serventa surprendia a pobre rapariga, que contava com um agasalho, e que se via forçada a ir mendigar pousada algures, sabia Deus onde, de noite, áquela hora...

— Queira desculpar, sr.ª Mariquinhas, o têl-a incomodado. Vou ver se haverá alguem que me queira receber ainda; se não, passarei a noite na rua...

Havia tanta amargura, tantas lagrimas, na voz maguada da moça, que a sr.ª Mariquinhas, que não tinha mau fundo, se sentiu compadecida, e, forçada por um impulso de sensibilidade, obrigou Rosa a sentar-se novamente, dizendo-lhe:

— Bom, menina; deixe-se ficar. Tudo se hade arranjar... Cama não tem, mas dorme n'um dos colchões da minha cama...

— Mesmo no chão...

— Quem fala n'isso!? deita-se um dos meus colchões sobre o camapé e umas cadeiras, e ficará com uma camínha menos má... Minha rica, é o que se póde arranjar...

— Muito obrigada, sr.ª Mariquinhas. Seja pelo amor de Deus! e Rosa deu livre curso ás lagrimas que até ali fizera por represar, e que a sufocavam n'uma angustia intraduzivel.

— Eu venho já, disse o sr.ª Mariquinhas, e, levando o candieiro, tomou pelo corredor em direitura á cozinha. Ali, depoz a luz sobre a pedra da lareira, e abriu a porta que dava para o quintal.

A Serventa depois de recolher na córte o cevado, que n'essa noite recolhia fóra da hora habitual, voltou á cozinha, onde tratou de acender lenha pa-

ra aquecer uma chocolateira de café, sua refeição noturna.

Quando voltou á sala, Rosa ainda chorava copiosamente, no desabafar d'aquela dôr pungente que dilacerara pouco antes.

— Então, Rosinha ! para que chorar assim ? ! Vamos a tratar das nossas camas.

Auxiliada pela rapariga, a sr.ª Mariquinhas n'um pronto tirou um dos colchões da sua cama, cuja roupa arranjou novamente com todo o esmero.

Depois, foi ao baú buscar lençoes para a cama improvisada de Rosa ; do gavetão inferior da comoda tirou um cobertor felpudo, e d'ahi a alguns minutos estava pronto o leito da rapariga, equilibrando-se menos mal sobre o camapé e a fileira de cadeiras que lhe fazia face.

— Agora, vamos ao nosso cafésinho, sim ?

— Muito obrigada, sr.ª Mariquinhas. Eu não tomo nada...

— Qual não toma ? Uma chicara de café nunca fez mal a ninguem. Hade ver que até lhe faz bem ao flato.

-- Não tenho vontade, disse Rosa.

— Com vontade ou sem éla, hade tomar uma chicara... pequerruchinha, sim ?

— Pois sim, sr.ª Mariquinhas.

— Ora vamos lá.

Na cozinha, a Serventa escolheu para Rosa uma pequena chavena, e procurou para si a sua chicara habitual, almoçadeira, de um bojo enorme.

Saboreado o café, paulatinamente, aos golos, as duas voltaram á sala.

A Serventa trancou a porta de entrada ; deu, apesar d'isso, duas voltas á chave, e foi guardar esta sob o travesseiro da cama. Na mesinha de cabeceira depoz o candieiro de petroleo, a que deu menos luz.

— Boa noite, Rosinha.

— Boas-noites, sr.ª Mariquinhas.

— Quando acordar, faz favor de chamar-me, sim ?

— Tem de se levantar cedo ?

— Queria ir pela manhansinha ao Pinheiro, a saber do sr. conde.

— A's cinco horas ?

— Até ás seis, não será tarde.

— Eu chamo-a, esteja descançada, sr.ª Mariquinhas...

— Então, boa noite.

— Boas-noites.

D'ahi a alguns minutos, a Serventa apagava o candieiro, e d'ahi por egual espaço o seu ressonar fazia-se ouvir, n'um *rom rom* continuado que mal deixava distinguir o *tic-tac* do relogio de parede.

Rosa não pôde conciliar o sono. Apesar de acordada, toda a noite sonhou porém. A imagem do seu Alberto aparecia-lhe nitida e brilhante, a confortál-a suavemente, como a apagar de seus olhos o vestigio das lagrimas, das primeiras lagrimas que éla chorara, — das primeiras, mas não das ultimas!

Capitulo XIV

No dia immediato, por volta das dez horas da manhan, quando Alberto Monteiro saiu de casa, e se dirigiu, na fórma do seu costume, ao Café Camões, a desenferrujar a lingua, como êle dizia, notou que um grupo discutia animadamente em alta voz o quer que fosse, entre risadas sonoras, junto á porta do café.

Fazia parte do grupo Julio Valente, o qual vendo aproximar Alberto exclamou para os circunstantes :

— Ahi vem o D. João...

— Bravo, seu conquistador ! disse para o recemchegado o padre Jesuino, presbitero moço e janota ha pouco saido do seminario de Braga.

— Falae no mau, aparelhae o pau ! foi a saudação com que o brindou Alfredo Amancio.

Alberto, muito intrigado, não sabendo a que atribuir os cumprimentos ironicos com que era recebido, perguntou :

— Que sucedeu ?

— Faça-se de novas, seu maganão ! e o Teodoro Mancelos, dono do café, dava palmadinhas afetuosas nas costas do rapaz, rindo como perdido, charuto entre dentes.

— Não percebe enigmas, disse Alberto, mostrando se já estomacado.

— Para cá vens tu de carrinho, meu *loiro!*... interveio Julio Valente.

— Palavra de honra que não percebo patavina! e a fórma por que Alberto o assegurou deu a conhecer aos mais incredulos do grupo que o moço falava verdade.

— O Amancio que te informe do que se diz por toda a vila a teu respeito, e o Julio Valente desviava assim da sua pessoa a missão de ilucidar Alberto.

— Tá-tá-tá-tá... Tu sabes a coisa melhor que eu Fala tu, menino, fala tu, retorquiu Alfredo com a sua voz arrastada de cinico.

— Pois falo, falo, volveu Julio Valente, que não tenho papas na lingua!

— Exacto, disse Alberto, fitando-o.

— Pois, meu caro, diz-se á boca cheia que tu desencaminhaste a Rosa postiça de casa das Santeiras; que a moça já esta noite não dormiu em casa das amas, e que tu a levaste para o Arrabalde...

— Isso é falso, protestou indignado Alberto. E' uma infamia!

— Eu digo o que é voz geral. Quem m'o contou logo de manhansinha foi a Chica, sabes? a da doceira...

— E a mim, ainda na bocado m'o garantiu o Rocha Pinto, disse por sua vez o Teodoro Mancelos, sem desviar de boca o charuto, seu companheiro inseparavel.

— Pois, meninos, garanto vos que é tudo redondamente falso, tudo, tudo...

— Tudo, tudo, tambem não, interrompeu Julio Valente.

— Tudo! tudo! confirmou Alberto, em grita.

— *Vox populi — vox dei*, disse seraficamente o padre Jesuino...

— Voz do povo — voz do povo! lérias! tu bem sabes como esta vila é! e Alberto mostrava no seu rosto franco, colorido pela indignação que taes propositos haviam provocado, que era absolutamente estranho ao que se dizia.

— O que te posso garantir, continuou Julio Valente, é que a rapariga dormiu em casa da Serventa. E d'ahi talvez o dizerem que dormiu contigo, o que é pena... se não foi verdade...

— Julio Valente, interrompeu padre Jesuino, você está hoje depravado, assaz immoral...

— Olhem o santo! disse do lado o Mancelos. Bem prega frei Tomaz!...

— Vá, vá, nada de brincadeiras! e o padre Jesuino fingia-se agastado, como sacerdote exemplar que queria parecer.

Alberto assistia silencioso ao debate, não sabendo como explicar a saída de Rosa de casa das Santeiras, e dando mil voltas á imaginação para vêr se conseguia descobrir o X do problema.

— Ficaste assim a modos de embeserrado, disse Julio Valente, sorrindo para Alberto...

— Boquiaberto, disse o Amancio.

— Entupido, disse o Mancelos.

— E quiçá obnoxio, disse por sua vez o padre Jesuino.

— O que vocês quizerem, meninos!... Mas dizes tu que a rapariga dormiu em casa da Serventa? perguntou Alberto a Julio.

— Ainda não ha uma hora que a vi á janela, no Arrabalde, o que me confirmou o que a Chica me disse e que é do dominio do respeitavel publico. Parece que não pódem haver duvidas ..

— Pois para mim é tudo uma surpreza, palavra, e não sei como explicar o sucedido...

—Pois, meu caro, desde que tu nada tinhas combinado com a pecora, o caso facilmente se explica: —ou a moça se despediu, ou a puzeram na rua...

— Essa é boa! interveio o Amancio. Essa tua descoberta, menino, faz-me lembrar o amigo Banana...

— *Que apartara sem custo o cabelo se não fosse careca de todo*, interveio o Mancelos, que tinha pruridos de literato, e revelara os primeiros do seu engenho em varios artigos necrologicos de fazerem chorar as pedras.

— Vocês estão hoje terriveis... de sensaboria, disse Alberto para dizer alguma coisa, escondendo a perturbação de que estava possuido.

— Parece que não gostaste da noticia... Pois eu no teu caso upava de contente, disse Julio.

— A' cui-cui — sou da tua opinião, e o Amancio, cofiando as guias do bigode, dava estalinhos com a lingua.

— Não sei porque deva estimar que a rapariga saisse de casa das Santeiras...

— O' Julio, meta-lhe um dedinho na boca a ver se êle morde!

Todos se riram muito com esta saida do Amancio, e o proprio Alberto não pôde deixar de sorrir.

— Não lhe queria estar na pele, disse muito serio o Mancelos.

— Na pel' de quem? interrogou Alberto.

— Na da moça, é bem de ver. Coitadinha!

— Pela mãe não chama éla, que a não tem... e o Amancio riu perdidamente do seu dito malicioso.

— Adeus, meninos. As vossas linguas estão hoje depravadissimas, e o padre Jesuino começou a distribuir apertos de mão, a despedir-se.

— Para que lado vaes? inquiriu Alberto.

— Vou ali adiante, á farmacia do Araujo, buscar um remedio.

— Vê lá que sandalo te dão! recomendou o Mancelos.

Mostrando-se indignado, padre Jesuino respondeu assentando-lhe pesadamente a mão nas costas.

— Não te zangues... Nós somos de segredo, retorquiu o Mancelos, rindo.

— O que vocês são é uns desavergonhados. Adeus, adeus.

— Vou contigo, e Alberto Monteiro dando o braço ao padre Jesuino despediu-se dos amigos com um aceno de mão.

— Se precisares de quem te ajude, chama por mim, ó Alberto, berrou Julio Valente, quando o amigo já ia a distancia.

Alberto respondeu-lhe com uma praga energica

que a penna de Victor Hugo cristalisou luminosamente, graças ao cadinho do seu genio. Se a alquimia não conseguiu tornar em oiro o chumbo, o autor dos *Miseraveis* fez de um termo soez e mal cheiroso um vocabulo de intenso brilho e inegualavel expressão.

Foi como se caisse junto do Café um chuveiro de metralha.

Mancelos, Valente e Alfredo Amancio fitaram-se em silencio por alguns segundos, e depois, a um tempo, impelidos por mola oculta, desabafaram n'uma estridente gargalhada.

—Até logo, vou á Conservatoria, disse Julio Valente, despedindo-se.

— Até logo, responderam os dois.

— Quer você uma partidita de dóminó ? convidou Mancelos.

— Vamos lá a isso, acedeu Alfredo Amancio.

Entraram na sala escura a desguarnecida do Café, e abancaram, pedindo o dominó á Maria José, a creada, uma trintona gorducha.

— Você, não oferece nada, ó Mancelos ?

— Se você paga...

— Somitico, fntre !

— Vamos á nossa partidinha, ou não ?...

— Você não tem pena de ser assim ? !

— Quer ou não quer a partida ?

— Tomemos isso... já que você *não toma nada.*

E as pedras do dominó começaram a andar n'uma roda viva sobre o marmore polido da mesa.

Perto da fonte de S. João, Alberto Monteiro despediu-se do padre Jesuino, que se encaminhou para a farmacia do Araujo, e tomou pelo passeio direito do Arrabalde, de cujo lado ficava a casa da Serventa.

Alguns passos andados, Alberto pôde ver á janela do andar terro da casa da sr.ª Mariquinhas o vulto de Rosinha.

Acercou-se A moça, que o esperava havia horas, mal o avistou, interrogou-o:

— Então, já sabe?!

— Sei que saiste de casa das Santeiras, mas não sei mais nada...

— Eu logo lhe contarei tudo por miudo...

— Porque não hade ser agora?

— E' que damos muito nas vistas... Repare que nos estão a observar, e a rapariga indicava-lhe a visinhança, ás portas e ás janelas, os olhos inquisitoriaes fixando os conversados.

— Tens razão, confirmou Alberto. Mas quando havemos de falar? Estou ancioso por saber o que se passou...

— Se quizer, logo, ás duas horas, espere-me por detraz da capela das Pereiras, sim?

— Ainda não são onze horas!...

— E' que em antes das duas talvez eu não possa sair. A sr.ª Mariquinhas está para o Pinheiro, e ao meio dia ficou de vir para o jantar...

— Então, ás duas horas, por detraz da capela das Pereiras? Está dito?

— Hei de fazer por que não espere muito por mim; esteja certo.

— Então, até logo, Rosa.

— Ate logo, sr. Alberto.

— A's duas horas, vê lá!

— A's duas em ponto.

A rapariga conservou-se á janela por algum tempo, até ver desaparecer ao longe o namorado, que se encaminhava para o largo de Camões. Depois, fechou-se a janela, fazendo debandar os visinhos curiosos, e olhou para o relogio de parede, cujos ponteiros marcavam dez horas e tres quartos.

— Ainda falta tanto tempo! disse em voz alta, como se falasse com alguem, e, para que os minutos corressem mais ligeiros, Rosa poz se a tricotar uma meia de algodão branco, que a Serventa começara havia muito, empregando na tarefa toda a agilidade das suas mãos juvenis.

Já dera uma hora na Matriz quando a Serventa, de volta do Pinheiro, entrou em casa, toda esbaforida, a suar muito.

— Tenha paciencia, menina! Não pude vir mais cedo... Sabe Deus o que me custou dar agora esta assaltada!...

— Não faz mal, sr.ª Mariquinhas.

— E' que já deve estar com fominha.

— Não, não estou, mentiu a rapariga. Não tenho vontade.

— Qual não tem vontade! Só tomou pela manham um golo de café ..

— Mas estou bem.

— Pois eu trago-lhe aqui uma asinha de frango, um naco de carne assada, e pão.

A Serventa desdobrou um jornal, estendendo á

vista da rapariga meio frango, perto de meio kilo de carne, e uma pada de trigo de vintem, provisões furtadas previdentemente da cozinha dos condes de Merim.

— Se quizer caldo, continuou a Serventa, é ir ao quintal colher uns *olhinhos* de couve. Vinho, tem a Rosinha lá dentro em abundancia. O pipo está na cozinha. E' só dar á torneira, não tem que saber...

— Então a sr.ª Mariquinhas não janta cá? interrogou a moça, surpreendida.

— Não posso, menina; é-me de todo impossivel... Sabe Deus o que me custou a dar esta assaltada! O sr. conde está muito mal; vae fazer testamento; está-se á espera do tabelião... Não posso demorar-me. Como logo qualquer coisa. Se êle *bater o bute*, nem cá virei ficar... A menina não tem medo de ficar sósinha, ora não?

— Não, sr.ª Mariquinhas...

— Feche bem a porta, veja lá! Tenha conta que a do quintal não fique aberta, não me vão roubar o porquinho!

— Esteja descançada; se a sr.ª Mariquinhas não vier, eu fecharei tudo bem.

— Se eu não vier até ás oito horas não me espere. Deite-se. Se não tiver nojo, póde servir-se da minha cama.. ou mude-lhe os lençoes, se assim quizer. Ah! Já me ia esquecendo: não me deixe de recolher o cevado...

— Esteja descançada!

— Cautela com as luzes, veja lá... Eu tenho muito medo dos *fôgos!*

— Vá socegada.

— Adeus, Rosinha.

— Então até logo, sr.ª Mariquinhas.

— O mais certo é até ámanhan.

— Eu sempre a espero.

— Não vindo até ás oito, é que não venho. Já hontem a sr.ª condessa queria que eu lá ficasse. Hoje, é quasi pela certa.

— Então êle sempre assim está mal?

—Não passa d'hoje, dizem os medicos. Já se lhe fez uma junta, mas tres vezes nove — vinte e sete... Aquele está arranjado! Oxalá que êle não se esqueça de mim no testamento! Já que não tem filhos que contemple os *probes*...

— Coitado! murmurou Rosa.

— Já passa dos oitenta, minha menina. E' tempo de ir! Tambem um dia nos chegará a vez...

— E a sr.ª condessa, quantos conta?

— Já não é nova, mas está ainda bem boa peça! Fica ainda uma viuva muito *apanhadoura*... Deixa-me ir embora, que o tempo corre que tem diabo, e eu faço lá falta! Adeus, Rosinha! e a Serventa ganhou a porta da rua, e poz-se a caminho com a maior ligeireza que os seus tecidos adiposos lhe permitiam.

Rosa interrogou o relogio. Estavam proximas as duas horas. Sentia-se fraquissima, com fortes tonturas de cabeça, mas não querendo que o namorado se impacientasse com qualquer pequena demora, deixou a refeição para depois da entrevista ajustada.

Para que a visinhança não desse pela sua saida,

Rosa saiu pelo quintal, que dava para o caminho que cerca a mata da casa da Aurora.

Em alguns minutos, transpostas as quelhas tortuosas que conduzem aos Quarteis, abrigada pela sombra projectada pelos muros que bordam o estreito caminho, Rosa achou-se no pequeno largo que fica trazeiro á capela das Pereiras, n'uma elevação de terreno de que se descobre o magnifico panorama do rio, cortado pela massa granitica da velha ponte que, vista cá de cima, semelha uma avenida aerea ligando a vila á graciosa freguezia de Santa Marinha, um oasis de verdura a destacar-se do fundo negro das montanhas que o bom sol de agosto, ardente e limpido, polvilha de oiro a mãos-cheias, prodigamente.

Não tinham dado ainda as duas horas, mas Alberto já ali estava, o relogio na mão, sentado sobre uma das pedras que deviam ter servido para a construção de uma lendaria torre, especie de obras de Santa Engracia, que os habitantes de Ponte viram começar e abandonar no mesmo dia.

Como a hora aprasada ainda não tivesse soado, Alberto entretinha-se a contemplar um rancho de pombas que fazia evoluções arriscadas no beiral do telhado, e tam distraido estava que não deu pela chegada de Rosa, que o chamou com a sua vozinha cristalina :

— Sr. Alberto !

— Ah ! és tu, Rosinha, respondeu o mancebo, fitando a moça... Foste pontual.

— Ainda não deram duas horas. Vim cedo... Fiz mal ? interrogou éla, risonha

— Fizeste muito bem. Cuidas que eu t'o não agradeço? !

— Mas estava tão distraido que nem me sentiu chegar á sua beira...

— Estava a contemplar as tuas irmans, respondeu Alberto, tomando nas suas, carinhosamente, as mãos da rapariga.

— As minhas irmans! e nos olhos da moça liase a surpreza que semelhante frase provocara.

— Sim, explicou Alberto, as tuas irmansinhas... as pombas, e com o dedo indicou á moça o beiral do telhado da capela.

— Que *saia!* replicou Rosa. Se eu fosse pomba!...

— Ora imagina por um momento que o eras, e faze de conta que eu era um pombo... Ai que bicadas!

— Seu tonto!

— Meu anjo!

— Vá... deixe-se agora de palavrinhas bonitas e... mentirosas.

— Mentirosas, isso é que não!... Não sejas injusta, Rosinha. Bem sabes como eu te quero...

— Se o não soubesse, estava eu porventura aqui?

— Então não te faças másinha, que o não és. Senta-te aqui ao pé de mim, e conta-me o que se passou hontem. Vá!

Rosa fez-lhe a vontade. O mancebo passou-lhe o braço em torno da cintura, e uniu a si, imprimindo-lhe um beijo nas faces, de surpreza.

— Se não tem juizo, vou-me embora, disse a rapariga, fazendo menção de levantar-se.

— Eu prometo ter juizo. Vá, Rosinha, dize.

E Rosa passou a contar, detalhadamente, o que na vespera se passara em casa das Santeiras, e que dera origem á sua saida. Depois, com toda a minucia, fez-lhe saber como se lembrara de ir procurar a Serventa, e do que se passara em casa de esta, até que a mulhersinha, compadecida, a deixara ficar.

— Porque me não procuraste em primeiro logar ?

— Deus me livre ! O que haviam de dizer !... Não, não ; assim foi melhor.

— E tudo por minha causa ! Pobre Rosa !

— Deixe lá ! E' muito meu amigo, pois não é ?!

— Se sou teu amigo !... Tu bem o sabes !...

— Isso me basta. Casas não faltam ..

— Se eu já estivesse formado, não aturarias tu mais ninguem !

— Não faz mal. O que eu desejo é que me conserve a sua amizade...

A rapariga passou as mãos pelos olhos, comprimindo as frontes, e poz-se a pé de subito, denotando pelo arfar dos seios estranha agitação.

— Que tens tu ? interrogou Alberto com interesse.

— E' que não estou bem. Senti que me fugia a vista, e doe-me muito a cabeça, muito...

— Terás tu febre ? !

— Não, isto é fraqueza, murmurou a rapariga. E' que ainda hoje não comi...

— Queres que te vá buscar alguma coisa ?

— Obrigada. Tenho de comer em casa. A sr.ª

Mariquinhas ainda ha bocado me levou muita comida, mas eu não quiz fazer esperar o sr. Alberto...

— Tontinha!

— D'aqui por um instante, já estarei boa. Adeus, sr. Alberto...

— Então hoje não nos tornaremos a ver, a falar?

— Talvez não possa ser...

— Ora! Só se tu não quizeres...

— Eu?! Tomara eu têl-o sempre ao pé de mim! e o meigo olhar da rapariga testemunhava a Alberto que Rosa dizia o que sentia, presa do afecto que lhe tributava.

— Então, logo posso ir falar-te?...

— Tem então muito que me dizer?

— Se tenho!... Então a que horas posso ir ao Arrabalde? Vá, faz-me a vontade!

— Olhe. A sr.ª Mariquinhas talvez hoje não vá ficar a casa...

— Ah! e porquê?

— Pelos modos, o sr. conde de Merim está á morte, e a sr.ª condessa quer que éla lá passe a noite; sim, por causa de ser precisa...

— Percebo. E então, se éla ficar no Pinheiro, poderemos falar?

— Podemos...

— E eu, como hei de saber isso?

— Olhe, em sendo nove horas, se éla não recolher, eu espero-o á porta da quelha, sabe?

— E' a terceira, vindo do Arrabalde, não é?

— Não, é a terceira para quem vae d'aqui, e in-

dicou-lhe com a mão o caminho ; é antes de chegar a casa do padre João Titan, sabe ?

— Está bem. A's nove horas lá estou, e Deus queira que a Serventa fique no Pinheiro.

— Então, até á noite, sr Alberto.

— Ai que despedida tam sêca ! Nem ao menos um beijo ?... e Alberto estendia-lhe os labios procurando os da moça.

— Olhe que nos podem ver ! e a rapariga sondou com a vista o local.

— Vês ; não passa ninguem. Vá ! um beijinho .. só um !

A rapariga não teve animo para recusar-lhe a solicitada prova de afecto, mas, temendo que o mancebo não se contentasse com a unidade, tam depressa juntou os seus labios aos de Alberto n'um rapido osculo, deitou a correr em direcção a casa.

Capitulo xv

As noites de luar são sempre belas, mas nenhumas tam ridentes de poesia como as noites de agosto em que o luar espalha a sua claridade. Dir-se-á que do ceu azul, n'essas noites de encanto, caem por sobre a terra, graças á generosidade de algum anjo loiro, argenteos pós perfumados que tudo polvilham, espalhando-se no ambiente em aromas embriagantes.

O que é certo é que o luar de agosto é o rei dos luares, e que os namorados lhe querem como a fada carinhosa cuja varinha de condão obra prodigios.

O luar tem o quer que é de feiticeiro, de mago... e isto não é de hoje. Quando Fausto penetrou no jardim de Margarida foi por um noite de luar de agosto, é fóra de toda a duvida.

Foi precisamente em uma linda noite de luar que Alberto, depois de ter dado uma volta pela vila, se dirigiu para a praça da Rainha, tomando depois pela ingreme calçada do Correio, e seguindo pelo caminho pouco transitado, e ladeado por altos muros, que vae desembocar junto á capela dos condes de Aurora, no Arrabalde.

Davam nove horas no relogio da Matriz quando Alberto chegou á porta esguia do quintal da Serventa Rosa esperava-o.

Quando Alberto viu a moça, no olhar fuziloulhe toda a alegria que lhe inundava o peito ante a espectativa d'aquela entrevista noturna, a primeira que lhe era dado ter com Rosa.

— Foste de palavra, disse Alberto. Não imaginas como fiquei contente quando agora te vi! Já estás boa de todo?

— Muito obrigada. Coisa má não tem perigo...

— Não digas isso, que não é verdade.

— Então acha que não sou má?!

— E's um anjo, exclamou Alberto, e preparava-se para beijar a rapariga, cingindo-lhe a cintura delicada.

— Baixe as patinhas! A modo que se vae tornando muito confiado...

— Não te zangues! Eu prometo ter juizo...

— Faz o que quer, e sobra-lhe o tempo, seu mau!

— Ai! Se eu fizesse quanto quero!...

— O que fazia, diga lá?

— Já te tinha... feito minha mulher.

— Fala serio?

— Pois tu duvidas?!

— Não...

— Bem sabes que por enquanto o não posso fazer... sou filho-faminto. Compreendes, não é assim?

— Eu bem sei que gosta de mim, mas eu não passo d'uma pobre de Cristo... de mais a mais... postiça!

— Mas vales tesoiros na tua humildade. Não te trocava por nenhuma outra, pódes crer.

— Eu tambem lhe quero muito, sr. Alberto, assim Deus me leve a alma a salvamento.

— Bem sei, Rosa, bem sei isso; mas... nós ficamos aqui á porta?... ao frio?

— Frio! Ou êle! a noite está tam bonita...

— Mas é que póde passar alguem, e vêr-nos...

— Isso sim! quem passa n'este ermo?!

— Mas é que lá dentro sempre estavamos melhor. Aqui nem a gente se póde sentar...

— Mas não sei se deva, sim... não é bonito.

— Só se tu não depositas confiança em mim! Lá se não tens confiança ..

A rapariga mostrava-se hesitante, traduzindo pelo silencio o combate que em seu espirito se travava

— Bom, disse Alberto, já vejo que não te mereço confiança...

— Não diga isso; mas é que na verdade...

— Bem! está bem! Não queres: não queres, está dito!

— O sr. Alberto bem deve ver que não é bonito... Eu não o queria desgostar, mas tambem...

— Se fosse um sacrificio que eu te pedisse... uma coisa por aí alem... vá que m'a não fizesses, mas uma coisa tam simples!... Era só por estarmos melhor, mais á vontade... Mas tu não tens confiança em mim!

— Não se zangue! eu faço-lhe a vontade... mas hade prometer que hade ter muito juizinho, sim?

— Prometo o que tu quizeres... mas se é de má vontade, então mais vale ficarmos aqui...

— Entre então, sr Alberto, entre...

O mancebo não se fez repetir o convite, e precedido pela rapariga transpoz o quinteiro da Serventa.

Rosa levou o para a sala da entrada O candieiro estava aceso sobre a comoda, permitindo a Alberto examinar o mobiliario da modesta habitação. A cama da Serventa, na alcova, ao fundo, deu-lhe na vista, e o mancebo, indicando-a á rapariga, perguntando-lhe:

— E' ali que dormes?

— Não. Eu tenho dormido n'um colchão, ahi, sobre o canapé.

Alberto sentou-se no canapé, convidando Rosa a imitál-o.

Por algum tempo a conversa sustentada teve por tema os assuntos banaes que em geral constituem o fundo de todas as conversas entre *fidalguinhos e tricanas*. Falaram dos namoros d'éla, d'aquela a d'aqueloutra, das conquistas de fulano, de cicrano e de beltrano, das proximas *feiras-novas*, do seu amor, de projectos de futuro...

Rosa, a começo pouco á vontade, um tanto receiosa, readquirira toda a serenidade. O mancebo cumpria a promessa que tinha feito: — ter juizo. A rapariga, pelo menos assim o entendia, apesar de Alberto já lhe ter furtado mais de um beijo, e de lhe contornar a cinta com o braço, aconchegando-a a si. Mas Rosa sentia-se feliz, e na crença de um afecto por egual correspondido qual é a mu-

lher que não permite ao escolhido da sua alma taes pequeninos nadas ? !

N'isto, Alberto reparando no pescoço de Rosa notou que a moça já não trazia o cordão de oiro que dois d as antes ostentava.

Rosa contou-lhe então esse incidente da despedida, e, ao pormenorisál-o com toda a verdade, não pôde conter as lagrimas que lhe caiam grossas como avelans pelas faces mimosas, n'um desabafo terno.

Alberto compreendeu o quanto a rapariga devia ter sofrido na vespera, e á vista das lagrimas pungentes de Rosa sensibilisou-se.

— Coitada ! o que tu sofreste por minha causa, minha pobre Rosa !

Tomou as mãos da moça carinhosamente, e com os labios, em sucessivos beijos, n'um prolongado beijo, procurou apagar o vestigio das lagrimas dos olhos da rapariga.

Rosa não protestava ; sentia-se aniquilada, mole, sem forças, extenuada. As lagrimas não deixavam de aljofrar-lhe as faces, mas era de bem-estar, de satisfação por se sentir amada, que a póbresinha chorava agora. Tinha junto a si o seu Alberto, acariciando-a. Sentia se tam feliz !

N'um subito arrebatamento que o amor explica, se não perdôa (porque o amor é cego, dizem os entendidos) Alberto tomou nos braços o corpo donairoso da moça, leve, muito leve, e aconchegou-a a si, cobrindo-a de beijos...

Na rua, uma voz fresca de rapariga cantava :

«O' Julia, ó Julia, ó Julia!
— Que tens, que tens, que tens?!
....
..............................»

Era o estribilho em voga, repetido noite e dia pelas tricanas da vila.

A noite seguia no seu caminhar suave, banhada pelo luar de agosto, poetica, cariciosa, perfida!

N'essa noite, no outro extremo da vila, na sua casa do Pinheiro, o conde de Merim, após uma agonia dilacerante, entregava a alma ao Creador.

Rodeavam o leito do titular sua esposa, os medicos da vila, a sr.ª Mariquinhas, e os creados do velho conde.

Quando os medicos constataram que o sopro da vida se apagara no organismo do antigo negreiro, e se retiraram graves e silenciosos, no quarto onde a morte acabava de entrar ergueu-se um grande alarido de lamentos e choros. A creadagem testemunhava d'este modo a sua dôr, certa de que o velho conde não teria deixado de a contemplar no testamento lavrado na vespera, de que algumas disposições haviam transpirado, graças á loquacidade do José das Neves, especie de mordomo do falecido, que fôra uma das testemunhas das disposições testamentarias, e a quem o conde contemplara largamente em vida.

A sr.ª Mariquinhas juntava o seu pranto ao dos servos da casa, e ao vêl-a chorar desoladamente a morte do seu antigo amo dir-se-ia que era bem funda a saudade que votava ao falecido. A sr.ª Mariquinhas não tinha mau fundo, já o dissemos, mas as suas lagrimas ante o cadaver do conde não traduziam o menor sentimento. Chorava porque os outros choravam, e porque parecia mal em tam solene momento não prantear o morto, — «um santo homem, o pae dos pobres, um fidalgo ás direitas!»

A condessa de Merim, palida como a cera, cerrou carinhosamente as palpebras inanimadas do marido, beijou-lhe a fronte ainda morna e humida e aconchegou-lhe ao pescoço a roupa bordada da cama, com toda a solicitude de enfermeira devotadissima. A esposa prestava ao marido os ultimos cuidados, sem uma lagrima, sem um queixume... O passamento do conde não representava uma surpreza: era um facto de ha muito previsto, e, se não desejado, pelo menos aceite de longa data com a resignação de quem não fizera um casamento de amor, mas sim de conveniencia. Fôra uma sociedade comercial. A morte do socio capitalista dissolvia-a; só tinha de proceder-se á liquidação que, no caso presente, seria regulada em virtude das disposições consignadas no recente testamento.

A condessa relanceou o olhar pelo aposento, e fez sinal a José das Neves para que a seguisse, encaminhando-se para uma alcova proxima, onde costumava repousar algumas horas desde que o marido adoecera.

O mordomo acompanhou submisso a ama, dando-se logo ao cuidado de acender as velas de um candelabro artistico, e com o lenço enxugava os olhos onde se não divisavam vestigios de lagrimas.

— Sr. Neves, confio de si o encargo de vestir o sr. conde...

— E' uma honra para mim, sr.ª condessa... e o mordomo á força da pressão do lenço conseguiu que duas lagrimas tenuissimas lhe deslisassem pelas faces.

— Hade ser preciso tambem tratar do enterro, continuou a condessa; o sr. Neves pensará em quem se deve chamar, e vigiará que o funeral seja conforme com a fortuna e alta posição de meu querido esposo....

— Por aqui, armador em termos, só temos o Pedro do Cachapuz... V. Ex ª talvez tenha ouvido nomear...

— Sim, está bem; o sr. Neves tem carta branca...

— A sr.ª condessa hade ficar satisfeita, hade fazer-se um enterro obra aceiada...

A condessa de Merim esboçou um ligeiro sorriso que José das Neves não lobrigou, e, como a despedir o homem, disse-lhe com toda a majestade de viuva riquissima:

— Bem, sr. Neves, confio no seu zelo; proceda em tudo como se eu propria fosse...

— V. Ex.ª penhora-me...

— Só lhe faço justiça.

— Muito obrigado a V. Ex.ª. A sr.ª condessa deseja que se previnam os herdeiros do falecimento do sr. conde?

— Em que herdeiros fala ? e a condessa sentiu um suor frio escaldar-lhe a epiderme.

— Nos sobrinhos do sr. conde...

— Que sobrinhos ?

— Nos que o sr. conde tinha em Refojos... A sr.ª condessa conhece-os.

— Sim... tem razão... Não me lembrava. Então êles são herdeiros de alguma coisa?

— Pois V. Ex.ª não sabe?! Eu sempre imaginei que a sr.ª condessa estava ao par do testamento...

— Meu marido quiz dar-m'o a saber, mas eu não permiti... Desinteresso-me de tudo quanto são questões de dinheiro... O que eu queria é que Deus lhe prolongasse a vida...

— E' preciso uma pessoa conformar-se com as vontades do Todo-Poderoso !

— Infelizmente, assim é... Então o sr. conde deixou alguma lembrança aos sobrinhos ?

— Lembrança ? Melhor que isso ! Deixou-lhes quasi metade da fortuna...

— Que me diz ? ! interrogou a condessa, fazendo-se côr de cidra.

— A verdade, minha senhora. Verdade seja que V. Ex.ª fica usufrutuaria, com o encargo de dar-lhes uma pensão annual enquanto de posse da herança... Depois de V. Ex.ª são êles os maiores herdeiros ; o resto são legados de pouca importancia. A sr.ª condessa ámanhan saberá tudo por meudo pelo sr. dr. Osorio, que foi o notario. V. Ex.ª sabe...

A condessa já não o escutava. Aquela revelação como que a fulminara. Sempre imaginara que

o conde, áparte insignificantes legados, a deixaria herdeira universal. Fora esse o sonho que a animara ao ligar a sua existencia áquele velho feio e de inteligencia mediocre. Pois que ?! escapava-lhe assim metade da fortuna que se afizera a considerar sua, muito sua ?! E para ir parar ás mãos de quem ?! — De uns labregos, de uns Joões ninguem... Ficava usufrutuaria, é certo, mas sempre era outra coisa ficar senhora absoluta, unica... Estava roubada, não tinha que ver!.. Roubada!... Se tivesse um filho!...

— Que ordena V. Ex.ª ?

— Póde retirar-se, sr. Neves... Amanhan pensaremos n'isso... Agora sinto-me incapaz de pensar no quer que seja.

O sr. Neves, com uma cerimoniosa mesura, saiu do gabinete, deixando a condessa entregue á sua dor, e subiu ao seu quarto a enfarpelar-se convenientemente.

A viuva do conde de Merim fechou a porta á chave, e, n'uma grande crise nervosa. atirou-se para um divan, n'um copioso pranto, entrecortado por fundos gemidos...

No quarto proximo, junto ao cadaver, a creadagem após a saida da condessa serenara um pouco as manifestações de pesar, e a sr.ª Mariquinhas começava a cabecear com sono comodamente anichada n'uma poltrona de *chenil*.

Os gemidos que a condessa soltava na alcova onde se refugiara vieram chamar novamente a creadagem á comedia da vida, e em breve, redobrando de violencia, choros e gemidos recomeçaram

n'um alarido ensurdecedor, apagando o sussurro dos gemidos que a condessa, furiosa de despeito, expelia murmurando de longe a longe : — Ah ! se eu tivesse um filho !

Josè das Neves, com o aspecto das ocasiões solenes, já todo vestido de luto com um enorme *bacalhau* de merino que tinha comprado dias antes, entrou no quarto mortuario, e ante o pranto espaventoso da creadagem recomendou com autoridade:

— Menos barulho ! A sr.ª condessa precisa de socegar... Chorem como eu, que sustento as lagrimas e os soluços... e não sofro menos que vocês! E' preciso vestir o defunto ; os homens ficam comigo, e as mulheres vão lá para fóra...

— Para onde havemos nós de ir ? perguntou a Serventa, despeitada.

— Vão para a cozinha, respondeu o Neves desabridamente ; lá pódem berrar á vontade...

— Berrar ? ! Ou êle ! protestou, abespinhada, a Serventa. Vamos chorar, sim, lá isso vamos, o nosso rico amo.. Coitadinho!

— Vão «fazer a parte», murmurou o Neves para os creados, cujo auxilio reclamara para vestir o morto.

— Aquilo, são umas comediantas, confirmou um d'êles... Parece que trazem cebolas nas algibeiras.

— O que élas são sei eu ! e o Neves não entrou em mais explicações, passando o lenço pelos olhos «a fazer a parte»...

A noite seguia no seu caminhar suave, banhada pelo luar de agosto, poetica, cariciosa, perfida !

Quando o pae de Alberto Monteiro regressou n'essa noite a casa, de volta da assembleia, foi encontrar a esposa n'um sobresalto. Já tinham dado duas horas, e o filho que sempre recolhia á meia noite ainda não entrara, o que alarmava em extremo o espirito da mãe.

— Não o viste na assembleia?

— Hoje não o vi por lá; mas socega que êle não se perde ..

— Que lhe teria sucedido?

— Não estejas com receios; aquilo foi alguma rapaziada...

— Não sei o que me diz o coração!

— Socega; tinhas feito melhor em te deitar... O rapaz já não é nenhuma creança; não se perde...

— Assim será, mas não estou em mim! O Albertinho nunca passou uma noite fóra de casa...

— Alguma vez havia de ser a primeira... Socega!

— Queres tomar alguma coisa?

— Não, não quero nada. Vou-me deitar, e tu não te demores... A creada que espere pelo pequeno...

— Pois sim, eu vou já...

O dr. Monteiro encaminhou-se para o quarto de dormir. Antes de deitar-se, conforme o seu costume, deu balanço á carteira e á bolsa. O advogado era um dos *habitués* da batotinha barata que depois da meia noite funcionava na assembleia, com o beneplacito do administrador do concelho.

O dr. Juvencio ganhara n'essa noite, ao *monte*,

seis mil réis, maquia equivalente a boa meia duzia de consultas. Estava satisfeito. Deitou-se e adormeceu em breve serenamente, com a consciencia de um justo.

A esposa só se lhe foi reunir de ahi a duas horas, quando sentiu que o filho batia de manso, a medo, á porta de casa. Recomendou á creada, que não dissesse ao menino que os paes sabiam que recolhia a taes horas, e, pé ante pé, foi ocupar o seu logar junto do marido adormecido, a cujo ressonar estrepitoso estava habituada.

Quando Alberto entrou em casa, a creada repreendeu-o carinhosamente:

— Então isto são horas de recolher, seu brejeiro?

— Não pude vir mais cedo, respondeu Alberto, não ousando fitar a moça.

— Bonitas horas de entrar em casa, sim, senhor! e a creada procurava ler nas feições do mancebo a explicação d'aquela noitada.

— O papá e a maman já se deitaram ha muito? interrogou Alberto com a voz timida.

— Se queria que êles o esperassem! Estão a cair as quatro horas... e eu sem dormir nada? — Depois, dando á voz uma entonação meiga, accrescentou: — Seu mausinho!

— Tem paciencia! não foi por querer...

— Então prenderam-o lá por fóra?

— Estive com uns rapazes amigos... foi uma ceiasita...

— Esteve mas foi com alguma rapariga, ia jurál-o...

— Estás tolinha!

— Sempre me saiu um rosquedeiro!... Querem ver que foi com a Rosa postiça...

— Cala-te! São horas da gente se deitar...

— Mas com quem esteve, diga?

— Com rapazes, já te disse, volveu Alberto meio agastado.

— Bem, bem... eu estou conformada! Ninguem me mandou ser *pedaça d'asna!* Boas noites, sr. Albertinho.

— Até logo, rapariga. E Alberto encaminhou-se para o seu quarto, nas pontas dos pés, para não fazer ruido.

A moça fez outro tanto, monologando entre dentes: — As mulheres sempre são muito tolas!...

Ia rompendo a manhan cuja claridade tenue substituia a do luar de agosto, do caricioso, poetico e perfido luar!

— —

Capitulo XVI

Não mentira José das Neves ao informar a condessa de Merim de que uma parte, e não pequena, da fortuna do falecido titular ia para as mãos dos sobrinhos do conde, uns rusticos que amanhavam as suas terras de Refojos desde que o Sol era nado até noite cerrada.

Essas terras, no valor de uma boa meia duzia de contos, tinham sido na sua quasi totalidade devidas á generosidade do negreiro que quizera em vida que os seus sobrinhos gosassem uma certa abastança, e que sempre lhes acudia nas ocasiões de aperto com a sua bolsa.

A esses parentes, dois robustos homens na força da vida, cheios de familia, ia caber em herança por determinação do finado o melhor de trezentos contos. Não os receberiam, é certo, durante a vida da condessa — a senhora tia condessa, como êles diziam — mas, em compensação, receberiam anualmente quatro contos de réis : dois para o João, e outros tantos para o Manuel : — uma riqueza !

Quando no dia immediato ao do falecimento do conde, na sala nobre da casa de Merim, a dois passos da camara ardente, o dr. Osorio fez leitura do

testamento do negreiro, titubiante por vezes, muito nervoso, como bacharelsinho ainda pouco afeito aos actos solenes, a condessa de Merim, com toda a majestade de rainha, e serena como se nenhuma das disposições testamentarias a contrariasse, conservou-se junto de uma mesa na postura de uma estatua, e da palidez do marmore.

Estavam presentes os dois sobrinhos do conde, aos quaes a noticia do falecimento chegara de manhansinha e que logo se puzeram a caminho, anciosos por saberem novas, e que foram depor aos pés da condessa, com as frases desataviadas de sentimento, as ofertas dos seus serviços em *hora tam amargurada*.

Muito correctos nos seus fatos domingueiros de ver a Deus, com as suas grandes e desmodadas gravatas de merino, os dois rusticos entraram na sala ricamente adornada e alcatifada, com passos meudinhos, as lagrimas a bailarem nos olhos, não ousando macular de leve a seda amarela que cobria os estofos das cadeiras.

De pé, fazendo rodar nas mãos os chapeus braguezes largos e pesados, ouviram o dr. Osorio começar a enumeração dos legados que o falecido deixava a diversos estabelecimentos de caridade e a grande numero de servos. O negreiro não esquecia no numero de estes a Serventa, a quem deixava como lembrança trezentos mil réis em inscrições.

Quando o notario chegou ao periodo que começava: — «Lego a meus sobrinhos João e Manoel, do logar do Real, da freguezia de Refojos, filhos de

meu defunto irmão Antonio...» os dois irmãos entreolharam-se, e nos olhos rebrilhou-lhes um clarão de alegria...

Mas quando ouviram a disposição preceituando que a viuva ficaria usufrutuaria dos grossos cabedaes de que eram herdeiros, novamente se entreolharam, mas com uma careta assaz significativa que traduzia : «Ou êle!», equivalente no presente caso a um mais expressivo : «Estamos roubados!»

Não ficaram contentes os herdeiros. Era quasi uma burla, uma grande mangação aquela clausula que lhes tirava o usufruto da herança ! Antes o velho deixasse menos, mas esse menos *liquedo*... Êles não estavam em idade de precisar de tutores... E' verdade que a tia condessa era obrigada a pagar-lhes uma pensão annual deveras importante, mas que era isso á vista do rendimento da riqueza que lhes pertencia ?! E depois a tia condessa que era da idade de êles ; estava rija e fera, com saude para dar e vender... Realmente o velhote não estava em seu juizo ao fazer o testamento!...

O dr. Osorio, finda a sua missão, despediu-se da sr.ª condessa com um aperto de mão respeitoso e afectuoso, muito grave, na sua sobrecasaca de diagonal preto, procurando dar á fisionomia um ar compungido em harmonia com o acto que acabava de desempenhar. Com um leve aceno de cabeça, despediu-se dos outros herdeiros, e saiu da sala curvando se ligeiramente em frente da viuva que o fitava com atenção, monologando em silencio : — Não deixa de ser simpatico, este doutor...

João e Manoel, os sobrinhos de Refojos, de olhos

no chão, permaneciam immoveis, no mesmo sitio.

A condessa, vendo que os dois se não despegavam da sala, disse-lhes:

— Querendo, vão até á cozinha... Teem lá que comer. Se precisam de alguma coisa de mim, digam-o com franqueza!

— Muito obrigado, disseram os dois á uma, e ficaram se na mesma postura.

— Se me dão licença, eu retiro-me, e a condessa preparava-se para sair da sala.

— E' que nós tinhamos um favor a pedir á senhora tia condessa...

— Digam o que é.

— E' que nós, continuou o mais velho, se não dessemos incomodo, passavamos cá a noite de hoje para ámanham *honrarmos* o funeral do defunto...

— Pois sim, deixem-se ficar. Entendam-se com o sr. Neves para que lhes mande arranjar camas.

— Muito obrigados, senhora tia condessa.

— Vivam! Passem bem! e a condessa encaminhou-se para a porta, fitando majestosa os dois herdeiros.

Estes, d'ahi a pouco, tomaram o caminho da cozinha, descontentes com o testamento e com o modo porque a condessa os tratara. Nem lhes estendera a mão! E aquele «Vivam! Passam bem!» fôra para êles como uma punhalada...

Mas como tristezas não pagam dividas, os dois lavradores fizeram servir-se de jantar, e a verdade é que comeram como herdeiros ricos!

Não fôra só a condessa a ficar despeitada com o testamento. Como vimos, os herdeiros de Refojos não tinham gostado nada da *chalaça*.

A senhora Mariquinhas, lá para que digamos, tambem não ficou satisfeita. No seu entender, pelo menos, mais uns duzentos milréisinhos eram devidos, porque, na verdade, sempre aturara muito ao falecido e á finada condessa...

Mas quem ficou fula, terrivelmente despeitada, foi a Rosaria Quelhas, a criada de quarto da condessa, ainda ha poucos mezes ao serviço da casa, e que por esse motivo quasi passara despercebida ao titular, que d'éla se esquecera nas disposições testamentares.

A rapariga, uma ruiva, de Vitorino dos Peães, quando soube positivamente que *fôra desherdada* soltou um choro horrivel, rompendo em pragas á sua má-sorte, atribuindo o caso a *indrominas* da creadagem, fazendo tal alarido que a condessa, na alcova onde se refugiara após a leitura do testamento, se sentiu incomodada.

Tocou a campainha, para chamar a creada, e indagar o motivo de semelhante inferneira. Quem lhe apareceu, muito esbaforido, depois da condessa ter repetido os toques, foi o José das Neves.

— Que barulho é este, sr. Neves?

— Saiba V. Ex.ª que é a Rosaria Quelhas... a chorar.

— Diga lhe que não faça tanta grulha... Doe-me a cabeça.

— Aquilo não ha nada que a faça calar, senhora condessa! A rapariga está como possessa...

— Mas pelo quê?

— Por não ter tido nada no testamento...

— Ah! e a condessa não pôde conter um sorriso. Bem, sr. Neves; faça-a socegar.

— E' que éla quer ir embora; diz que não quer servir de escarneo aos outros herdeiros... que não hade ser só éla a chorar quando os outros se riem... Está como bebada!...

— Bem bem, sr. Neves, se éla, se quer ir embora, que vá. Faça-lhe contas, e ponha-a na rua. Eu é que não posso com tal barulho!

— Mas V. Ex.ª fica sem creada...

— A Serventa que me venha falar logo que chegue. E'la sempre hade saber de alguma rapariga...

José das Neves deu immediatamente execução ás ordens da condessa, pagando á Rosaria os mezes de soldada em divida, e despedindo-a. A rapariga não se mostrava resolvida a sair, apesar dos protestos formulados n'um arrebatamento pouco antes, mas o mordomo a nada quiz atender, e pôl-a na rua, com o aplauso da creadagem a quem a rapariga havia ofendido ao dizer que não queria ser a unica a chorar quando os outros riam!

— Era muitissimo bem feito, diziam. Pagava pela lingua!

A Rosaria Quelhas, com o seu baú de roupa á cabeça, as faces rubras, os olhos com laivos sanguineos, descia a breve trecho a rua do Pinheiro. O mulherio que se aninhava ás portas, n'um grande desleixo de vestuario, interrogava-a com a curiosidade propria da ralé, certo de encontrar assunto para a má lingua.

E a rapariga, quedando-se aqui e ali, em sucessivas paragens, respondia a quantos a interrogavam com a voz ou o olhar, pormenorisando as peripecias que haviam dado logar a ser despedida, queixando-se com rancor, amargamente, do José das Neves, que a puzera na rua por vingança, — insinuando que o mordomo a havia requestado, e que por éla lhe não dar tréla é que o maroto assim procedera.

— Em uma creatura sendo honesta, parece que tudo se conspira contra a pessoa!...

— Diz a menina muito bem; é assim mesmo, aplaudia a Maricas Zarolha, uma desavergonhada que em toda a vila era tida e havida por mulher de pessimos costumes.

— Mas é que é assim mesmo, acrescentava do lado outra mulhersinha cujo comportamento rivalisava com o da Zarolha. Parece que a sorte só fada bem aqueles que se portam mal!

— Lá isso, dizia a Rosaria, assim parece, mas eu prefiro nunca ter de meu coisa alguma e andar sempre com a cabeça bem direita! Acima de tudo a minha boa reputação...

— Pois é assim mesmo! Com uma sardinha, mas honradinha!

E a rapariga ia seguindo seu caminho, deixando atraz de si, como um rastilho, assunto bastante para que o mulherio do Pinheiro, ás soleiras das portas, em voz alta, n'uma ociosidade propria do desmazelo que o caracterisa, dissesse o pior possivel da condessa de Merim, do José das Neves, e da propria Rosaria... Da propria Rosaria, sim, que

ousara falar toda emproada na sua boa reputação!

— Ora a tola!...

A sr.ª Mariquinhas, que saira depois do almoço para ir ao Arrabalde, não só para levar de jantar á Rosa postiça como tambem para tratar de uns engomados cuja entrega não podia demorar, só ás seis da tarde voltou á quinta de Merim.

O José das Neves logo a informou de que a condessa desejava falar lhe, explicando-lhe o motivò. A sr.ª Mariquinhas já sabia que a Rosaria tinha saido de casa da condessa. Ao passar no Pinheiro, aquela *grande porca* da Zarolha contara-lhe tudo por meudo, pondo o José das Neves pelas ruas da amargura.

— Nem o sr. Neves calcula o que aquela zoina se atreveu a dizer-me a seu respeito! Tambem ouviu as boas, que eu, bem o sabe, não tenho papas na lingua...

— Era não fazer caso! Quem não conhece a Zarolha?!

— Mas é que uma pessoa ás vezes não póde conter-se. Subiu-me um frenezim á cabeça e, zaz! sempre lhe disse coisas!

— Talvez fossem ditos da Quelhas...

— Isso sim! A Rosaria não podia dizer tanto... Aquilo eram mesmo *lonas* inventadas pela Zarolha, digo lh'o eu, sr. Neves!

— E' não fazer caso; eu já estou afeito aos ditos...

— Mas eu cá não posso ouvir dizer coisas que assim não são! De mais a mais do sr. Neves, de quem ninguem, assim Deus me salve, tem nada, mesmo nada, que dizer...

— Muito obrigado, sr.ª Mariquinhas; são favores...

— E' a verdade; não tem que me agradecer nada, sr. Neves. Mas é que n'esta terra ha cada linguasinha de prata!

— Olhe, sr.ª Mariquinhas, já o sr. conde, e era cá da terra, dizia que Ponte era um bonito cortiço com pessimas abelhas, e olhe que é bem verdade...

— Eu tambem sou do concelho, mas não deixo de reconhecer que é assim mesmo..

— O sr. conde sabia muito bem o que dizia!

— Aquilo era mesmo um santo, Nosso Senhor lhe fale n'alma!

— E amigo do seu amigo. Olhe que não se esqueceu de si, sr.ª Mariquinhas...

— E' verdade, é verdade... deixou-me uma lembrançasinha... Deus lh'o pague!... Se me dá licença, sr. Neves, vou então aonde á sr.ª condessa... coitadinha! Como tem éla passado?

— Assim, assim... uma coisa! Vá lá, vá, sr.ª Mariquinhas. A sr.ª condessa está na alcova ao pé do quarto onde morreu o sr. conde.

— Então até logo, sr. Neves.

— Até logo, sr.ª Mariquinhas.

Antes de ir procurar a condessa, a Serventa en-

caminhou-se para a camara ardente, ajoelhando ante o caixão guarnecido a veludo e oiro que encerrava o cadaver do conde, e fazendo menção de rezar.

Sobre mesas cobertas de baeta negra, destacavam-se grandes salvas de prata coaguladas de cartões. Os cadernos de papel, tarjados de preto, iam-se pouco a pouco cobrindo de assinaturas. A alcatifa negra amortecia os passos das pessoas que, muito graves, nos seus fatos escuros das ocasiões solenes, iam *dar o nome ao rol*, sem o menor sentimento pelo traspasse do titular, mas que, em atenção á viuva, não podiam deixar de cumprir tam *triste dever*.

A Serventa conservou-se na posição de quem reza com fervor por algum tempo: o preciso para que a notassem, comedia que outros herdeiros já haviam desempenhado, e a que a sr.ª Mariquinhas entendera não dever esquivar-se. — Fazia bom efeito! pensava para consigo, e por mais tempo permaneceria na camara ardente se não fôra o calor excessivo que reinava no aposento, todo forrado a baeta preta e alumiado pela luz de oito grandes tochas de cera branca. Na parede, ao fundo, resplandecente de luz, um grande Cristo de marfim mostrava no rosto macerado um sorriso triste, um sorriso de piedade...

De manso, com os nós dos dedos, a Serventa bateu á porta da alcova.

— Quem é ? interrogou a voz da condessa.

— Sou eu, minha senhora.

A condessa de Merim deixou a pequena secretária onde estivera a escrever diversas cartas para os parentes mais proximos de Lisboa, a dar-lhes comunicação detalhada do falecimento do marido, de que pelo telegrafo lhes dera aviso, e veio abrir a porta.

— Estava á sua espera, sr.ª Mariquinhas...

— Desculpe V. Ex.ª ter-me demorado um *pequerrichinho* mais, mas estive a fazer oração ao *cadavre* do falecido,

— Não fez mal. Sabe ?... E' que desejava que me arranjasse uma creada de sala...

— Já sabia que a Rosaria se foi embora. Tam bem estava aquela rapariga! Agora de creadas está tudo assim, senhora condessa! Não ha que fiar...

— Veja a sr.ª Mariquinhas se me descortina coisa de geito ; não faço questão de ordenado, já sabe...

— Mas é que tenho, agora me lembro, coisa que convem á sr.ª condessa. Pois é verdade, tenho uma rapariga mesmo ao pintar, uma grande creada...

E a Serventa passou a fazer o elogio da Rosa postiça com grande calor, relatando o que a fizera sair de casa das Santeiras, e dando-se por fiadora da honestidade da rapariga.

A condessa de Merim ficou satisfeita com a descrição que a Serventa fez da moça, e logo aquiesceu a tomál-a ao seu serviço.

— Pois, sr.ª condessa, ainda hoje lh'a trago, e

V. Ex.ª hade ficar satisfeita E' um achado, um verdadeiro achado!

E para ser agradavel á viuva do negreiro, apesar de bastante fatigada, voltou ao Arrabalde, para levar na sua companhia a rapariga.

Rosa, que já não a esperava n'essa tarde, ficou sobresaltada quando a sr.ª Mariquinhas lhe appareceu. A Serventa comunicou-lhe que lhe tinha arranjado casa, e que n'essa noite já podia entrar ao serviço da condessa.

Ao contrario do que a mulhersinha esperava, a moça não mostrou alvoroço pela noticia, que intimamente a contrariava, mas não tinha pretesto plausivel para recusar uma casa como a da condessa de Merim, e por isso, agradecendo á sr.ª Mariquinhas o havêl-a arrumado, pediu-lhe para entrar só no dia seguinte ao serviço da nova ama.

— Mas porque não hade a menina entrar hoje? interrogou a Serventa.

— Olhe, sr.ª Mariquinhas, como sabe, ainda tenho a minha roupa em casa das Santeiras. Amanhan mando por éla, e já me poderei apresentar em termos.

— Mas com a roupa que traz não ia mal...

— Ora essa! sr.ª Mariquinhas! Então queria que eu me apresentasse assim, com esta roupa velha e suja?

— A sr.ª condessa não repara n'isso...

— Não diga tal! Ainda se fosse para outra casa, vá que não vá, mas para casa da sr.ª condessa, isso é que não. Tenha paciencia, sr.ª Mariquinhas!

— Não vá ás vezes com a sua esquisitice perder uma casa boa como aquela! Olhe que aquilo é um páu por um olho, digo-lh'o eu.

— Pois se eu já lhe disse que vou ámanhan... Mesmo que ia eu lá fazer hoje?!... Já é noite... A sr.ª Mariquinhas bem deve ver, sim, que eu tenho razão; pois não é verdade?!

— Bem, bem, menina. Não teimarei consigo. Se eu tal soubesse tinha poupado esta estafa, que as minhas pernas já não estão para folias... Então, ámanhan, o tratado — tratado?

— A sr.ª Mariquinhas bem sabe que eu só tenho uma palavra.

— Bem, bem, Rosinha. Até ámanhan então. Por volta das dez, cá me tem. Não se esqueça de mandar pela roupa logo de manhansinha para *ao despois* não haver demoras.

— Esteja socegada.

Quando a Serventa se retirou um tanto desconcertada, Rosa experimentou um grande alivio, como se lhe ouvessem tirado dos hombros um peso enorme.

A rapariga esperava n'essa noite Alberto Monteiro, a quem na vespera, em face das suplicas instandas do moço, prometera nova entrevista.

Rosa ficara pertencendo por completo ao mancebo; nada podia recusar-lhe já. O mau passo estava dado; agora não havia remedio. A rapariga assim o pensava, e não se iludia...

O que a animava era a esperança de que Alberto continuaria a dispensar-lhe afecto, e que um dia santificaria pela egreja as relações mais inti-

mas que tinham nascido de um instante de loucura, a que éla, aniquilada, sem forças, não pudera obstar. E, para mais radicar no espirito a fé n'um futuro enlace, recordava os exemplos que a sua memoria lhe lembrava dos casamentos realisados na vila entre *fidalgos* e tricanas. Contavam se pelos dedos, é certo, esses casos anomalos, mas eram um facto positivo de que tirava as ilações mais lisongeiras...

Cria sinceramente na amizade que o filho do dr. Monteiro dizia votar-lhe, e considerava-o incapaz de esquecêl-a, de abandonál-a.

Na vespera, a seus pés, o mancebo jurara-lhe um amor eterno, e éla, a pobresinha, ainda tinha nos ouvidos a toada cantante, metalica, das suas promessas, como lhe parecia sentir ainda, escaldantes nas faces, os beijos de fogo, perenes de volupia, do seu amado Alberto.

E por isso esperava impaciente a hora da nova entrevista, anciando vêl-o novamente a seus pés, dizendo-lhe lindas palavras — adoraveis mentiras!

Capitulo xvii

Na vila já não era para ninguem misterio o namoro de José Coelho com a Chica. A rapariga que a principio só furtivamente, em sitios escusos, concedia ao Coelho raras ocasiões de falar-lhe, ao cabo de um certo tempo perdeu esse resto de pudor innato e desde então toda a vila a viu n'uma assiduidade constante com o namorado.

A mãe, na crença ingenua de que o rapaz lhe requestava a filha para o *bom-fim*, dava á moça a liberdade mais ampla, deixando-a sair a toda a hora para encontrar-se com o Coelho. Este não se cançava de repetir as suas promessas de casamento — casamento que havia de celebrar-se antes do Natal, e assim, astutamente, enfeitiçava cada vez mais a rapariga.

Pelas tardes, muitas vezes, os namorados eram vistos passeando pelas estradas do Tamel ou de Viana n'um doce abandono, as mãos ligadas, e quem assim os via ficava conjecturando para consigo que aquela excessiva intimidade forçosamente comprometeria o conceito da moça no caso do Coelho não cumprir a sua palavra, o que não seria para estranhar em Ponte, onde os casamentos são em dimi-

nuto numero, e onde as tricanas geralmente só logram enlaces da *mão esquerda*.

Algumas raparigas da *roda* da Chica, vendo o adiantamento progressivo das suas relações com o José Coelho, a admoestaram, recomendando-lhe prudencia — Não te fies em cantigas, rapariga! Vê lá o que fazes!...

Chica não lhes prestava ouvidos, e ao namorado repetia os propositos menos lisongeiros com que as companheiras a mimoseavam á conta da sua desmedida confiança nas promessas do rapaz.

— Deixa *falál'as*... Tens tu ou não tens confiança em mim?

Que sim, que d'isso não duvidava um só momento, respondia a moça, e continuava a acompanhar o Coelho, segura de que em breve lhe chamaria o *seu homem*. As amigas o que tinham era inveja, olá, éla bem as conhecia! Se conhecia!... Era por isso que quando alguma cachopa, amigavelmente, dando-lhe palmadinhas afectuosas nos hombros, lhe dizia: — «Sua tolinha!... que quer casar!...» a Chica respondia invariavelmente, toda ufana: — Que me preste! Mortinhas por isso estão vocês tambem!...

E a meia voz, garotamente, cantava-lhes:

«Minha mãe, quero casar,
Que o casar é matrimonio...»

As amigas riam, e Chica ficava como vitoriosa, encarando as companheiras — as suas rivaes! — com um olhar desdenhoso, de superioridade.

E assim iam passando os dias, sucedendo-se as semanas...

Uma ou outra vez, é certo, passava-lhe fugace pelo espirito a ideia de que o José Coelho quizesse apenas divertir-se á sua custa, abusar d'éla talvez, ludibriál-a... mas bastava uma palavra do namorado para a tranquilisar, e Chica, mais confiante, aguardava serenamente o futuro em que veria realisados os seus mais lindos sonhos.

Em principios de setembro, após um ligeiro arrufo provocado por uma qualquer ninharia que a moça avolumou propositadamente, fingindo-se sentida, o Coelho disse-lhe : — Olha que é bom dizeres a tua mãe que mande tirar a tua certidão de baptismo, para juntar aos meus papeis. O tempo passa a vapor, e mais dia menos dia é preciso dar começo á leitura dos *banhos*...

N'esse dia a rapariga andou satisfeitissima : cantou e bailou, Desnecessario é dizer que d'ahi a vinte e quatro horas José Coelho tinha em seu poder a certidão de edade da moça, que leu, dobrou cuidadosamente, e guardou na carteira.

— Tu verás como isto agora vae depressa ! disse o rapaz...

— Quem me dera cá esse grande dia ! foi a resposta da moça.

O arrufo serenado, não se voltou — parecia desnecessario — a falar em casamento. Era uma coisa resolvida ; era só dar tempo ao tempo...

Da cabeça de Chica varrera-se quasi completamente a lembrança de Luiz de Navió. Não dizemos bem. O pobre abandonado era lembrado pe-

la rapariga, mas de que modo! Era como a evocação de um pesadelo, de uma coisa lugubre, que baldadamente se procura apagar da memoria...

Como combinara com o Coelho, ou antes, sujeitando-se á imposição de este, Chica não cortara por completo a correspondencia epistolar com o ausente. Escrevia de longe a longe ao rapaz — umas cartas «desenchabidas», sem uma palavra de carinho, respondendo com meia duzia de linhas da caligrafia meudinha da Loreto ás cartas enormes, interminaveis, de Luiz.

A Aninhas, com o seu grande fundo de bondade, já por mais de uma vez aconselhara Chica a pôr termo áquela correspondencia que não tinha razão de ser. - Para que havia éla de andar a enganar mais tempo o Luiz, estando para casar com o Coelho?! Aquilo não era bem feito; não era coisa que se fizesse!

Chica explicava-lhe então o motivo por que assim procedia, ainda que tendo a consciencia de proceder mal, de incorrer em pecado. O Coelho não queria que éla desenganasse o *outro*, não fosse êle fazer alguma asneira, porque o Luiz era muito capaz de fazer das suas... De mais a mais, reparasse a Aninhas n'isto, era filho de feiticeira, e dito isto tudo estava dito! Não fosse êle armar-lhes qualquer enrascada!

Era já com grande relutancia que a Aninhas Loreto se prestava a desempenhar as funções de secretária de Chica, anciando por ver-se livre d'aquela missão ingrata que lhe pesava na consciencia.

Luiz, por seu lado, sofria horrivelmente. Tornavam-se progressivamente mais raras as cartas de Chica, cujo laconismo acusava o quer que fosse que o rapaz, por mais que parafusasse, não conseguia descobrir. A começo, atribuira-o êle á mãe da rapariga, á doceira, mas por fim puzera essa ideia de parte. —Evidentemente, ali havia outra coisa. Talvez intrigas!

Mas era insustentavel permanecer por mais tempo na incerteza, na duvida. Era forçoso dar termo áquele estado de inquietação que o torturava, que lhe envenenava a existencia, tornando lhe negras as horas de trabalho na oficina.

Decidiu ir a Ponte, certificar-se por si mesmo, por seus proprios olhos.

As *feiras-novas* estavam á porta. Aproveitaria essa ocasião: de uma cajadada matava dois coelhos.

A resolução assente, Luiz escreveu a Chica a seguinte carta, cuja leitura vivamente a incomodou:

«Amor do meu coração.

«Não sei já como hei de dizer-te a muita estranheza que me tem causado o teu proceder para comigo ha uns tempos para cá, sem que eu tenha dado, que em minha consciencia saiba, causa para isso.

«Bem vejo que não me queres com a amizade que d'antes me tinhas, porque quando assim não fosse mais amiudo me havas de escrever, e o teu coração te havia de ditar outras palavras mais do

intimo que me dessem alentos para suportar as muitas saudades que tenho por me ver separado do meu querido amor.

«Tenho sofrido um verdadeiro martirio, que nem tu pódes calcular, por me ver tratado quasi com desdem por a pessoa que n'este mundo mais estimo, e por quem sou capaz de todos os sacrificios.

«Tenho-te pedido por tudo quanto ha que me expliques se por palavras ou obras dei motivo a desmerecer no teu conceito, porque é mister que alguma coisa houvesse para tu mudares de tal modo, que ás vezes a mim mesmo pergunto se tu serás a mesma Chica. Mas tu foges sempre de darme explicações, e o meu sofrimento é cada vez maior e superior ás forças humanas ! !

«Pódes acreditar, debaixo de juramento, que eu desde que d'ahi vim não tenho tido outra imagem no coração que não seja a tua ; nem outra mesmo podia ter, porque tu és o meu primeiro amor, e serás tambem o ultimo ! ! !

«Pela minha salvação te afianço que, se te foram dizer algumas falsidades a meu respeito, é tudo calunia de quem me queira mal, e por isso deves tirar da ideia quaesquer desconfianças que tenhas a respeito da minha constancia, porque sempre te tenho sido leal e fiel !

«A minha vida aqui é toda de trabalhos, já te tenho dito muitas vezes, e bem precisava que tu me desses alentos para me ser menos pesado o fardo da vida.

«Quero-te de toda a alma, pódes estar certa, e para veres até que ponto vae a minha amizade por

ti bastará dizer-te que te quero com mais respeito e religião do que a Nossa Senhora, ainda que este dizer possa ser considerado como de maçonico, mas a verdade é que assim é, e por isso Deus me perdoará se n'estas palavras ha menos respeito á santa doutrina da egreja.

«Por tudo isto bem pódes considerar que não tenho forças para continuar na incerteza, que é peior que a morte, porque ao menos a morte acaba com a gente de uma vez, e tu, a falar verdade, estás-me a matar aos bocados. Não te digo isto por te querer mal, mas para que saibas o quanto tenho padecido com a tua frieza, de que não te culpo.

«Ha pessoas que me teem enredado no teu espirito, estou certo, abusando da tua boa fé, e d'ahi o teu procedimento para comigo, que te quero tanto. Só com a minha presença conseguirei fazer calar as linguas danadas que me teem prejudicado no teu conceito, porque só á vista conseguirei que me digas o que tens contra mim, provando-te eu que tudo é calunia de pessoas que me querem mal.

«Nas «feiras novas» pois, que já veem perto, irei a Ponte, e estou certo que tudo se resolverá a bem do nosso amor e da nossa felicidade.

«Não te enfado mais, minha querida Chica; deixa que te abrace, enviando-te muitas saudades o que se assina,

«teu do coração até á morte,

Luiz.»

«P. S. Trago sempre junto ao coração o lenço

bordado que me deste, que muitos beijos guarda para entregar á dona na primeira ocasião. Prepara-te para isso. Nunca tires do dedo a «aliança» que te dei, olha que me matas! Adeus, adeus!!!»

A' leitura d'esta carta, em que a paixão do mancebo transparecia vivida e profunda, Chica sentiu um misto de pesar e de aborrecimento, uma grande contrariedade.

Que fazer? como impedir que Luiz desse execução ao proposito em que estava de vir a Ponte nas proximas feiras-novas? Não seria conveniente desiludil-o por uma vez, fazendo-o sabedor de que éla o não amava já, e que em breve desposaria um outro?

Fazendo estas perguntas, Chica não se resolvia a tomar por si propria qualquer expediente. A sua vontade estava enfeudada ao Coelho, senhor absoluto da sua alma; êle decidiria o que havia a fazer, e o que êle fizesse, na opinião da moça, estava bem feito.

No dia immediato ao da recepção d'aquela carta, Chica encontrou o namorado no Caes das Arvorinhas, por volta das duas horas. Era domingo e o passeio sombreado, á beira rio, que se estende do Largo de Camões até perto da ermida de Nossa Senhora da Guia, tinha a concorrencia propria dos dias santificados em que, depois da missa, as familias burguezas, os artistas e as tricanas fazem o seu passeio de D. Fernando como em Lisboa se *faz Avenida*.

Chica entregou aoCoelho a carta recebida na ves-

pera, que este passou a ler paulatinamente. Os dois iam caminhando a passo, dirigindo-se para a Guia, onde poderiam sentar-se um instante, e falar livremente, longe de ouvidos indiscretos.

A primeira leitura parece que não foi suficiente para que o rapaz fizesse um juizo seguro do documento, porque da ultima pagina o Coelho passou outra vez á primeira, redobrando de atenção, como procurando fixar na memoria os dizeres de Luíz de Navió. Depois, dobrando cuidadosamente a carta, entregou-a a Chica, sem uma palavra.

N'esta altura, subiam os dois os degraus de pedra que levam ao recinto da capela, e foram sentar-se, procurando uma restea de sombra, no muro de resguardo junto ao rio.

— Então não me dizes nada da carta ? perguntou Chica.

– Se queres que te diga, o de Navió não regula bem.. Ele bem podia ver que tu já lhe «passaste as palhetas...» Sabes que mais, que não seja asno!

— Pois sim, mas achas bem dizer-lhe que tire de mim o sentido ?

— Isso é lá contigo. Eu não te quero dar conselhos, para que depois não me venhas com *aquelas*...

— O que tu disseres, é o que eu faço. Bem deves lembrar-te que foi a teu rogo que eu continuei a escrever ao Luiz depois que nos falamos.

— Pois sim ; ninguem diz menos d'isso, mas tu é que deves ver o que agora te convem fazer...

-- Agora ? ! murmurou a moça, fitando no Coelho um olhar triste.

— E' que tu ás vezes podias ter mudado... e o que eu não queria, de modo nenhum, é que viesses a dizer mais tarde que eu fui causa de tu romperes com o gajo!

— Então não foste?! e Chica fitou no conversado uns grandes olhos de pasmo.

— Pois se eu te aconselhei até a não deixares de escrever-lhe...

— Ah!... achas então que eu posso continuar a fazer esse papel depois do que entre nós se passou?

O Coelho guardou silencio. Com um canivete entretinha-se a cortar e adelgaçar uma vara de oliveira que apanhara do solo.

Chica, notando o silencio do namorado, fitou o insistentemente, como procurando ler-lhe nas feições o que lhe ia no cerebro. Uma nuvem de tristeza velou-lhe por um instante os olhos. A rapariga, passando as mãos pelas palpebras, procurou afastar qualquer visão sombria, e encarando o Coelho, perguntou com voz firme:

— Então não me aconselhas o que devo fazer em vista da carta do Luiz?

Sem desviar os olhos da varinha de oliveira que descascara e polira com o canivete, o Coelho respondeu com moleza, como tratando de assunto que lhe era em absoluto indiferente:

— Faz o que quizeres.

— Isso não é uma resposta. Já que me fizeste mentir por tanto tempo ao rapaz, deves dizer-me agora o que tenho a fazer. Se quizeres, continuarei a enganál-o, mas tenho vergonha...

— Pois, se quizeres, escreve-lhe, e diz-lhe que não pense mais em ti, porque já dispuzeste do coração a favor de outro, e pronto...

— Então não queres que lhe diga que estou para casar contigo?

— Ora que necessidade ha de o informar do que não é da conta de êle! Que tem o sujeito que a gente case ou deixe de casar?!

— E' que me parecia que não havia mal nenhum em dizer a verdade, mas desde que tu não queres...

— Parece que estás com pena do *outro!* Pois, menina, é decidires: ou êle ou eu...

— Tu bem sabes que me decidi por ti, e que já não é tempo de voltar atraz... e as lagrimas começaram a deslisar pelo rosto da rapariga.

— Bom! agora temos choradeira. Então, Chica deixa-te de creancices...

— E' que tu já não és meu amigo! murmurou a rapariga.

— Não digo eu! E' isto! Ora que rapariga esta! Assim, zangamo-nos... Ora vá!

E o Coelho sacando um lenço do bolso procurou enxugar as lagrimas dos olhos da moça.

— Eu já não chóro... O que eu queria é que não deixasses de ser meu amigo. O que havia de ser de mim agora?!

— Vá, então, socega! Eu quero-te ver satisfeita, já sabes... Pois, como te disse, o melhor é escreveres ao de Navió, dizendo-lhe que dispuzeste do coração a favôr de outra pessoa, e que póde tirar de ti o sentido... Não tem nada que cá vir fazer nas feiras-novas; pois não é assim?

— Está bem ; farei como tu dizes.

E quedaram-se em silencio : Chica, meditativa, olhando o rio que se estendia a seus olhos como uma larga fita de *moirée* azul clara em que o Sol, a prumo, faiscava, bordando-a a lantejoulas douradas ; Coelho, o olhar vago, descrevendo arabescos com a ponta da vara sobre a terra arenosa que se estendia a seus pés.

Veio despertál-os d'este torpor a voz arrastada de um grupo de raparigas do campo, que se aproximavam da ermida, cantando :

Senhora da Guia,
Bendita sois vós ;
Nos reinos dos Ceus,
Rogae Deus por nós.

Senhora da Guia,
Nos Ceus onde estaes,
Rodeada de anjos,
Bendita sejaes.

Era um *clamor*. Lá vinha a oferente da promessa, com sua vela de cera enfeitada a fitas verdes. Uma mulhersinha de cabelos brancos, trazendo ao colo um pequerrucho (filho ou neto, que motivara n'uma hora de angustias, a promessa á Santa) era ladeada por umas doze raparigas de 8 a 14 annos vestindo as roupas berrantes dos dias festivos.

Para que estes clamores ou ex-votos sejam bem recebidos do santo ou santa invocado em hora de

aflição, é forçoso que o oferente da promessa, ao cumpril-a, se faça acompanhar unicamente por virgens. D'ahi a preferencia dada ás creanças, para não tornar penosa ou menos autentica a escolha de adultas...

Uma das raparigas vergava ao peso de um cesto enorme encerrando uma farta merenda para depois do voto cumprido: umas tantas volta em torno da capela.

Quando viu que o clamor se aproximava, Coelho encarando Chica com um sorriso amoravel, perguntou-lhe:

— Queres tu ir até ao bosque das Merendas? Está-se lá tam bem...

— Ainda lá estivemos n'outro dia, volveu Chica, sem ousar fitál-o...

— Isso que tem? Vá! Faz-me a vontade... vem comigo, Chica.

— E' que se faz tarde, balbuciou a moça.

— Ora! Não sejas másinha!... Vem...

— Pois sim... Eu não sei dizer-te que não, já sabes, e seguiu-o submissa, como escrava que não ousa revoltar-se...

Em torno da ermida, as raparigas, n'uma toada plangente, arrastada, cantavam:

Senhora da Guia,
Entre flores e luz,
Bendita sejaes,
Junto de Jesus!

Capitulo XVIII

Desde que o primo Antonio chegara a Ponte, as amigas de Julia marchanta começaram a estranhar a sua falta nos logares onde a rapariga d'antes era certa. Deixou de ir á fonte e ao rio, e era já raro vêl-a na loja da Loreto, onde outrora psssava uma parte do dia a dar á lingua, e onde quasi todas as tardes, a convite da Aninhas, tomava café, — um cafésinho especial, saborosissimo, que o Alfredo Amancio apregoava ser muito superior ao da Assembleia. — Uma delicia, palavrinha!

O Antonio Moreira, como *brasileiro* que não olha a gastos, enchera a familia de mimos de toda a ordem, e não se passava uma semana que êle não proporcionasse aos paes de Julia e á priminha um passeio aos Arcos, Braga, Viana ou Coura — com sua licença, em que era fretado o melhor carro do Vinagreiro, e procurados os melhores hoteis das localidades visitadas.

Dizia-se que já passavam de um conto de réis as ordens que o *brasileiro* recebera por intermedio da casa Gomes Cardoso, e as despezas que o primo de Julia fazia eram de molde a não se julgar excessiva uma tal soma. Só na Casa Limarense o

Antonio Moreira fizera compras superiores a tresentos mil réis, em vestidos para Julia e para a mãe, em fatos para o tio marchante, e em pano de toda a ordem para roupas de uso e de casa.

As ourivesarias da terra tambem tiveram o seu *S. Miguel* com a estada em Ponte do sobrinho dos marchantes. Este presenteara a tia com um grande cordão de oiro que não pesava menos de vinte moedas ; dera ao tio corrente e relogio de oiro, e á priminha um adereço completo : brincos, broche e pulseira, tudo guarnecido a perolas e pequeninos brilhantes.

Não era pois para estranhar que a rapariga *andasse n'um sino*, e que preferisse o convivio do primo ao das tricaninhas. Estas é que não viam a coisa pelo mesmo prisma, não perdoando a Julia o ter-se tornado arrédia. Havia, é fóra de toda a duvida, uma pontinha de inveja, de mal dissimulado despeito, por parte das amigas de Julia, mas verdade é tambem que a rapariga, em face das *riquezas* que o primo lhe prodigalisava, mãos rotas, se mostrava um tanto soberba, toda *inchada*, como diziam na vila, e por isso dava motivo a que a não poupassem com remoques mais ou menos justos.

Julia podia muito bem deixar de melindrar as antigas companheiras de passeios e romarias, e para isso bastar-lhe-ia procurál-as como sempre fizera, relatando-lhes por miudo os passeios que dava, e as mercas que o primo fazia ; mas, envaidecida que estava, sentia certo prazer em olhar as amigas *de alto*, em as *meter n'um chinelo !*

As murmurações subiram de ponto quando um domingo, na missa do sr. Prior, ás 9 horas, na Matriz, a Julia Marchanta, acompanhada da mãe e do primo, se apresentou, toda flamante, de chapeu de grandes plumas, trajando á fidalga, com sapatos de polimento. Era mesmo uma provocação, aquilo! — E então de luvas, de luvas! estava o mundo perdido!

— O Antonio está a fazer inchar muito a rapariga! Ora queira Deus que éla não arrebente... Quem vê aquilo! até faz uma pessoa benzer-se, pois não é assim?!

Os paes de Julia, esses, exultavam de contentes, vendo a rapariga toda secia, competindo no trajar com as meninas ricas da vila. A verdade é que Julia perdera realmente muito com a modificação do vestuario, que lhe tolhia os movimentos, que a tornava *gauche* como pastorsinha elevada de surpreza a um trono.

Mas nem éla, nem os paes, nem tampouco o primo davam por isso. Antonio Moreira revia-se na prima como autor cioso da sua obra, e continuava a embelezál a, procurando desmentir o proloquio que reza: «aquilo que o berço o dá — a tumba o leva!»

Os paes da moça notaram o interesse crescente do brasileiro por Julia, e por mais de uma vez entre os esposos marchantes se haviam trocado dialogos da natureza do que vamos procurar reproduzir.

— Não te parece que o Antonio gosta da nossa rapariga? interrogava a mulher.

— Sim, tambem me quer parecer, mas porque dizes tu isso? contestava o marido.

— Ora... está bem de ver; não ha desejo que êle não satisfaça á moça; trál-a mesmo nas palminhas!...

— Pois, sim, mas tambem d'ahi não se póde concluir que êle tenha amor á Julia.

— E' que tu não tens reparado nas olhadelas que êle lhe deita.

— Sim?!

— E' o que te digo. Repara logo ao jantar, e tu verás. Anda mesmo perdidinho, digo-t'o eu!

— E éla, que tal?

— Ora! E' rapariga, e o rapaz não é coisa que se engeite...

— Lá isso não. Aquilo é mesmo uma joia, e nosso amigo a valer!

— Pois quanto a mim, e ninguem m'o tira da cabeça, ainda os havemos de ver casados.

— Deus te ouça, mulher!

— Ha de ouvir, tu verás!

Para fazer a vontade a Julia, Antonio Moreira, que contava demorar-se muito pouco tempo em Ponte, deixara-se ficar, aguardando as *feiras-novas* que lhe recordavam os melhores tempos da infancia.

Não se arrependera de haver acedido aos rogos da prima, porque gosava um extraordinario bem-estar no convicio d'aquêles parentes que eram toda a sua familia. E o pobre orfam, ausente ha tantos annos da terra querida onde nascera, só lidando com estranhos, sentia-se bem no aconchego do

lar modesto dos marchantes, e encarava com tristeza a ideia da partida para o Pará, onde o chamavam os negocios.

O ver-se restabelecido da doença que o mortificara, gosando uma boa saude, os polmões fortalecidos pelos bons ares da terra natal, contribuia não pouco para o seu apego a Ponte. A estas influencias, já de si poderosas, podemos juntar uma outra que é preciso ter tambem em linha de conta : — os olhos de Julia, da priminha.

A rapariga com o seu palminho de cara enfeitiçador, com os seus modos carinhosos, conseguira despertar no coração do celibatario um sentimento afectuoso. Não era precisamente o amor, antes uma amizade bastante forte ; mas a amizade vale muitas vezes tanto como o amor, e este era o caso do nosso *brasileiro*.

Uma noite, por meiados de setembro, os dois — Julia e Antonio — conversavam a meia voz sentados junto á janela da sala do jantar, d'onde se divisava, banhado pelo luar, o rio em cujas aguas limpidas as estrelas se retratavam, convertendo o Lima n'um segundo ceu azul e estrelado.

— Está hoje tam triste, priminha !

— Não, não estou ; isto é modo meu...

— Ora ! Não me diga isso. A prima tem por força qualquer causa de apoquentação... Não m'a confia ?

— Olhe ! Quer lhe diga, primo ?!... estou triste porque estão a chegar as *feiras novas*.

— Está caçoando !

— Não, não estou.

—Então ha de entristecer-se porque veem ahi as feiras, as festas, touradas, fogo?! Está mangando comigo!

— Não é bem por isso...

— E não me diz então pelo que é?

— Tenho medo que o primo Antonio se ria de mim...

— Que diz?! Diga, diga, Julinha. Eu não sou capaz de rir-me do que me disser.

— E' porque depois das festas o primo vae-se embora...

— E tem pena que eu vá?!

— Se tenho! Já estavamos tam habituados com o primo...

— Tambem a mim me ha de custar muito, creia, mas não ha remedio...

— Ora! se o primo tivesse muita pena de nos deixar, ficava por aqui. .

— E os meus negocios?

— Era acabar com êles! O primo não precisa continuar a arruinar a saude...

— E não havia um meio de tudo se conciliar?

Julia fitou no primo os olhos meigos, e perguntou ingenuamente:

— Qual é?

— Não lhe diz o coração qual seja esse meio, Julinha?

— Não... não sei, respondeu a rapariga, embaraçada, receiando enganar-se na significação que atribuia ás palavras do primo.

— Ora pense um bocadinho, e verá se não encontra a maneira de nos não separarmos...

Julia, como tendo procurado baldadamente a solução do enigma, e não querendo confessar a sua inhabilidade, quedou-se silenciosa, desviando do olhar investigador do primo o seu olhar.

— Bom, volveu Antonio Moreira, já vejo que a prima não adivinhou a ideia que eu tive...

— Não, não adivinho.

— Pois eu lhe digo, e perdôe-me se a minha lembrança lhe não merecer agrado... Era a prima ir comigo para o Brasil...

— Como diz? interrompeu Julia, toda purpureada, sentindo pulsar agitadamente o coração.

— Era a Julinha querer-me para marido...

— Fala serio?

— Tam seriamente que se a prima disser que partilha o meu desejo, amanhan consultarei seus paes sobre este negocio. Que me diz?

— Que lhe digo!?... que não merecia uma proposta assim, mas que a aceito com muito agrado, de todo o meu coração...

— Então não lhe sou indiferente?

— O Antonio bem sabe que não!

— Sente então por mim alguma estima?

— Dava-me por muito feliz se soubesse que era querida por si como eu lhe quero. Já vê...

Antonio Moreira tomou as mãos da moça, comprimindo-as, traduzindo d'essa fórma a intima satisfação que a confissão de Julia despertava em seu peito.

— Verá como hei de fazêl-a feliz!

— Já o sou, primo; muito feliz!...

E o rosto da moça orvalhou-se de lagrimas. Não

é só de tristeza que se chora; nas grandes alegrias o pranto é tambem um balsamo!

N'essa noite, no seu modesto leito de ferro, ante a perspectiva do seu proximo casamento, Julia passou em revista, todos os episodios da sua vida de solteira, dando graças a Deus por havêl-a conservado honesta, libertando-a da sorte que coubera a outras raparigas da sua creação que *tinham dado em droga*, e recordava-lhes os nomes: — a Pastorinha, a Immaculada, a Pinta, a Saboeira, e outras, e tantas outras, todas vitimas do rosquedo! Coitadas, dizia Julia, foram bem infelizes... e todas pela sua má cabeça!

Bem fizera éla, em desdenhar sempre os galanteios dos *fidalgos*. Tinha gostado, gostado mesmo a valer, do Albertinho Monteiro, mas a tempo se convencera de que não era namorado que lhe servisse, por não ser da mesma egualha, e fizera socegar o coração, impondo-lhe silencio, fazendo-o obedecer aos conselhos que a razão lhe ditava. Se éla tivesse sido *estoeira*, o primo certamente, «de mais a mais tam rico», não quizera nunca saber de éla, ao passo que assim (inda lhe custava a crer!) a escolhia para mulher! Nada, nada, fidalgos e doutores não se fizeram para tricanas! Bem andara éla!

E via já chegado o grande dia em que o sr. Prior

havia de abençoar a sua união com o primo, na egreja Matriz, de manhansinha, muito cedo. E a alegria dos paes, quando soubessem, no dia immediato, que o Antonio Moreira casava com éla! E o despeito das outras raparigas, que a ridicularisavam por usar *chaspelinho* e luvas!

E sorria, intimamente satisfeita; e monologava em voz baixa, devaneiando, fazendo castelos no ar...

De repente, porém, apagou-se o sorriso que lhe brilhava nos labios e nos olhos, dando logar a uma nuvensinha de tristeza... E' que pela primeira vez Julia se lembrou de que a sua felicidade ia custar aos paes o sacrificio da ausencia. — Coitados! Eram tam seus amigos!

Só conseguiu adormecer pela madrugada, mas já então nos seus labios rebrilhava o sorriso de ha pouco, um sorriso de paz, sorriso de felicidade!

E o seu dormir de algumas horas apenas foi povoado pelos sonhos mais gazis que o cerebro de uma noiva, no constante trabalho das suas celulas, póde arquitectar.

E pela manhansinha, quando a mãe, na fórma do costume, lhe foi bater á porta, Julia levantou-se do leito, ligeira como um pintasilgo, e em breve o som da sua voz cantante espalhava-se pela casa n'um chilreio de avesita satisfeita!

Foi depois do almoço que o Antonio Moreira, com tal ou qual acanhamento, pediu aos tios *uma palavrinha em particular*.

Julia, suspeitando do assunto a resolver entre os paes e o primo, retirou-se sorrateiramente para o seu quarto, sentindo o coração pulsar-lhe com violencia, como locomotiva a todo o vapor: — tuc-tuc-tuc...

Os marchantes conduziram o sobrinho para a sala, longe dos ouvidos indiscretos da creadinha, e ali, sentados no camapé de mogno, esperaram que o sobrinho tomasse a pa'avra, a ilucidál-os.

Vencido o nó que lhe apertava a garganta, com a comoção propria da missão que desempenhava, Antonio Moreira, sem procurar rodeios, começou:

— Pedi lhes esta entrevista para anunciar-lhes que resolvi casar-me...

— Sim?! fizeram ao mesmo tempo, ainda que com diversas inflexões, os tios.

— E' verdade, proseguiu Antonio, e como a realisação dos meus desejos depende do consentimento dos meus queridos tios...

— Do nosso consentimento?! e os marchantes entreolharam-se, como não percebendo como é que dependia do consentimento d'êles o enlace do sobrinho.

— Sim, volveu o *brasileiro*, é que a moça que escolhi para companheira é a...

— A Julia, atalhou a marchanta, e os seus olhos aguados tinham um sorriso intraduzivel.

— E' verdade, é a priminha...

Antonio Moreira sentiu se estreitado n'um afe-

ctuoso abraço, e as lagrimas de satisfação da tia, caindo-lhe ardentemente sobre o rosto, fizeram com que, por sua vez, êle tambem se sensibilisasse, e que o pranto se lhe confundisse com o da tia n'uma doce comunhão.

Por entre verdadeiros soluços, de tam comovida que ficara, a mãe de Julia só balbuciava de quando em quando: — «O nosso querido Antonio!... O meu querido sobrinho!»

Dos braços da tia, Antonio Moreira passou aos do marchante, e por espaço de um quarto de hora, na modesta sala de visitas, passou-se uma d'estas scenas familiares que o pincel do artista e a pena mais luzida de um escritor são incapazes de reproduzir com fidelidade. As estrelas do Ceu nos quadros dos pintores teem um brilho apagado, mortiço...

Volvidos á serenidade aqueles corações banhados de alegria, Antonio fitou os tios com um sorriso doce, e perguntou-lhes:

— Posso contar então com o seu consentimento?!

— Tu já sabes que sim, Antonio, disse a marchanta. As minhas lagrimas já te mostraram a felicidade que nos davas com a escolha da nossa Julia...

— Muito obrigado, muito obrigado, e Antonio apertou nas suas, de encontro ao coração, as mãos dos tios.

— E a rapariga, que é d'ela? perguntou o marchante.

— Suspeitando do motivo da entrevista, foi na-

turalmente fechar-se no quarto, esclareceu o *brasileiro*.

— Então a Julia já sabia? interrogou a marchanta.

— Quiz saber primeiro se a priminha não desdenhava o noivo...

— Era o que faltava! desdenhar o nosso Antonio! Nem que procurasse com um prego aceso éla encontrava outro marido como tu . .

— Éla tudo merece, e eu dou-me por feliz por lhe não ter desagradado!

— Pois sim, pois sim, mas raparigas não faltam!... e tu podias ter escolhido moça mais abonada.

— Não podia ter escolhido melhor, creia a tia. Havemos de ser muito felizes!

— O' Luiz! fez a marchanta. Chama a rapariga para que venha abraçar o noivo.

O marchante executou as ordens da mulher e d'ahi a pouco Julia, muito perturbada, a cabeça baixa, o rosto afogueado, entrava na saleta.

Como o primo o havia sido ainda ha pouco, a rapariga viu-se tambem estreitada pelo pae e pela mãe em sucessivos abraços, e quasi se sentiu desfalecer quando, por fim, coube ao primo a vez de lhe imprimir um abraço, um grande e amoravel abraço em que se enfiltrara todo o calor do coração sensivel do *brasileiro;* calor que a deliciava e queimava ao mesmo tempo.

Foi um dia feliz aquele, feliz como nenhum outro, aquele dia alegre de setembro em que os marchantes concederam do melhor grado a mão da filha!

Ficou assente que se começassem sem demora os banhos, para o que o marchante iria falar com o sr. Prior, rogando-lhe fizesse tirar os papeis necessarios para o casamento. Depois de casados, Antonio levaria a mulher a ver o Porto e Lisboa, em viagem de nupcias, e seguiriam para o Pará.

A ausencia custava certamente aos paes da moça, mas Antonio prometia dentro de poucos annos, logo que a ocasião favoravel lhe proporcionasse ensejo, ceder a sua parte na casa comercial de que era socio, e regressar á Europa, fixando residencia em Ponte, onde então viveriam juntos com os marchantes.

— Vamos passar uns annos bem tristes! dizia a mãe de Julia, a lamentar-se, já saudosa da filha que ainda tinha a seu lado.

— Os netos, depois, a indemnizarão com juros do sacrificio que a tia faz, dizia-lhe o sobrinho, procurando confortál-a.

E a marchanta, ante a visão cariciosa dos pequeninos seres que haviam de suavizar-lhe a velhice, fitava com um sorriso lacrimoso a filha e o futuro genro...

Antonio Moreira banhava com um olhar terno a imagem da noiva, rosada, muito rosada...

E Julia, não ousando fitar a mãe, nem o futuro marido, entretinha-se a enrolar e desenrolar o avental de veludilho preto que lhe pendia da cintura...

Luiz marchante, contemplando o grupo, chorava...

Eram todos felizes!

Capitulo XIX

Entrara com o *pé-direito* em casa da condessa de Merim a ex-creadinha das Santeiras.

Os elogios que a sr.ª Mariquinhas dispensara á moça haviam predisposto bem o espirito da viuva; a figura simpatica, insinuante, da rapariga, e as suas maneiras agradaveis, fizeram o resto. Rosa conquistara por completo as boas graças da condessa.

No seu vestido de merino preto, muito justo ao corpo, deixando adivinhar-lhe as fórmas bem contornadas, Rosa parecia agora uma andorinha, muito esbelta, muito distinta. Nada perdera com o ter sido forçada a abandonar os trajos de tricana; e todos asseguravam quando éia passava na vila, com a mantilha de renda a toucar-lhe os cabelos, toda de luto, que a rapariga *parecia uma senhora*.

Rosa estava muito satisfeita porque a condessa a tratava com bastante carinho, destacando-a dos outros servos, e já lhe dera provas de generosidade resgatando o cordão de oiro que éla deixara ficar em casa das Santeiras, e dando-lhe diversos artigos de vestuario, alguns mesmo *nóvinhos em folha!* Não punha os pés na cozinha, não ia ao rio, nem á agua; os seus afazeres não a fatigavam; ti-

nha um logar muito independente — que mais queria éla? Por isso se mostrava muito obediente e serviçal, tornando-se precisa e util, fazendo-se querida.

A sr.ª Mariquinhas, sabendo pela propria condessa o quanto esta estava satisfeita com a rapariga, e vendo o contentamento de que Rosa dava provas, esfregava as mãos de radiante, e não perdia ocasião de dizer á moça, captando-lhe a simpatia:

— Olhe que a mim o deve, menina!

Os creados da viuva, para não desagradarem á ama, mostravam se amaveis, mesmo obsequiosos, para com a nova creada de quarto, e Rosa de dia para dia se sentia mais á vontade em casa da fidalga, tam diferente da casa em que servira por largos annos, e de que só recordava agora, no seu bem-estar, as torturas da scena da despedida, que lhe apunhalara o coração!

Se alguem houve que se mostrasse descontente com a nova colocação de Rosa, esse alguem foi Alberto Monteiro. O mancebo vira com maus olhos a entrada da rapariga para casa da condessa de Merim, presentindo que as suas entrevistas com a creadinha sofreriam um profundo golpe. Quizera dissuadil-a d'aquele passo com fracos argumentos apenas fortalentos por mil protestos de estima, de um amor que só terminaria com a morte, mas a moça não lhe deu ouvidos, alegando que o não aceitar a casa que a sr.ª Mariquinhas lhe arranjara equivaleria a dar alentos á má-lingua da terra, que agora — bem o sabia êle — não precisava de inven-

tar assunto... Alberto reconheceu que nada conseguiria, e resignou se. O receio de ver interrompidas as suas relações foi dissipado em parte pela promessa formal de Rosa, garantindo-lhe que sempre que pudesse não perderia o ensejo de conceder-lhe uma entrevista. Não lhe pertencia éla completamente?!

Alberto, desde aquela noite luarenta em que sentira pulsar de encontro ao seu, febrilmente, o coração da rapariga, nunca mais falara em casamento, e quando aludia ao futuro era sempre em termos vagos que nada precisavam. Rosa não se queixava, nem de leve demonstrava perceber que a paixão do mancebo, acalmada pela posse, esfriara bastante.

Amava-o com todo o fogo da sua alma ingenua, e sem motivo para quebrar os elos que a prendiam ao namorado, no seu cerebro não se agitavam raciocinios; no seu peito não medrara como qualquer espinho cruel a duvida que angustia e mata.

Amava-o, e julgando-se querida, ainda que mal recompensada, era a imagem de Alberto o anjo tutelar dos seus sonhos fagueiros de rapariga, a luz vivificante que lhe banhava a alma, fazendo-lhe pulsar o coração em palpitações deliciosas, suavissimas

O logar de creada de quarto da condessa, não permitia á rapariga afastar-se muito da viuva, principalmente durante o dia, em que os seus serviços eram ameude reclamados, e em que por assim dizer os olhares da condessa de Merim não deixavam a moça um momento sósinha.

Era de noite, e só de tempos a tempos, que Rosa, recolhida a condessa aos seus aposentos, deitados os creados, com as maiores precauções, ás escuras, podia sair de casa por uma porta de que lograra obter a chave, e que dava para o jardim, descendo então por um dos carreiros da quinta que levavam ao caramanchão sobranceiro á estrada.

Alberto, muitas vezes, fatigado por uma demora que lhe parecia interminavel, já a não esperava, e a rapariga depois de o aguardar ainda, pacientemente, por espaço de uma hora ou hora e meia, lá voltava, em bicos de pés, para o seu quarto, tremendo ao menor ruido, chegando a inquietál'a o tic-tac do grande relogio de parede cujo som metalico, no silencio da noite, tomava proporções fantasticas, assustadoras.

Se sucedia Alberto estar na estrada á sua espera, ou não se demorar, deparando com a rapariga, os dois examinavam primeiro a estrada atentamente, para que ás vezes os não surpreendessem ; e se do exame resltava verem-se sós, Rosa ajudava o mancebo a subir ao caramanchão, manobra executada sem grande dificuldade graças ao auxilio dos braços da rapariga, e ás pedras mal casadas do muro da quinta que ofereciam para a escalada a maior segurança possivel.

No caramanchão, os dois encontravam um retiro seguro, se não confortavel. As folhas verdejantes da parreira que o cobriam, em docel, quasi por completo, faziam d'esse retiro uma alcova recatada ao abrigo de quaesquer olhares indiscretos, inclu-

sivé dos olhares da Lua. Isto é mera suposição nossa, porque se o astro da noite algo conseguiu divisar através a folhagem cerrada das videiras guardou silencio, voltando o rosto pudicamente, como donzela honesta...

N'aquele improvisado eden, os namorados, nas raras entrevistas que podiam dar-se, demoravam-se ás vezes até de madrugada, embriagados com o misterio da noite, felizes, alheios á realidade da vida.

Quando se separavam, forçados pelo adiantado da hora, eram sempre desoladoras as despedidas. Era quasi sempre por um arranco que o mancebo conseguia desprender-se dos braços da moça que procurava estreitál-o ainda, como procurando reter a felicidade, como receiosa de ver fugir para sempre, n'uma ultima entrevista, o amor de Alberto, o seu querido namorado...

Apesar de todo o recato, já não eram misterio para muita gente as relações do filho do dr. Monteiro com a creada da condessa de Merim. As continuadas correrias que o mancebo fazia todas as noites para o Pinheiro puzeram de sobre aviso as *comadres* do bairro, que, postas á *coca*, em breve descobriram quem era a *gaja* do *melro*, espalhando logo pelas amigas e conhecidas aquele *rosquedo* encoberto que tinham conseguido desvendar com o seu faro apurado de cadelas perdigueiras.

A creada dos paes de Alberto, mais por despeito do que pelo desejo de pôr a limpo os amores do seu *menino* confirmou os zuns-zuns da arraia meuda, declarando que o Albertinho entrava muitas

vezes em casa pela madrugada, e que andava mesmo *muito falhinho de côres*...

Alberto passou a ser felicitado pelas tricaninhas, a ser olhado pela artistada com olhares ciumentos, e a receber os remoques das meninas da terra que não perdoavam ao rapaz *empregar tam mal o seu tempo*... E levavam tam longe o despeito que chegavam a falsear a verdade, afirmando que Rosa não era bonita nem bem feita!

— Ou êle? Ainda se fosse com coisa que valesse a pena!

Alberto Monteiro, feliz por se ver alvo das murmurações do vulgo, ria-se quando algum amigo o interrogava ácerca da verdade do que se afirmava á boca cheia em toda a vila, e negava o facto com grandes protestos; negava pelo prazer de negar, satisfeito por ver que não convencia ninguem, que deixava uma duvida no espirito de todos.

Uma noite, ao saltar do caramanchão para a estrada, Alberto Monteiro por um triz que não deitou a terra um transeunte, mas ainda assim, na violencia do salto, dera tal encontrão no desconhecido que este, naturalmente assustado, julgando-se vitima de qualquer assalto, poz-se em guarda, erguendo a bengala que trazia, e preparando se para castigar o pseudo agressor.

Alberto deu-se pressa em pedir desculpa, declarando e demonstrando que fôra involuntariamente que maguara o pacifico transeunte...

A resposta que as suas desculpas obtiveram foi uma gargalhada estrepitosa, ou antes uma serie de estrepitosas gargalhadas.

O sujeito só ao cabo de alguns minutos pôde dizer a Alberto.

— E eu que o tomei por um saltcador ?! D'onde vem você a estas horas, seu rosquedeiro de má-morte ?

Alberto apontou para o caramanchão d'onde descera, e onde ainda se conservava, palida, tranzida de medo, a creadinha da condessa de Merim.

O morgado do Sobral, que não era outro o noctivago transitante da estrada de Braga, compreen deu facilmente a historia sem mais detalhes.

— Pois, confesso, julguei que o meu amigo me caía da lua sobre as costas... mas não se me dava de ir á lua d'onde você veio ha pouco, fazendo das minhas costelas estação terminus...

Rosa retirara-se já, prudentemente, para não ouvir os comentarios do morgado.

Alberto despediu-se do amigo que áquela hora tardia regressava a casa, de volta da Assembleia, e seguiu Pinheiro abaixo, monologando entre dentes : — «Amanhan, na Assembleia todos ficam sabendo que falo com a Rosa postiça... Agora é que de nada me servirá negar ! E d'ahi que me importa ? o mal é d'éla ; a um rapaz nada fica mal !...»

O morgado do Sobral, um *blagueur*, foi-se dispondo para no dia immediato mistificar os amigos na Assembleia com um segundo misterio da estrada de Cintra. — «Foi um verdadeiro achado ! Esta é que ainda não é conhecida do Gama Carpo ! Amanhan é que êle me vae chamar «mestrissimo» !»

Para esclarecimento dos leitores, convem dizer

n'esta altura que a má lingua tinha na Assembleia dois campeões distintos, duas espadas de afiado gume: o morgado do Sobral e o Gama Carpo.

No torneio da noite seguinte, ficaria vencido o Carpo, mas a derrota — era de praxe — não se faria demorar!

Capitulo XX

N'esse anno, a comissão promotora dos festejos das «feiras-novas» empenhara-se em fazer *coisa de geito e estrondo,* e os programas pomposos anunciados pelas gasetas do Porto chamaram á vila grande concorrencia de forasteiros. Os hoteis estavam a abarrotar.

O tempo apresentava-se magnifico, contribuindo para que fossem coroados do melhor exito os esforços da comissão «que se não poupou a trabalho nem a despezas».

O dia 19 de setembro foi anunciado, na fórma dos mais annos, por um girandola de foguetes, e pela banda dos bombeiros voluntarios acordando os dorminhôcos que tinham resistido ao estalar do foguetorio.

A's 9 horas da manhan, os bombeiros voluntarios, acompanhados da sua banda de musica, assistiram na Matriz a uma missa a grande instrumental, e findo o acto religioso o corpo activo formava no largo em ordem de marcha, chamando ao local o poviléu que se quedava boquiaberto remirando os capacetes de metal amarelo dos benemeritos soldados da «Real Associação Humanitaria

dos Bombeiros Voluntarios de Ponte do Lima», todos inchados, nas suas fardas côr de pinhão, com os seus tres comandantes, o seu medico, o seu capelão e a sua bandeira verde e vermelha, de seda bordada.

Recolhido ao seu quartel no Pinheiro o corpo de salvação publica, outra banda musical saiu para a rua atroando os ares com as suas notas alacres. Era a musica de Vitorino: «Fanfarra Marcial dos Alunos da Arte Musical de Vitorino dos Peães». Curiosissima a farda engendrada pelos 24 executantes de esta insigne filarmonica: capacetes á prussiana de pala de verniz com virola de metal amarelo, tendo no alto, a substituir o espigão soldadesco, uma lira de metal branco; fardeta azul com tres ordens de botões doirados, com alamares vermelhos; calças côr de alecrim com uma larga lista de flanela verde, e sapatos amarelos com saltos de prateleira.

Ao meio dia, correspondendo ao que no programa dos festejos estava designado sob a rubrica: «demonstrações festivas», estalavam algumas duzias de foguetes, e as filarmonicas, alternando-se nos coretos do Largo de Camões e do Chafariz, faziam ouvir alguns trechos de musica: a Carta, o Carvalho Santo, Carmen, Trovador; Trovador, Carmen, Carvalho Santo e Ino da Carta.

Pelas quatro horas da tarde, na tosca praça de toiros do campo do Arnado, foram lidados *seis bravos touros* (estilo dos cartazes) pela quadrilha do afamado espada *Saltarillo*, que os programas da corrida diziam ser «um dos mais laureados artistas

que teem abrilhantado os torneios do Campo Pequeno, a primeira praça da peninsula». Além da quadrilha do *diestro Saltarillo*, lidaram touros os distintos cavaleiros amadores: morgado de Tumbas, «famoso *adomador* de cavalos», e commendador Verruma, esperançoso substituidor de Tinoco e Zé Bento. N'essa tourada, uma das melhores que o publico limarense logrou presencear, Verruma conseguiu colocar uma bandarilha na cauda de um cornupeto. Foi um delirio! E delirio justificado, deve dizer-se, porque era a primeira vez que o commendador provava praticamente que as bandarilhas se destinavam aos toiros...

Saltarillo teve tambem as honras da tarde. Tam brilhantemente fez a «sorte de cadeira» que ficou com os calções de seda em misero estado, provocando as gargalhadas do «sol», e fazendo com que as damas que ornamentavam os camarotes, pudicamente, velassem os rostos, e contivessem o riso a aflorar-lhe os labios. O Julio Valente, com a sua voz retumbante, obrigou o «valiente» espada a retirar-se da arena ás arrecuas, procurando cobrir com as mãos o rasgão enorme do trazeiro das calças. Quando d'ahi a pouco voltou ao redondel — pobre Saltarillo! — trazia á guisa de cobre miserias, presa á cintura por uma correia, uma capinha vermelha, o que provocou no «sol» este dito impiedoso: «é tal qual o senhor da cana verde!»

Os moços de forcado levaram trambulhão bravio. Tudo á altura!

Foi uma tourada cheia de peripecias, e os espectadores retiraram-se satisfeitos, muito satisfeitos

até. Não tinham assistido a uma diversão tauromaquica, mas tinham rido a bandeiras despregadas, e uma tarde de risota vale a melhor das toiradas!

Nas bancadas da *sombra*, José Coelho e a Chica da doceira assistiram á função, prestando a maior atenção ao que se passava na arena. Se tam entretidos não estivessem, teriam certamente notado os olhares insistentes com que eram fitados por alguem que no *sol* se escondia o mais possivel para não ser notado, completamente alheio ás *sortes* do redondel.

No dia immediato, a vila despertou como na vespera aos sons do foguetorio e da musica, e pelas 4 horas da tarde na praça do Arnado houve uma segunda edição correcta e melhorada do torneio tauromaquico, a que não faltou publico e animação.

O *clou* das festas consistia nas iluminações da noite d'esse dia, que abrangiam o passeio de D. Fernando, rua de S. José, largo da Matriz, rua do Souto e o largo de Antonio de Magalhães.

As iluminações em Ponte são coisa digna de verse, e não receiam o confronto com quaesquer outras. A vila presta-se maravilhosamente ás combinações dos festeiros que teem a seu cargo os «copos e tigelinhas», e a noite do dia 20 de setembro compensa o forasteiro da passeata feita ao «jardim do Minho», deixando-lhe impressão indelevel. Se

do programa dos festejos ha alguma coisa que se cumpra á risca é sem duvida a parte respeitante ás iluminações: brilhantes, no dizer dos cartazes, e brilhantissimas no dizer de toda a gente que logra admirál-as.

E' que alem da vila se prestar como nenhuma outra, ha em Ponte um homem que tem dedo especial para a coisa: o Gonçalo, barbeiro modesto, enfermeiro dedicado, dentista de rijo pulso, amolador afamado, e *iluminista* como nenhum outro, fazendo dos balões, copinhos e tigelinhas, uma engrenagem maravilhosa, produzindo resultados fericos. Se o Gonçalo não existisse, não haveria iluminações em Ponte certamente, e era uma vez o S. João mail'as feiras novas!

Ora se houve anno em que o Gonçalo mostrasse os prodigios de que é capaz o seu talento de *iluminista* eximio, foi esse.

A rua do Souto deslumbrava. Era um tunel perfeito jorrando luz. Os «copinhos», de diversas côres dispostos em arcos de madeira, colocados de dois em dois metros, multiplicavam-se extraordinariamente, e a rua do Souto, pequena e estreita, tomava aos olhos maravilhados dos forasteiros as proporções da avenida do Palacio de Cristal em noite de S. João. De dois em dois arcos, suspensos de fios de arame, pendiam assadores de castanhas com os buracos cobertos por papel de côres variegadas e iluminados por uma tigelinha de sebo.

Transposta a rua do Souto, o Chafariz oferecia as suas linhas graciosas contornadas por filas de copinhos brancos.

Lá em cima, a dominar o largo do dr. Magalhães, onde se aglomerava enorme multidão, o chalé Freitas, faiscante de lumes, fazia lembrar um navio em noite de gala, substituindo os projectores eletricos dos grandes couraçados por dois focos de luz acetilenica, muito clara e muito egual.

Os canteiros do jardim do Calvario eram orlados tambem por tigelinhas, assim como os muros do quintal do Magalhães do Paço. O campo dos Touros era iluminado por dois renques de balões á veneziana suspensos dos fios de arame que se prendiam aos mastros das bandeiras que engalanavam o largo, por onde se escoava o povileu que depois de atravessar a rua do Souto seguia para o Passeio. Aqui a iluminação era em tres ordens de arcarias, e oferecia um belo aspecto ainda que inferior ao da rua do Souto, por ser bastante prejudicada pela vastidão do logar.

A ponte, com seus arcos e parapeitos desenhados pela luz de milhares de tigelinhas, reflectindo-se na agua do rio, apresentava uma perspectiva deslumbrante, digna de um conto das Mil e uma noites. O muro marginal, fronteiro ao passeio de D. Fernando, iluminado a copinhos azues, vermelhos e brancos, parecia completar a velha ponte de cantaria, prolongando-a, tornando-a enorme.

O areal vastissimo, banhado pela luz das iluminações, deixava ver nitidamente as barracas de comes e bebes repletas de freguezia.

Na margem esquerda do rio, no Passeio, alinhadas, as barracas dos feirantes chamavam a concorrencia dos forasteiros, e um negociante de Braga

fazia funcionar uma roleta, sendo raras as pessoas que não arriscavam uns tostões tentando a sorte.

O transito era dificil, tornava-se perigoso até para quem não pudesse dar aos cotovelos, empurrando, para abrir caminho, custasse o que custasse.

Ao fim do Passeio, no caes das Arvorinhas, as barracas das figuras de cera, do fonografo e dos fantoches, com entradas ao alcance de todas as bolsas, desde 20 réis a tostão, regorgitavam de espectadores, e o realejo roufenho do homem dos fantoches não deixava de se ouvir um instante, a moer sempre a mesma estafada musica, uma celebre marcha espanhola, berrante de tambores e clarinetes.

Pelas dez horas da noite, começou a ser lançado o *fogo do ar*, com grande profusão de foguetes de assobio e de lagrimas, e á meia noite queimou-se no areal o *fogo do chão*, que os entendidos na arte acharam de primeirissima ordem, fazendo honra ao pirotecnico.

A iluminação estava a declinar. Consumira-se o sebo das tigelinhas, e os cotos de vela dos balões estavam por um fio. Começava a cair uma chuva meudinha, de molha-tolos, e a gente sensata tratou de recolher a casa, deixando o campo livre aos esturdios.

A' uma da madrugada, tirante os rosquedeiros, raras eram as pessoas que se conservavam fóra de casa, á chuva.

O dia 21, ultimo das «feiras-novas», era o menos animado. Nada mais havia alem da festa da egreja na Matriz e da procissão, em honra da N. Senhora das Dôres.

Findo o sermão na Matriz, saiu a procissão, e, esta recolhida, terminaram as festas.

Os forasteiros diziam adeus á vila risonha do Lima, levando os bolsos vasios, e o cerebro cheio de recordações saudosas, e deixando os hoteis da terra ainda mais saudosos...

Os barraqueiros do passeio de D. Fernando e do caes das Arvorinhas é que ainda se deixavam ficar por algumas semanas, explorando honradamente a respeitavel população limarense.

O teatrinho dos fantoches, sordidos e mal escavacados monos, reunia todas as noites uma plateia numerosa e selecta, e o proprietario dos miseraveis androidos andava satisfeitissimo. Nunca usufruira melhores receitas. O homensinho declarava a quem o queria ouvir que nem no Freixo de Espada á Cinta nem na Ameixoeira Grande tivera casas á cunha como em Ponte. Havia pessoas que ficavam de espectaculo para espectaculo, entusiasmadas, batendo palmas freneticamente quando os androidos jogavam a mócada, e se ouviam n'uma vozinha avinhada, n'uma declamação grotesca, frases como estas: «Ráis te partam...vae pr'ó diabo que te carregue!...»

E o realejo, roufenho, n'uma cega-rega continuada, moia sempre a mesma estafada musica, — uma celebre marcha espanhola, berrante de tambores e clarinetes.

A vila, excepção feita das barracas do Passeio, ia readquirir o seu viver monotono— fastidiosamente sem-sabor, como aquela estafada marcha que o realejo dos fantoches remoia incessantemente na sua engrenagem gasta!

Capitulo xxi

A tarde estivera fria e ventosa, bastante desagradavel, de fórma que a concorrencia ás barracas do Passeio e caes das Arvorinhas diminuira um tanto, e as salas da Assembleia ha muito quasi desertas viram reaparecer como por magia os *habituès* das noites de inverno.

Desde o S. João que os socios da Assembleia Limarense raro se reuniam nas salas da antiga «sociedade recreativa 1.º de dezembro», preferindo gosar o fresco no largo de Camões a desfazerem-se em suor na casa do largo da Matriz. O João da Laureana, o continuo, é que não gostava da coisa, e, quando o calor se avisinhava, o seu rosto passava por uma transformação enorme, reveladora do desgosto que o remordia lá por dentro... E' que o João via, com a visita do calor, bastante reduzida a sua receita — o cafésinho a trinta réis a chavena, que o recompensava da pequenez do ordenado pago pelos magros cofres da Assembleia: uns miseros seis mil réis mensaes.

N'essa noite, o continuo afivelou a mascara dos dias felizes, e era um gosto vêl-o, saltitante e sorridente, n'um vae-vem continuado, multiplicando-

se, a distribuir as chavenas de café. — Abençoado frio! Agora já ninguem tinha o mau gosto de mandar buscar gazosas ou cervejas... que não deixavam mesmo nada! Deus conserve o frio! Já bonda de bom tempo! —

No gabinete da biblioteca, em torno da mesa coberta de oleado, sentados em cadeiras austriacas, procediam á leitura dos jornaes do Porto e de Lisboa, ao sabor dos seus paladares politicos, os negociantes João Paulo Rica, Manoel Antunes, Afonso Pereira, os padres Luiz de Queijada e Josino Valente, o morgado do Paço-Velho, o Alfredinho Guimarães, e o juiz Cecilio de Vasconcelos. Na poltrona veneravel que fica ao lado da estante, as pernas estendidas, as mãos cruzadas, o Alberto Monteiro dormia uma soneca reparadora, aguardando a hora de uma entrevista aprasada.

Silencioso, as mãos nas algibeiras, os olhares baixos, nos seus passinhos meudos, o pensamento talvez nas polainas immaculadas de poeira, o dr. Osorio andava em redor da mesa, ou ia até á sala de baile deserta e ás escuras.

De quando em quando, a surpreza causada por alguma noticia politica estampada na *Tarde* ou no *Janeiro* fazia quebrar o silencio que reinava no gabinete, e a voz do Paulo Rica, grossa e retumbante, fazia se ouvir, increspando o governo e as instituições. O dr. Cecilio de Vasconcelos vinha logo em defeza do governo regenerador, sentenceando com tal ou qual facciosismo, e o Paulo Rica, embaraçado, mas não convencido, voltava á leitura das gasetas, farejando escandalo.

Na sala proxima, atravancada pelo bilhar, o Manoel Gomes e o Freitas Gaio, jogavam uma partidinha, em que o Gaio levava dez de partido em trinta carambolas. O parceiro habitual do Gomes era o Julio Valente, mas n'essa noite o rapaz não aparecera a horas, e o Gaio tomara o seu logar, perdendo a partida o grande interesse que de ordinario inspirava quando o Valente manejava um dos tacos. Perdia sempre, mas era curioso ouvil-o durante a partida! O Manoel Gomes fazia lhe uma troça enorme, mas êle refilava sempre, e quem o ouvisse (não lhe conhecendo o jogo) reputál'o-ia o primeiro taco do mundo... minhoto.

Na sala de entrada, sentado ao piano, o padre Alvaro Pereira fazia prodigios d'aquele velho instrumento do tempo do «arroz de quinze», conseguindo chamar ao seu lado alguns amadores de musica, que se não fatigavam ouvindo-o tocar o «Rigoleto». a «Traviata»... e a «Republica de Rebordões».

Perto da janela, a um canto, o dr. Luiz da Cunha, afagando a sua barbinha negra, conferenciava com o dr. Amoroso acêrca de uma complicada demanda em que era advogado.

João de Silgueiros e Salomão Moraes, no canto oposto, conversavam animadamente. O assunto da conversa era a tourada ultima, em que o morgado de Tumbas se apresentara montando um cavalo novo, de luzidio pêlo castanho escuro, que o Silgueiros considerava uma estampa, contraditando a opinião do Moraes. — Pois eu, afirmava João Silgueiros, ha muito que não via um bicho que assim

me enchesse as medidas! Caramba! Que bonita figura de animal! Ah... que se eu tivesse dinheiro, de quem era o cavalinho sei eu!

— Ora! dizia o Moraes, pois eu não trocava por êle o meu garraninho. E' que tu não lhe reparaste nas mãos...

— Qual não reparei! Essa é boa... Pois se eu quasi o comia com os olhos, como se fosse uma boa mulher!

— Estás agora com o cavalo do morgado como quando em Lisboa viste a faquinha d'el-rei D. Luiz. Has de ser sempre o mesmo: em vendo um cavalo ou uma mulher, estás perdido...

— Então a *faca* de D. Luiz não era uma linda estampa?! não era?!

— Será o que quizeres, mas eu não a considerei assim. Estropeada que estava, parecia, palavra de honra, um banco de ferrador!

— Que gracinha! Então o menino julga que se o bicho não fosse coisa de boa casta o rei o tinha n'aquela vidinha pacata, só a comer e a dormir, sem trabalho nenhum, como um frade franciscano?!

E a conversa, ou antes a disputa, prometia prolongar-se. Em se tratando de cavalos ou femeas, o Silgueiros tinha *córda* para horas...

Encafuado no gabinete da direcção, o chapeu sobre a nuca, o Alfredo Amancio, disfarçando a letra, escrevia uma carta anonima, genero de poucas-vergonhas em que era eximio.

No escaninho asfixiante que serve de botequim, o farmaceutico Braulio Alcatra tomava aos golos o

seu café, discutindo com o continuo o brilhantismo das iluminações da noite passada.

Na sala do jogo só funcionavam n'essa noite duas mesas: uma de «whist», em que eram parceiros o dr. Francisco Pereira, José Coutinho, escrivão Valente e dr. Gaspar Brandão; outra de «sólo», de que eram *solistas* o dr. Celestino Porto, padre João Pereira e Daniel de Brito. A primeira: revolta como um aceano, a segunda: placida como um arroio. .

Em uma das mesas vagas por falta de jogadores, Olimpio Maia procedia pacientemente com dois baralhos de cartas a uma *paciencia* bastante complicada. O morgado do Sobral, recostado na preguiceira que fica ao lado do fogão de sala, quedava-se silencioso, consultando de longe a longe o relogio seguro de um grilhão de oiro adornado por dois berloques da epoca de D. João V, que em Lisboa tinham sido admiradissimos e invejados quando o morgado frequentava o Curso Superior de Letras.

Em posições varias, aqui e acolá, indiferentes ou prestando atenção ao jogo, os calixtos ou mirones desempenhavam o seu papel de comparsas.

N'aquela noite fria de outono, as salas da Assembleia, menos mal iluminadas pela luz acetileni-

ca, offereciam certo conforto ; estava-se ali bem. Ainda não havia a concorrencia nem a animação proprias da quadra invernosa, porque muitas familias ainda estavam em Matosinhos e Ancora, a banhos, mas já se via gente na Assembleia, e os cafésinhos *marchavam que era uma beleza!* Estava contente o João da Laureana, e o contentamento do continuo é n'uma assembleia de provincia coisa para não desdenhar... A prova estava na satisfação com que a maior parte dos socios tomavam café sobre café, magnetizados pelo sorriso prazenteiro do continuo que afivelara n'essa noite a mascara dos dias felizes!

— Tlim-tim-tim... Um café, João!

— Traz-me outro café, João!

— João! Tambem para mim...

— E para mim, João, tambem...

E d'ahi a pouco outra vez:

— Trrim... trrim,.. João!

— João, café para dois...

— Traz para três, João...

— João! Esquecêste-te de mim...

— Tambem já te pedi, João, café...

— Vem esse café ou não?!

E as campainhas não tinham descanço, e o continuo andava n'uma roda-viva da cozinha-botequim para as salas de entrada, de leitura ou de jogo, saltitante e sorridente...

Por volta das nove horas, com a pontualidade que o distinguia em todos os actos da sua vida metodica, deu entrada na Assembla, indo tomar o seu logar no gabinete de leitura, o Magalhães do Paço,

espalhando-se logo pelo ambiente o perfume agradavel do seu charuto caro.

D'ahi a pouco, apareceu outro socio, distinto amador do jogo do xadrez, e caçador de nomeada na vila e suas redondezas. Era o irmão do morgado do Paço-Velho, o José de Lima, parceiro habitual do escrivão Valente nas variadas combinações de «reis», «rainhas», «bispos», «castelos», «cavalos» e «peões», — engrenagens d'esse aparelho de precisão chamado: *xadrez*. Como o Valente tivesse emparceirado no *whist*, o José de Lima renunciou, contrafeito, á sua partidinha, e para entreter o tempo foi sentar-se ao lado do Olimpio Maia, travando-se entre os dois conversa acalorada ácerca das vindimas e outras tarefas vinicolas a que estavam procedendo nas suas vastas propriedades.

— E' verdade, ó morgado, inquiriu o Maia do senhor do Sobral, você sempre faz este anno vinho branco ?

— Faço, e vae ficar obra fina. Tenho immensa uva branca, respondeu o morgado no seu dizer *alfacinha*. A uva ha de ser escolhida com todo o esmero ; não ha de entrar no lagar um unico bago em mau estado... Quero ver se consigo um tipo de vinho branco no genero do Bucelas.

E entre o morgado, José de Lima e Olimpio Maia, generalisou se a conversa ácerca de vinhos brancos e tintos, não tardando a falar-se no sonhado sindicato do Val do Lima, ha muitos annos em projecto, e reputado de primeira necessidade para os interesses vinhateiros do concelho.

O José Coutinho, e o dr. Francisco Pereira, sem

largarem mãos das cartas, intervieram n'essa altura na discussão. O «sindicato agricola» ferira-lhes os ouvidos, e os dois, interessados no assunto, não resistiram a dizer duas coisas, verberando o desleixo com que se tratava uma instituição sem a qual o melhor era «deixarem-se de vinho, e plantarem trigo ou batatas! Pois não era assim?!»

O Valente, que não era vinicultor, e que n'aquela noite estava com um azar medonho, não pôde levar a bem que os parceiros desviassem a atenção do jogo, e começou a barafustar: — Ou jogam, ou tratam de vinhos e outras bebidas! Quem joga não guarda cabras!

— Bem se vê que não tem propriedades, observou-lhe o dr. Gaspar, que, apesar de não ter metido bedelho na conversa, lhe prestara a maior atenção, vinhateiro importante que era.

— Eu o que sei é que perco trinta tentos, retorquiu o Valente, e não estou gostando nada da chalaça!

— Não que você julga que nos ha de levar sempre o dinheiro, replicou o dr. Gaspar; então não havia melhor modo de vida!...

— Mas eu estou perdendo, é o que se vê...

— E eu, bradou o José Coutinho. E acrescentou conforme o seu costume em noites de pouca sorte: — E não toca a fogo! Só pelo diabo!

— Quando quizerem continuar a jogar, estou ás suas ordens, disse o dr. Francisco Pereira, procurando pôr termo á discussão dos parceiros.

— Vamos lá a isso, que já não é sem tempo, concordou o dr. Gaspar.

A *tempestade* serenou, com grande aprazimento dos solistas da mesa proxima.

— Meus senhores, muito boas noites...

Era o Gama Carpo que fazia a sua entrada na sala de jogo, depois de ter lançado uma vista de olhos pelos jornaes no gabinete de leitura. Dirigindo-se ao morgado do Sobral, o Carpo cumprimentou:

— Viva, mestre!

— Olá, mestrissimo! retorquiu o morgado.

— «Magister maximus!» replicou o Carpo n'uma grande mesura, esfregando as mãos, habito que contraira ha muito, e que não podia vencer.

— Que novidades ha? perguntou o morgado. Não temos escandalo fresco?

— Em taes assuntos, é o sr. quem tem a palavra. Está aberta a sessão...

— Ora essa! Por quem é, mestre... A sua modestia confunde-me, e a sua amabilidade penhora-me; mas acima de tudo a verdade, e quanto a novidades ninguem como o amigo — um vivo reportorio!...

— Então o sr. julga que eu ando a escutar ás portas o que se diz pelos soalheiros?!

— Isso é piada?!

— Piada! Ora essa! O sr. quer á viva força que eu seja o primeiro má lingua da terra...

— «*A' tout seigneur — tout honneur!*»

— Pois sim, o que você quizer; mas eu, confessando a minha inferioridade, não tenho rebuço em proclamar o morgado como o *non plus ultra* da má-lingua do berço ilustre de Diogo Bernardes, Cardeal Saraiva e outros ilustres varões.

— Está hoje eloquente, mestrissimo...

— Influencia do espirito brilhante do morgado .. Dize-me com quem lidas...

— O' Carpo, isso dura-lhe muito ?

— Até desabafar...

— Percebo... é espirito engarrafado.

— Acertou. Mas aposto em como você não sabe que nome se dá aos espiritos quando saem da garrafa...

— Não, não sei, confesso a minha ignorancia no tocante a espiritismo de garrafa ou botija.

— Pois eu lhe digo : chamam-lhe *sons que passam*...

— Está enganado, mestrissimo. O nome verdadeiro não é esse...

— Então qual é ?

— *Dissonancias*...

— O autor é o mesmo.

— Mas a obra é diferente.

— Como sabia você essa historia, diga lá ?

— Quem é que a não conhece ?!

— Pois eu fiquei-a sabendo ha annos, em Lisboa...

— Não póde ser, protestou com toda a gravidade o morgado do Sobral.

— Não póde ser !! Essa é melhor !

— Já lhe disse que não póde ser.

— Pois eu posso dar-lhe a minha palavra...

— Como é que isso póde ser se você foi a Lisboa em antes do terramoto, e n'esse tempo ainda não era nascido o poeta das *Dissonancias* ?!

— Bom ! Já faltava a gracinha do terramoto...

— Mas, com franqueza, ó Carpo, você quando foi a Lisboa não viu D. José 1.º?

— Vi o diabo que o carregue!

— Não vale zangar, mestrissimo. Quer você uma partidinha de xadrez.

— Não estou hoje muito para o aturar, mas vamos lá...

O morga lo deixou a sua comoda posição na preguiceira, e preparou o taboleiro do xadrez. Entretanto o Carpo que, quer de verão, quer de inverno, achava sempre que nas salas da Assembleia se abafava, foi abrir algumas janelas das salas de entrada e de baile, para *arejar a atmosfera*, e voltou á sala de jogo a iniciar a partida aprasada.

O dr. Osorio, que vira o Carpo abrir as janelas, deixou-o sentar-se, e foi pé ante pé fechá-las, a contento dos outros socios que entendiam ser demasiada a ventilação forçada a que o Carpo os obrigava, principalmente n'aquela noite mais fria do que amena.

Por algum tempo na sala de jogo reinou um silencio pouco vulgar, só interrompido pelas vozes de «solo», «melhóro» ou «bólo», pelo arrastar das figuras no taboleiro do xadrez, pelo pigarrear do escrivão Valente, e por uma outra frase trocada entre os parceiros da mesa do *whist*.

Na sala do bilhar, Manoel Gomes e Freitas Gaio seguiam serenamente a terceira partida, de desempate, á chamada dos «mestres».

O relogio, compassadamente, deu dez horas, precedendo de alguns minutos o da Matriz que só d'ahi a pouco se fez ouvir, lugubremente.

Foi como que o sinal para uma tormenta.

— Isso assim não póde ser! Você não está com atenção ao jogo! clamou o José Coutinho, increspando o Valente.

— Não estou com atenção?!

— Não, não está; de contrario não fazia essa puxada, que me compromete...

— Que queria que eu jogasse?

— Pois você não sabe?!

— Não, não sei; palavra...

— Pois quem não sabe jogar, não joga, para não fazer disparates!

— Disparates?

— Asneiras; retorquiu o José Coutinho, crispando as palpebras.

— Mas que queria você que eu jogasse?

— Para que é que você guarda o az de copas? N'esta altura é que era jogál-o... Só pelo diabo!

— Jogar o az de copas?

— Sim, senhor, e deixasse o resto comigo...

— Pois não me conformo. Eu fiz o jogo que devia fazer; assim m'o ensinaram, e hei de fazêl-o sempre...

— O' Gaspar, dize lá, quem é que tem razão?

— Em questões de azes, e principalmente de copas, nunca meto o nariz... E' o que a boa prudencia manda. «Nossos paes não nos crearam para tolos», como diz o Juvencio Monteiro, — e o dr. Gaspar fungou uma risada, passando os dedos pelos aneis da sua basta cabeleira grisalha.

— Bom, tu hoje estás para a galhofa, porque me ganhas o dinheiro; mas você, ó Pereira, diga lá:

devia ou não devia o Valente ter jogado o az de copas ?

O dr. Francisco Pereira foi de opinião que o az de copas era a carta a puxar n'aquela altura do jogo.

— Não me conformo, digam o que disserem, berrou o Valente.

— Não se conforma ? Esta só pelo diabo ! — E o José Coutinho estava rubro.

— Vamos ao jogo ; agora nada se lucra com uma discussão inutil, interveio o dr. Gaspar.

— Ganha-se pelo menos o fazer convencer um teimoso, disse o Coutinho.

— Mas eu não me convenço, replicou o Valente, persistindo na sua.

— Ha de convencer-se, com a bréca !

— Só se você o fizer á força.

— Venha o «tira-teimas», gritou o José Coutinho. E, nervosamente, agitou a campainha, chamando o continuo. — O' João, traz o livro...

— Se você não havia de pedir o *codigo !* E o tempo a correr ! Diabos levem as teimas e os teimosos, apostrofou o dr. Gaspar, já impaciente.

— Deixe vir o «tira-teimas», disse o Valente. Sempre quero ver de que lado está a razão.

— Você saberá muito de notariado e de processos, mas d'esta regedoria não percebe nada.

— Percebo o bastante para estar com uma *macaca* medonha, replicou o Valente. E no jogo, como você diz, quem mais sabe — mais perde...

— Mas essa regra para você faz excepção...

— Lá isso é verdade, concordou o dr. Pereira,

o Valente no *whist* tira uma diaria egual á do cartorio.

O continuo trouxe o «Manual dos jogos», o chamado «codigo» ou «tira-teimas», que o José Coutinho passou a consultar. Do resultado da consulta não nasceu a bonança, antes redobrou de intensidade a tormenta que agitava a mesa do *whist*, a ponto dos «solistas» da mesa proxima taparem os ouvidos, e de ser interrompida a partida de xadrez.

— Ordem! ordem! meus senhores! clamava, rindo, o Olimpio Maia, baralhando paulatinamente os baralhos para uma nova *paciencia*.

Mas não havia meio de fazer serenar aquela borrasca resultante do Valente não ter posto na mesa o az de copas.

N'isto, o guarda-vento que fica ao cimo das escadas que dão ingresso para a Assembleia foi aberto com estrepito, e a pessoa que assim entrava como um furacão por um triz que não esmigalhou o Nénézinho Vilhena que se retirava, agasalhado como no rigor do inverno, com dois sobretudos, dois «cache-nez», as golas dos casacos erguidas...

Sem dar atenção ao Vilhena, o Julio Valente, que não era outro o tardio visitante, começou de gritar:

— Onde está o José Coutinho?!... O administrador?... Onde está?

— Que é?

— Que foi?

— Que sucedeu?

— Está uma mulher morta no areal... Morta de fresco... talvez ainda com vida... assassinada...

— Onde? onde? inquiriu o José Coutinho, já a pé, deixando o «tira-teimas».

— No areal... em frente do caes das Arvorinhas...

— E não se sabe quem seja? perguntou alguem.

— Dizem que é a Chica da doceira, mas não ha certeza..., e o Julio Valente deixou-se cair n'uma cadeira, extenuado da corrida precipitada que fizera para ir prevenir a autoridade.

Em tropel, os socios da Assembleia desertaram das salas, encaminhando-se pela rua do Souto para o local do crime.

Julio Valente, tendo descançado por alguns minutos da marcha forçada não tardou em ir reunir-se ao povileu que o rumor do crime, espalhado de boca em boca, correndo toda a vila, chamara ao areal.

Pelas ruas sentia-se um movimento desusado, e o troc-troc dos tamancos, nos lagedos humidos, produzia o efeito das badaladas de um sino tocando a rebate...

De quando em quando ouviam-se frases soltas alusivas ao crime, e uma ou outra exclamação de surpreza, cujas notas se perdiam no silencio da noite banhada pelo luar mortiço.

No areal, em frente ao caes das Arvorinhas, de envolta com uma fumarada espessa, divisava-se o clarão produzido pela chama viva de alguns archotes.

No caes, conservavam-se ainda abertas as barracas dos feirantes, mas o realejo do homem dos fantoches emudecera.

Capitulo XXII

Dera-se um crime, não restava a menor duvida, e a vitima fôra a filha da doceira, a namorada de José Coelho, a Chica.

O corpo da rapariga estava estendido de costas, no meio do areal, as vestes ensanguentadas; a cabeça, sem lenço, descoberta, voltada para o caes. Apresentava um profundo e extenso córte no pescoço, que literalmente degolara a vitima, deixando apenas intacta a pele e alguns planos musculares da parte posterior e lateral esquerda da região servical. O córte fôra evidentemente vibrado da esquerda para a direita, indicando que o assassino era dextro, e que se servira de qualquer instrumento cortante pesado, sendo nitido o primeiro golpe, que decepara os tecidos moles, musculares, vasiulares, nervosos, tudo, até ao osso, e mais ou menos incertos os golpes seguintes, n'um desvairamento febril, reduzindo a fragmentos as vertebras cervicaes.

Nas faces e mãos da desventurada notavam-se ligeiras excoriações, reveladoras da luta que se debatera entre vitima e verdugo. Na face interna e posterior do terço inferior do ante-braço esquerdo,

divisava-se nitidamente uma circunferencia bastante regular impressa pelos dentes do assassino, que segurara d'esse modo o braço da vitima, que quizera repelil-o certamente ao presentir a intenção criminosa do seu algoz.

A morte deveria ser immediata e instantanea desde o primeiro golpe. A côr da pele ainda não adquirira o tom violaceo da morte nem a rigidez cadaverica O crime não podia ter sido cometido ha muitas horas...

A' luz dos archotes, a cabeça da Chica, quasi separada do corpo, era horrorosa, causava fremitos, provocava suores frios. Tinha as palpebras cerradas, e os labios entreabertos, deixando ver contraidos os dentes muito brancos, pequeninos e eguaes, por onde se escoava um fiosinho de sangue que ia coagular-se na chaga enorme, vivissima, em que o pescoço estava transformado...

Muitas pessoas que presencearam o sinistro espectaculo afastaram-se logo do local, transidas de pavor, os nervos sobresaltados, estomagos revolvidos por invenciveis convulsões.

Ferviam em torno do cadaver os comentarios. Todos aventavam suposições ácerca do crime e do criminoso provavel, alcançando maioria de votos a ideia de que teria sido o namorado da vitima o proprio criminoso.

Esta hipotese parecia ser a unica aceitavel. Pois com quem, a não ser com o namorado, podia a rapariga ir de noite para o areal ? !

— Não foi outro, é de ver, senão o José Coelho.

Olhem se êle aparece! A estas horas onde não irá ele ?!

— Pobresinha da moça! Quem «havera» de dizer que a pobre de Cristo havia de morrer *enforcada!*

— E nem se chama um medico, para ver se ás vezes haveria remedio!...

— Agora é rezar-lhe pela alma!

— E enterrar-lhe o corpinho...

— E a *átopsia?*

— E' verdade, coitadinha, ainda por cima tem de ser *abrida* pelos cirurgiões. .

— E morreu sem os socorros da santa religião... Que pena a desgraçadinha não ha de levar por não ir consolada!

— Foi o que ela lucrou por ter trocado o Luiz de Navió por aquele rosquedeiro do Coelho.

— E' verdade, é; Deus castiga sem paus nem pedras! Ainda hontem vivinha e já hoje sem vida...

— Se éla tivesse juizo!

— Mas é que estas raparigas de agora querem atrancar o Ceu com as pernas!

— E o Coelho...não tratam de o *gazofilar?* E' sempre assim, e depois não querem que haja crimes...

— E a autoridade nem se digna *de* aparecer! Isto sempre está uma pouca vergonha!...

— Cala a boca; olha que o José Coutinho já acolá está...

— Sim, agora ha de pegar-lhe com um trapo quente!...Se êle tivesse chegado em antes do crime, ainda poderia ser...

— Pois se foi o Coelho, ainda vocês hão de ver que vae para a rua tam certo como eu ser filho de meu pae!

— Só me faltava ver isso!

— Então é que você tem visto coisas muito pequenas! Eu que lh'o digo...

— Olhem, por quem Deus nos manda avisar!

— Você tem alguma coisa que dizer de mim?

— Eu, não... Não costumo meter-me nas vidas alheias.

— Pois faz bem, para ás vezes não ficar com as orelhas á laia de cão perdigueiro.

— Cruzes! Anjo bento! Ora o *dianho* do homem... Olhe que eu não lhe tenho medo, fique sabendo!

— Vá, nada de disputas! observou um espectador pacifico.

— O que é que o sr. diz?! Olhe que eu sou uma mulher honrada!

— Quem lhe diz menos de isso, mulhersinha?!

— E' que me quiz parecer que o sr. estava a fazer pouco de mim... Ou êle!

— Fu! nem pensar em tal! — e o Freitas Gaio que procurara pôr termo a uma questão, mudou de logar para não ser enxovalhado pela «Facadas» do Pinheiro, que tinha uma lingua de dois palmos!

A matrona ao vêl-o afastar-se, disse para o grupo de que era principal ornamento: — Ora o *cartolinha!* Quem o mandou a ele meter se na nossa conversa?! Estava a gente em paz...

— Tambem foi com o nariz á banda!

— E' bem feito! Para não ser tolo...

— Olhem, o José Coutinho está a falar ao ouvido do secretario da administração... aquilo é que temos prisões...

— E já não é sem tempo!

— O assassino é que deve estar a estas horas «tefes-tefes»...

— Ora! se ele soube fazer a coisa bem feita ha de ralar-se muito com as justiças!

— Não é tanto assim! Quando a justiça se põe em campo, tarde ou cedo acaba por *catrafilar* o criminoso.

— Canta-me d'essas! Olha se eles descobriram o matador da Matias... e já lá vão dez annos!

— E' verdade, e essa tambem apareceu morta aqui no areal... ali mais para diante, em frente do Hotel do Passeio.

— Pois sim, mas essa foi morta pelo *brasileiro* de Fornelos que se pisgou para o Brasil, e como agora lá é republica as justiças do nosso rei não teem lá poder nenhum...

— Nada, eu nunca me inclinei para ahi... Quando a mim, o assassino não foi o *brasileiro*, isso sim!

— Foi aquele rapaz que foi moço do Pintinho...

— O marchante?

— Esse mesmo, que morreu minadinho de remorsos, mirrado que metia dó, a gemer, a dar gritos que trespassavam o coração...

— Até se diz que êle confessou á hora da morte...

— Isso confessaste! Só se ele fosse tolo... para o prenderem, e mandarem para as costas de Africa!

— Pois se ele estava a *esticar*...
– Sim, só se foi por isso...
— Bastou-lhe o castigo da doença, que foi pior do que a *Penitenciaira*...
— Ninguem as faça que as não pague!
— Pois será isso, mas se a politica se meter de permeio, a justiça fica a ver navios!
- O' Zarolha, o Coelho é progressista ou regenerador?
— Ele *vae* com o José Coutinho, ao que tenho *ouvisto*...
— Não lhes digo eu! Queira a politica livrál-o' e o resto são cantigas. Olhem se o Barradas que deu aquela pancadaria pelo S. João foi para a cadeia! Isso foi êle!... Tinha as costas bem quentes...
— Os outros tambem não se mexeram!
— Havia de lhes servir de muito! São todos progressistas, e o dr. Souto Maximo não está para ralações..
— Faz ele muito bem. Eu cá por mim não tenho razões para falar; foi ele que me livrou de soldado, e cá o meu voto não é para outro.
— Olhem! olhem! lá vae o secretario com dois oficiaes... Temos prisões pela certa... Vamos ver...
— Vamos lá a isso...
Mas ninguem se mexeu do sitio, porque um novo espectaculo, mais pungente e comovedor, se desenrolou aos olhos da multidão que fazia um circulo compacto em torno do cadaver ensanguentado.
Era a mãe da desventurada rapariga que, des-

grenhada, alteradas as feições, os olhos a sairem-lhe das orbitas, uivando gritos dilacerantes, as mãos crispadas, no desespero de leôa a quem roubam a creação, se acercava do corpo exangue da filha querida, da filha unica, amparo da sua viuvez, unica alegria da sua vida.

Fez-se de subito um silencio glacial. A scena d'aquela dor vivida e profunda galvanisara todos os espectadores; serenaram todas as controversias, todas as bocas emudeceram.

A Engracia doceira fitou demoradamente o rosto da filha n'um olhar intraduzivel, de desespero e loucura, em que se divisava o amor sem limites que a desventurada mãe votava á filha mal-fadada Depois, ajoelhando sobre a areia, sem um grito, sem uma palavra, colou aos labios regelados da filha a sua boca febricitante n'um beijo suavissimo; levou as mãos ao coração que sentia despedaçar-lhe as paredes do peito, e caiu para traz, como inerte massa, desmaiada, sem sentidos.

O dr. Celestino Porto, que estava perto, fez logo desapertar a desditosa mãe, borrifando lhe as faces com agua fria, e fazendo com que o administrador do concelho fizesse remover para casa a desventurada.

Obsequiosos, solicitos, homens e mulheres se apresentaram logo, e improvizando com os braços uma segura maca, transportaram para sua casa, na rua de Dentro da Vila, o corpo da Engracia doceira. O dr. Celestino não abandonou o cortejo, ficando a velar á cabeceira da doente. O farmaceutico Braulio foi preparar n'um pronto uma poção

receitada pelo clinico, graças á qual em breve a doceira recuperou os sentidos.

A desgraçada chorava copiosamente, soluçando; lamentando á sua triste sorte, a morte da querida filha...

— Chore, chore... que lhe faz bem... disse-lhe o medico.

E a Engracia desabafava a dôr lancinante que lhe confrangia o peito, deixando correr livremente, copiosamente, as lagrimas — lagrimas de mãe, pranto abençoado...

A' meia noite, era preso, á ordem da autoridade administrativa, o suposto autor do assassinato.

Quando José Coelho saía do café Camões, onde estivera jogando o *monte*, o oficial da administração, Martins, deu-lhe voz de preso.

— Preso... pelo quê?

— Depois o saberás, respondeu-lhe secamente o interpelado...

— Para aonde me leva? Vou á presença do sr. José Coutinho?

— As ordens que tenho é de te levar para a cadeia. Lá te dirão o resto.

Mas em curto praso o detido foi informado do motivo por que era preso. A prisão não passara despercebida aos curiosos que se conservavam pelo largo de Camões discutindo o crime, e que seguiram os passos do oficial e do José Coelho.

Em vez de tomar com o preso pela rua de S. José e Matriz, com destino á cadeia, o oficial cometeu a imprudencia de o levar pelo Passeio, onde centenares de pessoas estacionavam ainda, como presas ao local do crime.

Com a prontidão com que um rastilho se incendeia, a noticia da prisão de José Coelho passou de boca em boca.

Ao pequeno grupo que seguira do largo de Camões o preso e o oficial da administração, foram-se juntando algumas dezenas de pessoas.

Em breve, ao mesmo tempo, como obedecendo ao impulso de mola oculta, algumas vozes bradaram:

— Morra o assassino!

— Morra! Morra! respondeu em coro a multidão.

— Mata o carniceiro! Mata!

José Coelho tremia, e o oficial Martins não se mostrava menos inquieto.

— Morra o assassino! bradava o povileu n'uma furia crescente.

Algumas pedras foram arremeçadas sobre o preso.

O elemento feminino é o que mais hostil se mostrava, preparando-se talvez para pelas suas proprias mãos fazer justiça. A seus olhos o criminoso era aquele, não havia a menor duvida, e o melhor que havia a fazer era matál-o, não conseguisse êle furtar-se á acção das leis!

Em volta do preso e do oficial da administração o povileu formara uma cadeia solida, de inquebran-

taveis elos, ameaçando esmigalhar sem dó José Coelho e o seu captor.

A não se dar uma intervenção que o povo indignado acatasse, áquela hora da noite, junto á velha muralha da vila, ter-se-ia perpetrado uma d'aquelas scenas tragicas e sangrentas da edade media, em que a populaça por suas mãos, cega e inconsciente, se atribuia o papel de juiz, condenando e executando ás cegas

O alarido crescente, os *morras* vibrantes, chegaram rapidamente ao local do crime. O administrador do concelho viu que se tratava de um motim, e arredando pé de junto da assassinada onde se conservava, subiu ligeiro ao Passeio, galgou n'um pronto a pequena escada de pedra fronteira á cadeia, e de ali, dominando a multidão, gritou a plenos pulmões:

— Ordem! ordem!

A luz do lampeão de petroleo que ardia proximo, iluminando a entrada do Arco da cadeia, permitiu-lhe n'um simples relancear de olhos, tomar conhecimento exacto da situação. Viu o preso, e compreendeu tudo... Deixou a escadaria de pedra, e acercou-se de José Coelho, dizendo ao oficial Martins:

— Eu tomo conta do preso. Contenha você essa gente em respeito.

José Coutinho agarrou n'um braço do suposto assassino, e atravessou com o preso o arco da muralha.

Fizera-se um silencio enorme, e o oficial da administração não teve o menor trabalho em conter a

populaça que momentos antes ameaçava trucidál-o, na sua indignação contra o assassino.

A presença da autoridade administrativa bastara para fazer serenar as ondas revoltas d'aquele oceano encapelado.

Sem o menor entrave, o administrador fez entrega do preso ao carcereiro, e voltou serenamente para o Passeio.

A multidão em silencio fôra dispersando a pouco e pouco.

No areal, junto da assassinada, conservavam-se apenas algumas mulheres do Pinheiro, e um oficial da administração empunhando um archote

Cessara a chuva meudinha, mas o luar conservava-se baço, mortiço, projectando-se palidamente nas aguas adormecidas do Lima.

Pela uma hora da manhan, fechados os cafés, a população da vila dormia, vendo em pesadelos, horrivel, ensanguentada, tragica, a imagem da filha da doceira.

Na sua casinha modestissima da rua de Dentro da vila, a mãe da desventurada, mais desventurada ainda, chorava copiosamente, chorava lagrimas de sangue.

Capitulo XXIII

N'essa noite, por volta das onze horas, alguem batia de manso á porta da casa da bruxa da Cruz da Pedra, ha muitas horas adormecida.

A velha, ferrada no sono, não ouviu logo, e foi preciso que as pancadas na porta se acentuassem mais para que éla despertasse, e, sem se erguer do leito, interrogasse com a sua voz esganiçada:

— Quem está ahi ?

— Abra, abra depressa, foi a resposta que obteve:

— Mas quem é que me procura ? interrogou a bruxa, já inquieta, saltando da cama.

— Sou eu, o Luiz...

— Quem ? quem é ?

— O seu filho Luiz... Abra, abra depressa !

A velha mesmo ás escuras vestiu uma saia, passou um chale pelos hombros ; procurou ás apalpadelas os *lumes* e a candeia que logo acendeu, trémula, intrigada por aquela visita nocturna do filho, que éla supunha no Porto.

Depois, dirigiu-se para a porta, deu volta á chave, tirou a tranqueta do seu logar, e abriu.

Ia a estender os braços, para abraçar de encon-

tro ao coração o filho querido, quando a luz da candeia alvejando as vestes de Luiz lhe fez ver algumas manchas de sangue fresco no jaquetão do rapaz...

— Minha querida mãe! balbuciou Luiz ao ver a perturbação da velha.

— Vens cheio de sangue... Que foi isso? Que fizeste, desgraçado?

— Entremos... entremos para casa... eu lhe conto tudo.

— Bem me adivinhava o coração desgraça!... Meu Deus, valei-me!...

A bruxa fechou a porta cautelosamente, e encaminhou o filho para a cozinha. Pendurou a candeia n'um prego, e, cruzando os braços, fez sinal ao filho de que podia começar.

As lagrimas, represadas, começaram a cair grossas como punhos pelas faces do rapaz, obedecendo a uma necessidade imperiosa, a uma lei fisiologica irresistivel.

— Porque choras, Luiz? Que desgraça sucedeu, meu filho?

— Ai, minha mãe! minha mãe! estou desgraçado!...

— Que fizeste? Que fizeste?...

— Matei...

— Mataste?! e os olhos da tia Eugenia pareciam querer saltar-lhe das orbitas.

— Matei, repetiu o moço, n'um soluço apagado.

— E quem mataste? inquiriu a velha, tranzida de horror.

Luiz de Navió, as fontes apoiadas nas mãos o,

olhar profundando os abismos da sua desgraça, não respondeu logo.

— Quem mataste, diz? perguntou novamente a mãe, temendo e anciando a um tempo conhecer toda a extensão da desgraça que lhe ferira o filho, ferindo-a a éla tambem.

— A Chica!... balbuciou Luiz fitando na velha um olhar misericordioso.

— A Chica... repetiu éla, maquinalmente. A Chica!... a tua conversada?!

— Sim... éla... a que foi minha conversada...

— E porque a mataste, infeliz?

Luiz ficou-se a olhar as faces descarnadas da tia Eugenia que, trémula, não se podendo ter nas pernas tropegas, se deixou cair sobre uma arca, a um canto, extenuada, fixando com um olhar de compaixão o rosto congestionado do filho.

— Porque a matei, minha mãe?! Porque lhe queria muito, com um amor muito cá de dentro; porque só para éla trabalhava, procurando vir a fazêl-a feliz!... Porque nunca vi mulher que tanto me prendesse o coração... Porque por amor d'éla eu era capaz de tudo! até de roubar.. até de matar!...

— Crédo! Santo nome de Deus! O que tu dizes, filho!...

— E' a verdade, minha mãe... Queria-lhe muito, muito! Só Deus sabe como era grande o amor que eu lhe tinha... o amor que ainda lhe tenho... veja, minha mãe!... que ainda lhe tenho... apesar de a ter matado!...

— Mas porque a mataste? volveu a tia Eugenia,

vendo que o filho se ficava em silencio, as mãos convulsas, o olhar desvairado.

— Porque a matei?!... Eu creio que endoudeço! Pois não me pergunta porque a matei! Pois não sabe porque a matei?! Ai, minha mãe! minha mãe!...

— Socega; socega, filho!

— Porque a matei?!.. Quer saber?... perguntou Luiz, como doido.

— Conta-me tudo, conta, desgraçado!...

— Porque éla que prometeu ser minha, conservar-se-me fiel... faltou a todos os juramentos, escarneceu de mim... enganou me... atraiçoou-me!... Por muito tempo, de combinação com o novo namorado, escrevia-me cartas embusteiras... fazia-se doente! E eu, tam cego, que acreditava em tudo!... O que eu sofri, minha mãe! o que eu sofri!... E éla cheia de saude, a escarnecer-me com o Coelho! E eu não dormia nem comia, ralado de desgosto!... Eu queria-lhe tanto, minha mãe! Por fim, nem já se dava ao trabalho de enganar-me... Escrevia-me quando muito bem lhe parecia... e que cartas aquelas!... Desconfiei da verdade, e escrevi-lhe a dizer-lhe que nas feiras-novas viria a Ponte... Nunca eu tal fizesse!... Era o demonio que estava a tentar-me, a chamar-me para a perdição...

— Meu pobre Luiz!...

— A essa carta, respondeu-me éla logo... Dizia-me que não viesse, que a afastasse da lembrança... que já não podia ser minha, porque dispuzera do coração a favor de outro!... Fiquei como

doido, fiquei perdido... Desde então esta cabeça escalda, parece que tem fogo dentro... Não tive mais uma hora de socego, minha mãe!... Envelheci!... Repare... tenho os cabelos brancos...

— Coitado! coitado! murmurou a velha, acarinhando o filho com um ar compungido, revelando a dor enorme do seu coração materno.

— O que sofri!... O que tenho padecido, minha mãe!... Vim a Ponte; disfarcei-me... escondi-me... Vi-a na tourada com «êle», de mãos dadas, muito alegre... Não era possivel a duvida! A Chica esquecera-se de mim... de mim, que lhe queria tanto, tanto!.... Trocara-me.... E por quem?... Por um rosquedeiro, indigno d'éla! Ai, minha mãe, como eu fiquei n'essa tarde da tourada! O coração parecia que me arrebentava no peito; faltava-me a vista... quasi não podia andar... todo eu tremia...

— Meu pobre filho!...

— Recolhi-me á hospedaria do Zé d'Alonsa, a bater o queixo, a tremer com frio... Atirei-me para a cama, vestido como estava... Não sei se adormeci... De mim só sei que dei acordo na tarde do dia seguinte!... Olhei-me a um espelho... não me conheci a mim proprio... tinha as faces enrugadas como um velho, e os cabelos brancos... mais brancos do que já os tinha... Trocara-me, a mim!... E eu queria-lhe tanto, tanto!... Não me podia conformar com aquilo... era superior ás minhas forças, a esta paixão que ainda me roe o peito! Ou minha, ou de mais ninguem... Minha, só minha, é que eu a queria, apezar da sua ingrati-

dão, apezar de tudo ! Esquecesse o outro, e eu tudo esqueceria... para ainda lhe querer mais, muito, muito mais ! Ou eu, ou mais ninguem, decidi... Procuraria falar-lhe ; lembrar-lhe-ia o amor que me jurara, os protestos de fidelidade que me fizera ! Se éla me escutasse, muito bem... se não, matál'a-ia sem dó, como se mata uma serpente venenosa... Não me matava éla tambem ?!... Não era uma morte peior que mil mortes a sua traição?! N'essa mesma tarde, á noitinha, fui á loja do Pereira Pinto comprar uma faca... uma faca grande... de matar porcos. Metia-a na algibeira de dentro do casaco... N'essa noite não vi a Chica, nem na outra, nem na outra... mas hoje, finalmente, encontrei-a...Foi no Passeio. E'la ia a entrar para a barraca dos fantoches...Embarguei-lhe o passo. Não me reconheceu logo, tam desfigurado estou .. Depois, quiz fugir me... agarrei-a por um braço. — Só te quero duas palavras, Chica... E' um instante. — Não opoz resistencia. Levei-a para o areal... Pedi-lhe que se sentasse, e eu sentei-me á sua beira. Não me fitava sequer !... Perguntei-lhe porque me trocara por outro. Não me respondeu... Tomei-lhe as mãos nas minhas... disse-lhe o muito que lhe queria, e o muito que por éla tinha sofrido... Pedi-lhe que deixasse o «outro», que eu esqueceria tudo... Ajoelhei-me a seus pés, e de mãos erguidas, como se éla fosse uma santa, pedi-lhe por tudo que voltasse a falar para mim, que me não deixasse...Não via éla como eu estava velho, de sofrimento, de ralações ! Tivesse pena de mim! Veria que não teria de que arrepender-se!

«Como não obtivesse resposta, instei com éla. Sem me fitar, Chica balbuciou apenas: – Não póde ser, não póde ser ..

«E pelo quê, perguntei, ancioso, a tremer. Pelo quê?

— Porque já pertenço ao Coelho, respondeu-me Chica, toda purpureada.

«Senti que me fugia a luz dos olhos, mas perguntei ainda: E' verdade o que disseste? Juras?

— Pela salvação da minha alma! respondeu-me a perdida.

«Já não podia ser minha... E eu amava-a tanto! Era do «outro», do outro! Não podia ser... Fugiu-me de todo a luz da vista... Levei a mão á faca, e n'uma furia, em golpes repetidos, ás cegas, cortei-lhe o pescoço... cortei-lhe a cabeça... degolei-a. . matei a!...

— Jesus! Virgem santa! exclamou, apavorada, a tia Eugenia, levando as mãos á cabeça.

— Quando a vi morta, a escorrer sangue, fiquei a contemplál-a ainda... beijei-lhe vezes sem conta as faces ainda quentes... N'isto, ouvi ruido... Fugi... afastei-me... A Chica teria gritado?! Não sei... Eu tinha a cabeça perdida... Fui até á ponte... na areia, sumi a faca... mas voltei logo atraz... a faca não ficava ali bem... podiam dar com éla... O melhor era deitál-a ao rio.. Assim fiz. Deixei-me ficar junto da ponte.. Queria ver se tinham dado com o cadaver... Passou-se tempo... uma hora... talvez mais... não sei. Vi muita gente no areal e a luz de archotes... Tinham dado com o cadaver... Deitei a fugir pela alame-

da de S. João... depois, meti á estrada... a correr sempre, e aqui me tem, minha mãe...

Por algum tempo, o silencio estabeleceu-se, apenas interrompido pelo soluçar de mãe e filho, e a cozinha terrea da modesta casa da Cruz da Pedra, iluminada pela tenue luz da candeia, oferecia um quadro comovedor digno da paleta de um artista que soubesse interpretar aquela agonia dilacerante de dois corações despedaçados.

— E agora, que ha de ser de ti? perguntou a tia Eugenia, aproximando-se do filho, e cingindo-lhe com as mãos descarnadas a cabeça encanecida pelas torturas de um sofrimento agudissimo.

— O que ha de ser de mim?!... Não sei... não me importa. Estou desgraçado, perdido...

— Precisas de fugir, infeliz... para que te não prendam...para que não vás ter á costa d'Africa...

— Fugir!... fugir... e para aonde? Sim, para aonde hei de eu fugir?

— Foges para Espanha... Passas á Galiza... e d'ali vaes para onde te não possam prender...

— Pois sim, minha mãe, mas para isso é preciso dinheiro... muito dinheiro... e eu pouco tenho... Que me prendam, que me desterrem... não me importa!... Eu vivia para a Chica... e éla quiz que eu a matasse... Matei-me ao mesmo tempo... Sim, de que me serve viver agora?! Sou um criminoso... um assassino... Que me prendam!... que me importa?...

— E eu?... que havia de ser de mim, filho? perguntou a tia Eugenia, a voz embargada pelos soluços...

Luiz de Navió estreitou nos braços o corpo alquebrantado da mãe, cobrindo-lhe de beijos as faces de pergaminho. As lagrimas de um e outro confundiram-se, identificaram-se...

— Socegue, minha mãe, socegue... Eu faço-lhe a vontade... Fugirei, visto que assim o quer...

— Ainda bem, meu Luiz... Foge, foge, filho!... Eu morreria se te prendessem... Tenho dinheiro que sobra para te passares ao Brasil... Lá ninguem te irá prender... e eu sabendo que tu vives em liberdade, irei arrastando a vida, até que Deus Nosso Senhor me chame a contas...

A tia Eugenia abriu a tampa da arca, e tirou a caixa de lata que encerrava o produto do seu lucrativo mister de feiticeira, e aos olhos surpreendidos do filho estendeu grande numero de notas de todos os valores, e grande quantidade de prata.

Luiz ficou immovel, relanceando o olhar ora para o dinheiro ora para o rosto da mãe, em que divisava um sorriso de satisfação, de materno orgulho. Podia valer ao seu querido filho, ao seu Luiz!

— Toma, toma... guarda-o, leva-o... eu não preciso de nada... e a ti todo te ha de ser necessario...

— Como é que a mãe tem este dinheiro?... Tanto dinheiro!...

— E' que as mezadas voltaram, meu Luiz... E agora ainda maiores do que d'antes.. Não te tinha ainda dito nada, porque esperava fazer-te a surpreza quando cá viesses pelo Natal, como tinhas prometido... Deus não o quiz assim!

— Ah! exclamou Luiz. Então *êle* ainda não morreu?!

— Se êle me manda o dinheiro!...

— Tem razão, minha mãe... Mal êle sabe que tem um filho assassino!

— Cala-te, filho, cala-te... Vá, guarda esse dinheiro, Luiz... Olha que não ha tempo a perder... Quem sabe se a esta hora já te andam a procurar!... Foge, foge, filho!

A bruxa, vendo que Luiz se não decidia a guardar o dinheiro, pegou nas notas e introduziu-lh'as no bolso interior do casaco, dividindo a prata pelas algibeiras do casaco e colete. Viu então novamente as manchas de sangue na casimira do jaquetão. Pegou n'um pano, embebeu-o em agua, e com todo o cuidado procurou apagar aqueles vestigios do crime.

Finda a operação, a tia Eugenia, apertando de encontro ao peito a cabeça do filho, de novo lhe pediu, suplicante, que fugisse... O rio levava pouca agua; a pé passava-se sem custo para o outro lado...

— Bem sei, minha mãe... Com o dinheiro que me deu, já não temo ser preso... Mas custa-me tanto deixál-a, minha mãe!... Talvez nunca mais a torne a ver...

— Quem sabe, filho?! Póde ser que Deus ainda se compadeça de nós, e ainda nos sejam dados dias de felicidade...

— Felicidade!...

— Sim, filho; Deus é misericordioso ..

— Mas não ha perdão para o meu crime...

— Eu pedirei ao Senhor por ti, meu Luiz... Tem esperança!.... E agora adeus, filho....

E' preciso que fujas... Não tarda a ser dia!

Sem uma palavra, que lh'as não permitia a comoção, Luiz de Navió abraçou estreitamente a tia Eugenia, cobrindo-a de beijos orvalhados de lagrimas... Agarrou no chapeu, e como louco dirigiu-se para a porta da rua, que abriu nervosamente, galgando a correr o caminho tortuoso que levava á estrada.

A tia Eugenia caira de joelhos, e, de mãos erguidas, dirigia ao Senhor uma supplica fervorosa para que perdoasse ao filho, e o conduzisse a porto de salvamento.

Ia rompendo o dia, caricioso, benefico, protector.

Capitulo xxiv

Nos dias que se seguiram ao do crime que vitimou a filha da doceira, a vila adquiriu uma animação que contrastava espantosamente com a monotonia habitual.

O crime tornou-se assunto obrigatorio de todas as conversações, quer nos logares publicos quer nos lares domesticos, onde por algum tempo as intrigas não medraram, graças ao horroroso sucesso que veio alimentar as horas de ocio dos habitantes da pitoresca povoação minhota.

Faziam-se as suposições mais estupendas; alvitravam-se coisas unicas, extraordinarias.

José Coelho, aquele que por um instante esteve para ser vitima da populaça em furia, no arrebatamento da primeira hora de emoção violenta, conseguiu desfazer inteiramente as suspeitas que sobre si pesavam, provando á saciedade o emprego de todas as suas horas na tarde e noite do assassinato, comprovando com testemunhas dignas de fé as suas negativas formaes de haver contribuido di-

recta ou indirectamente para o fim tristissimo da Chica.

O artista, como um actor, no desempenho de um papel conscienciosamente estudado, mostrava-se até confrangidissimo com a morte da sua amante, dizendo em defeza da sua innocencia: — «Eu! eu, que estava para casar com éla! que andava a tratar dos papeis para o casamento! Se até já tinha em meu poder a certidão da Chica!...»

E julgavam sincera aquela dor fingida do Coelho, que nunca tivera por Chica a menor paixão, o mais pequeno amor, e que abusara da fraqueza da rapariguinha, miseravelmente, com as promessas mentirosas de um casamento que nunca pensou realisar!

Chica, se a faca homicida de Luiz de Navió lhe não houvesse arrancado a vida, seria mais uma das desgraçadas vitimas do rosquedeiro em cujas palavras enganosas confiara; mais uma tricana a engrossar o numero das desgraçadas creaturas a quem o amor céga e deixa resvalar no abismo da perdição e da miseria... A morte foi preferivel, talvez!

O enterro da vitima, no dia immediato ao da autopsia, no carro negro, pobrissimo, da Misericordia, conduzido por dois operarios, acompanhado apenas de um padre lendo no ritual as orações consagradas aos mortos, chamou á rua-estrada o

mulherio do Pinheiro e do Arrabalde. O modesto feretro passou por entre duas a'as de povo, e os comentarios ferviam, tomavam novo vulto, novo fo-lego, e ao ouvil-os dir se-ia que toda aquela gente, na verdade, pranteava do coração a morta ; que todos lhe queriam com verdadeiro afecto...

Só alguns rapazitos, na curiosidade propria da edade juvenil, o riso a brincar-lhes nos labios, acompanharam ao cemiterio o enterro da infortunada rapariga, e viram descer ao socego do tumulo, ao seio carinhoso da terra, ao coval aconchegadinho, o corpo fanado d'aquela inditosa creança, — porque Chica era uma creança, rosa em plena primavera, ceifada prematuramente...

A mãe, essa, a pobresinha, teria acompanhado á ultima jazida a filha adorada, mas a doceira, alquebrantada pela desgraça enorme que a ferira em pleno peito, que lhe retalhara as melhores fibras do seu coração de mãe, conservava-se no leito, presa de uma febre que ameaçava turvar para sempre a razão d'aquele cerebro, aniquilar inteiramente aquele organismo combalido por um cataclismo horroroso.

As que tinham sido as melhores amigas da Chica da doceira: a Julia marchanta e a Rosa postiça, ou porque não quizessem, ou porque realmente o não pudessem fazer, não levaram á cova da infeliz companheira de tantos passeios e romarias alguns braçados de flôres — piedosa homenagem a que todos os mortos teem jus... O mais natural é que receiassem manchar-se no sangue d'aquele crime cuja recordação lhes provocava calafrios !

Infelizes dos que partem para a eterna viagem... ou antes infelizes dos que ficam! Aqueles vão demandar o seio carinhoso e protector de Deus, ser magnanimo que espalha perdões; estes continuam trilhando o caminho escalavrado da vida, cheio de precipicios e barrancos, ao deus-dará da sorte!

Tendo-se provado que José Coelho não concorrera para o assassinato, a autoridade administrativa pôl-o em liberdade com o aplauso de toda a população.

Ao sair da cadeia, o rapaz foi alvo de uma grata manifestação de simpatia por parte dos seus companheiros de oficina. Os abraços que recebeu indemnizaram-o dos dias que passou na enxovia da prisão manuelina, e das pedradas que sobre êle choveram na noite do crime, ao passar no Passeio, acompanhado do oficial Martins.

José Coelho, verdade seja, lucrou até em ter sofrido alguns dias de detenção por causa da Chica.

As raparigas da terra passaram a olhál-o com outros olhos, mais carinhosas e provocantes. Era mais um «partido» vago, ao dispôr da primeira que conseguisse aprisionál-o na rede das suas graças, no laço dos seus olhos feiticeiros...

Não estava êle para casar com a Chica?! Agora, seria para quem melhor lhe caisse em graça...

Artista que pensa em casar, não se resolve a ficar solteiro ! Olaré !

Em Luiz de Navió ninguem pensou ; nem o povo da vila, nem a autoridade.

A sua passagem pela vila, durante as feiras-novas, fôra tam pouco notada que pessoa alguma se lembrou de o indiar como autor do assassinato... Podia considerar-se salvo !

Quando mesmo se lembrassem de o prender, já seria tarde. O fugitivo conseguira alcançar Valença, internando-se em Espanha. Uma vez em Vigo, não lhe foi dificil conseguir passagem a bordo de um navio inglez que fazia viagem para o Rio de Janeiro.

Levava dinheiro, bastante dinheiro, e o vil metal, digam o que disserem os poetas, é a grande móla, a magica varinha de condão que obra prodigios, que vence os maiores obstaculos !

Ficou radiante a tia Eugenia quando recebeu uma carta do filho, communicando-lhe estar a salvo, com um passaporte em fórma em nome de Luiz Marquez, subdito espanhol. O navio em que o assassino de Chica seguia viagem tocara em Lisboa, e fôra de ahi que o fugitivo prevenira a mãe.

Não fôra baldadamente que a pobre velha erguera aos Ceus as suas orações piedosas. O seu filho, o seu querido filho, não iria morrer ás cos-

tas d'Africa, no castigo de uma condenação merecida.

O rapaz era um criminoso, um grande criminoso... mas o amor de mãe, o maior e o mais santo dos amores, absolvia-o. Nem podia deixar de perdoar-lhe... Se era mãe!

Capitulo xxv

A egreja Matriz regorgitava de gente. O mulherio do Pinheiro e do Arrabalde; grande numero de artistas; um ou outro curioso, tendo sabido de vespera que ás seis horas da manhan de esse dia se realizava na Matriz o casamento da filha dos marchantes com o primo *brasileiro,* levantaram-se cedo, e foram tomar os seus logares no templo, esperando com anciedade o espectaculo que lhes era prometido, e que só de longe em longe era dado presencear em Ponte, onde os matrimonios á face da egreja são *avis* rara.

Quando o velho relogio da torre fez ouvir compassadamente as seis badaladas, os noivos, seguidos dos padrinhos com as suas fatiotas domingueiras, deram entrada nas naves do templo. O mulherio abriu alas para deixar passar o cortejo nupcial, cochichando entre si ácerca das toalétes dos noivos.

Antonio Moreira, de ponto em branco, de casaca, ostentando na botoeira um raminho de flores de larangeira. Julia marchanta vinha majestosa. Es-

treiava um vestido de seda branca, de longa cauda, guarnecido a flores de larangeira e rendas valencianas. Cobrindo lhe a cabeça, e descendo até a orla da saia, um veu de tule de seda finissimo.

Foi um alvoroço. Nunca se tinha visto na vila um casamento de tricana, d'aquela força. Que estadão! Que riqueza! A noiva — diziam — parece um cavalo de cem moedas! Quem viu aquilo! Ora a tola! Quem tinha a culpa era o «*lambão*» do *brasileiro*... Fazia bem, fazia bem em arreiál-a d'aquela feita!... Esperasse-lhe pela volta!

Os comentarios — alguns de um picante licencioso — foram-se alastrando, generalizando. A principio, murmurados em voz baixa, em atenção ao logar santo, em breve resoaram pelo templo em altas vozes, com o maior desrespeito, não obstante os *psiu* autoritarios do sacristão da Matriz, que não conseguia restabelecer o silencio devido, e a compostura propria de um acto religioso. Os dichotes mais soezes chegaram como balas aos ouvidos dos noivos, contribuindo para aumentar a perturbação dos dois. Os padrinhos, rubros de colera, suavam por todos os póros, amaldiçoando a canalha da vila, uma choldra de invejosos e indecentes, indignos de entrar n'uma egreja.

Quando a cerimonia já ia em meio, da porta do guarda-vento da entrada principal do templo, um gracioso de mau gosto lembrou se de tocar n'um cornetim o sinal para a saida dos touros: — tatari — tatari — tatari...

Foi um inferno então. As gargalhadas retiniram com estrepito; os dichotes explodiram com maior

intensidade, e ao ver-se aquela turba desvairada mais parecia assistir-se a uma corrida da vaca das cordas do que a um casamento catolico no templo majestoso da Matriz.

Algumas bolas de papel foram disparadas sobre os noivos, que sofriam uma verdadeira tortura. Só visto!

Felizmente, a cerimonia religiosa estava no fim, porque, de contrario, ninguem póde prever a que excessos se abalançaria, na furia d'um despeito mal dissimulado, a ralé que ocupava as naves do templo.

Tremulos, palidos como a cêra que ardia nos altares, o sacerdote, os noivos e as testemunhas recolheram á sacristia da egreja para assinarem nos livros respectivos o termo do enlace realizado.

Na egreja, o tumulto serenou, mas o mulherio não arredou pé dos seus logares, esperando pacientemente que os noivos, saindo da sacristia, atravessassem o templo.

— E' preciso ensinar aquela delambida!

— E o figurão do *brasileiro*, olé...

— A fazerem pouco da gente!

— Os tolos!

— Os farroncas!

— Então, a Julinha, sume-te, mafarrico!

— Ainda no outro dia andava no rio, como as mais, e já hoje feita senhora!

— E êle, que andou com o meu rapaz na escola!

— Dizem que fuma charutos de tostão, o mariola!

— Olhem se êle dá esmolas aos *probes!*... Isso dá êle!

— Aquilo não acaba bem, digo-lh'o eu...

— Ninguem sabe como êle se arranjou lá pelo Brasil!

— Ora, aquilo lá são ladrões como os de Carvoeiro...

— E veem para cá dar-se ares de importancia.

— Ora, o dinheiro sabe que nem gaita!

— Pois eu cá, com uma sardinha, mas honradinha...

— E o marchante, todo inchado!

— Nem que casasse a filha com um rei!

— Ao *brasileiro* hei-de achatar-lhe a cartolinha; lá isso hei de.

— Olhem que não era mal feito arrancar a cauda do vestido áquela «pedaça d'asna!»

— Ficava um pavão sem rabo!

Enquanto estas e outras frases de egual jaez eram proferidas no interior do templo, os noivos e as testemunhas saiam cautelosamente, pela pequena porta da sacristia, para a rua da Abadia. Em plena rua, temendo qualquer imprevisto assalto, largaram a correr, a correr como perdidos, só descançando quando se viram em casa do marchante, as portas trancadas, janelas fechadas, abrigados como nos muros de uma fortaleza.

Na egreja, passado um quarto de hora de uma anciedade intraduzivel, a *Barradas*, do Pinheiro, mais resoluta do que as outras, foi pé ante pé meter o nariz pela porta da sacristia, a observar o que lá se passava. Só viu o sacerdote que abençoara a união de Antonio Moreira com a prima, e o sacristão da egreja preparando-se para fazer ves-

tir áquele os paramentos proprios da cerimonia de um baptizado que devia ter logar d'ahi a pouco. Os dois discutiam o desacato recente, mostrando o sacristão, nas faces rubras como papoilas, a indignação que lhe ia lá por dentro, — indignação que o padre procurava desvanecer com palavras mansas de perdão e piedade.

A *Barradas* fez uma careta horrivel, e com toda a força dos seus pulmões, para ser ouvida por todos os que estavam na Matriz, sem atender ao logar, berrou: «Os *gajos* já se puzeram na *pireza!*»

Seguiu-se um arrastar prolongado de pés, e o resoar irritante dos tamancos —troc troc, —e em menos de cinco minutos o templo estava livre. Se uns seguiram logo a caminho de suas casas, outros, ainda não contentes com a assuada feita, foram até ao Arrabalde, esperando encontrar os noivos. Em magote, estabeleceram arraial em frente da casa do marchante, e ali continuariam a pé-firme, tramando novo desacato, se o administrador do concelho, informado do que se passára na Matriz, não ordenasse a dois oficiaes da administração que vigiassem a casa dos marchantes, impedindo o menor ajuntamento. Tiveram de ceder, dizendo mal da autoridade e de si proprios que tinham deixado *esgueirar* os «passarinhos» sem lhes arrancarem primeiro os *voadeiros.* O sexo fraco é o que mais hostil se mostrava, não perdoando á rapariga o bom casamento que fizera, e muito menos a toaléte rica de *fidalga* ostentada n'esse dia.

— Ha de ser aqui um inferno á noite, deixae es-

tar... hoje é que vae sair para a rua a verdadeira procissão das campainhas!

A cumprir-se aquele anatema, a vila teria assistido ao «dia de juizo», ou pelo menos á reprodução fiel do verdadeiro inferno, porque a *procissão das campainhas* em Ponte, pela Quaresma, é espectaculo selvagem de ensurdecer... e de endoidecer! Ora se os duzentos ou trezentos rapazes, verdadeiros mafarricos, agitando campainhas, sinetas e sininhos, dão com um cristão em doido, imagine-se o que seria aquela verdadeira procissão sugerida por uma estoira-vergas do Pinheiro, bairro em que a Moral, segundo a feliz expressão de um magistrado no tribunal da vila, nunca poz os pés.

Os noivos, pelo que sofreram na Matriz, receiaram o quer que fosse, e previdentemente resolveram sair n'esse mesmo dia de Ponte, destinando passar em Viana os poucos dias que contavam demorar-se na vila. Depois do almoço, que correu desanimado, porque aos paes de Julia custava immenso a brusca separação motivada pelos sucessos da egreja, Antonio Moreira tratou de arranjar as malas, tarefa em que a mulher o auxiliou já, com a meiguice de esposa, os olhos marejados de lagrimas.

— Porque choras? perguntou Antonio.

— E' que me custa deixar os paes, assim, tam depressa...

— E se êles fossem comnosco até Viana?

— Falas serio? interrogou Julia, toda risonha.

— Entende-te com êles, e convence-os. E' só mandar vir um carro maior...

Julia compensou o marido com um beijo, e correu a propor aos paes a boa lembrança do seu Antonio, que, escusado é dizer, foi logo aceite com vivas demonstrações de alegria.

Por um momento, todos esqueceram o incidente desagradavel que os forçara a sair da egreja n'uma correria louca.

Ao meio-dia, no carro grande do Luiz da Barca, os noivos e os paes de Julia, seguiam pela ponte fóra, com grande surpreza das pessoas que estacionavam no largo de Camões, e que não contavam que o *brasileiro* deixasse tam de subito a vila.

Quando já na estrada de Vianna, Antonio Moreira lançou um ultimo olhar á terra onde nascera, duas lagrimas silenciosas lhe deslisaram pelas faces...

O *brasileiro* despedia-se para sempre da pitoresca vila. Levava saudades, muitas saudades... mas levava tambem uma recordação penosa que não esqueceria nunca!

Para o mulherio do Pinheiro e do Arrabalde foi um desapontamento a noticia da partida dos noivos. — Que pena! A gente a *aquelar* tambem as coisas!...

Capitulo XXVI

Havia já muitos dias que Rosa não via Alberto Monteiro. Este, ou por saciedade, ou por qualquer outro motivo, deixara de aparecer na quinta de Merim, onde muitas noites, no mirante que deita para a estrada, a rapariga o aguardava até altas horas da madrugada, sem sono, n'um estado febril, n'uma tortura de alma que lhe quebrantava o corpo.

A creadinha, preocupada com o abandono a que se via lançada, não sabendo como explicar o desamor do seu Alberto que, ainda ha pouco, tam apaixonado se fazia, andava triste, de uma grande tristeza que lhe sombreava de escuro os olhos velutineos, que lhe desbotava as lindas côres das suas faces juvenis. Do serviço da condessa, mostrava-se alheada, e uma certa moleza, um tal ou qual abandono, substituira a actividade que a distinguia, o zelo prestimoso que a tornava recomendavel, e que lhe conquistara as boas graças da viuva do negreiro, que estranhava a transformação que se ia operando na serviçal, sem saber a que atribuil-a.

Rosa não andava bem, não era a mesma rapariga de ha pouco, alegre, viva, diligente. A condessa notava isso, mas nada dizia á moça. Suspeitava de que um tal estado fosse devido a qualquer namorico, e fechava os olhos, indulgente, conhecendo as fraquezas da carne, e os desvarios dos corações moços. — Aquilo ha de passar-lhe, dizia para consigo, e continuava a dispensar-lhe uma afeição carinhosa.

N'essa manhan de outubro, a condessa mandou-a fazer umas compras á Casa Limarense, á rua do Souto. Desde as feiras-novas que não saia á rua, e por isso Rosa estimou aquela incumbencia que lhe permitia respirar um pouco o ar livre. — E, depois, talvez visse o seu Alberto.... Até podia ser que êle estivesse doente... quem sabe?!

Rosa vestiu-se com o seu fato negro de luto, e saiu. Atravessou a rua do Pinheiro por entre o fervilhar das alfinetadas com que as mulhersinhas do bairro saudavam a sua passagem, e encontrou-se em poucos minutos no largo do Chafariz, entrando na Casa Limarense.

Rosa fez escolha de umas rendas e de uma bretanha de linho, e dispunha-se a examinar uns lenços quando o vozeirão de Julio Valente se fez ouvir. O rapaz passava na rua do Souto, e tendo visto a rapariga não resistiu a entrar no estabelecimento.

— Adeus, Rosinha! já não ha quem a veja!

— Adeus, sr. Julio.

— Para que anda toda de preto? Ainda não enviuvou para isso...

— E' o luto do sr. conde de Merim.

— Verdade, verdade, olhe que não lhe fica nada mal... mas está magra... e palida.

— Não estou, não; é da côr do vestido...

— Ai! que já sei o que é!

— O que é? interrogou Rosa com vivacidade.

— Ora o que hade ser! Saudades pelo Albertinho, que vae ámanhan para Coimbra...

— Amanhan?...

— Pois não sabia?!

— Não, não sabia... — e as faces da rapariga tornaram-se mais descóradas.

— Não gostou da noticia. Se eu soubesse não lhe tinha dito nada.

— Fico-lhe até obrigada, acredite, pronunciou a moça com esforço.

— Adeus, Rosinha. Estimei vêl-a.

— Adeus, sr. Julio.

Rosa ultimou á pressa, febrilmente, as compras que tinha a fazer, pedindo ao Amaral para as mandar a casa da condessa, ao que este acedeu de bom grado. Pagou a despeza feita, e saiu.

A nova que Julio Valente lhe dera perturbou-a horrivelmente. Pois quê?! Seria possivel que o seu Alberto a deixasse assim, sem uma palavra de despedida! E éla que tinha uma revelação a fazer-lhe! Não, não, havia de falar-lhe, assim era preciso. Iria procurál-o. Queria saber porque êle a tratava assim; que mal lhe fizera éla?!... Queria dizer-lhe um segredo que lhe escaldava o seio, que a fazia sofrer horrivelmente, que lhe toldava os dias, e lhe

enchia de insonias as noites agitadas. — O seu Alberto!...

Pelo Passeio, caminhou direita ao largo de Camões, ponto certo de reunião dos rapazes durante as ferias.

Viu-o. Alberto Monteiro conversava com outros rapazes á porta da loja do Narciso Santos.

Afogueada, Rosa aproximou-se do grupo, e com voz tremula, dirigindo-se a Alberto, disse:

— Precisava de dar-lhe uma palavrinha...

— Com licença, meus caros. Até já.

Alberto seguiu a moça para o Passeio, sem lhe dar uma palavra.

— Vejo que não gostou que o fosse procurar... Perdôe-me, sim?

— Não... é que sabes... não é bonito... torna-se reparado...

— Tem razão, tem, sr. Albertinho, mas é que me disseram que o sr. voltava amanhan para Coimbra... e eu...

— Quem te disse isso?

— Disseram-m'o ha pouco. Não é verdade, pois não?

— E'... é verdade...

— E então não se despedia de mim?! — e os olhos maguados da Rosa fitaram-se no mancebo com uma expressão de tristeza infinita, em que transparecia a censura ao proceder do namorado.

— Contava fazêl-o hoje...

— Para que está mentindo?!

— Não digas isso. Repito: contava ir hoje á noite

ao Pinheiro, mas já que nos encontramos despeço-me agora de ti...

Rosa não podendo sustentar-se nas pernas, que um tremor nervoso combalia, sentou-se n'um dos bancos de pedra que ornam a alameda.

— Que mal lhe fiz, sr. Alberto?

— Nenhum. Parece-me que ainda me não queixei...

— Antes se queixasse, e tivesse motivos para o fazer, do que desprezar-me, do que abandonar-me...

— Eu?! Ora essa! Não me conheces...

— Engana-se. O sr. Alberto não é meu amigo...

— Que dizes?!

— Que o amor que o sr. Alberto dizia ter-me não passou de uma falsidade; que só quiz enganar-me; abusar de mim...

— Estás tolinha! Tu hoje não estás em ti...

— Estou. A sua consciencia bem lhe deve dizer que não perdi o juizo, e que o vou conhecendo, sr. Alberto...

— Isso ha de passar-te...

— Mas não percamos tempo. O que eu tenho a dizer-lhe é que importa... E custa-me, custa-me muito, porque sei que o vou desgostar...

— Tu não me desgostas com o quer que digas... bem sabes que te quero muito...

— Por quem é, não procure ainda enganar-me... não o consegue... Eu já o conheço menos mal, sr. Alberto.

— Enganas-te. Não conheces, e fazes de mim

uma fraca ideia que te não mereço! O tempo ha de provar-te...

—Que me iludi?! E' possivel... Mas agora mesmo espero ficar conhecendo-o ainda melhor... Sr. Alberto, eu...

— Dize, dize!

— Estou... gravida, pronunciou Rosa a meia voz, e as lagrimas até ahi represadas começaram a cobrir-lhe as faces desmaiadas.

— Tu estás a mangar... Enganas-te por certo ..

— Não estou a brincar, não. Antes estivesse! juro-lhe que estou gravida, sr. Alberto...

— Isso são suposições... Verás que não ha de ser nada...

— Já me não pódem restar duvidas. Foi castigo de Deus por eu me ter deixado levar pelas suas palavras mentirosas... E agora o que hade ser de mim, diga?

Alberto, os labios contraidos, afastou da rapariga a vista, e conservou-se em silencio. Aquela noticia, assim, á queima-roupa, inesperadamente, contrariava-o. Ia ser pae, e esse facto que para muitos é a maior das venturas que Deus concede sobre a terra, o maior goso que um homem póde fruir, irritava-o, indispunha-o contra a pobre rapariga, punha-o de mau humor consigo proprio.

Rosa, vendo no silencio do amante a indisposição que provocara com o dizer-lhe que no seio trazia o fruto do seu amor criminoso, fitou em Alberto um olhar intraduzivel, em que a amargura se casava com o desprezo, e interrogou-o novamente.

— Então não me diz o que ha de ser de mim agora, sr. Alberto?

O mancebo d'esta vez, como subjugado pela firmeza metalica d'aquelas palavras que o escaldavam, não se conservou silencioso, e a titubear, como todo o criminoso descoberto em flagrante, respondeu:

— Tu bem sabes que eu... sim... dependo de meus paes, e que... ainda que o quizesse fazer, não podia... tomar conta de ti... sim... tu bem deves ver...

— Eu já contava com essa mesma resposta, sr. Alberto. Quando hoje me disseram que o sr. ia amanhan para Coimbra, foi como se me dessem uma punhalada. Adivinhei que o sr. Alberto estava farto de mim, e por isso resolvi procurál-o, não só para me desenganar da verdade, como tambem para lhe dizer o que ha muitos dias me tira todo o socego, e o proprio sono. Agora, conheço o que lucrei em me ter fiado nas suas juras, em ter-lhe querido de todo o meu coração, porque é verdade que lhe queria muito, sr. Alberto. .

— E já me não queres? atalhou Alberto, o amor proprio ferido por aquela confissão da rapariga.

— Não! já lhe não quero... Eu não merecia que me tratassem assim; não lh'o merecia, porque o meu unico crime foi ter-me fiado n'um amor que o sr. nunca sentiu por mim, e...

— Não digas isso!

— Nunca sentiu, torno a dizer, porque é a verdade, e em ter-me perdido por lhe querer muito, na cegueira de me ver estimada por si, que eu so-

nhei o melhor dos homens, confiada nas suas juras... protestos de Judas!

— Que queres tu que eu faça, Rosa? Bem sabes que ainda ando a estudar .. que só tenho as mezadas de meu pae... Imagina que tomava conta de ti, e te levava para Coimbra... e que meu pae me cortava a mezada, fazendo-me voltar para Ponte?!

— Tem razão, tem muita rezão, sr. Alberto, disse a rapariga, mostrando, por entre as lagrimas, um sorriso ironico, que foi notado pelo mancebo.

— Acredita que se eu tivesse posses tomava conta de ti, afirmou Alberto com firmeza, esperando que Rosa se sentisse lisongeada com semelhante dizer.

— Não era em *tomar conta de mim* que o sr. Alberto me falava ainda ha poucos mezes, ha poucas semanas... Eram outras então as suas promessas!

— Quaes?!

— Não m'as faça repetir, que até me dá vergonha recordar que fui tão douda que n'elas acreditei, ceguinha que andava!...

— Não sei que queres dizer..., balbuciou o rapaz, fingindo não alcançar o sentido da frase da moça.

— Pois eu lhe digo, sr. Alberto. Falava então o sr. em casar comigo logo que tivesse a sua formatura.

— Ah! sim...

— Mas eu já sei que eram só promessas, mentiras, para me enganar. Conseguiu o que queria, e

agora sou eu só que sofro, porque bem lhe importa ao sr. que eu seja uma desgraçada... Ha tantas, que, uma de mais, pouca importa, não é assim?!

— Mas eu hei de fazer o que puder; podes estar certa de que nunca me esquecerei de ti.

— Muito obrigada! Eu, por mim, nada quero; nada lhe peço, sr. Alberto. Estou já conformada com a minha sorte. Sou uma desgraçada como tantas outras; mais uma vitima resignada. Ha de ser de mim o que Deus quizer. Mas do meu filho?... que hei de eu fazer do meu filho, sr. Alberto... diga-me?

— Não te apoquentes. Tudo se hade arranjar... Consegue-se passál-o pela Roda...

— Passa-se pela Roda?!

— E' o que faz muito boa gente...

— Pois, sr. Alberto, se é essa a protecção que promete dispensar ao meu filho, não a quero. Reserve-a para outros...

— Que queres tu que eu faça? interrogou Alberto, intimamente revoltado por ver que a rapariga não se mostrava instrumento docil da sua vontade.

— Eu? o que eu quero que o sr. faça?... Nada, eu não quero nada, sr. Alberto...

— Mas parece que, propositadamente, estás disposta a arreliar-me. Não sei o que se te encasquetou na cabeça... ideias impossiveis!

— Tem razão, sr. Alberto... Quando me vi gravida, julguei de mim para mim que o sr., quaesquer que fossem as suas ideias a meu respeito, to-

maria conta do meu filho, do seu filho... Vejo que até n'isso me enganei!

— O passál-o pela Roda não queria dizer que mais tarde, se pudesse, lhe não prestasse auxilio, que o não educasse, talvez...

— Sim, mais tarde..: no dia de S. Nunca!

— Não rias!

— Não me rio, não. A minha vontade é outra. O sr. Alberto tem um coração generoso...

— Mas que embirração é essa tua, que não queres ouvir falar em Roda?

— Quer saber? Quer que lhe diga porque não quero que meu filho vá parar á Roda?... E' porquo eu tambem por lá passei! Meu pae, Deus lhe perdôe, desfez-se de mim por esse modo, como quem deita para o caneco dos porcos as sobras da cozinha... O sr. queria fazer o mesmo do meu filho!... Descance, nem o filho nem a mãe lhe serão pesados... O sr. póde precisar d'hoje para amanhan das suas boas relações com a gente que manda na Roda para outro creanço...

— Tu não estás em ti! interrompeu Alberto, as faces purpureas.

— Não estou em mim porque não quero ser tam infame como o sr. Alberto?! Tem graça!

— Agora, insultas-me, bem digo eu que não estás em ti! Isso ha de passar-te... verás que não sou tam mau como te pareço. Deixa-me ter dinheiro, e tu verás...

— Guarde o seu dinheiro. Póde fazer-lhe falta!

— Mal agradecida...

— E tam mal agradecida que lhe peco que não

torne a pensar em meu filho. Em mim, já o sr. não pensa, mas o remorso podia levál-o a pensar um dia na creança que lhe deverá o ter vindo ao mundo . . Não pense n'éla! Se ha uma justiça na terra, o sr. ha de ter o castigo... Adeus, sr. Alberto.

— Ouve cá, Rosa!...

Mas a moça, sem olhar atraz, apressada, seguiu pelo Passeio fóra, deixando o rapaz em luta aberta com a sua consciencia, que lhe bradava: tu és um criminoso! A Roda é um vasadoiro de immundices sociaes, um cano de esgoto, e queres tu arremessar a essa estrumeira o corpo de um innocencente?! A creança que Rosa traz no seio é teu filho: é uma aurora, - e tu queres desfazêl-a em trevas, condenál-a á noite negra do abandono?! Tem coragem; já que fizeste o mal, assume a responsabilidade inteira da tua falta e sofre-lhe todos as consequencias! Rosa era uma rapariga honrada; casa com éla: teu filho é o sangue do teu sangue; toma conta d'êle!

Mas ao passo que a consciencia d'esta fórma lhe falava, fazendo-lhe sangrar o coração, dizia-lhe a cabeça, o deshonesto raciocinio:

— Não sejas tolo! A rapariga que soubesse resistir aos teus galanteios; que se não deixasse levar pelas tuas cantigas! Não sejas tolo! Éla que se aguente com o filho! Não vês o que os outros fazem? Olha os exemplos de fulanos, cicranos e beltranos; põe os olhos n'êles. No principio da tua vida, ires tomar conta de um filho, é uma asneira, um erro imperdoavel. Essa creança póde prejudi car-te mais tarde um bom casamento! Não sejas

tolo! Pois tu podias lá tomar a serio as tuas promessas á rapariga, uma postiça, uma reles creada de servir?! Que tens tu que ver com o filho que éla traz nas entranhas?! Se todos os paes tomassem conta dos filhos que semeiam, que seria das Rodas?! Era dizer adeus a uma das mais belas instituições dos tempos passados; deshonesta, talvez, mas de pratica utilidade! Não sejas tolo!...

E Alberto, talvez para socegar a consciencia que continuava a remordêl o, impiedosamente, causticante como um ferro em brasa, terminou com este raciocinio infame qua os labios balbuciaram com a reprovação da sua alma: — E, d'ahi, quem me diz a mim que sou eu o pae da creança?!

Acendeu um cigarro, e com um sorriso nos labios, voltou para junto dos amigos que deixara pouco antes. Estava na tela da discussão o facto de ter sido presa pelo administrador, havia horas, uma rapariga da Correlhan que, abandonada pelo amante, percorrendo todos os caminhos da miseria, roubara da Padaria Central um pão, para dar de comer ao filho que apertava nos braços, e que com éla recolhera á cadeia. A rapariga, contavam, insultara a autoridade porque um oficial da administração lhe chamara ladra; e, ao ser recolhida na prisão da vila, batera palmas!

— Bater palmas em vez de chorar! comentou alguem.

— Que grande bebada! proferiu Alberto por entre uma fumarada.

Batera palmas de contentamento, a rapariga, a miseravel abandonada, porque viu, com a sua re-

clusão, assegurado por alguns dias o sustento da creancinha que aconchegava aos seios esgotados!

A força de espirito e a serenidade de que Rosa dera provas lançando em rosto do amante o seu proceder incorrecto não a desamparou até á sua chegada a casa da condessa, mas ali, o pranto obedecendo a um impulso irresistivel, brotou impetuoso dos olhos da rapariga, n'uma explosão de amargura intraduzivel, afogando-a por assim dizer n'um oceano de pranto! A realidade brutal da vida é dolorosa de constatar mesmo aos corações menos sensiveis e Rosa era ainda uma creança, a fantasia em elaboração activa, o coração aberto a todos os pensamentos de bondade... O seu Alberto que éla tanto amara, em cujas frases artificiosas cegamente acreditara, era, afinal, como tantos outros... um garoto, um pandilheiro!

O seu coração, confrangido, sangrando da punhalada recebido em cheio, tinha necessidade de desabafar.

Rosa não podia guardar consigo a magua immensa, cruciantissima, que lhe torturava a alma, horrivelmente, n'um pesadêlo pavoroso, n'uma agonia dilacerante.

Como as aguas do rio, quando engrossadas pela corrente do inverno que procuram uma vasante alastrando as margens, a dôr, a dôr profunda que

acabrunhava a pobre e desventurada rapariga, precisava de um derivativo, de um seio amigo e protector onde pudesse abrigar-se, refugiar-se, esconder-se.

Rosa chorava copiosamente, n'um soluçar desordenado, n'uma explosão de amargura que fazia vibrar todas as fibras da sua alma ainda mal afeita aos embates violentos das ondas encapeladas da vida,—da vida com toda a sua realidade brutal, com toda a sua brutal aridez.

N'esse estado a foi encontrar, sentada a um canto, o rosto apoiado nas mãos tremulas, a condessa de Merim.

As lagrimas da moça conseguiram despertar o interesse da viuva do negreiro. e esta com as palavras carinhosas que um peito feminino facilmente encontra, com a meiguice que convence melhor do que quaesquer outros argumentos, conseguiu arrancar dos labios de Rosa uma confissão geral.

A rapariga poz a ama ao facto das suas relações com Alberto Monteiro, não lhe escondendo a sua gravidez, nem tampouco o que se passara na ultima entrevista com o amante, n'essa propria manhan, no Passeio.

A viuva quiz saber de que tempo datavam as relações dos namorados, e quando Rosa a informou de que ia em dois mezes que pertencera a Alberto, e que o fruto dos amores criminosos que trazia no seio devia contar o mesmo tempo, nos olhos da condessa brilhou um relampago de alegria.

— Tem confiança em mim ? perguntou a con-

dessa á rapariga, fitando-a com um olhar carinhoso.

— Oh! minha senhora! .. foi a unica resposta que os labios da moça puderam balbuciar.

— Pois se confia em mim, se quizer entregar-se nas minhas mãos, o seu futuro e o de seu filho estão assegurados... Prometo-lhe que não ha de arrepender-se de haver-me confiado os seus desgostos.

Por unica resposta, Rosa beijou, orvalhada em lagrimas, as mãos ds condessa.

— Bem, Rosa; de hoje em diante deixa de ser minha creada...

— Oh! senhora condessa!...

— Ouça-me... deixa de ser minha creada porque a passo a considerar minha amiga, como a uma afilhada por quem muito me interesso .. O que é preciso é que não repita a mais ninguem, seja a quem fôr, a revelação que hoje fez... Fica entendido?

– Eu farei tudo que a sr.ª condessa mandar... Não tenho mais ninguem que se interesse pòr mim! Como hei de eu agradecer-lhe, senhora condessa?!

-- O seu coração lhe ditará o seu reconhecimento! O seu filho ha de ser feliz, Rosa... Confie em mim!

Como por encanto, as lagrimas foram pouco a pouco desertando das faces da moça, e á inquietação que agitava o peito da rapariga sucedeu uma tranquilidade bonançosa, um relativo e confortavel bem-estar.

Rosa deixara de ser uma abandonada; tinha junto a si uma protectora poderosa que prometera generosamente velar pelo seu futuro, e pelo futuro da creancinha que trazia consigo! Era feliz... sim... feliz, porque a felicidade é um bem relativo!

N'essa mesma tarde, a condessa de Merim, com grande estranheza do feitor, deu as ordens precizas para que d'ahi a dias o palacete de Lisboa a pudesse receber, e começou a preparar as malas para o seu proximo regresso á capital. A condessa declarou desejar conservar a casa de Merim no mesmo pé em que estava, com a mesma creadagem, para poder a todo o tempo vir passar em Ponte alguns mezes, sem necessidade de trazer servos de Lisboa.

O feitor ficava encarregado de velar por tudo, fixando residencia na quinta. A condessa levaria apenas na sua companhia para Lisboa a sua creada de confiança, Rosa – ou antes, a sua amiga ou afilhada.

Com efeito, passados poucos dias, a viuva do conde de Merim, unicamente acompanhada de Rosa deixava a casa do Pinheiro, e seguia para o Porto, para d'ali fazer viagem para Lisboa. Os jornaes da capital noticiaram o regresso á sua casa das Janelas Verdes da viuva do milionario, tecendo por essa

ocasião á condessa de Merim os adjectivos da praxe: «virtuosa viuva do opulento capitalista, desvelada protectora da indigencia, caritativa senhora, etc. etc.»

Conclusão

Quando, nas ferias do Natal, Alberto veio a Ponte, perguntou pela rapariga, e soube que a moça tinha ido para Lisboa na companhia da condessa; que estava muito bem, porque o padre Araujo a tinha visto, atravez dos seus oculos majestaticos, «fazer a Avenida», na equipagem luxuosa da condessa de Merim.

— Perdeste aquele peixão! disse-lhe Julio Valente. Has de ser sempre um asno!...

Ferido no seu amor proprio de conquistador, Alberto Monteiro contou minuciosamente ao amigo as suas relações com a moça, não esquecendo dizer-lhe que na ultima conversa que tivera com a rapariga esta lhe confessara estar gravida.

— E tu que fizeste?

— Eu disse-lhe que havia de arranjar a passar a creança pela Roda...

— Ah!

— Que querias tu que eu lhe dissesse?

— Eu?!... Eu não queria nada! As acções ficam com quem as pratica!

— E' uma censura?

— Ora essa! Eu não sou teu pae para te dar repreensões!... Adeus, menino... — e Julio Valente deixou o amigo em luta aberta com a sua consciencia...

Mas como, d'ahi a pouco, um palminho de cara provocante chamasse a atenção do mancebo, Alberto esqueceu o incidente, e seguiu a cachopa, dirigindo-lhe amabilidades

---

José Coelho, a quem a morte barbara de Chica libertara de um remorso, mantinha agora, com eguaes promessas de casamento, dois namoros: — um, na vila, outro, em Alem da Ponte. As raparigas, avisadas pelas amigas, sabiam da duplicidade do namorado, mas, confiantes no prometido casamento, não ousavam romper com o rosquedeiro. Uma d'élas havia de ser a preferida, visto que o rapaz só com uma poderia casar, e á força de amabilidades e condescendencias cada uma das namoradas procurava prender na teia dos seus encantos o conversado.

Se ás vezes sucedia encontrarem-se na feira ou nas ruas da vila, as duas rivaes vinham ás mãos, e travava-se uma luta renhida, sem vantagem real para nenhuma das combatentes. Mas havia cabelos arrancados, blusas e saias rasgadas, e José Coelho esfregava as mãos de contente! Dizia o rapaz

que as moças, d'essa feita, lhe prestavam um grande serviço, porque despertavam sobre êle a curiosidade das outras *malafias gidas* (raparigas bonitas), e êle estava sempre disposto para novos amores. A questão é serem *gidas* ou *guichas* (bonitas, ou muito bonitas)... que de *latas guelfas* (caras feias) estava êle farto!

E assim José Coelho vae passando o tempo, requestado, ambicionado e invejado...

A bruxa da Cruz da Pedra continua a arrastar a sua existencia amargurada, valendo-se dos ingenuos que, crentes no poderio magico da feiticeira, não deixam de a consultar. A velha está quebrantadissima, os cabelos completamente brancos, as faces enrugadissimas, lembrando um esqueleto andante.

O crime do filho embaceara-lhe para sempre os olhos pequeninos, de toupeira, e a tia Eugenia já não pensa n'aquele futuro doirado e tranquilo que ainda ha pouco ambicionava!

Reza muito, muito, pedindo a Deus que perdôe ao matador de Chica; e chora, afogando em lagrimas os desgostos que lhe canceram a alma.

Quando recebe carta do filho, que, longe da patria, cheio de remorsos, trabalha para dar socego á agitação do peito combalido, a tia Eugenia é feliz... porque n'esses dias chora dobradamente.

A mãe de Chica, essa, coitada, vae vivendo tambem como Deus é servido. No cemiterio da vila, arranjou a comprar terreno para um tumolosinho modesto de sua filha, e sempre que os seus afazeres lh'o permitem lá vae até ao Campo-santo rezar sobre a lousa da estremecida filha, e renovar as flores das jarras que adornam o modesto monumento da sua piedade maternal.

Antonio Moreira e a mulher lá estão para o Pará muito felizes. Tanto o negociante como a esposa bem procuram convencer os paes a que deixem Ponte, e a que vão reunir-se á familia no Pará, que breve estará mais numerosa pelo nascimento de um bébé.

Julia marchanta, ufana, como todas as mães, anda embebida na confecção do enxoval, e entre os esposos já tem havido discussões ácerca do nome a dar á creança — que ainda nasce de aqui a mezes !

Os marchantes é que apesar do muito amor á filha e do reconhecimento que votam ao sobrinho e genro, não se decidem a deixar a vila minhota em que nasceram, e em que esperam fechar os olhos.

A filha está muito bem ; é feliz, e isso basta para a felicidade dos paes.

Estamos em fins de Maio de...

São passados nove mezes sobre o falecimento do conde de Merim, e sobre os principaes suces sos d'estas «scenas da vida da provincias» que o leitor terá tido a generosidade de seguir sem fastio ou sono...

A' vila de Ponte do Lima, esta galante princesa do Minho, (sem ofensa para Viana) tem continuado a sua existencia monotona da terra provinciana com a regularidade de ramerram de um relogio de parede, patriarcal e venerando, que não se atraza... nem adianta.

Uma d'estas noites, na assembleia da terra, foi assunto das mais acaloradas discussões o seguinte telegrama de Lisboa estampado nas colunas de «Primeiro de Janeiro» do Porto, o popularissimo jornal conhecido em todo o norte:

«Lisboa, 25 de Maio.

«Celebrou-se hoje com grande luzimento
«na egreja paroquial de Santos o-velho o
«baptizado de uma creança do sexo mas-
«culino, filha do falecido e opulento ca-
«pitalista conde de Merim. Foram padri-
«nhos os srs. drs. Gama Azevedo e San-

«tos Viegas, reputados clinicos da capi-
«tal. O neofito recebeu o nome de Urba-
«no. Ao acto religioso assistiu uma con-
«correncia selecta.

«Findo o baptizado, no palacete da sr.ª
«condessa de Merim, ás Janelas Verdes,
«foi servido um primoroso copo de agua.»

Foi uma celeuma enorme. — O quê? Podia lá ser! O conde de Merim não andava longo dos oitenta quando morreu! dizia um.

— Tantos annos casados, e só havia de dar á condessa para ter um menino depois de decorridos nove mezes sobre o falecimento do marido! exclamava outro.

— Quem não hade gostar da brincadeira, disse do lado o escrivão Valente, são os sobrinhos do conde...

— E' verdade, concordou o Gama Carpo, os de Refojos ficam a chuchar no dedo! E' uma partida de estalo!

— E' uma grande pouca vergonha, é o que é, trovejou o João Patrica!

— Eles que não sejam tolos, e que se não deixem comer, objectou o padre Jesuino.

— Pois sim, menino, conta-nos d'essas, disse o morgado do Sobral... Os padrinhos da creança foram dois medicos, ali á preta!...

— E que tem lá isso? interrogou o padre Jesuino.

— Não tem nada, proseguiu o morgado... mas é que naturalmente esses medicos, que teem peso, eram os primeiros a declarar, sendo preciso, que

tinham assistido ao bom sucesso da virtuosissima viuva... E agora ?!

— E' o que faz a falta de religião! concluiu seraficamente o bom do padre, que ainda ha pouco quebrara lanças a favor dos conventos e dos santos fradinhos.

O Julio Valente que logo ao começo da discussão pegara n'um lapis e estivera a fazer umas contas á margem das *Novidades*, levantou-se de um salto, e berrou:

— A creança que foi baptizada em Lisboa é filha da Rosa postiça...

Esta descoberta foi recebida entre gargalhadas.

— Você tem cada uma!

— E' o que lhes digo! A creança é filha da Rosa e do Alberto Monteiro. Tenho a certeza!

N'esta altura, passava na rua, junto á casa da Assembleia, o Blecas, um esturdio, cantando com toda a força dos seus pulmões sadios:

Já no caes das arvorinhas
De noite não ha rosquedo,
Que o *sôr doitor* Luiz Nogueira
Mandou cortar o *alvoredo!*

— E' o melhor comentario ao telegrama do «Janeiro», disse, rindo, o medico Freitas.

— Apoiado! Concordou o padre Jesuino. Mas olhem que afinal o rosquedo resulta da grande falta de religião que vae por todo o paiz...

— Deixe-se d'isso, homem! Enquanto o mundo

fôr mundo o rosquedo ha de existir, sentenciou, sorrindo, o dr. Celestino Porto.

E a discussão prolongou-se até de madrugada!...

Ponte do Lima, 1900/901.

FIM

O Rosquedo

ERRATAS (feitas).

Pagina	linha	Onde se lê:	leia-se:
47	16.ª	um timido metalico	um tinido metalico
55	13.ª	do *lricané*	do *tricané*
90	1.ª	vidi, vici	vidi, vinci
»	4.ª	— menuração	— muneração
107	1.ª	e se outro o hade	e se outro a hade
112	20.ª	E'las claro, está,	E'las, claro está,
146	5.ª	valendo-se dos seus	valeu-se dos seus
155	5.ª	que dilacerara	que a dilacerara
163	4.ª	ao Arrabalde	do Arrabalde
»	7.ª	do andar terro	do andar terreo
175	21.ª	dos namoros d'ela	dos namoros d'esta
181	32.ª	chorosos e gemidos	choros e gemidos
191	5.ª	quer-se ir	quer ir-se
»	9.ª	sr. Neves, se ela, se quer ir	sr. Neves, se éla quer ir
229	22.ª	do exame resaltava	do exame resultava
315	9.ª	não andava longo	não andava longe

NOTA – Não pôde o autor acompanhar seguidamente a revisão d'este livro, e d'ahi um certo numero de *gralhas*, das quaes algumas ficam rectificadas pela corrigenda acima. Para não alongar muito a lista, deixam de ser notadas muitas trocas de letras como por exemplo: *polmões* por *pulmões*, *turtuoso* por *tortuoso*, *Fu*, por *Eu*, etc.